



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

DANIELLE CHAGAS DE LIMA

**TÁCITO E O VOCABULÁRIO DAS VIRTUDES:
FRAGMENTOS DE *uirtus* EM RETRATOS E
CONDUTAS**

CAMPINAS

2019

DANIELLE CHAGAS DE LIMA

**TÁCITO E O VOCABULÁRIO DAS VIRTUDES:
FRAGMENTOS DE *virtus* EM RETRATOS E CONDUTAS**

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos
Co-orientador: Prof. Dr. Breno Battistin Sebastiani
Co-orientador: Prof. Dr. Olivier Devillers

Este exemplar corresponde à versão final da Tese defendida pela aluna Danielle Chagas de Lima e orientada pelo Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos.

CAMPINAS

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

L628t Lima, Danielle Chagas de, 1988-
Tácito e o vocabulário das virtudes : fragmentos de uirtus em retratos e condutas / Danielle Chagas de Lima. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Paulo Sérgio de Vasconcellos.
Coorientadores: Breno Battistin Sebastiani e Olivier Devillers.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Tacito, Cornélio. 2. Virtude. 3. Historiografia. 4. Caracterização. I. Vasconcellos, Paulo Sérgio. II. Sebastiani, Breno Battistin. III. Devillers, Olivier. IV. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. V. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Tacitus and the virtues' vocabulary: : fragments of uirtus in characters and conducts

Palavras-chave em inglês:

Tacitus, Cornelius

Virtue

Historiography

Characterization

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutora em Linguística

Banca examinadora:

Paulo Sérgio de Vasconcellos [Orientador]

Juliana Bastos Marques

Pedro Paulo Abreu Funari

Fábio Duarte Joly

Frederico de Sousa Silva

Data de defesa: 29-08-2019

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-1577-5477>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/1491201493063458>



BANCA EXAMINADORA:

Paulo Sérgio de Vasconcellos

Juliana Bastos Marques

Pedro Paulo Abreu Funari

Fábio Duarte Joly

Frederico de Sousa Silva

**IEL/UNICAMP
2019**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

Gloria umbra uirtutis est: etiam inuitam comitabitur. Sed quemadmodum aliquando umbra antecedit, aliquando sequitur uel a tergo est, ita gloria aliquando ante nos est uisendamque se praebet, aliquando in auerso est maiorque quo serior, ubi inuidia secessit.

A glória é uma sombra da virtude: segue-a ainda que não o pretenda. Ora, a sombra umas vezes precede-nos, outras projeta-se para trás de nós: o mesmo se passa com a glória, que umas vezes nos precede com a maior evidência, e outras só nos alcança mais tarde – mas tornando-se tanto maior quanto mais tardia, quando já toda a inveja se desvaneceu.

SEN., *Ep.*, 79.13. (Tradução de SEGURADO E CAMPOS, com alterações).

Modestiae fama neque summis mortalium spernenda est et a dis aestimantur.

A fama de modéstia não é desprezada nem pelos mais elevados dos homens; é estimada mesmo pelos deuses.

TAC., *Ann.*, 15.2.2.

DEDICATÓRIA

A meus guias e povo.
À minha mãe.
A Alexandre Prudente Piccolo (*in memoriam*),
amigo e *exemplum sapientiae*.

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos desta tese talvez seja o momento em que a escrita me toca de maneira mais pungente. Talvez porque com isso venha a realização do fechamento de um ciclo, de uma tarefa que, por muitos anos, vem sendo parte de mim e porque agradecer é um ato de reverência e reconhecimento àqueles que são parte da pessoa que sou e que se constrói ao longo dos dias, e isso me emociona e me enche de gratidão: sou uma pessoa de sorte.

Agradeço então ao *summus magister* Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos por ter-me despertado a *cupiditas* de aprender e ensinar lá nos idos de 2006. Expresso meus agradecimentos ao Prof. Dr. Olivier Devillers, que me recebeu com tamanha *comitas* na Université Bordeaux Montaigne, por tantas sugestões e indicações e por ter aceitado ser co-orientador desta tese, bem como ao Prof. Dr. Breno Sebastiani, também parceiro neste trabalho. Aos professores doutores Juliana Bastos Marques e Glaydson José Silva, pelas preciosas sugestões na banca de qualificação, que contribuíram enormemente para o resultado final que aqui apresentamos. Aproveito para agradecer aos demais professores doutores que aceitaram arguir este trabalho, como titulares ou suplentes: Fábio Duarte Joly, Frederico de Sousa Silva, Pedro Paulo Funari, Ana Cláudia Romano Ribeiro, Patricia Prata e Robson Tadeu Cesila.

Sou imensamente grata aos professores de Estudos Clássicos, que me apresentaram a esse incrível universo da literatura antiga, pelo ensino e pela convivência: Isabella Tardin Cardoso, Patricia Prata, Marcos Aurélio Pereira, Flávio Oliveira e Trajano Vieira. Gostaria de agradecer ainda à Profa. Dra. Érica Alves pela orientação em minha qualificação de área, e aos professores que emitiram parecer à pesquisa: Profa. Dra. Cristina Rodrigues e Prof. Dr. Luís Totti.

Agradeço à amiga Cláudia pela *contumacia* em me fazer acreditar em mim. Ao Daniel, pela imensa *patientia*, sobretudo nos últimos meses, e por seguir comigo. À Geovana e à Marcella, pela acolhida, por serem casa, e também a Angel, Carolina, Fernanda, Gabi, Nena, Lilian, Tati, Thalita, Sílvia e tantas mulheres amigas pela *constantia amicitiae* que supera tempos e distâncias. A Bruno, João, Khaled, Rafa, Soro, enfim, a todos os amigos que se tornaram minha família, agradeço pelos momentos de *uoluptas* e *ignavia*, que moderadas pela *prudentia*, são imprescindíveis para a leveza de nossa existência. Agradeço também aos amigos de clássicas pelos cafés e pela troca de ideias, especialmente ao Diogo, que me ajudou em diversos momentos da pesquisa. E aos amigos do GT-Pró-Cotas do IEL, pela parceria nessa luta tão bonita.

Deixo meu muito obrigada aos funcionários do Instituto de Estudos da Linguagem, especialmente aos da Biblioteca Antonio Candido (IEL) e aos secretários de Pós-graduação, Rose, Raíça, Cláudio e Miguel, sempre prontos a ajudar.

Finalmente, agradeço pelo investimento concedido para a realização desta pesquisa e de um estágio no exterior e declaro que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

A partir da análise de retratos e personagens em parte da obra de Tácito, esta tese se propõe a investigar *exempla uirtutis* e o vocabulário com o qual o historiador reescreve a noção de *uirtus* durante o Principado. A introdução do trabalho traz breves considerações que auxiliam na compreensão da ideia de *uirtus* para os romanos, bem como sua relação com a transmissão de *exempla*, um dos traços característicos da historiografia antiga. Antes da análise, observam-se os principais recursos literários, retóricos e historiográficos que Tácito emprega para caracterizar suas personagens. Enfim, apresenta-se a análise dos retratos de senadores e generais de destaque nas obras *A vida de Agrícola*, *Anais* e *Histórias*, de modo a verificar a composição de um vocabulário político de virtudes que possam traduzir a ideia de *uirtus* na ótica de Tácito, essa que aparece fragmentada nas diferentes condutas observadas.

PALAVRAS-CHAVE: Tacitus, *uirtus*, historiografia, caracterização.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate *exempla uirtutis* and the vocabulary that rewrites the notion of *uirtus* during the Principate by analysing characters' portraits in some Tacitus' works. The introduction gives some considerations about *uirtus* that help to understand this idea in the Roman thought, and its relation to the transmission of *exempla*, a topic of the Ancient History. The main literary, rhetorical and historiographic devices used by Tacitus to compose the characters' images are observed afterwards. Then, the analyse of the portraits of great senators and commanders on the works *Agricola*, *Annals* and *Histories* is presented, in order to verify the formation of a political virtues' vocabulary that represents Tacitus' idea of *uirtus*, which appears in a fragmentary way in each conduct.

KEYWORDS: Tacitus, *uirtus*, historiography, characterization.

ABREVIATURAS

TÁCITO		TAC.
<i>Annales</i>	Anais	<i>Ann.</i>
<i>De Vita Iulii Agricolae</i>	A vida de Júlio Agrícola	<i>Agr.</i>
<i>Dialogus de Oratoribus</i>	O diálogo dos oradores	<i>Dial.</i>
<i>Historiae</i>	Histórias	<i>Hist.</i>
 <u>Outros autores</u>		
AUGUSTO		AUG.
<i>Res gestae diuini Augusti</i>	Os feitos do divino Augusto	<i>Res gest.</i>
CÍCERO		CIC.
<i>Brutus</i>	Bruto	<i>Brut.</i>
<i>De Inuentione</i>	Sobre a invenção	<i>Inu.</i>
<i>De Legibus</i>	Sobre as leis	<i>Leg.</i>
<i>Pro lege Manilia</i>	Lei Manília	<i>Man.</i>
<i>De Officiis</i>	Dos deveres	<i>Off.</i>
<i>De Oratore</i>	Sobre o orador	<i>de Orat.</i>
<i>De Republica</i>	Sobre a república	<i>Rep.</i>
<i>Disputationes Tusculanae</i>	Discussões tusculanas	<i>Tusc.</i>
<i>Orator</i>	O orador	<i>Orat.</i>
HORÁCIO		HOR.
<i>Epistulae</i>	Epístolas	<i>Ep.</i>
LUCÍLIO		LUC.
<i>Satirae</i>	Sátiras	<i>Sat.</i>
POLÍBIO		POL.
<i>Historiae</i>	Histórias	<i>Hist.</i>
PLUTARCO		PLUT.
<i>Alexandre</i>	Alexandre	<i>Alex.</i>
<i>Cato minor</i>	Catão, o Jovem	<i>Cato min.</i>
<i>Publicola</i>	Publícola	<i>Public.</i>
QUINTILIANO		QUINT.
<i>Institutio Oratoriae</i>	Instituições oratórias	<i>Inst.</i>
SÊNECA		SEN.
<i>Epistulae</i>	Epístolas	<i>Ep.</i>

<i>Naturales Quaestiones</i>	Questões Naturais	<i>Nat.</i>
SALÚSTIO		
<i>Bellum Catilinae</i>	A conspiração de Catilina	<i>Cat.</i>
<i>Bellum Jughurtum</i>	A guerra de Jugurta	<i>Jug.</i>
SUETÔNIO		
<i>De Vita diui Augusti</i>	A vida do divino Augusto	<i>Aug.</i>
<i>De Vita Caligulae</i>	A vida de Calígula	<i>Cal.</i>
<i>De Vita Domitiani</i>	A vida de Domiciano	<i>Dom.</i>
<i>De Vita Neroni</i>	A vida de Nero	<i>Nero</i>
<i>De Vita Othoni</i>	A vida de Oto	<i>Otho</i>
<i>De Vita Vespasiani</i>	A vida de Vespasiano	<i>Vesp.</i>
VIRGÍLIO		
<i>Aeneis</i>	Eneida	<i>VERG.</i> <i>A.</i>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
PARTE 1	
CAPÍTULO 1 <i>VIRTUS</i> : PALAVRA-CONCEITO	16
<i>Virtus</i> : uma disputa política	33
<i>Exempla</i> em Tácito: condutas sob o Principado	37
<i>Exempla uirtutis</i>	46
CAPÍTULO 2 OS RETRATOS EM TÁCITO	52
Lendo retratos	56
Os retratos	59
PARTE 2	
CAPÍTULO 1 A <i>MODERATIO</i> ENTRE <i>OBSEQUIVM</i> E <i>CONTVMACIA</i>	63
Júlio Agrícola: <i>uirtus in obsequendo</i>	63
Marcos Lépidio: <i>capax sed aspernans</i>	86
<i>Ne contumaciam cum pernicie quam obsequium cum securitate malitis</i>	95
CAPÍTULO 2 DA <i>VIRTUS</i> À <i>LIBERTAS SENATORIA</i>	98
Trásea Peto: <i>exemplum constantiae</i>	98
Helvídio Prisco: <i>peruicacia uitanda</i>	120
<i>Libertatem natura etiam mutis animalibus datam, uirtutem proprium hominum bonum</i>	136
CAPÍTULO 3 <i>VIRTUS FORMIDOLOSA EST</i>	139
Germânico César: <i>uirtutes memoratae</i>	139
Domício Corbulão: <i>uirtutes criminatae</i>	161
<i>Ducis boni imperatoriam uirtutem esse</i>	179
CAPÍTULO 4 <i>VIRTUS</i> EM TEMPOS DE GUERRA	181
Galba, Oto e Vitélio: <i>uirtutes sub falsa nomina</i>	182
Cecina Alieno e Fábio Valente: <i>cupiditas e ambitio</i>	200
Antônio Primo, Licínio Muciano e Vespasiano: <i>uitia uirtutibus mixta</i>	208
<i>Pax et quies bonis artibus indigent</i>	220
CONSIDERAÇÕES FINAIS	222
BIBLIOGRAFIA	227

APRESENTAÇÃO

Este trabalho se propõe a refletir sobre a reescrita do ideal de *uirtus* em obras do historiador Públio Cornélio Tácito (c. 55/56 – c. 117/120 d.C.),¹ a partir da análise do retrato de personagens selecionadas nos *Anais*, nas *Histórias*, em *A Vida de Agrícola* e em algumas passagens do *Diálogo dos oradores*. A concepção desta ideia nos chegou após a finalização de uma pesquisa sobre a personagem de Agrícola, que deu origem a uma dissertação defendida em 2013.² Depois de observar a caracterização desse general romano e sua representação como um exemplo ideal de *uirtus* sob o Principado, pareceu-nos que faltava investigar como tal conceito romano aparecia nas demais obras de Tácito, e, conseqüentemente, em outras personagens. Se no *Agrícola* há como virtude imperial em destaque a *moderatio*, quais outros termos o historiador teria usado para se referir à *uirtus* de suas personagens, retratadas em momentos diversos desse período político e social romano?

Para cumprir nosso propósito, dividimos a pesquisa em duas partes. Na primeira, apresentamos questões sobre o conceito de *uirtus* na ideologia romana, *exemplum* e transmissão de memória na historiografia. Na segunda parte, encontram-se as análises dos retratos de personagens tendo em vista sua caracterização no que diz respeito ao vocabulário relativo à *uirtus* em sua composição.

A primeira seção se divide em dois capítulos. O primeiro capítulo aborda breve compreensão do conceito principal estudado em nossa tese, mostrando seu desenvolvimento entre escritores antigos, principalmente sob a República até o Principado representado na obra taciteana. Para tanto, valemo-nos também das reflexões de outros autores antigos como Cícero e Salústio sobre *uirtus*. Em seguida, procuramos pensar acerca da presença de *exempla* como recurso para transmissão de modelos de *uirtus* sob o Principado. No segundo capítulo, expomos a noção de retrato e exploramos as técnicas do historiador utilizadas na construção da imagem das personagens históricas relatadas em sua obra.

¹ Para dados biográficos do historiador e de sua carreira senatorial, veja-se Funari; Garraffoni (2016, esp. capítulo V).

² Dissertação intitulada “*De Vita Iulii Agricolaë: la moderatio comme fondement du modèle de conduite impériale*”, realizada sob orientação do Prof. Dr. Dominique Briquel, na Université Sorbonne-Paris IV.

A segunda seção se dedica à análise dos retratos escolhidos e é composta por quatro capítulos. Cada um deles apresenta a análise de pares de personagens, cuja representação dialoga de modo a evidenciar reflexões do historiador a respeito da demonstração de *uirtus* sob o Principado, em diferentes contextos.

No primeiro capítulo, analisamos o retrato de Júlio Agrícola e de Marcos Lépidio, que atuaram em momentos distintos desse regime político, mas que têm diversos aspectos em comum no que concerne à sua *uirtus*, que se apresenta sob a égide da moderação. O segundo capítulo, por sua vez, é destinado a observar como a *uirtus* se apresenta na conduta de duas proeminentes figuras atuantes no senado romano, a saber, Trásea Peto e Helvídio Prisco, homens que seguiam a filosofia estoica e cuja *uirtus* se manifesta em grande medida pela *constantia* no que se refere à reivindicação da *libertas* senatorial.

O terceiro capítulo traz a análise do retrato de dois eminentes generais romanos, Germânico César e Domício Corbulão. A caracterização dessas personagens revela comandantes que deram prova de *uirtus* em busca da glória militar, tornando-se figuras ameaçadoras para seus respectivos príncipes ao exibir em suas condutas qualidades de uma *uirtus* que remonta a tempos antigos. No quarto capítulo, por fim, verificamos como a *uirtus* tende à degeneração num ambiente de guerra civil, observando os retratos dos *principes-imperatores* e dos homens mais importantes de seus exércitos: Servílio Galba, Marcos Sávio Oto e Aulo Vitélio; Cecina Alieno e Fábio Valente; e Flávio Vespasiano, Antônio Primo e Licínio Muciano.

Cada capítulo apresenta uma breve conclusão com o intuito de resumir e construir pouco a pouco os aspectos que circundam a *uirtus* no pensamento de Tácito e o vocabulário que permite sua reescrita. Em nossas considerações finais, procuramos destacar os elementos que se sobressaem na análise do conjunto de retratos, apontando para a configuração de um vocabulário político taciteano originado a partir das manifestações possíveis de *uirtus* durante o período relatado pelo historiador.

Cabe salientar o quanto o percurso de pesquisa e de leitura da narrativa taciteana em relação à virtude foi significativo para pensar e interpretar o presente, especificamente o que vivemos no âmbito social-político e mesmo militar no Brasil. Apesar da distância temporal, das diferenças sociológicas, culturais, entre outros, enfim, dos anacronismos, ao investigar a noção de *uirtus* e o modo como tal se apresenta na descrição dos indivíduos em nosso historiador foi inevitável não refletir a respeito das disputas narrativas e pelos exemplos e representantes de virtudes políticas na conjuntura atual.

Tácito elabora seus personagens de modo a criar diferentes *exempla* de virtudes e, nesse sentido, discursos sobre *uirtus*, sobre sua ausência, ou ainda, sobre como distintos agentes sociais lidam com tal noção romana. Com a leitura de sua narrativa, lidamos e nos apropriamos dessas imagens, que permitem certa associação com as figuras proeminentes de nosso contexto e suas condutas. A *uirtus*, nesse sentido, mostra-se como um objeto discursivo de tensões políticas nos mais diversos contextos. Trata-se de uma disputa narrativa por certos termos e conceitos e que está evidentemente em jogo nos tempos atuais, assim como esteve no passado descrito pela obra de Taciteana. Quais personagens dispõem de virtude? Como virtude se define e se apresenta, tendo em vista quem a enuncia? Tais elementos e tensões buscamos observar atentamente em relação a seus efeitos na interpretação do conceito de *uirtus*.

Algumas formalidades

No que se refere às questões formais de nosso estudo, utilizamos a lição do texto latino editado pela *Les Belles Lettres*. Outras edições e aparatos críticos das obras de Tácito e de outros autores antigos, que consultamos para nos auxiliar na interpretação dos textos originais, estão indicados na bibliografia. As traduções do latim e demais línguas estrangeiras e os destaques no texto original, salvo indicação, são de nossa autoria. Preferimos adotar a ortografia latina de acordo com a mesma edição utilizada dos textos, entretanto, nas citações, reproduzimos a grafia em latim presente em autores modernos (como a diferença do uso de semivogal em *uirtus* e *virtus*).

Para a tradução do latim, utilizamos sobretudo os dicionários *Oxford Latin Dictionary (OLD)* e o *Dicionário Latim-Português* de Saraiva. Para a tradução de nomes próprios latinos e de lugares, consultamos o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* da Academia de Ciências de Lisboa e o *Índice de nomes próprios gregos e latinos* (1995). Quando necessário, fizemos a tradução a partir do acusativo latino, de onde se costuma derivar as formas do latim para a língua portuguesa.

PARTE 1

CAPÍTULO 1 | *VIRTUS*: PALAVRA-CONCEITO

*Disce, puer, virtutem ex me verumque laborem;
Fortunam ex aliis. Nunc te mea dextera bello
Defensum dabit et magna inter praemia ducet.
Tu facito, mox cum matura adoleverit aetas,
Sis memor; et te, animo repentem exempla tuorum,
Et pater Aeneas et avunculus excitet Hector.*
VERG., A., 12.435-440.³

*Adeo nos, si fortuna in praesens uirtusque deseruit, etiam uetera exempla deficiunt [...]?
TAC., Hist., 4.58.2.⁴*

Os versos de Virgílio tocam em questões fundamentais da relação dos romanos com o passado. Eneias exorta o filho a aprender com ele e a partir de seus atos a *uirtus*, conceito que será objeto desta tese. O herói virgiliano evoca também como os antepassados e seus feitos se tornam *exempla* passíveis de serem legados à memória. De obra posterior, o passo do texto taciteano, na epígrafe, indaga a ausência de *exempla* antigos, como causa possível para a falta de *uirtus* no presente. Esses excertos são breves amostras da importância da exemplaridade como um meio de transmitir e perpetuar na memória a sua *uirtus*, temas caros ao pensamento romano e que perpassam a literatura antiga, em variados gêneros, e que apresentaremos ao longo de nossa discussão.

A *uirtus* certamente é um dos conceitos basilares do conjunto de valores romanos. É um termo que se apresenta nas mais diversas obras antigas e cuja compreensão se alterou nos diferentes contextos sociopolíticos de Roma, como é de praxe acontecer com as palavras de diferentes línguas, em diferentes contextos sociais. A importância do termo *uirtus*, com efeito, torna-se ainda mais evidente dada a abundância de estudos a seu respeito. São primordiais os estudos de Werner Eisenhut (1973) e Juhani Sarsila (1981; 2006), que abordam especificamente o conceito de *uirtus*, e também a obra de Joseph Hellegouarc’h (1963) sobre o vocabulário político durante a República, bem como a de Dona Earl (1967), estudos que analisam a noção de *uirtus* e do léxico a ela correlato, e como tal ideal se coloca em relação à ideologia romana, respectivamente.⁵ Esses estudos

³ “O vero esforço / De mim, Ascânio, aprende e o sofrimento; / De outros, a dita. Agora a destra minha / Vai segurar-te, o que reputo um prêmio: / Lá na idade madura não te esqueças / Do exemplo dos avós, nem de que houvesse / Enéias por teu pai e Heitor por tio.” Tradução de Odorico Mendes.

⁴ “Se a fortuna e a *uirtus* de tal modo no presente nos abandonaram, quantos exemplos antigos então nos faltam?”.

⁵ Cf. EISENHUT, W. *Virtus Romana: Ihre Stellung im römische Wertsystem*. Munich: Wilhelm Fink Verlag, 1973; SARSILA, J. Some Aspects of the Concept of *virtus* in Roman Literature until Livy.

influenciaram em grande medida a bibliografia mais recente sobre o tema, que revisita o conceito de *uirtus*, como o de Myles McDonnell (2006), que dedica toda uma obra para tratar do desenvolvimento e da concepção do termo desde o período arcaico até o republicano, destacando o caráter do significado de *uirtus* como coragem marcial. Catalina Balmaceda (2017; 2011 e 2007), por sua vez, propõe a interpretação do conceito a partir da divisão entre *uirilis-uirtus* e *humana-uirtus*, enfatizando tanto o aspecto ético, quanto militar do termo. A estudiosa analisa a ideia de *uirtus* entre os períodos republicano e imperial a partir da análise de personagens da historiografia romana.⁶ No que concerne especificamente à obra taciteana, alguns trabalhos também se dedicaram a refletir sobre a *uirtus* para o historiador, como, por exemplo, H. Haas (1938), Robert Feger (1948) e Catalina Balmaceda (2017), que notaram a diversidade de sentidos que ela assume em sua obra.⁷ Na esteira sobretudo da pesquisa de Balmaceda (2017), nosso trabalho pretende observar a elaboração narrativa da *uirtus* em Tácito, analisando, para isso, personagens que parecem se configurar como *exempla uirtutis*.

No intento de compreender como a *uirtus* é representada na narrativa de Tácito, observaremos primeiramente algumas importantes questões concernentes a esse conceito que mobiliza aspectos de ordem política, social, moral e mesmo filosófica em sua significação.

De modo geral, podemos dizer que *uirtus* é um sentimento de bravura masculina ou a excelência de caráter de alguém, segundo o dicionário *OLD*.⁸ Trata-se, além disso, de um valor pelo qual se obtém *gloria*, algo tão importante para a memória das grandes figuras da aristocracia romana. Tal associação entre glória e *uirtus* pode ser observada na definição apresentada por Earl: *uirtus* é a “conquista da glória pela execução de grandes feitos a serviço do Estado, de acordo com certos modelos de conduta”.⁹ Como esses feitos se realizam amiúde nos campos de batalha e por meio de virtudes essenciais para a

Studia Philologica Jyväskyläensia, p. 1-136, 1981. Cf. também SAYLOR, C. *Amphitryon: The Play on Virtus*. Studies in Latin Literature and Roman History, v. 9, Brussels, **Latomus**, 1998. Sobre a *uirtus* na poesia e no drama, vide MCDONNELL, 2006, p. 16 e ss.; sobre *uirtus* em Horácio e Virgílio, cf. EARL, 1967, p. 71 e ss.

⁶ Veja-se também Anaya (2016).

⁷ Cf. FEGER, R. *Virtus bei Tacitus*. **Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft**, n. 03. 1948; HAAS, H. *Virtus Tacitea*. **Gymnasium**, n. 49, p. 163-80, 1938.

⁸ Segundo o *OLD* (1968, p. 2073): **1.** The qualities typical of a true man, manly spirit, resolution, valour, steadfastness, or sim. **b.** (esp. as displayed in war and other contests). **c.** (transf.) mature vigour (of vegetation). [...] **2.** Excellence of character or mind, worth, merit, ability, etc. **b.** a particular excellence of character, ability, etc. a virtue or merit. [...] **3.** Moral excellence, virtue, goodness.

⁹ EARL, 1967, p. 31: “the winning of glory by the commission of great deeds in service of the state according the certain standards of conduct”.

conquista da glória militar, o conceito é geralmente associado à coragem marcial, à bravura exibida pelo soldado ou pelo general durante a guerra. Esse significado também se deve à origem da palavra: etimologicamente, *uirtus* é a qualidade ou caráter do homem (*uir*) – sinalizado pelo sufixo *-tus*.¹⁰ Cícero assim explicara: “a *uirtus* é assim denominada a partir de *uir*” (*appelata est ex enim uiro uirtus*; CIC., *Tusc.*, 2.43). Nesse sentido, relacionada diretamente ao gênero masculino, ou com a masculinidade, *uirtus* adquiriu esse aspecto semântico de coragem bélica.¹¹

Entretanto, quando dizemos que a *uirtus* era um valor sobretudo da aristocracia romana, tocamos numa questão sociopolítica, que também está implicada na noção de *uirtus*. Por isso, sua compreensão se altera ao longo da história romana, na medida em que se transforma a organização política e social de Roma. À época do Império Romano, por exemplo, havia uma tensão no que concerne à participação da aristocracia nas posições de poder, e seus reflexos podem ser observados na relação da classe com as tradições passadas e com a imitação do *mos maiorum* e, então, na manifestação da *uirtus*. Desse modo, observar como Tácito apresenta a *uirtus* em suas obras é um ganho para a observação desse conceito na literatura e história antigas, uma vez que se pode contribuir com outras visões sobre as nuances que o conceito e seu ideal adquirem na escrita desse historiador.

Grosso modo, o prestígio da aristocracia era resultado da *gloria*. Por meio da atuação política, especialmente por vias militares, um romano poderia dar provas de sua *uirtus*, tornando-se um *exemplum* a ser louvado e perpetuado pelas demais gerações. Tendo isso em vista, a historiografia republicana muitas vezes se dedicou a descrever guerras e conquistas romanas, exaltando os feitos de grandes generais. Segundo Balmaceda,

Não é suficiente para os historiadores fazer conhecer ou louvar a *virtus* de certos indivíduos na história romana; espera-se que eles deem explicações. *Virtus*, então, não é somente algo de que se orgulhar, mas também opera como um recurso explicativo: os romanos vencem e conquistam por causa da *virtus*. Uma vez que eles veem todas as mudanças em termos morais e as questões históricas importantes tal como a noção de causa como um problema

¹⁰ Assim como temos nos vocábulos *iuuentus*, qualidade do ser jovem, ou *senectus*, qualidade do ser velho. Vide Balmaceda (2007, p. 286; 2017, p. 15-16); Earl (1967, p. 20); Hellegouarc’h (1963, p. 244); McDonnell (2006, p. 2 e nota 6).

¹¹ O equivalente à *uirtus* da mulher é a *pudicitia*. Em Tácito, há uma atribuição indireta da *uirtus* à escrava Epicaris (*Ann.*, 15.48). Sobre essa personagem, vide Pimentel (2013).

fundamentalmente moral, *virtus* desempenha um papel-chave na explicação das glórias romanas passadas.¹²

Então, quando pensamos em *uirtus* antes do Principado, ou seja, no período arcaico e republicano, referimo-nos a um valor que coloca em relevo a destreza e a coragem marcial dos homens que agiam em prol da *res publica*, visto que era sobretudo no contexto bélico que a *uirtus* era demonstrada. Contudo, mesmo nesse momento, é possível verificar as nuances políticas e morais do conceito: política porque se relaciona diretamente a um estrato social, como dissemos; e moral porque, mesmo num contexto bélico, é preciso mostrar-se um indivíduo excelente, manifestando coragem para alcançar a glória. Fato é que na sociedade romana todos esses aspectos eram intimamente imbricados. Dessa forma, podemos dizer que a *uirtus* se manifesta nestas três frentes: marcial, ética e política, ora salientando um ou outro desses aspectos, ora mesclando todos eles. Para dar conta desse caráter múltiplo do conceito, Balmaceda ramifica a *uirtus* em *uirilis-uirtus* e *humana-uirtus*.¹³ Com efeito, quando lemos as obras antigas, percebemos essas sutilezas semânticas, sobretudo quando *uirtus* aparece no plural e em geral abrangendo os aspectos “humanos” de seu sentido, mesmo que nenhum autor antigo tenha de fato feito essa divisão. Do mesmo modo, quando *uirtus* descreve uma personagem num ambiente narrativo predominantemente bélico, a ideia de coragem marcial é notória, porém ainda assim é possível perceber elementos de outra ordem em seu significado. Por isso, é interessante compreendermos alguns contextos em que esse valor acaba sendo essencial na ideologia romana.

A relevância da *uirtus* para um romano pode ser verificada a partir dos elogios e encômios romanos, nos quais o termo se verifica pelo menos desde o século III a.C., como demonstra o “Elogio dos Cipiões”.¹⁴ O epitáfio de Cipião Barbado é um exemplo da comemoração da *uirtus* dos antigos generais:

¹² BALMACEDA, 2017, p. 8-9: “It is not enough for the historians to acknowledge or praise the *virtus* of certain individuals in Roman history; they are expected to give explanations. *Virtus*, then, not only is something to be proud of but also works as an explanatory resource: Romans win and conquer because of *virtus*. As they see all changes in moral terms, and important historical issues like causation as a fundamentally moral question, *virtus* plays a key part in the explanation of Rome’s past glories”.

¹³ BALMACEDA, 2017, p. 46.

¹⁴ O chamado “Círculo dos Cipiões” distinguiu-se pela *uirtus*, valor que passou a ser associado às pessoas dessa família. FEARS, 1981, p. 877. Sobre o questionamento da existência real desse Círculo, cf. ZETZEL, J. E. G. Cicero and the Scipionic Circle. *Harvard Studies in Classical Philology*, n. 76, p. 173-179, 1972; SOMMER, M. **The mighty and the sage Scipio Aemilianus, Polybius and the quest for friendship in second century Rome**, 2007, disponível em: https://www.academia.edu/406931/The_mighty_and_the_sage_Scipio_Aemilianus_Polybius_and_the_quest_for_friendship_in_second_century_BC_Rome. Acesso em 21.05.19.

CORNELIVS LVCIVS SCIPIO BARBATVS/GNAIVOD PATRE
 PROGNAVVS FORTIS VIR SAPIENSQVE/QVOIVS FORMA VIRTUTEI
 PARISVMA FVIT/ CONSOL CENSOR AIDILIS QVEI FVIT APVD VOS/
 TAVRASIA CISAVNA SAMNIO CEPIT/ SVBIGT OMNE LOVCANAM
 OPSIDESQVE ABDOVCIT.

Cornélio Lúcio Cipião Barbado/filho de Gneu, foi um homem forte e sábio/cuja aparência foi muito semelhante à *uirtus*/cônsul, censor, edil foi junto a vós. /Capturou a Taurásia Cisauna em Sâmnio,/subjugou toda a Lucânia e fez prisioneiros.¹⁵

O breve texto da inscrição tem o teor de uma *laudatio funebris*, uma das formas pré-historiográficas que permitiram conservar o passado em Roma. Nela, resumem-se feitos políticos e militares e enumeram-se uma série de qualidades, dentre as quais, a *uirtus*, oferecendo-nos um retrato do general. Cipião Barbado é descrito pelos adjetivos *fortis* e *sapiens*, um relativo à força física e o outro, a uma qualidade moral. Depois, compara-se *uirtus* a sua *forma*, que é também um atributo físico. A *uirtus* aparece aqui como um valor do general que no contexto bélico traduz sua coragem marcial, mas parece carregar também um valor ético. McDonnel (2006) defende que o emprego de *uirtus* nas inscrições tem significado exclusivo de coragem militar. Para o autor, há uma supervalorização de uma leitura ética do termo nas abordagens sobre o tema, em detrimento do significado de *uirtus* como coragem marcial. McDonnel parece acreditar que o termo teria se desenvolvido gradualmente, partindo de um sentido essencialmente militar.¹⁶ Já Balmaceda (2007; 2017), Earl (1967) e Hellegouarc’h (1963) argumentam que as nuances militar e ética coexistiam mesmo no período anterior ao final da República, quando a junção desses aspectos parece ser reivindicada mais claramente pelos autores antigos, tal como veremos em Cícero.

A oposição dos traços de Cipião nos remete à oposição *corpus* e *animus*, que encontraremos posteriormente em Salústio.¹⁷ Esse historiador abre a obra *A conspiração de Catilina* com uma reflexão sobre essas duas partes do homem. Uma delas, o *animus*, compartilhada com os deuses, distingue-o dos animais, com os quais eles têm em comum o corpo (*Cat.*, 1.2). Ali, o autor sabino declara que “largo tempo disputou-se com ardor entre os mortais se a arte militar teria melhor êxito pela força do corpo ou pelo valor da mente”,¹⁸ contrastando-se no texto latino *uis corporis* e *uirtus animi*, para concluir que a

¹⁵ Disponível em: http://db.edcs.eu/epigr/epi.php?s_sprache=en. Acesso em 30.04.19.

¹⁶ MCDONNEL, 2006, p. 11 e p. 131.

¹⁷ SAL., *Cat.*, 1.2 e *Jug.*, 2.1: “Pois como a espécie do homem é composta pelo corpo e pelo intelecto” (*Nam uti genus hominum compositum ex corpore et anima est [...]*).

¹⁸ Tradução de Adriano Scatolin. SAL., *Cat.*, 1.5: *Sed diu magnum inter mortalis certamen fuit, uine corporis an uirtute animi res militaris magis procederet.*

aliança entre os dois é o mais profícuo. Vale chamar a atenção para o complemento abstrato e não físico de *uirtus* na passagem.

Na *laudatio* de Cipião prefigura-se o elogio de traços do corpo e da alma que em conjunto fizeram dele um homem digno de glória e rememoração. Ela pode ser considerada uma forma germinal do que encontraremos em historiadores que louvarão personagens como ele em suas obras. De fato, as antigas tradições da *laudatio funebris* contribuíram enormemente para a consolidação do legado de exemplos da aristocracia romana, detentores da *uirtus*. Tanto era uma tradição importante, que encontramos nas *Histórias* de Políbio uma descrição minuciosa dessa prática. Compostas pelos *tituli* e pelas *imagines*, as *laudationes* eram rituais funerários dedicados a aristocratas,¹⁹ em geral com importância militar ou que receberam algum consulado. Nos *tituli*, havia a inscrição do nome do homenageado, bem como os tópicos a serem louvados. Esses eram colocados abaixo das *imagines*, máscaras de cera que reproduziam fielmente o falecido.²⁰ Nesse momento, um discurso de louvor à glória do falecido e de todos os seus ancestrais era proferido por um magistrado ou algum parente do finado, a fim de engrandecer o nome da *gens* homenageada.²¹ Essa consideração sobre a *laudatio* é importante porque ela foi um meio de transmissão da ideia de *uirtus* romana e da memória, especialmente de certa classe social, pois que essas práticas laudatórias eram um costume típico da aristocracia romana e seu papel era “situar o falecido na longa linha dos descendentes de um ancestral comum e colocar em relevo a grandeza de suas ações e honras como contribuição para a glória da família”.²² Ademais, não só Tácito, mas outros historiadores e sobretudo biógrafos antigos, levam em conta essa tradição ao elaborar o obituário de alguns personagens, de modo a homenageá-los e mostrar qualidades que algumas vezes

¹⁹ Sobre a dimensão aristocrata das *laudationes*, vide CIC., *Brut.*, 16.62: “pois as próprias famílias as conservavam, como honrarias e recordações suas para que as usassem quando alguém dessa mesma família morresse, para louvar a memória daquela casa e para ilustrar a sua nobreza. Entretanto, a nossa história foi adulterada com esses elogios” ([...] *ipsae enim familiae sua quasi ornamenta ac monumenta seruabant et ad usum, si quis eiusdem generis occidisset, et ad memoriam laudum domesticarum et ad illustrandam nobilitatem suam. Quamquam his laudationibus historia rerum nostrarum est facta mendosior*).

²⁰ POL., *Hist.*, 6.53.

²¹ CRAWFORD, 1941, p. 20. Vide Brandão (2003) e ainda PLUT., *Public.*, 9.7.102 sobre a filiação das *laudationes* romanas a um costume grego antigo. Cf. também sobre *laudationes funebris*: KIERDORF, W. *Laudatio Funebris: Interpretationen und Untersuchungen zur Entwicklung der römischen Leichenrede*. Hein: Meisenheim/Gl., 1980.

²² CRAWFORD, 1941, p. 24: “(...) the purpose of the *laudatio funebris* was to mark the place of the defunct in the long train of descendants from a common ancestor, and to set in relief his lofty actions and honors as his contribution to the family glory”.

demonstram a *uirtus* daquela figura. Para tanto, o historiador antigo incorpora elementos dessa forma literária já antiga.²³

O ideal de *uirtus* aparece como característica importante dos indivíduos em obras posteriores, como na poesia de Ênio (séc. II a.C.) e nos *Comentários sobre a guerra gálica* (séc. I a.C.), de César, nas quais predomina o sentido marcial devido à temática dos textos.²⁴ Nesse momento, no âmbito da escrita historiográfica, o foco era não só registrar os fatos, mas também imortalizar as realizações de romanos gloriosos na guerra e detentores de *uirtus*. Entretanto, em meio ao contexto do século II a.C., o sentido ético de *uirtus* também foi mobilizado. Esse fenômeno encontra espaço no ambiente de intercâmbio com a cultura grega que se estabelecia naquele momento.²⁵ Então, textos como o do satirista Lucílio, também de meados do segundo século, oferecem uma definição do termo que coloca em relevo comportamentos morais:

*Virtus, Albine, est pretium persoluere uerum
quis in uersamur, quis uiuimus rebus potesse;
uirtus est homini scire id quod quaeque habeat res;
uirtus, scire, homini rectum, utile quid sit, honestum,
quae bona, quae mala item, quid inutile, turpe, inhonestum;
uirtus quaerendae finem re scire modumque;
uirtus diuitiis pretium persoluere posse;
uirtus id dare quod re ipsa debetur honori;
hostem esse atque inimicum hominum morumque malorum,
contra defensorem hominum morumque bonorum,
hos magni facere, his bene uelle, his uiuere amicis,
commoda praeterea patriae prima putare,
deinde parentum, tertia iam postremaque nostra.*

Virtus, Albino, é poder retribuir o verdadeiro valor de tudo o que se é exercido, e de todas as situações que vivemos;
Virtus é saber o que cada situação oferece aos homens;
Virtus é saber o que é reto, útil, honesto, o que é bom e o que é mal, o que é inútil e torpe e desonesto para os homens.
Virtus é saber o que é necessário para o fim e o meio de alguma coisa;
Virtus é poder retribuir o valor justo às riquezas.
Virtus é dar à honra o que a ela própria se deve;
é ser hostil e inimigo dos homens de maus costumes e, ao contrário, ser defensor dos homens de bons costumes,
a estes valorizar, querê-los bem, viver com eles como amigo;
além disso, pensar primeiro no interesse da pátria, em seguida, dos pais, e, enfim, por último, nos nossos próprios.²⁶

²³ Trataremos novamente da *laudatio* e do encômio no capítulo 1, da parte 2 desta tese.

²⁴ MCDONNEL, 2006, p. 110. Quanto a Ênio, Balmaceda (2007; 2017) considera que a ideia de *uirtus* presente no autor é de cunho moral e militar.

²⁵ BALMACEDA, 2017, p. 23; MCDONNEL, 2006, p. 74 e p. 128.

²⁶ LUCIL., *Sat.* 3. Parece-nos significativo que o tradutor da edição Loeb traduz *uirtus* por “manliness or virtue”, a fim de compreender pelo menos essa dupla nuance do termo.

De maneira formular, o fragmento introduz definições do termo (*uirtus est*) relacionando-o ao saber (*scire*) em diversos contextos: o viver, distinguir o que é útil e honesto do inútil e desonesto, respeitar a família, etc. Ele carrega sobremaneira uma nuance de significação ética e demonstra uma intelectualização da ideia de *uirtus*. De acordo com McDonnel, entretanto, o poeta não estaria definindo um conceito tradicionalmente romano, mas sim expressando em língua latina a noção grega de *areté*.²⁷ No entanto, como afirma Balmaceda, os versos de Lucílio resumem valores bastante tradicionais da aristocracia romana.²⁸ Parece-nos ainda que, na medida em que *uirtus* ali traduz esses valores, especialmente nos dois últimos versos, o conceito assume então uma conotação também política. Além disso, a presença do vocábulo latino *homo*²⁹ poderia ser considerada outro indicativo da nuance ética do termo, pois que se refere ao homem como ser humano, em categoria ampla em relação a *uir*, que especifica o gênero masculino (em oposição ao feminino, por exemplo). Em conexão com *homo*, os conhecimentos que definem *uirtus* adquirem um caráter geral – oportunos aos homens para além do campo militar; são, enfim, relacionados à consciência de saber viver conforme “boas” condutas morais.

Com efeito, sabe-se que naquele momento a ideia de *areté*, por exemplo, circulava no contexto romano e passa a ser traduzida, segundo Balmaceda, também pela palavra *uirtus*:

No caso da palavra *virtus*, ela parece ter tido um paralelo grego exato na palavra *andreia*: ambas vinham de homem (*vir – aner*) e relativas à qualidade masculina da coragem. Mas *virtus* também era usada para traduzir a palavra *arete*. A escassez do vocabulário latino tem sido dada como uma explicação possível para isso, mas os romanos, precisamente por essa razão, poderiam ter emprestado o termo grego para “excelência” como fizeram com outras palavras gregas antes. Parece provável que os romanos – ao menos no latim pré-clássico – viam pouca distinção entre *arete* e *andreia*. Numa sociedade altamente militar, a excelência de um homem era manifestada primariamente em sua coragem na guerra. Uma “ponte” possível entre *arete* e *virtus* pode ser que, lutando, mostrava-se coragem e bravura (*andreia*) e, então, mostrava-se ou possuía-se excelência como um homem (*arete*) de acordo com o código de comportamento da nobreza. As guerras expansionistas deram aos romanos

²⁷ MCDONNELL, 2006, p. 125-6.

²⁸ Balmaceda (2017). Além disso, a estudiosa toma o excerto para explicar sua ideia de “intelectualização”. Para ela, “a repetição do verbo saber (*scire*) faz de *uirtus* um tipo de sabedoria [...]”. BALMACEDA, 2017, p. 21: “The repetition of the verb to know (*scire*) makes *virtus* a type of wisdom [...]”.

²⁹ No *Sobre a república*, 1.1.2, Cícero escreve que “tanta foi a necessidade de virtude dada ao homem pela natureza” (*tanta esse necessitatem uirtutis generi hominis a natura [...] datum*). Tradução de Isadora Prévêde Bernardo.

muitas oportunidades para mostrar sua masculinidade, sua coragem, e seu mérito como homens respeitáveis.³⁰

Essa noção de *uirtus* reunindo ou significando os sentidos de coragem marcial e excelência ética é, em grande medida, transmitida pelas obras de Cícero. Ao longo do século I a.C., o orador procurou delinear esse conceito em suas obras, nas quais encontraremos o termo tanto para falar das qualidades necessárias ao homem militar, quanto das virtudes necessárias ao bom cidadão. E também para falar homem de governo de modo mais evidente do que nos períodos anteriores, ainda que antes essas nuances também existissem. Com Cícero, ademais, o caráter político da *uirtus* também se torna mais evidente, tendo em vista o contexto em que ela opera. Nas obras do orador, muitas vezes encontramos o emprego de *uirtus* como um termo geral que abarca outras qualidades, o que, segundo McDonnel, é prova da forte presença da semântica de *areté* sobre *uirtus*, porque a ideia de *uirtus* como um guarda-chuva de outras qualidades é um reflexo de tal virtude grega:

Esse uso é encontrado somente no latim clássico e tardio e é especialmente frequente em obras retóricas e filosóficas, nas quais as quatro virtudes canônicas – *prudencia*, *iustitia*, *temperantia* e *fortitudo* – “prudência”, “justiça”, “autocontrole” e “coragem”, respectivamente, – são apresentadas como aspectos da *uirtus*.³¹

Com efeito, ao sistematizar uma filosofia romana, Cícero acaba por oferecer um vocabulário filosófico. Entretanto, mesmo nessa sistematização, há sobreposição dos sentidos de *uirtus* ao longo de sua obra para o mesmo termo.³² Isso quer dizer que o orador utiliza *uirtus* tanto como coragem marcial, quanto como virtude em geral, a depender, conforme diversos pesquisadores observam, do gênero da obra em questão.³³ Mas

³⁰ BALMACEDA, 2017, p. 24: “In the case of the word *virtus*, it seems to have had an exact Greek parallel in the word *andreia*: both coming from man (*vir – aner*) and related to the manly quality of courage. But *virtus* was also used to translate the word *arete*. Latin’s shortage of vocabulary has been given as a possible explanation for this, but the Romans, precisely for that reason, could have borrowed the Greek term for “excellence” as they had done with other Greek words before. It seems probable that the Romans – at least in preclassical Latin – saw little distinction between *arete* and *andreia*. In a highly militaristic society the excellence of a man was manifested primarily in his courage at war. One possible “bridge” between *arete* and *virtus* could be that in fighting one displayed courage and bravery (*andreia*) and thus displayed or possessed excellence as a man (*arete*) according to the nobility’s code of behavior. The expansionist wars gave the Romans plenty of opportunity to show their manliness, their courage, and their merit as proper men”.

³¹ MCDONNEL, 2006, p. 128-29: “This usage is found only in classical and later Latin and is especially frequent in rhetorical and philosophical works, where the canonical four virtues, *prudencia*, *iustitia*, *temperantia*, and *fortitudo* – ‘prudence,’ ‘justice,’ ‘self-control,’ e ‘courage,’ respectively, – are presented as aspects of *virtus*”.

³² BALMACEDA, 2017, p. 31-2.

³³ McDonnel (2006, p. 129) traz exemplos dos discursos do orador e Balmaceda (2017, p. 34) aponta a divisão que se faz entre a presença de *uirtus* como coragem nos discursos e *uirtus* como *areté* nos discursos filosóficos.

provavelmente Cícero tinha consciência dessa sobreposição de sentidos na mesma palavra. Nas *Tusculanas*, obra sobre filosofia estoica e publicada por volta de 45 a.C., o orador tece uma reflexão que citamos acima sobre a origem do termo e a desenvolve de modo a explicar que outras virtudes acabaram sendo nomeadas sob o mesmo termo:

Atqui uide ne, cum omnes rectae animi adfectiones uirtutes appellentur, non sit hoc proprium nomen omnium, sed ab ea quae una ceteris excellerebat, omnes nominatae sint. Appellata est enim ex uiro uirtus; uiri autem propria maxime est fortitudo, cuius munera duo sunt maxima, mortis dolorisque contemptio. Utendum est igitur his, si uirtutis compotes, uel potius si uiri uolumus esse, quoniam a uiris uirtus nomen est mutuata.

Na verdade, note que embora todas as inclinações corretas da alma sejam chamadas virtudes, não é esse o nome apropriado para todas elas; mas todas foram nomeadas a partir daquela que se destacou das outras. De fato, virtude vem assim denominada de *uir*; no entanto, a mais elevada virtude propriamente viril é a coragem, cujas funções principais são duas: desprezar a morte e a dor. Então, isso deve ser levado em conta se tu dispões de virtude, ou melhor, se quisermos ser homens, uma vez que o nome virtude foi emprestado de *uir*.³⁴

Encontramos *uirtus* com significado ético no tratado retórico ciceroniano *Sobre a invenção* (2.159), de cerca de 89-83 a.C., que nos fornece a seguinte explanação do termo:

Nam uirtus est animi habitus naturae modo atque rationi consentaneus. Quamobrem, omnibus eius partibus cognitis, tota uis erit simplicis honestatis considerata. Habet igitur partes quattuor: prudentiam, iustitiam, fortitudinem, temperantiam.

Pois a *uirtus* é uma disposição da alma em conformidade com a medida natural e a razão. Assim, conhecendo todas as suas partes, o valor total de uma simples palavra, honestidade, será conhecido. Possui ela, portanto, quatro partes: prudência, justiça, coragem, temperança.³⁵

Nesse excerto de Cícero, observamos que a definição de *uirtus* se dá por meio do desdobramento de seu valor em quatro aspectos. Entendendo cada um deles, que também são *uirtutes*, como Cícero as denomina,³⁶ conhece-se o que é *uirtus*, e conseqüentemente a *honestas*. É interessante notar o emprego de *fortitudo* para designar coragem, um termo mais relacionado à *andréia* grega, que se refere ao âmbito militar. Com isso, o orador traz a possibilidade de se entender *uirtus* como um termo geral, relacionado a um conjunto de virtudes que aparece em grande medida nas obras ciceronianas. Para McDonnel, é daí que

³⁴ CIC., *Tusc.*, 2.43.

³⁵ CIC., *Inu.*, 2.159.

³⁶ No *Pro Murena*, 30.1, Cícero emprega *uirtutes* no plural para se referir a qualidades semelhantes: “Duas são as artes que podem colocar os homens no mais alto grau de dignidade. Uma, a do comandante, a outra, do bom orador. Pois a partir deste retêm-se os ornamentos da paz, e daquele afugentam-se os perigos da guerra. Contudo, outras virtudes valem muito por si mesmas: justiça, lealdade, honra e temperança” (*Duae sint artes <igitur> quae possint locare homines in amplissimo gradu dignitatis, una imperatoris, altera oratoris boni. Ab hoc enim pacis ornamenta retinentur, ab illo belli pericula repelluntur. Ceterae tamen uirtutes ipsae per se multum ualent, iustitia, fides, pudor, temperantia*). Veja-se MCDONNEL, 2006, p. 129.

advém a compreensão de *uirtus* como um termo genérico.³⁷ Porém, Balmaceda aponta que o emprego de *fortitudo* (coragem) em Cícero possibilita o uso de *uirtus* como “boas qualidades”, evitando ambiguidades.³⁸ Nesse sentido, é interessante notar que em Salústio, especificamente no discurso de Catão (*Cat.*, 52.11 e 31), há a presença da palavra *fortitudo* indicando coragem, enquanto *uirtus* assume um sentido mais geral. A respeito da subdivisão do conceito em outros termos, Cícero realiza um mesmo procedimento de escrita ao tratar das virtudes do general, em *Sobre o comando de Gneu Pompeu* (*Pro lege Manilia*), como veremos adiante.

No *Dos deveres*, por sua vez, há um grande número de passagens em que o sentido do termo é predominantemente moral e se apresenta mesmo como um conceito, devido ao conteúdo filosófico da obra. Cícero desenvolve essa obra com base na ideia de quatro virtudes essenciais, dialogando com a tradição estoica grega, que propõe um cânone de quatro virtudes relacionadas à *areté*, inspiradas pela composição platônica.³⁹ A presença desse grupo de virtudes – e de suas variações – é marcante em obras de preceitos retóricos, visto que cabia ao bom orador louvar as virtudes do elogiado de acordo com as exigências do gênero demonstrativo ou epidítico, apresentando amiúde essas quatro virtudes. Ademais, é possível perceber a recepção dessas virtudes em Quintiliano, que, ao tratar do gênero demonstrativo, recomenda a elaboração do elogio das virtudes, do seguinte modo: “outras vezes, [foi mais elegante] separar o louvor por tipos de virtudes, tais quais coragem, justiça, comedimento, entre outras, atribuindo a cada virtude os feitos segundo cada uma delas” ([...] *alias in species uirtutum diuidere laudem, fortitudinis, iustitiae continentiae, ceterarumque, ac singulis adsignare quae secundum quamque earum gesta erunt*).⁴⁰ Veja-se a menção a qualidades semelhantes às indicadas na definição de *uirtus* por Cícero, bem como o uso do termo *uirtus* como virtude em geral.

³⁷ MCDONNELL, 2006, p. 334.

³⁸ BALMACEDA, 2017, p. 40.

³⁹ O livro 4 da *República* de Platão apresenta uma proposta de cânone das virtudes, a partir da ideia de que a cidade perfeita é “sábua, corajosa, temperante e justa” (Tradução de J. Guinsburg. PLATÃO, 2010, p. 150). Veja-se também WALLACE-HADRILL, 1988, p. 301. Segundo McDonnell (2006, p. 129), o emprego de *uirtus* como termo correspondente ao conjunto de quatro virtudes, como mencionamos acima, se originaria da “bem conhecida divisão que de ἀρετή em quatro virtudes cardinais: φρόνησις – ‘prudência’ – ; δικαιοσύνη – ‘justiça’ – ; ἀνδρεία – ‘coragem’ – ; e σωφροσύνη – ‘temperança’” (“[...] well-known division of into the four cardinal virtues: φρόνησις – ‘prudence’–; Δικαιοσύνη – ‘justice’ –; ἀνδρεία – ‘courage’ –; and σωφροσύνη, ‘temperance’”). Em Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, encontram-se virtudes cardinais de base peripatética. Sobre a discussão da ideia de cânone das virtudes Classen (1991); Wallace-Hadrill (1988).

⁴⁰ QUINT., *Inst.*, 3.7.15.

Essa tradição retórica que preceitua o encômio das virtudes se verifica nas mais diversas homenagens a indivíduos da história aristocrática romana. Na verdade, é uma prática básica para a composição do elogio encomiástico proferido nas *laudationes* e também faz parte da matéria argumentativa historiográfica. No campo visual, o célebre escudo dourado concedido pelo senado a Augusto (*clipeus uirtutis*) e ao qual o imperador se refere em suas *Res Gestae*, no século I. a.C., demonstra isso: “um escudo dourado foi colocado na cúria, que o senado e o povo romano me concederam, em razão do meu valor e clemência e justiça e devoção” (*clupeus aureus in curia Iulia positus, quem mihi senatum populumque Romanum dare uirtutis clementiaeque et iustitiae et pietatis caussa*).⁴¹

Nessa homenagem ao *princeps*, nota-se a atribuição de quatro virtudes, dentre as quais figura a própria *uirtus*. Ora, o escudo simboliza a apropriação da *uirtus* pelo *princeps*; é o imperador quem deve, sobretudo, demonstrar tal valor, sendo um modelo supremo de comandante e de cidadão. Apesar da presença de quatro virtudes no escudo, as qualidades apenas aludem ao grupo das virtudes cardinais.⁴² Para Sebastiani, elas advêm de uma influência filosófica, especialmente estoica, que teve lugar durante o estabelecimento da ideologia no Principado.⁴³ A *clementia* é uma virtude herdada de Júlio César, que por tal conduta foi conhecido.⁴⁴ A *pietas*, lealdade aos antepassados, aos deuses e aos pais, um valor tradicional do *mos maiorum*.⁴⁵ A *iustitia* é um traço de caráter ativo, o exercício da função que lhe convém de modo ajustado.⁴⁶ Há diferentes formas de interpretar o sentido de *uirtus* aqui; nas palavras de Sebastiani, ela está “ligada diretamente ao valor guerreiro de um comandante”.⁴⁷ Nesse sentido, a presença de *uirtus*

⁴¹ AUG., *Res gest.*, 34.2. Wallace-Hadrill (1981, p. 306) sugere uma possível reprodução da inscrição: *Senatus/Populusque romanus/Impe Caesar diuui Augusto/Cos VIII dedit clipeum/Virtutis clementiae/Iustitiae pietatis erga Deos patriamque*.

⁴² Wallace-Hadrill (1988) discute tais características expostas no escudo, as quais foram identificadas como um cânone de virtudes e denominadas virtudes imperiais. No entanto, como o mesmo autor aponta, as virtudes são diferentes do grupo platônico, o que coloca em questão a ideia de cânone (1988, p. 302).

⁴³ SEBASTIANI, 2014, p. 95. Veja-se também Balmaceda (2017).

⁴⁴ Flammerie de LaChapelle (2011) apresenta um amplo estudo sobre a *clementia*. Segundo Hellegouarc’h (1963, p. 263), a ideia de *clementia* já existia antes de César, durante a República, e se referia à relação entre homens poderosos e seus amigos e clientes. Sobre tal qualidade atribuída a César, vide (*idem*, 1963, p. 83 e ss.) Cf. Suetônio, *Vida de César*, 74: “mas, até mesmo na vingança, era muito brando por natureza” (*Sed et in ulciscendo natura lenissimus*). Veja-se também Konstan (2005).

⁴⁵ Trata-se, com efeito, de outra ideia romana cuja definição é complexa. É um epíteto do herói virgiliano Eneias (*pius Aeneas*). Ver Charlesworth (1943); Pereira (1984).

⁴⁶ Veja-se HELLEGOUARC’H, 1963, p. 265.

⁴⁷ SEBASTIANI, 2014, p. 95. Balmaceda avalia que *uirtus* no escudo só poderia ter sentido de coragem militar (2017, p. 33). Vide McDonnell (2006, p. 385 e ss.), que tende a considerar o termo nesse contexto como um conceito ético que abrange outras virtudes. Para ele, o clipeo sinaliza a mudança

no escudo sugere, como assinala McDonnel, que “o reconhecimento pela *uirtus* militar se tornou monopólio virtual do imperador, de sua família, e dos generais de confiança e soldados romanos que o imperador controlava”.⁴⁸

A *uirtus* como um atributo indispensável do *summus imperator* fora indicada em uma das obras de Cícero. Em seu discurso *Sobre o comando de Gneu Pompeu*,⁴⁹ publicado em 66 a.C., ele busca convencer o senado de que Pompeu⁵⁰ seria o *imperator* mais competente para conduzir a guerra contra Mitrídates; Cícero, inspirado pelas representações dos soberanos helenísticos, apresenta os requisitos necessários ao melhor comandante (*summus imperator*):⁵¹

Ego enim sic existimo, in summo imperatore quattuor has res inesse oportere,—scientiam rei militaris, uirtutem, auctoritatem, felicitatem. [...] Neque enim illae sunt solae uirtutes imperatoriae, quae uolgo existimantur,—labor in negotiis, fortitudo in periculis, industria in agendo, celeritas in conficiendo, consilium in prouidendo: quae tanta sunt in hoc uno, quanta in omnibus reliquis imperatoribus, quos aut uidimus aut audiimus, non fuerunt.

Eu, com efeito, acredito que é oportuno haver quatro coisas num comandante excelente – ciência das artes militares, *uirtus*, autoridade, prosperidade. [...] Mas não são só aquelas virtudes do comando, que pelo vulgo são consideradas, – empenho nos planos, coragem nos perigos, zelo para agir, rapidez para executar, resolução para antever: essas são tão grandes nesse único homem [Pompeu], quanto não foram em todos os comandantes restantes, que ou vimos ou ouvimos.⁵²

Aqui observamos *uirtus* propriamente e mais três condições: *scientia rei militaris*, *auctoritas* e *felicitas*, que são retomadas mais adiante na obra:

[...]cum ei imperatorem praeficere possitis, in quo sit eximia belli scientia, singularis uirtus, clarissima auctoritas, egregia fortuna.

semântica do termo, visto que *uirtus* assume sentido ético, já que mostra como uma característica de um general passa a ser característica do homem de Estado (2006, p. 386).

⁴⁸ MCDONNEL, 2006, p. 387: “[...] public recognition of martial *virtus* became the virtual monopoly of the emperor, his family, and of the trusted generals and Roman soldiers whom the emperor controlled.”

⁴⁹ Também conhecida como *Pro lege Manilia*, porque o discurso de Cícero defendia uma proposta do tribuno Manílio em relação à indicação de Pompeu como comandante na guerra em questão. A referência à obra se dará com baste nesse título. Vide DEVILLERS, 2005, p. 366.

⁵⁰ Cícero chega a qualificar a *uirtus* de Pompeu como: “A *uirtus* do imperador é divina e também incrível” (*Est haec diuina atque incredibilis uirtus imperatoris*). Para esse aspecto divino de *uirtus*, vide McDonnel (2006, esp. Capítulo VII); Fears (1981).

⁵¹ Segundo Sebastiani (2014, p. 102), “o termo *imperator* na origem designava o titular de um *imperium* e é muito verossímil a ideia de que tenha surgido para designar a posição de homens que não tinham um *imperium* próprio de alguma das magistraturas ordinárias republicanas”.

⁵² CIC., *Man.*, 28-29.

como podeis colocar à frente dela [da guerra] um comandante no qual existe exímia ciência de guerra, uma *uirtus* singular, renomada autoridade e egrégia fortuna.⁵³

Em seguida, Cícero duplica *uirtus*, especificando-a pela expressão *uirtutes imperatoriae*, composta por outras cinco qualidades: *labor*, *fortitudo*, *industria*, *celeritas* e *consilium*, as quais o orador louvará no comportamento de Pompeu. Podemos pensar que essas características são frações em que a *uirtus* em si, característica do *summus imperator*, se decompõe, evidenciando não só atributos relativos à coragem física (como se vê em *fortitudo*), mas também pertencentes à percepção estratégica e de liderança. E para além dessas qualidades, há ainda outras que Cícero enumera nessa mesma obra:

Non enim bellandi uirtus solum in summo ac perfecto imperatore quaerenda est, sed multae sunt artes eximiae huius administratae comitesque uirtutis. Ac primum, quanta innocentia debent esse imperatores? quanta deinde in omnibus rebus temperantia? quanta fide? quanta facilitate? quanto ingenio? quanta humanitate?

Pois não só a *uirtus* para guerrear é requerida ao sumo e perfeito comandante, mas muitas são as exímias qualidades auxiliares e companheiras dessa *uirtus*. Primeiramente, de quão grande integridade devem ser os comandantes? Em seguida, quão grande temperança devem ter em todas as coisas? Quão grande lealdade? Quão grande afabilidade? Quão grande engenho? Quão grande humanidade?⁵⁴

Segundo nos indica o orador, qualidades (*artes*) companheiras de *uirtus* de caráter ético ou ligadas à *anima*, também são necessárias a quem dispõe do poder. Por exemplo, essas são indispensáveis à administração de províncias, visto que apenas *uirtus* para guerrear, como Cícero especifica em *uirtus bellandi*, não é suficiente. Nesses excertos, o vocábulo *uirtus* se apresenta, portanto, tanto com o sentido geral de virtude – decomposta em determinadas qualidades –, quanto com o sentido de coragem marcial – com ou sem especificações como *bellandus*, *imperator*. Devillers também aponta a dupla dimensão moral e militar de *uirtus* nessa obra de Cícero.⁵⁵

Essas virtudes presentes no discurso ciceroniano figuram em dois retratos emblemáticos no que se refere à imagem da *uirtus* romana. Catão e César descritos por Salústio, em *A conspiração de Catilina*, tiveram sua imagem imortalizada como símbolos de uma conduta romana que, segundo o historiador, viria a desaparecer nos tempos seguintes na aristocracia. O historiador abre a composição notabilizando o valor desses generais dignos de memória, tendo em vista a decadência da *uirtus* em Roma:

⁵³ CIC., *Man.*, 49. Cícero emprega alguns sinônimos, trocando *res militaris* por *bellum* e *felicitas* por *fortuna*.

⁵⁴ CIC., *Man.*, 36.

⁵⁵ DEVILLERS, 2005, p. 367.

Sed memoria mea ingenti uirtute, diuorsis moribus fuere uiri duo, M. Cato et C. Caesar. Quos quoniam res obtulerat, silentio praeterire non fuit consilium, quin utriusque naturam et mores, quantum ingenio possum, aperirem.

Ora, segundo me lembro, houve dois homens de enorme virtude, de caráter diverso, Marco Catão e Caio César. Uma vez que o tema os apresenta, decidi não deixar que passassem em silêncio, revelando, na medida de meu engenho, a natureza e o caráter de um e outro.⁵⁶

Embora de caráter diferentes, Catão e César representam para Salústio exemplos de *ingens uirtus* que não devem ser silenciados.⁵⁷ Tem-se aqui o uso de *uirtus* no singular e com um sentido que engloba traços éticos e militares, tendo em vista uma postura também política. Para falar dessa *uirtus*, o historiador recorre ao procedimento de decompô-la em outras virtudes que, no conjunto, sinalizam para a conduta orientada por ela. Apresentadas as semelhanças do percurso de vida de ambos, intercala as virtudes de um e outro, exemplificando diferentes modos pelo qual a *uirtus* pode se apresentar:

Igitur iis genus, aetas, eloquentia prope aequalia fuere, magnitudo animi par, item gloria, sed alia alii. 2 Caesar beneficiis ac munificentia magnus habebatur, integritate uitae Cato. Ille mansuetudine et misericordia clarus factus, huic seueritas dignitatem addiderat. 3 Caesar dando, subleuando, ignoscendo, Cato nihil largiundo gloriam adeptus est. In altero miseris perfugium erat, in altero malis pernicies. Illius facilitas, huius constantia laudabatur. 4 Postremo Caesar in animum induxerat laborare, uigilare; negotiis amicorum intentus sua neglegere, nihil denegare, quod dono dignum esset; sibi magnum imperium, exercitum, bellum nouum exoptabat, ubi uirtus enitescere posset. 5 At Catoni studium modestiae, decoris, sed maxime seueritatis erat; 6 non diuitiis cum diuite neque factione cum factioso, sed cum strenuo uirtute, cum modesto pudore, cum innocente abstinentia certabat; esse quam uideri bonus malebat: ita, quo minus petebat gloriam, eo magis illum sequebatur.

Então, eram de estirpe, idade, eloquência, quase iguais; semelhante era a magnanimidade, igualmente a glória, mas em cada um de um tipo diferente. 2. César era considerado grandioso pelos benefícios e pela generosidade; pela integridade de sua vida, Catão. Aquele tornou-se célebre pela brandura e misericórdia, a este a severidade conferira dignidade. 3. César conquistou a glória distribuindo, ajudando, perdoando, Catão, nada prodigalizando. Num havia o refúgio dos miseráveis, no outro, a ruína dos maus. Louvavam-se a afabilidade daquele, a constância deste. 4. Por fim, César decidira-se pelo labor, pela vigília, pela atenção aos negócios dos amigos em negligência dos seus, pela não recusa do que merecesse ser concedido; buscava um grande comando, um exército, uma nova guerra onde seu valor pudesse brilhar. 5. Catão, por outro lado, tinha um grande desejo de moderação, de glória, mas sobretudo, de severidade. 6. Não disputava em riquezas com o rico, nem em violência com o violento, mas em valor com o bravo, em pudor com o modesto, em desinteresse com o inocente. Preferia ser a parecer bom; assim, quanto menos buscava a glória, tanto mais ela o seguia.⁵⁸

⁵⁶ SAL., *Cat.*, 53.6. Tradução de Adriano Scatolin.

⁵⁷ Interessante notar que Tácito emprega formulação semelhante quanto a não silenciar virtudes em *Ann.*, 3.65.

⁵⁸ SAL., *Cat.*, 53.4-54.6. Tradução de Adriano Scatolin.

Observamos uma série de qualidades que desenham a conduta de cada uma das personagens, mostrando diferentes homens de *uirtus*. O termo é empregado duas vezes, referindo-se uma vez a César e outra, a Catão e sua nuance se depreende a partir das virtudes relacionadas a eles. Veja-se que, ao tratar de César, Salústio explicita a busca pela demonstração de *uirtus* no contexto marcial: ali, César gostaria de brilhar. Catão, por sua vez, demonstra *uirtus* no embate com aquele que é *strenuus*. Esse adjetivo qualifica o bravo, forte, intrépido. A contraposição colocada é interessante, pois, mesmo que não seja no contexto bélico e assuntos afins, o valor de Catão é destacado pela sobreposição a valores que também, mas não só, são necessários no âmbito militar. Note-se que o tradutor opta por traduzir *uirtus* por valor nesses dois momentos do texto. De fato, na passagem, o conceito de *uirtus* parece reunir e se deslocar facilmente entre coragem marcial e comportamento ético. Vejamos as qualidades atribuídas às personagens:

César	Catão
<i>beneficium</i>	<i>constantia</i>
<i>facilitas</i>	<i>decorum</i>
<i>mansuetudo</i>	<i>dignitas</i>
<i>misericordia</i>	<i>integritas</i>
<i>munificentia</i>	<i>modestia</i>
	<i>seueritas</i>

Notamos que as características atribuídas a César são em maior parte relativas à sua postura frente ao outro, dignas daquele que comanda. Quanto a Catão, exceto pela *seueritas*, temos qualidades de cunho ético, que revelam sua conduta não necessariamente quanto ao outro, mas quanto a valores importantes na conduta individual.⁵⁹ Seu retrato se funda fortemente sobre a *modestia* e a *seueritas*, essa última mencionada duas vezes, e a primeira aparece novamente pela forma do adjetivo *modestus*, indicando a necessidade de Catão de mostrar-se o mais comedido possível.⁶⁰ Enfim, com a antítese de comportamento na descrição das duas personagens, Salústio parece apontar para a fragmentação do conceito de *uirtus* ao final da República, simbolizando a crise que se instaura nesse período. De fato, tal obra salustiana é consagrada ao tratamento da corrupção de valores romanos, que teria levado a uma crise ou decadência da República

⁵⁹ Sobre a oposição de cada qualidade especificamente, ver Batstone (1988).

⁶⁰ Sobre a síncrese do retrato de Catão e César: Balmaceda (2017); Batstone (1988); Sklenář (1998) e Syme (1964 *apud* Batstone, 1988). McDonnell (2006, p. 382 e ss.) compara as personagens de modo a mostrar como César representa a tradicional *uirtus* romana e Catão uma *uirtus* influenciada pela *areté* grega.

romana,⁶¹ um tema bastante comum na literatura a partir do segundo século a.C. Assim como Salústio, Tito Lívio também aborda o declínio da República, que ele associa igualmente à transformação das virtudes em vícios, com o advento da guerra civil, e ainda ao apagamento da antiga disciplina.⁶² Essa visão da crise republicana, ainda que apareça em algumas obras,⁶³ pode ser relativizada na medida em que nela se atribui como causa da crise romana a política expansionista, o que teria perturbado a manutenção das virtudes romanas.

A *uirtus* nesse contexto é importante porque observa-se já nessas narrativas não só a dificuldade de manifestação de tal valor, como também uma *uirtus* deturpada, produto desse contexto, representada por Catilina, a quem Salústio descreve: “Lúcio Catilina, oriundo de linhagem nobre, tinha grande vigor intelectual e físico, mas uma índole perversa e depravada” (*L. Catilina, nobili genere natus, fuit magna ui et animi et corporis, sed ingenio malo prauoque*).⁶⁴

Esses retratos e as passagens ciceronianas são do mesmo modo deveras importantes para pensar no valor político da *uirtus*, especialmente quanto a suas mudanças sob a República. Tais narrativas representam um contexto que culmina na deflagração da *uirtus* e, mais tarde, na apropriação de tal valor pelo *princeps*, conforme observamos no escudo de Augusto. Com efeito, discute-se nessas obras uma das tensões concernentes às qualidades individuais, colocando-se em xeque uma *uirtus* de caráter hereditário, transmitida através da história de *gloria* dos grandes nomes da aristocracia romana. Cícero, por exemplo, era um *homo nouus* e reivindicou a si uma *uirtus* que não fora demonstrada no campo de batalha.⁶⁵ O orador aceitou o *cursus honorum*, a carreira política romana, sem ter tido ancestrais que nele seguiram. Estrategicamente, a fim de mostrar a relevância de seu valor, Cícero notadamente desloca a *uirtus* do campo militar, onde *a priori* se adquiria *gloria*, para o campo político. E, além disso, constrói a ideia de escrita como um ato político, um meio de servir à *res publica*, sem que isso configurasse

⁶¹ Veja-se por exemplo Vassiliades (2019).

⁶² Tito Lívio, *praef.*, 9. Ver também Vassiliades (2019) e Marques (2007).

⁶³ Vassiliades (2019) cita os seguintes autores antigos que pelo menos tocaram no tema: Catão, o Velho, Calpúrnio Pisão, Políbio, Posidônio e Cícero. Além disso, vale notar que a queda da República romana teve notável interesse na modernidade, tendo como um dos primeiros pensadores sobre o tema Montesquieu e Gibbon (Vassiliades, 2019, p. 108; von Ungern-Sternberg, 2014, p. 79). Para outras interpretações sobre os motivos que levaram à crise e à queda da República, von Ungern-Sternberg (2014).

⁶⁴ SAL., *Cat.*, 5.1. Tradução de Adriano Scatolin.

⁶⁵ Segundo McDonnell (2006, p. 350), Cícero compara seu consulado a uma guerra, conseguindo salvar a *res publica* como um homem militar, o que lhe confere destaque político. Cf. nota 34 *supra*: Cícero coloca o orador em pé de igualdade com o comandante militar no que concerne à *dignitas*. Vide também BALMACEDA, 2017, p. 45.

otium ou *ignavia*. Com isso, a tarefa do orador também passa a ser digna de *gloria*, como dissemos, uma recompensa do homem de *uirtus*. Catão, o Jovem, ainda que tivesse um ancestral consular, originava-se de uma família plebeia e a atribuição de *uirtus* por Salústio, ele próprio um *homo nouus*, destaca esses traços individuais.⁶⁶

Virtus: uma disputa política

Hellegouarc’h argumenta que a *uirtus* sob a República era um “elemento intelectual e moral da *nobilitas*”, entendida como um “conjunto de qualidades pessoais de inteligência e da alma que podem criar uma capacidade política”.⁶⁷ Nesse sentido, afirma Earl, *uirtus* é frequentemente associada a qualidades morais como “frugalidade, afabilidade, simplicidade e coragem; honestidade e modéstia, bom senso e prudência”.⁶⁸

De acordo com essa definição, sabe-se que até determinado momento a manifestação de *uirtus* era possível apenas pela *nobilitas*, uma classe que dispunha de *genus, diuitiae* e *opes*, ou seja, origens, riquezas e forças. Além disso, seus membros eram favorecidos pela *fortuna*; geralmente chegavam a exercer o consulado. No entanto, para isso, essa classe aristocrata deveria demonstrar *uirtus*, nesse caso advinda não de qualidades pessoais, mas da *fama* adquirida pelo renome familiar e pelo serviço à República, perpetuados como *exempla* na tradição encomiástica e louvados nos elogios fúnebres, como já comentamos.⁶⁹ Como *a priori* a concepção de *uirtus* não levava em conta a ideia de virtude como um traço pessoal, excluía aqueles não pertencentes à nobreza. Contudo, ao fim da República, essa ideia será reinterpretada devido à reivindicação dos *homines noui* pelo acesso ao consulado e, nesse sentido, também pelo direito de se distinguirem pela *uirtus*, visto que dispunham de virtudes próprias, como indivíduos: as virtudes pessoais passaram a ser mais reconhecidas do que o *genus*, ou

⁶⁶ Vale notar que também Salústio, no prefácio de *A conspiração de Catilina*, considera a escrita da história, carreira que escolheu, uma forma de se tornar ilustre e obter *gloria*. Vide Scatolin (2015, paginação irregular).

⁶⁷ HELLEGOUARC’H, 1963, p. 242: “l’ensemble de qualités personnelles d’intelligence et d’âme qui peuvent créer une capacité politique”.

⁶⁸ EARL, 1967, p. 71: “frugality, agreeability, simplicity, and courage; honesty and modesty; good sense and prudence”.

⁶⁹ Com a reivindicação do consulado pelos *homines noui*, as virtudes individuais passam a ser mais importantes e a integrarem mais claramente a compreensão de *uirtus*. Além disso, no Principado, com a presença desses homens no consulado, a ideia de *nobilitas* perde importância. Vide Earl (1967, p. 49 e ss.). Cf.: BADEL. C. **La noblesse de l’Empire Romain: les masques et la vertu**. Seyssel: Champ Vallon, 2005.

seja, a linhagem ou a família.⁷⁰ Cícero evidencia essas questões ao falar de Catão, o Velho, destacando o fato de ele ser *nouus*, mas um exemplo de *industria* e *uirtus*, no primeiro livro do *Sobre a república*, 1.1: “Na verdade, a Marco Catão, homem desconhecido e novo, por quem, – como um modelo para todos nós que nos dedicamos às mesmas coisas – somos, por assim dizer, conduzidos à ação e à virtude” (*M. uero Catoni homini ignoto et nouo, quo omnes qui isdem rebus studemus quasi exemplari ad industriam uirtutemque ducimur*).⁷¹

Além dos exemplos citados sobre o enfoque e importância nas virtudes pessoais para a manifestação da *uirtus*, o discurso de Mário, em Salústio, é outra fonte romana que ilustra essa disputa política e ideológica.⁷² Citamos um breve trecho que condensa a questão em debate:

Maiores eorum omnia quae licebat illis reliquere, diuitias, imagines, memoriam sui praeclaram; uirtutem non reliquere, neque poterant: ea sola neque datur dono neque accipitur.

Legaram-lhes os antepassados tudo que lhes foi possível: riquezas, imagens, um passado ilustre; virtude é que não lhes legaram e nem podiam; é a única coisa que não se dá nem se recebe de presente.⁷³

Salústio evoca esse questionamento da *uirtus* da nobreza na obra *A guerra de Jugurta*. No longo discurso do general Gaio Mário, cônsul diversas vezes depois que entrou na carreira política, há diversas acusações à *nobilitas*, que não faz jus ao título de *uirtus*. No excerto acima, Mário evoca elementos característicos dessa classe, já mencionados, que contribuem para a transmissão de uma *gloria maiorum* numa mesma família, cuja *uirtus* torna-se conhecida e um exemplo à posteridade. Nos últimos anos da República, ainda que tenha havido uma alteração da ideia de *uirtus* em relação à classe social, mantém-se em sua concepção a ligação entre tal qualidade e o serviço à *res publica*.⁷⁴ Sua manifestação só existe, portanto, pela realização de grandes feitos, pela prova de uma conduta exemplar a serviço do bem público, o que leva à glória. Esses

⁷⁰ Cf. MARTIN, P. M. *Le mos maiorum* et l'idéologie *popularis*. In: BAKHOUCHE, B. *L'Ancienneté chez les Anciens I. La vieillesse dans les sociétés antiques: la Grèce et Rome*. Montpellier: Publication Montpellier 3, p. 155-168, 2003.

⁷¹ Tradução de Isadora Prévêde Bernardo. Além de Cícero, também Salústio e Tito Lívio descrevem em suas obras essa transformação ideológica acerca da manifestação de *uirtus*. Vide o estudo de Balmaceda (2017) sobre *uirtus* nestes dois historiadores e Sarsila (1981).

⁷² Cf. SECQ, F. *An Analysis of Gaius Marius' Speech in Bellum Jugurthinum 85*. Disponível em: https://www.academia.edu/9254942/An_Analysis_of_Gaius_Marius_Speech_in_Sallust_Bellum_Jugurthinum_85. Acesso em 20.10.18.

⁷³ SAL., *Jug.*, 85.38. Tradução de Antônio Silveira Mendonça.

⁷⁴ Cícero, no *Sobre a república*, 1.12, considera a *uirtus* um atributo próprio do governante.

homens, em geral, serão dignos de exemplo. Ainda que houvesse figuras exemplares ao fim do período republicano, as obras de Tito Lívio e Salústio relatam a corrupção dos valores pessoais e como vícios, como a luxúria e a ambição, tomaram conta da sociedade, que não teve mais medidas na busca pelo poder.⁷⁵ Nesse contexto, Augusto se apresenta como um grande líder capaz de colocar ordem na casa após os prejuízos da guerra civil.

Ao assumir esse papel, sob o título de *princeps senatus*, Augusto será honrado com um escudo em que a *uirtus* se inscreve e a ele pertenceria toda a *gloria* dela advinda. Como vimos anteriormente, Augusto será dotado de qualidades tradicionais romanas, representando o poder tanto militar, quanto de governo. Com isso, ao longo do Principado desenvolve-se esse sistema em que apenas ao imperador pertence a glória militar e a manifestação da *uirtus*: é do mais alto líder que se espera a manifestação de um caráter e conduta exemplares. Dessa forma, a aristocracia imperial, seja *nobilitas* ou *homines noui*, perde o direito de expressar seu valor nesse novo regime mesmo quando a serviço da *res publica*, algo que será acentuado ao longo do Principado. Com efeito, embora a *uirtus* estivesse intimamente associada à representação do imperador, outros – parte do senado ou homens militares – também acabavam por demonstrar suas virtudes individuais, uma vez que a conquista da *gloria* ainda permaneceu sólida na cultura imperial. Assim, aqueles que a alcançavam, punham-se provavelmente em risco, tornando-se uma ameaça à soberania do *princeps*, ao demonstrar a *uirtus* que só ele deveria deter. Quando a aristocracia imperial dá provas de seu valor, ela rivaliza com o príncipe romano.⁷⁶

A obra de Tácito, nesse contexto, lega uma memória sobre a manifestação da *uirtus* nesse novo sistema político. Nosso intuito é verificar os procedimentos pelos quais o historiador representa a *uirtus* dos agentes atuantes sob o Principado. É notável que os prefácios taciteanos indiquem a importância que o autor confere a esse tema: vê-se a preocupação em dar lugar à memória de *exempla uirtutis*. Porém, se a *uirtus* pertencia ao príncipe, como Tácito observa tal valor em outros atores históricos? Nesse sentido, perguntamo-nos, o que é a *uirtus* na obra taciteana? Com efeito, em Tácito, encontraremos pouco a atribuição direta do termo *uirtus* a alguma personagem. Entretanto, as considerações que expusemos sobre esse conceito nortearão nossa análise. As proposições ciceronianas sobre a *uirtus*, por exemplo, bem como os retratos elaborados por Salústio, oferecem recursos de análise na medida em que Tácito parece

⁷⁵ MARQUES, 2007, p. 183.

⁷⁶ SAILOR, 2008, p. 52.

lançar mão de um vocabulário republicano para tratar da *uirtus*. Todavia, nossa tese é de que por meio de um mesmo conjunto lexical, o historiador reescreve a *uirtus* sob o Principado.

Para verificar tal hipótese, escolhemos como *corpus* os retratos de personagens secundárias em Tácito. Interessa-nos sobremaneira observar a construção daqueles que interagem com o príncipe e que eventualmente se tornaram um *exemplum*. No entanto, antes de apresentarmos as personagens que analisaremos, é necessário introduzir algumas questões a respeito das relações que percebemos entre o *exemplum*, um recurso comum à obra historiográfica antiga, e a *uirtus* na obra taciteana.

Exempla em Tácito: condutas sob o Principado

Ao fim do terceiro livro dos *Anais*, Tácito faz uma breve digressão sobre o que considera ser o dever da história, trazendo uma reflexão que também envolve a ideia de aprendizado pelo exemplo e a memória de modelos de comportamentos, sejam eles positivos ou negativos:

Exsequi sententias haud institui nisi insignis per honestum aut notabili dedecore, quod praecipuum munus annalium reor, ne uirtutes sileantur utque prauis dictis factisque ex posteritate et infamia metus sit. ² *Ceterum tempora illa adeo infecta et adulatione sordida fuere ut non modo primores ciuitatis, quibus claritudo sua obsequiis protegenda erat, sed omnes consulares, magna pars eorum qui praetura functi multique etiam pedarii senatores certatim exsurgerent foedaque et nimia censerent.*

Decidi não relatar essas sentenças a não ser que fossem célebres pela honestidade ou vergonhosamente notáveis, porque julgo que o dever primeiro dos anais é não deixar que virtudes sejam silenciadas e fazer com que ditos e feitos depravados tenham medo da posteridade e da má fama. De resto, aqueles tempos foram a tal ponto contaminados por uma sórdida adulação, que não só os mais importantes cidadãos tiveram que proteger sua reputação por meio da obediência, mas também todos os consulares, grande parte ex-prettores, e muitos senadores ainda novatos se levantavam um contra o outro, propondo sentenças vergonhosas e desmedidas.¹

Tácito se coloca como tarefas então tanto evitar que virtudes sejam silenciadas, quanto que atos exemplos de desvio moral não escapem ao julgamento dos pósteros. Tratar desses últimos torna-se inevitável, visto que um sistema político contaminado pela adulação² e por uma obediência servil só poderia atestar tal espécie de *exemplum*. Embora a historiografia antiga em muito tenha se ocupado de perpetuar a grandiosidade dos homens e de seus feitos, Tácito, em relação a seus antecessores, precisa lidar com um material que vai na contramão dessa proposta, não só porque os homens se renderam à adulação ao príncipe, mas também porque os cidadãos dignos de reconhecimento tiveram que ocultar seus feitos, como aponta esse historiador. Nesse sentido, sua obra acaba por

¹ TAC., *Ann.*, 3.65.1. Esse passo requer atenção devido às inúmeras interpretações que dele foram feitas. Turpin (2008, p. 361-3) resume a discussão no que concerne à ambiguidade do texto latino quanto ao pronome *quod*, que pode introduzir, no caso, uma oração explicativa ou uma relativa. Desse modo, é difícil dizer se no excerto “o principal dever dos anais” é em relação a transmitir discussões do senado ou não deixar que virtudes sejam silenciadas, interpretação essa que assumimos aqui. Woodman (1995) faz uma revisão detalhada das diversas interpretações e defende que *quod* tem função de pronome relativo. Além disso, questiona a tradução de *praecipuum* e *munus*. Veja-se Woodman (1995); Martin; Woodman (1996, p. 451).

² No texto latino, Tácito emprega *pedarius* para se referir aos senadores de uma posição ainda baixa, que traduzimos por “novato”. Segundo Martin e Woodman (1996, p. 456), eles pertenciam à classe pretoriana e Tácito, ao sublinhar essa diferença, sugere que a *adulatio* era algo entranhado em todo o senado.

trazer uma “crise de exemplaridade”, nos termos de Barchiesi,³ se levarmos em conta a dificuldade de expor naquele momento exemplos ilustrativos da tradição do *mos maiorum*.

Contudo, Tácito parece achar sentido na exposição daquilo que macula essa imagem grandiosa da história romana: os maus exemplos devem ser também immortalizados a fim de que sejam parâmetros de vergonha, de equívocos de conduta. Nesse sentido, além de perpetuar grandes feitos, o texto historiográfico pode assumir na tradição antiga um caráter instrutivo e os *exempla*, além de ilustrativos, podem ter um tom persuasivo.⁴ Esse destaque dado à exemplaridade do vício se apresentava já no Catilina de Salústio e é significativo que, na *Eneida*, uma imagem do escudo de Eneias contraponha Catilina a Catão, dois exemplos opostos de conduta moral:

*Hinc procul addit
Tartareas etiam sedes, alta ostia Ditis,
Et scelerum poenas, et te, Catilina, minaci
Pendentem scopulo Furiarumque ora trementem;
Secretosque pios, his dantem iura Catonem.*

Longe, o Tártaro abriu, Plutônias fauces
E os castigos da culpa; e a ti suspenso
Ó Catilina, de um minaz rochedo,
Ante as Fúrias tremendo; e à parte os justos,
A quem rígidas leis Catão ditava.⁵

Em Cícero, há uma clara reivindicação do caráter didático da obra de história; o orador afirma no *Sobre o orador*: a “história (é) o verdadeiro testemunho dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mensageira da antiguidade” (*[h]istoria uero testis temporum, lux ueritatis, uita memoriae, magistra uitae, nuntia uetustatis[...]*).⁶ Se a história ensina, é testemunho de uma época, há de se reconhecer seu tom pedagógico e também de edificação moral. Considerando isso, a escrita da história espousa a tradição dos *exempla* que na tradição romana já se apresentava nos elogios fúnebres, que celebravam a imagem de determinada personagem. O *exemplum* é de fato um preceito retórico antigo que, segundo Quintiliano, os “gregos chamam de *paradigmata*” (*Graeci uocant παράδειγμα*).⁷ O orador complementa ainda que “nós, para que mais facilmente expliquemos nosso propósito, acreditamos que um e outro são *παράδειγμα* e nós mesmos

³ BARCHIESI, 2009, p. 54.

⁴ Barchiesi (2009, p. 46) discute sobre dois aspectos do *exemplum* que, na verdade, conversam entre si: eles podem ser ilustrativos ou injuntivos, ou seja, uma categoria neutra ou utilizada para persuadir.

⁵ VERG., A., 8.666- 670.

⁶ CIC., *de Orat.*, 2.36. SEBASTIANI, 2006, p. 90.

⁷ QUINT., *Inst.*, 5.11.1. Cf. ARISTÓTELES, *Rhetorica*, 1393b (2005).

o chamaremos *exemplum*” (*Nos, quo facilius propositum explicemus, utrumque παράδειγμα esse credamus et ipsi appellemus exemplum*).⁸ Os *exempla*, então, funcionavam também como argumentos externos acrescentados aos discursos do orador, a fim de persuadir seus ouvintes, sendo ainda mais profícuo no gênero demonstrativo (ou epidítico),⁹ gênero da oratória em grande medida próximo à história, como assinalara Cícero (*huic generi historia finitima est*).¹⁰

Tito Lívio foi outro historiador do período imperial que utilizou abundantemente desse recurso em sua obra, tema sobre o qual se debruçou Jane Chaplin (2000). A autora considera que os *exempla* na obra de Lívio são uma forma de aprender com o passado, alinhando-se à visão ciceroniana de história.¹¹ Sebastiani (2014) do mesmo modo considera que uma das leituras dos *exempla* nesse historiador é pelo viés eticopedagógico, ou seja, aquele “elaborado para nortear e avaliar o cidadão romano no pleno exercício de seus direitos políticos”.¹² O estudioso acrescenta ainda que os *exempla* podem assumir as vezes de um exemplo historiográfico, que diz respeito aos exemplos que o próprio historiador imita seguindo preceitos programáticos do gênero a partir de outros autores, mas ao mesmo tempo inovando a partir da leitura de *exempla*.¹³ Nesse sentido, podemos considerar a analogia entre o uso de exemplos na literatura e na escrita da literatura. Tal ideia de exemplo historiográfico nos faz pensar na reflexão de Barchiesi sobre a imitação literária, que tal como os *exempla* históricos, também está relacionada à “singularidade e à seriedade: a primeira é uma reprodução idêntica, a segunda usa um modelo abstrato como uma matriz para novos produtos diferenciados por variações superficiais”, de onde advém, então, a diferença entre “*modello esemplare*” e “*modello genere*”.¹⁴ Tácito, por

⁸ QUINT., *Inst.*, 5.11.2.

⁹ QUINT., *Inst.*, 5.11.8: “Também no que diremos que irá acontecer é útil a evocação de exemplos” (*Etiam in iis quae futura dicemus, utilis similium admonitio est [...]*). Quintiliano trata do gênero demonstrativo no livro 3, ao longo dos capítulos 4 e 7. No livro 5 (11.7-12), ele fornece alguns tipos de *exempla*.

¹⁰ CIC., *Orat.*, 20.66: “A história é muito próxima desse gênero [oratória]”. Cícero argumenta fortemente em prol da proximidade entre esses dois gêneros de escrita. No *Sobre o orador*, 2.62, a personagem do diálogo, Antônio, sugere que a escrita da história é dever do orador (*Sed illuc redeo: uidetisne, quantum munus sit oratoris historia?* “Mas volto a este ponto: acaso percebeis que a história é grandioso dever do orador?”) e, em seguida, que seus *fundamenta* e *exaedificatio* devem ser inspirados nos preceitos do gênero demonstrativo. Ver também, *de Orat.*, 2.36 (cf. nota 18): [...] *qua uoce alia nisi oratoris immortalitati commendatur?* “por que voz senão a do orador será confiada à posteridade”). E ainda, CIC., *Leg.*, 1.5 ([*historia*] *opus...unum hoc oratorium maxime*). Para a teorização ciceroniana acerca do gênero historiográfico romano, vide: Chiappeta (1996); Martin e Gaillard (1981); Sebastiani (2006); Woodman (1988, p. 70-116).

¹¹ CHAPLIN, 2000, p. 04. Veja-se também Sebastiani (2014).

¹² SEBASTIANI, 2006, p. 89-90.

¹³ Sobre os exórdios em Tito Lívio, vide Sebastiani (2014); Antikeira (2008).

¹⁴ BARCHIESI, 2009, p. 46: “uniqueness and with seriality: the first is one-on-one reproduction, the second is using an abstract model as a matrix for new product differentiated by surface variations.”

sua vez, escreverá em diálogo com essa tradição, tratando-a como um modelo a ser emulado.¹⁵

No que se costuma chamar de segundo prefácio dos *Anais*,¹⁶ capítulo que marca a transição do ano 24 para o ano 25 d.C., podemos observar como Tácito absorve um *exemplum*-historiográfico e considera o caráter pedagógico da história:

Pleraque eorum quae retulli quaeque referam parua forsitan et leuia memoratu uideri non nescius sum: sed nemo annalis nostros cum scriptura eorum contenderit qui ueteres populi Romani res composuere.

Não ignoro que muitos fatos que relatei e outros que ainda relatarei talvez pareçam pequenos e insignificantes: mas ninguém confrontará nossos anais com a escrita daqueles que compuseram os antigos feitos do povo romano.¹⁷

Tácito lamenta a pequenez dos fatos que relata, considerando a grandeza dos temas tratados por seus antecessores.¹⁸ Porém, ele mesmo sugere que a narrativa de fatos aparentemente irrelevantes pode ser útil, na medida em que podem modificar o futuro. Segundo o historiador, “todavia, não será inútil sondar o que à primeira vista teria parecido irrelevante, pois que disso muitas vezes se origina o movimento de coisas grandiosas” (*non tamen sine usu fuerit introspicere illa primo aspectu leuia ex quis magnarum saepe rerum motus oriuntur*).¹⁹ E aqui vale chamar a atenção para a repetição do adjetivo *leuis* ligado à ideia de aparência nos dois excertos (*aspectus*; *uideor*). Na digressão que se segue no próximo capítulo, o historiador justifica o fato de trazer eventos passados e presentes, tendo em vista que o contraste serve a educar aqueles que não têm capacidade de discernir o melhor a ser feito de modo prudente:

[...]sic, conuerso statu neque alia rerum <salute> quam si unus imperitet, haec conquiri tradique in rem fuerit, quia pauci prudentia honesta ab deterioribus, utilia ab noxiis discernunt, plures aliorum euentis docentur.

Assim, mudada a conjuntura, e que outra salvação do Estado não há senão que um único homem o comande, torna-se útil reunir e transmitir esses fatos, porque poucos com prudência as coisas dignas das inapropriadas, ou as úteis das nocivas distinguem, então a maioria é ensinada por acontecimentos alheios.²⁰

¹⁵ A respeito da imitação na tradição historiográfica: QUINT., *Inst.*, 10.2.1. Ainda MARINCOLA, 1997, p. 12-15.

¹⁶ WOODMAN, 2018, p. 172. O autor do comentário considera que o capítulo, elaborado como uma digressão em composição anular, apresenta um conteúdo programático, adequado a prefácios. Woodman explicita ainda que a escrita do que se chama “segundo prefácio” era característica de diferentes gêneros antigos.

¹⁷ TAC., *Ann.*, 4.32.1.

¹⁸ De acordo com Woodman (2018, p. 175), há uma alusão à obra de Tito Lívio.

¹⁹ TAC., *Ann.*, 4.32.2.

²⁰ TAC., *Ann.*, 4.33.2.

Tendo em vista tais excertos, notamos primeiramente que o historiador imita um exemplo: o historiográfico. Nesse sentido, ele se filia à tradição historiográfica exemplar, abordando *tópoi* do gênero em seu prefácio, a saber: explica o teor de sua narrativa, compara-se a autores precedentes e menciona a utilidade de sua escrita. Entretanto, Tácito surpreende quando, ao invés de falar da grandiosidade da história, da matéria de sua escrita, inferioriza-se em relação a seus precedentes. A chamada *amplificatio* do tema era parte da tradição historiográfica antiga.²¹ Ademais, ele inova ao apresentar um exórdio pontual no primeiro livro e a menção aos *tópoi* da escrita do gênero nesta digressão no livro 4.²² Em segundo lugar, podemos notar que também fará uso de exemplos eticopedagógicos, provenientes de fatos aparentemente menores, mas que servem àqueles que sozinhos não distinguem o bom do mau exemplo. Ele identifica claramente que sua escrita tem o intuito de ensinar. Assim, fatos menores e *mala exempla* cumprem papel importante na obra taciteana. Isso fica evidente também no relato das *Histórias*, em que um soldado que aceitava adquirir glória por ter assassinado o próprio irmão é *exemplum* contrastivo com soldados de outrora que, tendo cometido o mesmo crime, achavam-se indignos dela, preferindo a morte. Desse modo, o passado serve para ilustrar que

tanto acrior apud maiores, sicut uirtutibus gloria, ita flagitiis paenitentia fuit. sed haec aliaque ex uetere memoria petita, quotiens res locusque exempla recti aut solacia mali poscet, haud absurde memorabimus.

tanto mais pungente entre os antigos, tal como a glória através das virtudes, era também o arrependimento pelo crime. Mas esse e outros fatos solicitados da inveterada memória não sem propósito relembremos quantas vezes o contexto e o espaço exijam exemplos do que é correto ou alívio dos males.²³

De acordo com William Turpin (2008), *mala exempla* instruem quanto ao que não se deve fazer ou imitar. Uma assertiva de Sêneca a Lucílio vai nesse sentido e alinha-se à ideia de Tácito, de fazer com que exemplos negativos tenham vergonha da posteridade: “Ora, não compreendes que os maus exemplos redundam contra os que os dão?” (*Age, ne hoc quidem intellegitis, mala exempla in eos redundare qui faciunt?*)²⁴

Não obstante as passagens em que Tácito evoca o potencial educativo dos exemplos que apresenta, uma concepção moralizante de sua obra tende a ser relativizada. Entretanto, e resgatando uma leitura de cunho moral, Turpin explora os *exempla* em

²¹ Sobre o tema da *amplificatio*, veja-se MARINCOLA, 1997, p. 34 e ss. A respeito de como Tácito trabalha com esse *tópos* vide, por exemplo, MARQUES, 2010, p. 49; MARTIN; WOODMAN, 1999, p. 165; WOODMAN, 2018, p. 172.

²² Sobre essa discussão, vide Woodman (1988, p. 182 e ss).

²³ TAC., *Hist.* 3.51.2.

²⁴ SEN. *Ep.*, 7.5.

Tácito, não apenas como parte da preceptística do gênero, mas em sua estreita relação com o exemplo moral na filosofia estoica, importante meio de instrução a ser trabalhado de diversas maneiras e com finalidades distintas.²⁵ Segundo Turpin,

Seja útil ou não pensar numa “história estoica”, ideias estoicas sobre ensinamento moral ao menos ajudam a explicar porque *exempla* eram tão proveitosos: falta às pessoas o *insight* para fazer as escolhas certas, ou a força para sustentá-las, e a reflexão sobre as ações dos outros poderia ajudar em ambos os casos. E certamente não é coincidência que os mais elaborados *exempla* nos *Anais* envolvam três estoicos proeminentes.²⁶

Com isso, o estudioso busca reafirmar a importância dos *exempla* morais em Tácito e como ele reconhece que a moral estoica pode ser ilustrativa para as tomadas de decisão. Nesse sentido, esses *exempla* servem aos leitores como amostra de diferentes condutas e consequências no que se refere à oposição política ao príncipe e, diríamos, da manifestação de virtudes: “seus leitores podem terminar por tomar diferentes decisões sobre como lidar com imperadores, especialmente com tiranos”.²⁷

As diferentes condutas que Tácito relata revelam diferentes manifestações de *uirtus* sob o Principado. Nesse sentido, os *exempla* se constituem também como *exempla uirtutis*, aos quais o historiador confere bastante atenção. Ele não foca em apenas caracterizar o príncipe, mas também outras figuras importantes para a compreensão do contexto do Principado e mesmo dos próprios imperadores. A exposição desses outros atores sob o regime e então dos *exempla uirtutis*, para além de uma proposta pedagógico-moral, reflete outra questão importante na obra taciteana: a possibilidade de uma escrita digna de *uirtus*, digamos assim, que conceda espaço às virtudes que durante anos foram silenciadas.

²⁵ Turpin (2008, p. 365) elenca seis motivos pelos quais os *exempla* eram importantes no estoicismo e, também, em Tácito: 1) eram inspiração moral tanto quanto preceitos morais; 2) como as pessoas não tinham que ser perfeitas, então, elas podiam, mesmo com defeitos, serem modelos de inspiração; 3) maus comportamentos também podem servir como advertência; 4) a morte de personagens também eram bons (ou maus) exemplos que inspiravam as pessoas; 5) *exempla* servem para reflexão moral; e 6) um indivíduo pode se tornar um *exemplum* para inspirar outros.

²⁶ TURPIN, 2008, p. 395: “Whether or not it is helpful to think of “Stoic history”, Stoic ideas about moral teaching at least help explain why *exempla* were so useful: people lack the insight to make the right choices, or the strength to stick to them, and reflecting on the actions of others could help on both fronts. And it is surely no coincidence that the most elaborate *exempla* in the *Annals* involve three prominent Stoics”.

²⁷ TURPIN, 2008, p. 378: “His readers might end up making different decisions about how to deal with emperors, and especially with tyrants”.

Para que possamos completar nosso raciocínio a esse respeito, faz-se necessário abordar outro tópico historiográfico presente em sua obra, a questão da imparcialidade.²⁸ Tal aspecto abre-nos caminho para pensar na crise da exemplaridade que Tácito mostrará, relacionada com uma crise de representação por meio da escrita no Principado.²⁹ Nas *Histórias*, o autor menciona a qualidade do trabalho daqueles que escreveram antes dele: “os feitos do povo romano foram rememorados com igual eloquência e liberdade” (*res Populi Romani memorabantur pari eloquentia ac libertate*).³⁰ Entretanto, o advento de Augusto fez cessar uma escrita imparcial da história, segundo Tácito: “depois da guerra no Ácio e que todo o poder foi conferido a uma única pessoa, havendo paz, acabaram-se aqueles grandes talentos” (*postquam bellatum apud Actium atque omnem potentiam ad unum conferri pacis interfuit, magna illa ingenia cessere*),³¹ pois passaram a escrever pelo “desejo de adular ou pelo ódio aos que dominavam” (*libidine adstanti aut rursus odio aduersus dominantes*). Nos *Anais*, Tácito expressa em termos muito semelhantes que: “tanto os sucessos, quanto as adversidades do antigo povo romano foram rememorados por renomados escritores” (*Sed ueteris populi Romani prospera uel aduersa claris scriptoribus memorata sunt*).³² A argumentação presente na obra anterior se repete, e Tácito afirma que, embora à época de Augusto não faltassem bons escritores, esse ofício foi “desestimulado pela crescente adulação” (*gliscente adulatione deterrentur*) e, depois, até Nero, as narrativas foram “compostas em meio ao recente ódio” (*recentibus odiis compositae sunt; Ann., 1.1.2*).³³ Nesse contexto, Tácito se coloca como capaz de narrar de modo imparcial: ele reivindica a si uma escrita *sine gratia aut ambitione, neque amore quisquam et sine odio, sine ira et studio*, no prefácio, respectivamente, do *Agrícola*, das *Histórias* e dos *Anais*. Esse *topos* já antigo foi também preceituado por Luciano de Samósata, em seu tratado *Como se deve escrever a história*, no qual ele indica essa premissa programática do gênero. Para o autor sírio, um historiador deve ser “sem medo, incorruptível, livre, amigo da franqueza e da verdade; como diz o poeta cômico,

²⁸ Sobre imparcialidade na tradição historiográfica antiga, Marincola (1997, 162 e ss.); Woodman (1988; esp. cap. 2)

²⁹ SAILOR, 2008, p. 03; p. 52 e *passim*.

³⁰ TAC., *Hist.*, 1.1.1.

³¹ *Ibidem*.

³² TAC., *Ann.* 1.1.2.

³³ Citando Joly (2001 *apud* Azevedo, 2012), Sarah Azevedo nota que nessa passagem três temporalidades da narrativa histórica são perceptíveis. Em resumo, o tempo da história republicana, em que havia veracidade na escrita da história; depois, o período augustano, que “compreende a mudança das narrativas, comprometendo a verdade”; e, por fim, no período dos sucessores de Augusto, as narrativas sobre o “presente não tiveram condições de atingir a verdade, por medo de dizê-la”, conforme a pesquisadora depreende do prefácio taciteano (Azevedo, 2012, p. 29).

alguém que chame o figo de figo e a gamela de gamela; alguém que não admita nem omita nada por ódio ou amizade; que a ninguém poupe, nem respeite, nem humilhe [...]”.³⁴ Segundo Woodman, a oposição amor e ódio ecoa uma formulação presente no *Pro Marcello*, de Cícero.³⁵ Tácito, portanto, joga com esse lugar retórico da imparcialidade para de certa maneira poder relatar exemplos de conduta que por causa da adulação não tiveram seu lugar garantido na história, ou para poder escrever o que outros autores não puderam. Se a possibilidade de perpetuar a narrativa de personagens que remetem a um *exemplum* no sentido antigo, que demonstre os grandes feitos e a atenção ao *mos maiorum* romano, é prejudicada pela forte adulação e servidão que se arraigou sob o Principado (tal como vimos em *Ann.*, 3.65), a própria escrita da história foi afetada por esses mesmos fatores. De acordo com Marincola, essa afirmação de imparcialidade era importante porque era claro que só se poderia adquirir alguma benevolência dos imperadores em troca de seu favorecimento.³⁶ Então, sob o pretexto da imparcialidade, o historiador oferecerá o relato de variados *exempla* sob o Principado que permaneceram silenciados.

As considerações taciteanas nos prefácios e o uso dos *exempla* para demonstrá-las se baseiam, assim, numa tradição historiográfica fundamentada em preceitos retóricos, como é o próprio emprego de *exempla*.³⁷ Ainda que esses textos sejam em grande medida elaborados a partir desses preceitos, podem também ser lidos

como um relato cronológico da própria época do autor e/ou de eventos anteriores a ele, contendo um esforço sistemático de representar uma série de eventos com base no exame crítico de relatos de outras fontes para uma audiência que tem acesso independente a fontes comparáveis, e isso com o objetivo de modificar condutas no futuro.³⁸

Além de prover objetos de reflexão para o futuro, a construção retórica não deixa de representar uma visão do historiador sobre como essas questões comprometeram, portanto, a transmissão dos ditos e feitos à posteridade e essa é uma preocupação que veremos na obra de Tácito no que concerne aos exemplos de *uirtus* sob o Principado. Ora, de acordo com o historiador, até o advento de Trajano como imperador uma narrativa comprometida com a verdade esteve ausente. Por causa disso, também não houve oportunidade para relatar exemplos de condutas que demonstrem *uirtus* na medida em

³⁴ LUCIANO, *Como se deve escrever a história*, 41. Tradução de Jacyntho Lins Brandão.

³⁵ WOODMAN, 1988, p. 165. A tópica da imparcialidade se apresenta também em CIC., *de Orat.*, 2.15.62 (*ne quae suspicio gratiae sit scribendo? ne quae simultatis?*); ver também Salústio (*Cat.*, 4.2)

³⁶ MARINCOLA, 1997, p. 166.

³⁷ Vide Woodman (1988).

³⁸ JOLY, 2017, p. 534.

que a adulação só poderia ver um *exemplum* no próprio príncipe. De fato, podemos considerar as *Res Gestae* de Augusto uma apropriação do recurso da exemplaridade para corroborar a si mesmo como o modelo mais alto a ser conservado a partir de sua ascensão ao poder.³⁹ Dessa maneira, ao salientar a importância de outros modelos, bons ou ruins, Tácito propõe uma história menos enviesada,⁴⁰ embora não deixe de representar ele mesmo a propagação de

uma memória específica sobre a República e o Principado tendo em vista a posição social do escritor e as possibilidades de atuação e sobrevivência política que vislumbrava no período que compôs seus textos, entre os principados de Nerva e Trajano. Sua escrita da história situa-se num contexto de competição aristocrática por honra, fenômeno já existente no período republicano, mas agora remodelado pela presença do imperador.⁴¹

Haja vista as considerações acima, pensamos que a despeito da capacidade pedagógica dos *exempla*, o que justifica tratar tanto dos bons quanto dos maus, esses assumem também a importância na obra taciteana da transmissão de modelos *per se*, tendo em vista a crise de representação que mencionamos. Ainda que Torrey Luce (1991) não advogue pelo uso didático dos *exempla*, como possibilidade de elevar moralmente seus leitores, concordamos que “para Tácito, a ênfase está na qualidade moral das ações individuais. O principal motivo disso é que o Principado era geralmente hostil à virtude (e.g. *Agr.* 1-2), porque aqueles no poder sentiam que a excelência de outros era uma reprovação de seus próprios defeitos”.⁴²

³⁹ Vide Lowrie (2007); Kraus (2005).

⁴⁰ Nesse sentido, vale mencionar brevemente que Tácito explica ao leitor que sua carreira senatorial se fez ao longo do principado, no entanto, somente sob Nerva e Trajano ele poderia escrever, mesmo sobre o passado, de maneira imparcial, livre do favorecimento obrigatório. Nota-se uma diferença no que concerne a Salústio e sua declaração sobre imparcialidade. O historiador afirma escrever de modo imparcial por ter justamente se afastado da carreira pública. Veja-se MARINCOLA, 1997, p. 165-7.

⁴¹ JOLY, 2017, p. 535.

⁴² LUCE, 1991, p. 2911: “For Tacitus the emphasis is upon the moral quality of individual actions. The chief reason is that the Principate was often hostile to virtue (e.g. *Agr.* 1-2) because those in power felt that excellence of others was a reproach to their own shortcomings”.

Exempla uirtutis

Talvez valha a pena retomar aqui alguns pontos de que viemos tratando. Iniciamos nosso raciocínio mostrando que a escrita da história, em Tácito, é um meio de evitar que tanto virtudes, quanto más condutas sejam silenciadas, não alcançando a posteridade. Com efeito, Tácito vê, na transmissão de exemplos negativos, uma possibilidade de ensinar aos outros, bem como demonstrar que a manifestação de virtudes sob o Principado foi em grande medida sufocada pela presença do príncipe e vencida pela excessiva adulação e servidão às quais se submeteram homens importantes. Esse sistema de governo influenciou não só a conduta dos mais distintos homens, mas também a escrita da história e a transmissão daqueles *exempla* dignos de louvor, que, pelos mesmos motivos, deixou-se de narrar de modo imparcial. Tendo isso em vista, mostramos que Tácito se insere numa tradição historiográfica que se utiliza de *exempla* na narrativa e, neles, identificamos três aspectos: numa dimensão mais formal, o historiador se apropria ou se inspira em exemplos historiográficos, os quais modifica, contudo, a fim de inovar seu próprio texto; ademais, oferece *exempla* do passado que podem instruir e, por fim, para além do fundo pedagógico, visam garantir que diversos *exempla* sejam transmitidos à posteridade, tal como um historiador imparcial no exercício de sua escrita, conforme ele se coloca em sua obra.

Quando dizemos imparcial, não perdemos de vista o tom retórico dessa pretensão do historiador. Trata-se de uma máscara que assume para sustentar o fato de que trará a público modelos que rivalizam com a presença do príncipe. De fato, Tácito confere largo espaço à dificuldade de se preservar a imagem de condutas que de fato mereciam destaque sob o Principado e isso se faz mais explícito na biografia do general Agrícola. Vejamos um passo do prefácio, em que o vocábulo *uirtus* aparece quatro vezes:¹

Clarorum uirorum facta moresque posteris tradere, antiquis usitatum, ne nostris quidem temporibus quamquam incuriosa suorum aetas omisit, quotiens magna aliqua ac nobilis uirtus uicit ac supergressa est uitium paruís magnis ciuitatibus commune, ignorantiam recti et inuidiam. ² *Sed apud priores ut agere digna memoratu pronum magisque in aperto erat, ita celeberrimus quisque ingenio ac prodendam uirtutis memoriam sine gratia aut ambitione bonae tantum conscientiae pretio ducebantur.* ³ *Ac plerique suam ipsi uitam narrare fiduciam potius morum quam adrogantiam arbitrati sunt, nec id Rutilio et Scauro citra fidem aut obtreccioni fuit: adeo uirtutes isdem temporibus optime aestimantur, quibus facillime gignuntur.* ⁴ *At nunc narraturo mihi uitam defuncti hominis uenia opus fuit, quam non petissem incusaturus: tam saeua et infesta uirtutibus tempora.*

¹ Vide Classen (1988).

Transmitir os feitos e os costumes dos homens ilustres ao pósteros, como há muito tempo é de costume, nem mesmo a nossa geração, ainda que negligente para com os seus, deixou de fazer todas as vezes que alguma **grande e nobre virtude** venceu e superou um erro comum das grandes às pequenas cidades: a ignorância e a inveja do justo. Mas, entre os antepassados, realizar coisas dignas de memória era mais fácil e havia um campo mais aberto, assim todos os homens conhecidos pelo engenho eram levados a **divulgar a memória da virtude sem parcialidade ou ambição**, mas pelo valor, tão somente, de uma boa consciência. De fato, muitos consideraram que narrar sua própria vida era antes confiança do que arrogância de caráter. Isso não foi motivo de desconfiança ou detração para Rútílio e Escauro, a tal ponto que as **virtudes são mais bem estimadas nos próprios tempos em que mais facilmente são geradas**. Mas agora a mim, que vou narrar a vida de um homem falecido, seria necessária uma licença que eu não pediria para fazer uma acusação, tão furiosos e **infestos são os tempos às virtudes**.²

O exórdio da obra em que Tácito homenageia o sogro traz uma avaliação dos costumes passados, como vimos, parte da transmissão da memória da aristocracia romana. Exaltando ainda mais essa tradição, as primeiras palavras do próêmio de Tácito evocam deveras as *Origines* de Catão, o Velho, figura louvada por diversos autores antigos.³ No excerto reproduzido acima, o historiador situa seu texto na tradição da celebração de homens ilustres, na qual (1) louvavam-se seus feitos e costumes e as vitórias realizadas através de uma nobre *uirtus* e (2) divulgava-se a memória da *uirtus* (*memoria uirtutis*) dos homens *sine gratia aut ambitione*. Dessa forma, Tácito se aproxima do costume das *laudationes funebres* e não poucas vezes sublinha essa proximidade com o biografado, o que confere à obra um largo tom de afetividade e seu caráter encomiástico.⁴ Além disso, Tácito aponta que (3) as virtudes são mais estimadas em momentos em que podem ser demonstradas mais livremente, referindo-se, portanto, ao fato de que num passado anterior ao Principado a expressão da *uirtus* era não só requerida, mas louvável. A reflexão taciteana sobre o passado introduz a problemática em que se insere como historiador: (4) para narrar a vida de um homem falecido, ele precisa de uma permissão, dados os tempos tão avessos às virtudes. O prefácio aponta, então, para a dificuldade de se transmitir os *exempla uirtutis*, ainda que isso tenha sido sempre uma tradição,

² TAC., *Agr.* 1.

³ BIRLEY, 2009, p. 47; DEVILLERS, 2007, p. 212; FORNI, 1962, p. 82; SOVERINI, 2004, p. 102; SYME, 1958, p. 120.

⁴ Sobre a *laudatio*, veja-se p. 07, acima. A estrutura da obra evidencia sua filiação retórica e encomiástica: com efeito, Tácito aborda todos os elementos preceituados no terceiro livro das *Instituições Oratórias*, de Quintiliano. A discussão acerca de seu gênero é ampla, visto que, apesar do prefácio, alguns pesquisadores consideram que há partes da biografia que são, na verdade, história. Soverini (2004, p. 09) aponta que se trata de “uma biografia *sui generis*”, que não se enquadra “nos cânones tradicionais do gênero”. Forni (1962, p. 13) enumera algumas nomenclaturas dadas ao *Agrícola* de Tácito, das quais citamos: “uma *laudatio funebris* escrita em atraso”, “uma biografia encomiástica ou laudatória”, “um panegírico mesclado de história”, “uma biografia elogiosa de tom libertário”. Ver Forni (1962) e Soverini (2004) para bibliografia adicional sobre a questão do gênero no *Agrícola*. Sobre biografia antiga, ver, por exemplo: Kraus (2006) e Stadter (2007).

principalmente se pensarmos no gênero dessa obra, bem como a própria impossibilidade de produzi-los à época. A biografia de Agrícola é publicada por volta de 98 d.C., quando uma nova dinastia imperial se inaugura e abre espaço, segundo o historiador, para a livre expressão literária e de *exempla*. Nesse caso específico, Tácito vê a possibilidade de compor um elogio a seu sogro e, nesse sentido, todo um exórdio retoricamente construído para ressaltar a dificuldade e a necessidade desse trabalho faz-se imperativo. Mas isso também indica o desejo de mostrar certo viés histórico muito particular ao próprio contexto do autor.

O problema da dificuldade de se expressar virtudes – seja como ação, seja na literatura – é registrado por Tácito também no prefácio das *Histórias*, obra posterior ao *Agrícola*. Ao descrever a situação do Império romano no ano de 69 d.C., ele afirma que “a nobreza, riquezas, feitos e honras foram desprezados em lugar do crime e [havia] uma morte mais que certa por causa das virtudes” (*nobilitas, opes, omissi gestique honores pro crimine et ob uirtutes certissimum exitium*).⁵ Tudo o que outrora era digno de valor tornou-se crime, sobretudo as virtudes: motivo de morte ou destruição. Apesar disso, o historiador emenda: “entretanto, este século não foi a tal ponto estéril de virtudes que não tenha produzido também bons exemplos” (*Non tamen adeo uirtutum sterile saeculum ut non et bona exempla prodiderit*).⁶ Tácito deixa saliente em sua narrativa que ele relatará um período de tempo em que, apesar de a manifestação de *uirtus* (em todas as suas dimensões) encontrar uma enorme resistência, sobretudo porque os valores encontravam-se invertidos, ela é ainda possível. Sua tarefa tal qual historiador que conheceu de perto as dificuldades de expressão é justamente legar à posteridade também esses *exempla uirtutis*, muitas vezes silenciados não só pela história narrativa, mas pelo próprio regime.

A ideia de crise de valores que leva à decadência dos costumes romanos, presente tanto em Salústio ao fim da República, quanto em Tito Lívio já no período imperial, é também objeto de reflexão em Tácito. Nos *Anais*, precisamente no terceiro livro (3.26-28), o historiador faz uma digressão acerca das formas de governo que existiram em Roma, demonstrando como a corrupção das virtudes levaram, por fim, ao Principado, no qual imperam príncipes desvirtuados. Relembrando a história de Roma desde os reis, passando pelas guerras civis durante a República e pelo estabelecimento dos triunviratos, Tácito afirma que desde o terceiro consulado de Pompeu e durante vinte anos até o advento de César Augusto, “muitas coisas honestas foram motivo de morte” (*ac multa*

⁵ TAC., *Hist.*, 1.2.2.

⁶ TAC., *Hist.*, 1.3.1.

honesta exitio fuere).⁷ Com efeito, Tácito usa o termo *honestum* para nomear as ações virtuosas daqueles que contribuíram com a *res publica* e que eram antes espontâneas. Segundo ele,

neque praemiis opus erat cum honesta suo pte ingenio peterentur; et ubi nihil contra morem cuperent, nihil per metum uetabantur. At postquam exui aequalitas et pro modestia ac pudore ambitio et uis incedebat, prouenere dominationes multosque apud populos aeternum mansere.

Não havia necessidade de recompensa, uma vez que era por suas tendências naturais que se buscavam as virtudes. E, como não desejavam nada contra a moral, nada era vetado por medo. Mas depois que a igualdade foi eliminada e a ambição e a violência tomaram o lugar da modéstia e do comedimento, vieram as tiranias, que permaneceram entre muitos povos para sempre.⁸

Tácito elenca como causas da inversão de valores elementos análogos aos que se encontram já em Salústio, em cuja época “imperavam, em lugar do pudor, da integridade, da virtude a audácia, a largueza, a avidez” (*Nam pro pudore, pro abstinentia, pro uirtute audacia, largitio, auaritia uigebant*).⁹ Ademais, antes disso, o historiador colocara nas palavras de Mário a acusação de que “estão realmente enganados por contarem com coisas incompatíveis: os prazeres da ociosidade e as recompensas da bravura” (*Ne illi falsi sunt, qui diuorsissimas res pariter expectant, ignauiae uoluptatem et praemia uirtutis*).¹⁰ De acordo com Juliana Marques (2007), que cita ideia semelhante presente no livro 2, capítulo 38 das *Histórias*, o historiador trabalha com

um *topos* da historiografia romana derivado diretamente de Salústio. Tácito expõe basicamente o mesmo raciocínio: a ambição humana era ainda latente nos primórdios de Roma, mas quando o império cresceu, se expandiu e dominou seus inimigos, a riqueza fez surgir as disputas e a luta pelo poder.¹¹

Esses comportamentos viciosos fazem parte do contexto do Principado, sobretudo no que pese à época da guerra civil de 69 a.C., em que uma crise em relação ao regime é evidente. As fontes antigas nos indicam que desde os últimos anos da República há um problema com a manifestação da *uirtus*. E esse problema ganha nova roupagem quando passa a também representar uma ameaça ao *princeps*, que deve dispor das melhores

⁷ TAC., *Ann.*, 3.28.

⁸ TAC., *Ann.*, 3.26.1.

⁹ SAL., *Cat.*, 3.3. Tradução de Adriano Scatolin. Martin e Woodman (1996, p. 242) observam uma metáfora interessante nas passagens dos dois autores, que reforça a alusão: os verbos *prouenere* e *incidere* em Tácito são do campo semântico das plantas, sendo que o segundo pode ser usado para falar de sementes crescendo. O verbo *uigere* em Salústio também é desse campo semântico. O mesmo tema da corrupção e vocabulário também em *Cat.*, 2.5. V. também TAC., *Ann.*, 14.15.

¹⁰ SAL., *Jug.*, 85.20. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça, com pequena modificação.

¹¹ MARQUES, 2007, p. 188 e p. 195. Marques se refere ainda em nota às passagens 10-11 de *A conspiração de Catilina*, e 41 da *Guerra de Jugurta*, que trazem a explicação salustiana para decadência romana.

qualidades e obter a glória, sendo o *exemplum* máximo. Nesse contexto, a *uirtus* alheia ocasiona um mal-estar frequentemente referido por Tácito.

Então, mesmo antes da turbulência causada pela disputa pelo poder no ano dos quatro imperadores, ausente a figura exemplar do príncipe, a relação dos imperadores com o comportamento virtuoso se dá de modo delicado, de acordo com a narrativa de Tácito. A biografia de Agrícola trata largamente dessa questão e ainda podemos citar quanto a isso as considerações do historiador sobre as condenações durante o principado de Tibério, pois que “até mesmo a glória e a *uirtus* têm inimigos” (*etiam gloria ac uirtus infensos habet*);¹² ou ainda, quanto a Nero, que “cobiçou aniquilar a própria *uirtus*” (*uirtutem ipsam excindere concupiuit*).¹³ Tácito, ademais, rotula Domiciano como um “príncipe hostil às virtudes” (*infensus uirtutibus princeps*; veja-se *infestus* em *Agr.*, 1.4; cf. *supra*).¹⁴ Os excertos indicam diferentes momentos do Principado que podem fornecer uma ideia geral de como a *uirtus* segue como motivo de morte sob o Principado, período em que se tornar célebre praticando as virtudes em prol da vida pública é incerto, mas não impossível.¹⁵ A pergunta que nos cabe, nesse sentido, é como a *uirtus* se manifesta num ambiente hostil, tomado por valores que desvirtuam uma ideia anterior de *mos maiorum* e, na esteira dessa reflexão, quais são as estratégias taciteanas para representá-la em sua narrativa.

Tácito constrói em sua obra uma atmosfera hostil do Principado com relação às provas de *uirtus* em prol da *res publica*. A busca pela *gloria* e a demonstração do grande valor romano, diferentemente de outrora, tornam-se um grande risco, já que esses valores foram monopolizados pelo imperador. Porém, Tácito deixa claro que, mesmo sob maus imperadores, é possível existir homens de *uirtus* e são especificamente esses *exempla* que pretendemos observar em nosso trabalho, posto que o historiador não só evoca modelos do passado romano, mas traz à tona outros modelos de virtude que se produziram ao longo do ambiente imperial, mesmo diante dos riscos de se manifestar *uirtus*, adquirir *gloria* e tornar-se um *exemplum*. Tácito exhibe a crise da exemplaridade, ao mostrar que “a ideologia competitiva que acompanha a imagem de virtude está agora profundamente sob suspeita”, uma ideologia antes orgânica aos romanos.¹⁶ A fim de cumprir nosso propósito,

¹² TAC., *Ann.*, 4.33.4.

¹³ TAC., *Ann.*, 16.21.1.

¹⁴ TAC., *Agr.*, 41.2.

¹⁵ AUBRION, 1991, p. 2635-6.

¹⁶ BARCHIESI, 2009, p. 55: “the competitive ideology that goes with this imagery of virtue is now deeply suspect.” A respeito da questão da exemplaridade para os romanos, veja-se também a obra de Langlands (2018), que discute as dinâmicas memória cultural romana em relação aos exemplos.

observaremos os *exempla uirtutis* a partir de alguns retratos que Tácito compõe em sua obra. Chamaremos de retratos a imagem que se permite formar a partir da descrição dos atos e traços de uma personagem, bem como das situações por ela protagonizadas. Esses são uma fonte fecunda para observar como Tácito concebe em sua obra a expressão da *uirtus* possível sob o Principado. Vejamos a seguir a metodologia de nossa análise.

CAPÍTULO 2 | OS RETRATOS EM TÁCITO

A importância das personagens na obra de Tácito tem sido há muito sublinhada.¹ Apesar de a caracterização ter sido um recurso utilizado por outros historiadores antigos, como Tucídides, Tito Lívio e Salústio, em quem muitos consideram Tácito ter-se inspirado,² os retratos presentes na obra do historiador chamam a atenção pela frequente presença ao longo de toda a obra. A elaboração de retratos na obra historiográfica é parte da *exaedificatio* de seu conteúdo; isso quer dizer que, além dos fatos históricos propriamente ditos, faz parte da elaboração do conteúdo também a exposição dos agentes históricos, de suas ações e mesmo características físicas e psicológicas.³ Todos esses aspectos oferecem ao leitor a imagem discursiva de uma personagem, que chamaremos no âmbito deste trabalho de retrato.⁴ Da composição dos retratos decorre os *exempla* de que tratamos no capítulo anterior.

Não obstante o uso de argumentos provenientes dos indivíduos ter sido parte da tradição retórica na historiografia, a forte presença desse recurso na escrita a partir do Principado está notadamente relacionada também à mudança de regime político em Roma, bem como às prioridades de representação nesse período. Nessa direção, nota-se uma crescente importância da composição biográfica à época do Império.⁵

Autores como Cornélio Nepos e Varrão tornaram-se conhecidos no período republicano por comporem obras de cunho biográfico, privilegiando dados da vida das personagens escolhidas e produzindo, assim, grandes retratos de figuras importantes da

¹ Aubrion (1991); Daitz (1960). Sobre a caracterização psicológica das personagens: cf. COUSIN, J. Rhétorique et psychologie chez Tacite: un aspect de la “deinôsis”. *Révue d’Études Latines*, 29, p. 228-247, 1951 e ZUCCARELLI, U. *Psicologia e semântica di Tacito*. Brescia: Paideia, 1967.

² Daitz (1960); Syme (1958). Veja-se a análise de Ducroux (1977) sobre a *aemulatio* de Tácito dos retratos salustianos.

³ Azevedo (2012, p. 48) aponta o preceito de Quintiliano (*Inst.*, 5.10.23-7) para a construção de argumentos a partir de uma pessoa, o que adquirirá verossimilhança ao seguir o decoro da prática retórica em questão.

⁴ Os termos imagem e retrato costumam referir-se, na história da arte, por exemplo, à representação visual romana, ou seja, às *imagines*, estátuas, entre outros. Veja-se sobre o tema Tanner (2000), por exemplo. Cf. ainda GREGORY, A. “Powerful images”: Responses to portraits and the political uses of images in Rome. *Journal of Roman Archaeology*, n. 7, p. 80-99, 1994. Alguns trabalhos se dedicaram a analisar a questão das imagens principalmente no período augustano, tendo em vista seu efeito de legitimação do Principado; cf. MARTINS, P. *Imagem e poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto*. São Paulo: Edusp, 2011 e ZANKER, P. *The Power of Images in the Age of Augustus*. Jerome Lectures, Sixteenth Series. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1988. A respeito das relações entre imagens visuais e verbais como representação entre os romanos, Paulo Martins (2013) propõe uma longa discussão em sua tese de livre-docência. Em nosso trabalho, consideramos imagem ou retrato a composição discursiva a respeito de personagens históricas. Para a etimologia do termo retrato: Azevedo (2012) e Martins (2013).

⁵ DAITZ, 1960, p. 32-33. Sobre a relação entre biografia e historiografia antiga, veja-se Dorey (1967); Gentili e Cerri (1988); Kraus (2006); Stadter (2007).

sociedade romana, que tinham também como intuito serem *exempla*. Esses autores se inserem numa tradição encomiástica que tem origem nos elogios fúnebres. Sob o Principado, um dos escritos mais importantes que nos chegaram, que demonstra a tendência de uma individualização do objeto histórico, é *A vida dos césores (De Vita Caesarum)*, de Suetônio. A obra do biógrafo tem como eixo central o desenvolvimento narrativo da *uita* dos príncipes e não os eventos históricos em si. Também a obra de Augusto, escrita por volta do ano 13 de nossa era e intitulada *Feitos do divino Augusto*, revela a importância do indivíduo e de seus próprios feitos (*res gestae*) como foco da narrativa histórica e, nesse caso, promove ainda um autoexemplo. Nesse contexto, observa-se que a produção historiográfica romana imperial assimila tal movimento e isso se reflete na obra de Tácito. O título da primeira obra taciteana, *A vida de Agrícola*, já revela a ênfase em uma personalidade central, cuja vida e retrato serão descritos e objetos de um elogio, entremeados a uma narrativa histórica. Nos *Anais*, por seu turno, os príncipes ocupam espaço central: é em torno de sua figura que a história analítica se desenvolve. Contudo, não se pode deixar de levar em consideração nesta obra e também nas *Histórias* o valor das personagens secundárias que nelas são retratadas, uma vez que essas são essenciais para a caracterização do *princeps* e da construção de uma memória da aristocracia imperial, e é delas que nos ocuparemos em nossa análise. Para além desse contexto de produção que favorece o indivíduo, ainda se verificam em Tácito elementos formais da tradição historiográfica analítica, *i.e.*, que se ocupa da narrativa dos eventos ano a ano e cuja composição integrou componentes biográficos e relatos necrológicos, por exemplo, que remetem em grande medida à priorização do indivíduo no relato.⁶

O conjunto dos retratos taciteanos pode nos fornecer *exempla uirtutis* possíveis naquele período. O retrato de Agrícola, por exemplo, é representativo de um deles. Tanto que é do estudo dessa figura romana que provém o tema desta pesquisa: o fito de observar as caracterizações das personagens na obra do historiador surgiu, principalmente, da leitura da *A vida de Agrícola*, visto que nessa obra, que mescla à biografia traços do gênero historiográfico, Tácito retrata o general, seu sogro, louvando sua conduta sob o Principado. Assim, enleada à narrativa histórica, dedica largo espaço à elaboração de um vívido retrato de Agrícola, retrato esse que amiúde emprega um vocabulário de virtudes relacionadas ao ideal de *uirtus* e em grande medida é inspirado naqueles termos que procuramos apontar em nosso primeiro capítulo. O general assume na obra o papel de

⁶ Sobre a *composante biographique* em Tácito, Devillers (2003). Cf. também Kraus (2005; 2006).

modelo de conduta e de *uirtus*,⁷ cujo retrato se constrói a partir de um vocabulário político republicano que evoca,⁸ muitas vezes, a descrição de *uirtus* por meio de diversas qualidades relacionadas ao termo, segundo fontes antigas como Cícero ou mesmo Salústio. Desse modo, virtudes como *prudentia*, *iustitia*, *fortitudo* e *temperantia*, são palavras-chave em seu retrato. A base de seu caráter se funda sobre a qualidade de *moderatio*, como concluem diversos pesquisadores.⁹ Além disso, Tácito também descreve a *uirtus* proveniente da atividade militar, demonstrando um general que dispõe das *uirtutes imperatoriae*, também presentes em Cícero, no discurso em defesa do general Cn. Pompeu. Ao investigar esses aspectos da obra *A vida de Agrícola*, levantamos, portanto, nossa questão de pesquisa: *como* a *uirtus* seria representada no retrato de outras personagens taciteanas. Considerando o modo como ela pode ser observada na biografia de Agrícola, perguntamo-nos se Tácito, ao representar a *uirtus* sob o Principado, propõe um vocabulário político de virtudes como reescrita desse conceito. Subjaz a essa análise, então, verificar quais outros *exempla uirtutis* Tácito considera dignos de serem expostos à posteridade, uma vez que o historiador pretende desvelar a glória e a *uirtus* daqueles que não tiveram seu lugar registrado na história.

De acordo com Aubrion, Tácito se preocupa em destacar as condutas de modo que sejam significativas para a memória.¹⁰ Desse modo, o discurso descritivo dentro da narrativa é abundante e atua em prol do estabelecimento de imagens que representem os fatos narrados. Segundo o estudioso, os modelos traduzidos pelas personagens indicam, nos *Anais*, por exemplo, uma ideia geral de comportamento adequado no Principado, especialmente, no período Júlio-claudiano. Nas *Histórias*, por sua vez, evidenciam a grande crise na qual Roma se vê mergulhada, muito em função da inadequação dos costumes do *mos maiorum* no período do ano de 69 d.C. *A vida de Agrícola* apresenta um modelo de conduta possível num período em que o silêncio era imperativo.¹¹ As imagens que Tácito elabora criam também uma determinada memória sobre esses personagens e o período em que viveram. Tratar da questão da memória para os antigos, essa que se perpetuou na história romana através das mais diferentes artes, da literatura às artes plásticas, da oratória à arquitetura, é uma tarefa que foge ao escopo de nossa pesquisa,

⁷ Classen (1988); Devillers (2005); Soverini (2004); Syme (1958); Whitmarsh (2006).

⁸ Hellegouarc'h (1963).

⁹ Sobre a *moderatio* de Agrícola, veja-se, por exemplo, Benferhat (2011; 2007); Classen (1988).

¹⁰ AUBRION, 1991, p. 2599.

¹¹ *Idem*, p. 2604.

entretanto, dispensamos algumas poucas palavras a esse respeito, na medida em que isso contribui com nosso olhar sobre as personagens pertencentes ao *corpus* de análise.¹²

Temos falado aqui de crise de representação e de crise de exemplaridade. A primeira entendemos como a impossibilidade ou a dificuldade de representar nas narrativas do/sobre o Principado outra coisa que não fosse o príncipe como *summum exemplum*. Com isso, comportamentos que o emulassem ou que, ao contrário, demonstrassem aspectos negativos deixaram de ser, em grande medida, rememorados sob o Principado. A segunda crise é, de algum modo, resultado da primeira: se a representação é limitada, o recurso da exemplaridade comum na história romana também o é; o ambiente do Principado pouco oferece *exempla* grandiosos a serem perpetuados na memória. Isso se relaciona com o fato de que “a memória está no cerne do poder sob o Principado”, e seu controle ou supressão faz parte da autoridade política, como bem nota Gowing.¹³ Vimos ademais que Tácito considera o tempo em que escreve propício para finalmente narrar temas que foram suprimidos por aqueles que estavam no poder e, no prefácio do *Agrícola*, a importância da memória entres os antigos e da tradição de sua transmissão.¹⁴ Ou seja, o valor dos diferentes tipos de representação na sociedade romana, como fragmentos de uma memória, é perceptível. Tendo isso em vista, as personagens caracterizadas por Tácito são elas também uma representação que é parte de uma memória coletiva. Não se pode perder de vista, então, os limites da representação. Já observamos algumas vezes que a historiografia antiga é elaborada a partir de recursos retóricos; trata-se de uma premissa de tal gênero discursivo antigo, que em muito leva em conta preceitos do gênero epidítico.¹⁵ Os retratos oferecidos por Tácito, desse modo, merecem atenção não por evidenciarem necessariamente uma realidade, ou uma suposta verdade do historiador, mas pelo que representam dentro dessa memória e pelos efeitos que sugerem para a interpretação de determinado momento político, histórico e social.

¹² Sobre as relações entre memória, construção do passado e identidade na Antiguidade, Citroni (2003) e Gowing (2005), a respeito da construção de memória sob o império. E o seminal Le Goff (1988), que analisa na Antiguidade as noções de passado, antigo e moderno e memória.

¹³ GOWING, 2005, p. 02: “memory lay at the very heart of power under Principate”.

¹⁴ O *Agrícola* permite perceber o poder do príncipe em relação à memória. Domiciano, na narrativa de Tácito, ordena a queima de diversos livros, entre eles, biografias de grandes personalidades. Trataremos desse assunto em nossas análises, mas vale mencionar aqui a relação do evento com a questão da memória. O próprio fato de o historiador conceber que existe um tempo propício para a transmissão da memória também demonstra a relação de poder *princeps* x memória. Gowing (2005, p. 18) afirma que Augusto realmente se colocou nessa posição de controle da memória quando suprimiu documentos como as *acta senatus* (cf. Suet., *Aug*, 36).

¹⁵ Veja-se Azevedo (2012), para uma discussão conjunta das ideias de retórica, retrato e exemplaridade em Tácito.

A composição dos retratos, bem como a escolha das personagens retratadas por Tácito são parte da retórica do historiador para ilustrar os acontecimentos de que se ocupa, mas notadamente servem para construir e perpetuar certa memória do Principado e também para ilustrar certas relações que se estabeleceram nesse período. É por essa razão que analisar os retratos das personagens e seu vocabulário nos parece uma fonte interessante para compreender o sistema de valores perpetuados pelo historiador, em particular como ele apresenta esta noção essencial para os romanos: a *uirtus*.

Lendo retratos

A construção mais evidente do retrato na obra de Tácito se dá pela descrição direta das personagens.¹⁶ Isso pode acontecer tanto no decorrer de uma ação, durante a qual Tácito pinta a imagem do indivíduo, quanto pelo resumo de sua vida. Esses elementos reunidos formam os chamados *portraits-médailles*, segundo a denominação de Aubrion.¹⁷ Nesses casos, o historiador elabora uma minibiografia dos indivíduos, apresentando dados de sua vida, suas características físicas,¹⁸ enumerando suas qualidades e, por vezes, vícios, enfim, construindo a personalidade do indivíduo retratado.¹⁹ Esse procedimento se verifica, também, nos obituários formulados por Tácito, tradicionais na composição da historiografia analítica.²⁰

Contudo, à medida que lemos as obras, percebemos que esses retratos tomam forma igualmente ao longo do texto: pouco a pouco, entremeados aos eventos históricos, Tácito vai construindo a imagem de suas personagens.²¹ Nesse sentido, o retrato se elabora tanto pela descrição que mencionamos, quanto pelo uso de diferentes recursos retóricos e literários. Ora, a construção da imagem de um general, por exemplo, muitas vezes se dá pelos pormenores de suas ações no campo de batalha, ou ainda no acampamento em relação a seus soldados. O comportamento de personagens como

¹⁶ Daitz (1960); Devillers (2013); Syme (1958, p. 194 e ss.); Wuilleumier (1990, p. XLVII-IX).

¹⁷ AUBRION, 1991, p. 2631. Mais especificamente, esse tipo de retrato engloba a descrição da personagem via digressão de Tácito. A construção de uma imagem resultante da exposição *en passant* da personagem é considerada por esse estudioso uma caracterização indireta.

¹⁸ Tem menor importância em Tácito, segundo Daitz (1960).

¹⁹ Para tanto, Tácito segue os preceitos de Quintiliano, presentes no livro 3, capítulo 7 das *Instituições Oratórias*. Vide Aubrion (1991).

²⁰ Segundo Daitz (1960, p. 41), os obituários são mais frequentemente usados para descrever as personagens secundárias, seguindo-se a tradição historiográfica analítica. Costuma-se considerar secundárias as personagens que não os príncipes (Devillers, 2013). No entanto, como Syme pontua, nas *Histórias*, os *imperatores* são homenageados por elogios fúnebres (1958, p. 197).

²¹ SYME, 1958, p. 194-95.

Agrícola, Corbulão, Cecina, entre outros, é em grande medida fundamentado em suas ações enquanto chefes militares, ao passo que Trásea Peto, M. Lépido e Helvídio Prisco são descritos por suas participações no senado. Assim, pontua Daitz, “essas ações, além de seu significado histórico, são frequentemente indicativas da personalidade e são inevitavelmente uma das principais bases a partir das quais o leitor formula sua opinião sobre a personagem”.²² Daí a importância do vocabulário escolhido pelo historiador é notável, pois a partir dele será possível observar a construção do *éthos* de cada indivíduo e, nesse sentido, se são ou não *exempla* de *uirtus*, e por quais atributos o historiador a denomina.

Os valores e o comportamento das personagens também se depreendem a partir das *orationes* reproduzidas na narrativa, outro recurso usual na historiografia antiga. De caráter retórico, os discursos eram possivelmente criados ou reelaborados com base em outros discursos a partir de elementos que os tornassem verossímeis.²³ Considerando a importância dos discursos como elemento de caracterização,²⁴ analisaremos não só aqueles sobre determinada personagem, mas também aquilo que ela própria enuncia: veremos no discurso de Galba como suas palavras e a seleção lexical ali presentes dizem muito sobre sua conduta e imagem. De fato, conforme assinala Syme, um “discurso pode servir para vários fins. Pode retratar um caráter ou ilustrar uma situação; e um par de discursos expõe produtivamente duas diretivas em contraste”.²⁵ Com efeito, Salústio já havia se utilizado de tal artifício situando o retrato contrastivo de César e Catão logo após os discursos de um e outro no senado. À vista disso, todos esses elementos serão considerados aqui parte do retrato das personagens que serão analisadas: minibiografia, ações detalhadas e discursos. Tais recursos são qualificados como descrições *diretas*, segundo acurado estudo de Stephen Daitz (1960); a partir dele, acrescentamos como meio descritivo das personagens aqueles realizados através de outras vozes, outras fontes.²⁶

²² DAITZ, 1960, p. 37: “These actions, in addition to their historical significance, are often highly indicative of personality and are inevitably one of the prime bases on which the reader formulates his opinion of the character”.

²³ Veja-se, por exemplo, MARINCOLA, J. *Speeches in Classical Historiography*. In: Marincola (2007).

²⁴ Keitel (1991, p. 2772) apresenta revisão bibliográfica de autores que consideram os discursos em Tácito apenas um exercício retórico, sem, necessariamente, entendê-los como procedimento de caracterização. Ver ainda DAITZ, 1960, p. 44-5; PITCHER, 2007, p. 107.

²⁵ SYME, 1958, p. 192: “A speech may serve various ends. It can portray a character or illustrate a situation; and a pair of speeches usefully expounds two policies in contrast”.

²⁶ O estudioso sintetiza os principais recursos da caracterização direta, em Tácito: “Vimos, então, os três aspectos principais do recurso de descrição direta que Tácito usa no retrato de personagens: descrição pelo autor, descrição de uma personagem por outra e descrição ou revelação da personagem por meio de suas próprias palavras”. DAITZ, 1958, p. 45-46: “We have seen then the three main aspects of the device

Entretanto, neste trabalho, denominaremos descrição *direta* apenas aquela realizada pelo historiador com suas palavras, como nas descrições biográficas ou nos obituários. Os demais métodos, consideraremos uma descrição *indireta*, na esteira do que Luke Pitcher (2007) propõe a respeito dos discursos.²⁷

A composição narrativa dos retratos, por sua vez, pode se dar também por “*innuendo*, contraste entre personagens e interação entre personagens”.²⁸ Segundo Daitz, Tácito emprega *innuendo*, parte da elocução retórica,²⁹ ao deixar inferir seu parecer sobre determinados fatos em vez de manifestá-los, sendo exemplos disso os rumores,³⁰ as citações indefinidas como *quidam*, *constat* etc. e uso da variação *seu...seu*; também a justaposição de palavras é parte da *innuendo*.³¹ No que concerne à imagem revelada pelo contraste e interação entre as personagens, vale dizer que é um recurso constante ao longo da narrativa, especialmente, como bem nota Devillers (2013), nos *Anais*.³² Nesta obra, há amiúde comparação explícita entre personagens, como entre Tibério e Germânico,³³ todavia, o cotejo de personalidade surge das relações entre os indivíduos,³⁴ como ocorre entre Agrícola e Domiciano ao longo de *A vida de Agrícola*. Assim, em nossa análise,

direct description which Tacitus uses in his portrayal of character: description by the author, description of one character by another, and description or revelation of the character through his own words”. Wuilleumier (1990, p. XLIX) considera a descrição por meio de ações uma descrição indireta.

²⁷ PITCHER, 2007, p. 108. O autor separa a caracterização em: expressão da personalidade, caracterização indireta, caracterização por feitos e ditos e caracterização estrutural.

²⁸ DAITZ, 1960, p. 34. Embora não denomine explicitamente assim, consideramos que isso seria um meio de descrição indireta. Vale notar que, para Aubrion (1991, p. 2640), o acúmulo de detalhes sobre as personagens, bem como a atribuição de discursos sobre elas são considerados parte de uma caracterização indireta.

²⁹ Cf. a primeira referência sobre o tema, RYBERG, I. Tacitus’ art of *innuendo*. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, 73, p. 383-399, 1942. O trabalho de WALKER, B. **The Annals of Tacitus. A Study in the Writing of History**. Manchester: Manchester U. P., 1952 continua sendo uma das referências mais importantes a esse respeito. Ainda sobre *innuendo* em Tácito, ver: DEVELIN, R. Tacitus and Techniques of Insidious Suggestion. **Antichthon**, 17, p. 64-95, 1983; SINCLAIR, P. Rhetorical generalizations in Annals 1-6: a review of the problem of *innuendo* and Tacitus’ integrity. **Aufstieg und Niedergang der römischen Welt**, II.33.4, p. 2795-2831, 1991 e SULLIVAN, D. *Innuendo* and the “weighted alternative” in Tacitus. **Classical Journal**, 71, p. 312-326, 1976.

³⁰ Sobre rumores em Tácito, cf. FELDHERR, A. The Poisoned Chalice: Rumor and Historiography in Tacitus’ Account of the Death of Drusus. **Materiali e discussioni per l’analisi dei testi classici**, n. 61, p. 175-189, 2009 e SHATZMAN, I. Tacitean rumours. **Latomus**, 33, p. 549-78, 1974. E também AUTIN, L. Rumour as Literary Device in Tacitus. **HistosWorkingPapers**, 04, 2015 e GIBSON, B. Rumours as Cause of Events in Tacitus. **Materiali e discussioni per l’analisi dei testi classici**, 40, 111-129, 1998.

³¹ DAITZ, 1960, p. 43. O primeiro a ter notado esse aspecto foi: LUCAS, J. *Les obsessions de Tacite*. Leiden: E. J. Brill, 1974. Vide também: WHITEHEAD, D. Tacitus and the Loaded Alternative. **Latomus**, 38, p. 474-495, 1979.

³² Nas *Histórias* observaremos que há presença nítida do retrato por contraste na descrição de Vespasiano e Muciano. Sobre o contraste entre personagens em Tácito, vide, por exemplo: Azevedo (2012, p. 50 e ss.); Daitz (1960); Keitel (1981, p. 206); Aubrion (1985, p. 455-464 e p. 471-472). Veja-se também sobre caracterização por justaposição de personagens Pitcher (2007, p. 114).

³³ Aubrion (1991), Daitz (1960) e Devillers (2013) indicam esse par, mas são diversos os estudos que se ocuparam em analisar a relação entre Tibério e Germânico. Vide, por exemplo, Pelling (1993).

³⁴ Para exemplos, veja-se Daitz (1960, p. 50).

observaremos elementos que nos permitam verificar a comparação e a interação das personagens entre e intra obras, na medida em que isso contribui para uma representação geral do conceito de *uirtus*.

A composição dos retratos se beneficia ainda de estratégias pelas quais Tácito os manipula na narrativa, a saber, por meio de gradações e arquétipos, segundo análise de Olivier Devillers (2013). Para o autor, esses arquétipos correspondem a um “modelo de comportamento que se aplica a diversas personagens”.³⁵ Destaca-se, no procedimento de gradação, a imagem de Trásea Peto, senador cuja caracterização se constrói ao longo dos três últimos livros dos *Anais*, num crescendo dos perigos aos quais se expõe devido à sua conduta.³⁶ Nesse caso, a maximização da conduta e seus efeitos emerge do contraste do indivíduo com relação ao príncipe, um fator de suma importância na análise dos retratos das personagens.

Nesse sentido, em nossa análise, pretendemos dar conta ainda dos “‘tipos’ que correspondem a diversas maneiras de se situar em relação ao príncipe”, como assinala Devillers.³⁷ É preciso observar como o retrato acontece na narrativa em relação aos poderes com os quais se relaciona ou no qual se insere, a saber: dinastia, côrte e senado.³⁸ Isso quer dizer que Tácito usa também o retrato para exemplificar tipos, suas relações com o príncipe, evidenciando os resultados dessas relações e, portanto, determinada ideologia imperial.

Os retratos

Selecionamos as personagens a serem analisadas, tendo em vista os procedimentos descritivos na composição dos retratos por Tácito. Ou seja, foram critérios para a escolha a presença de descrição detalhada das ações, descrição biográfica, discursos proferidos pela personagem ou que tratassem a seu respeito, considerações de Tácito a respeito da personagem, enfim, elementos que nos permitissem criar um retrato de determinado indivíduo ao longo da obra, representado em seu conjunto como um *exemplum*. Para além desses aspectos da composição técnica literária, o recorte do *corpus*

³⁵ DEVILLERS, 2013, p. 02: “modèle de comportement qui s’applique à plusieurs personnages”. Azevedo (2012) trabalha com a noção de estereótipo retórico, que nos parece equivaler à ideia de arquétipo.

³⁶ Exploraremos tal personagem e esses aspectos mais adiante. V. Devillers (2013).

³⁷ DEVILLERS, 2013, p. 06: “« types » qui répondent à autant de façons de se situer par rapport au prince”.

³⁸ *Ibidem*.

levou em conta o que vamos chamar aqui de vocabulário da *uirtus*. Ou seja, uma primeira leitura e escolha dos retratos consistiu em observar a presença de termos como *prudentia*, *temperantia*, *fortitudo*, *moderatio*, *clementia*, entre outros que apontamos no Capítulo 1, na descrição das personagens e, evidentemente o emprego do termo *uirtus* e também das *uirtutes imperatoriae*, para usar a expressão ciceroniana. Ainda que esses termos sejam *a priori* positivos, o processo de leitura garantiu um *corpus* que expande em grande medida a leitura dos retratos e do vocabulário que os compõe. Isso discutiremos ao longo das análises, mas adiantamos que selecionamos personagens que se distinguem também por seus vícios. Ora, se o contraste é um recurso presente na caracterização engendrada por Tácito, faz-se necessário olhar também o retrato de personagens que configuram um *exemplum* negativo. Como nota Goodyear, “Tácito quer não só descobrir *exempla* de boas ou más condutas, mas também destacar o tratamento de pessoas que ou incorporam certos vícios ou virtudes, ou ao menos representam um modo de conduta de alguma relevância em suas vidas”,³⁹ e, desse modo, observar se a questão dos vícios tornou-se também importante na medida em que destaca a ausência de certas virtudes.

Aubrión observa, ademais, que mesmo os retratos mais positivos não são elaborados de modo idealizado e, além disso, demonstram valores que se alteram no intervalo de alguns anos.⁴⁰ Assim, notamos que em *A vida de Agrícola* encontra-se a *moderatio* como uma qualidade que é tema frequente para falar da época entre Nero e Domiciano; em anos anteriores tem-se como valor em evidência a *libertas* e a *constantia* (como se vê na composição do retrato de Trásea Peto).⁴¹ Semelhantemente, a *seueritas* passa de um valor digno do *mos maiorum* a uma característica exacerbada no período em

³⁹ GOODYEAR, 1972, p. 34: “T. is concerned not only to discover *exempla* of good or bad conduct, but also to single out for special treatment persons who either embody certain virtues or vices or at least represent in their lives a mode of conduct of some general relevance”.

⁴⁰ AUBRIÓN, 1991, p. 2635.

⁴¹ A ideia de *libertas* no mundo romano é bastante complexa. É um conceito importante nas obras de Tácito e bastante ligada à descrição dos comportamentos individuais. Em Tácito, a *libertas* tem sentido sobretudo político e pode ser entendida, *grosso modo*, como estar livre da dominação (daí a relação *libertas/seruitium*) e ter liberdade para participar politicamente no Estado (Strunk, 2017, p. 23 e ss.). Então, a *libertas* se dá de acordo com cada categoria política romana: para o senador, o envolvimento na carreira política; para o general, a glória militar. O estudo de Morford (1991) traça uma linha da definição de *libertas* nas obras do historiador, mostrando que sua definição advém da relação *princeps*-senado e das tensões entre *libertas* e poder. Para um estudo completo sobre o tema, vide Cogitore (2011), que delinea o sentido do termo em diferentes obras antigas, apresentando uma leitura da *libertas* quanto à relação que essa estabelece com a realidade. Wirszubski (1950) trata sobre *libertas* como conceito político na República e início do Principado, obra na qual se encontra uma análise da *libertas* de indivíduos como Trásea Peto e Helvídio Prisco (1950, esp. Cap. 5). Strunk (2017) explora a corrupção e a restauração da *libertas* em Tácito e Joly (2004) desenvolve a relação *libertas/seruitium* e apresenta a ideia de escravidão como metáfora para a visão taciteana do Principado. Sobre *libertas* no *Agrícola*, Liebeschuetz (1966). Cf. JENS, W. *Libertas bei Tacitus*. *Hermes*, 84, p. 330-352, 1956.

que Galba a encarna, pois que desprestigiada à época.⁴² Observaremos, nesse sentido, se essa alteração poderia ser uma forma de evidenciar a crise de valores que se dá não somente sob o Principado, mas ao longo das história romana, e que nos auxilia a refletir sobre a representação ou representações da *uirtus* num período narrativo tão extenso.

Por último, mas não menos importante, nosso recorte não inclui a análise do retrato dos príncipes Júlio-claudianos. Além de os trabalhos a esse respeito serem abundantes,⁴³ nossa intenção é justamente lançar luz sobre aqueles que os rodeiam: personagens secundárias que, ao mesmo tempo, são essenciais para a compreensão do próprio *princeps*. Ao buscar as possíveis representações de *exempla uirtutis*, percebe-se que elas servem a indicar quanto essas virtudes, na verdade, faltam ao príncipe; mas isso será discutido e demonstrado ao longo deste estudo. Entretanto, fará parte de nossa análise o retrato dos *imperatores* que figuram na trama das *Histórias*. Isso porque eles são personagens que se deslocam entre o papel de generais, líderes militares importantes para a narrativa, e *princeps* durante um período muito breve de tempo e que, principalmente, contribuem fortemente para a análise das personagens secundárias. Por isso, as personagens do campo militar das *Histórias* serão analisadas no mesmo capítulo.

Finalmente, apresentamos os retratos nos quais trabalharemos considerando as questões acima enumeradas:

Agrícola (*Agr.*) | Marcos Lépidio (*Ann.*)

Trásea Peto (*Ann.*) | Helvídio Prisco (*Hist.*)

Germânico | Domício Corbulão (*Ann.*)

Galba | Oto | Vitélio | (*Hist.*)

Cecina Alieno | Fábio Valente (*Hist.*)

Antônio Primo | Vespasiano | Muciano (*Hist.*)

⁴² Sobre *seueritas*, veja-se AUBRION, 1991, p. 2619, nota 89.

⁴³ Veja-se Mierow (1939), sobre as breves biografias dos imperadores nas obras taciteanas; Shotter (1991), para uma visão geral de Tácito acerca dos príncipes e do Principado. Para o retrato dos imperadores nas *Histórias*, Ash (1999). Recentes estudos brasileiros se dedicaram à investigação do retrato de Tibério e Nero, em Tácito, apresentando extensa bibliografia. Veja-se Campos (2013), que explora o afastamento político de Tibério e implicações em sua imagem como príncipe. Sobre a caracterização de Nero na obra de Tácito, o livro de Azevedo (2012) analisa o retrato do imperador a partir da sua interação com o retrato das mulheres e o livro de Belchior (2016), que relativiza a imagem de Nero enquanto bom ou mau imperador. Para a imagem de Cláudio, veja-se a dissertação de Vieira (2012). Finalmente, a tese de Duchêne (2014) traz uma análise completa do retrato dos príncipes nas obras de Tácito e Suetônio.

A organização em pares ou em grupo está relacionada a diferentes questões representativas da manifestação da *uirtus* em diferentes contextos. Apesar de explicitarmos esses pontos ao longo das análises, vale mencionar brevemente alguns elementos norteadores da organização. Agrícola e M. Lépido atuam ambos no exercício senatorial;⁴⁴ Germânico e Corbulão foram generais, bem como as personagens das *Histórias*; por fim, Trásea Peto e Helvídio Prisco, senadores em momentos bem diferentes, representam uma oposição senatorial orientada pela filosofia estoica. Quantas vezes houver espaço, não deixaremos de trazer exemplos da caracterização de outras personagens não citadas, na medida em que contribuam para a nossa análise.

Ao observar esses retratos, pretendemos traçar como Tácito nomeia, descreve, ressignifica e, então, representa a *uirtus* e suas facetas ética, política e militar sob o Principado.⁴⁵

⁴⁴ O retrato de Agrícola é composto, no entanto, predominantemente por sua atuação como comandante romano.

⁴⁵ Por fim, é necessário justificar a ausência dos retratos femininos em nossa análise. À exceção da escrava Epicaris, que por si só já é um caso interessante tanto por seu gênero, quanto por estrato social, Tácito não atribui *uirtus* às mulheres que se sobressaem em suas obras, dado que o conceito descreve especificamente condutas e atividades masculinas no exercício de suas magistraturas. Entretanto, é preciso salientar que nem por isso mulheres deixaram de atuar politicamente durante o Principado. O retrato de Agripina é um exemplo digno de personagem que, a despeito de seu gênero, exerceu enorme poder sob príncipes e principados. Para esse tema, recomendamos o interessante estudo de Azevedo (2012) sobre os *exempla* de mulheres nos *Anais* de Tácito.

PARTE 2

CAPÍTULO 1 | A *MODERATIO* ENTRE *OBSEQUIVM* E *CONTUMACIA*

Júlio Agrícola: *uirtus in obsequendo*

Gneu Júlio Agrícola nascera durante o consulado de Gaio César, no ano 40 d.C. Anos depois de sua morte, ocorrida em 93 d.C., Tácito dedicou-lhe uma biografia, na qual registra:

Bonum uirum facile crederes, magnum libenter. Et ipse quidem, quamquam medio in spatio integrae aetatis ereptus, quantum ad gloriam, longissimum aeuum peregit; quippe et uera bona, quae in uirtutibus sita sunt, impleuerat, et consulari ac triumphalibus ornamentis praedito quid aliud adstruere fortuna poterat?

Que ele foi um homem de bem, facilmente o terias julgado; que foi grandioso, de bom grado. Ademais, esse mesmo homem, embora arrebatado no meio de uma vida plena, quão longuíssima carreira dedicou à glória, visto que cumpriu coisas de fato boas, que se situam nas virtudes, e, além disso, foi contemplado com um consulado e ornamentos triunfais. O que mais a fortuna poderia lhe acrescentar?¹

O historiador, também genro de Agrícola, finaliza a biografia desse renomado general romano em tom elogioso, homenageando um homem que mereceu toda a glória pelas virtudes que demonstrou ao longo de uma vida íntegra, sob o principado de Domiciano. Essa é a imagem que Tácito constrói ao longo da narrativa.

Escrita apenas por volta de 98 d.C., Tácito explica o porquê de um elogio tão tardio. Há algumas páginas, apontamos a importância da transmissão das virtudes e da memória no prefácio de *A vida de Agrícola*, uma prática que Tácito diz ter sido impedido de realizar. O historiador afirma nessa obra que viveu durante os quinze anos nos quais se censurou a transmissão dos feitos dos homens ilustres (*Agr.*, 3.2). Com efeito, no segundo capítulo, Tácito contextualiza alguns fatos importantes para a compreensão de tudo o que sublinha em seu prefácio:

Legimus, cum Aruleno Rustico Paetus Thrasea, Herennio Senecioni Priscus Heluidius laudati essent, capitale fuisse, neque in ipsos modo auctores, sed in libros quoque eorum saeuitum, delegato triumphuiris ministerio ut monumenta clarissimorum ingeniorum in comitio ac foro urerentur. ² Scilicet illo igne uocem populi Romani et libertatem senatus et conscientiam generis humani aboleri arbitrabantur, expulsis insuper sapientiae professoribus atque omni bona arte in exilium acta, ne quid usquam honestum occurreret. ³ Dedimus profecto grande patientiae documentum; et sicut uetus aetas uidit quid

¹ TAC., *Agr.*, 44.3.

ultimum in libertate esset, ita nos quid in seruitute, adempto per inquisitiones etiam loquendi audiendique commercio. ⁴ *Memoriam quoque ipsam cum uoce perdidissemus, si tam in nostra potestate esset obliuisci quam tacere.*

Nós lemos que, quando Trásea Peto e Helvídio Prisco foram louvados, respectivamente, por Aruleno Rústico e Herênio Senecião, isso foi motivo de pena capital, e foram alvo de furor não só próprios autores, mas também os seus livros. Foi delegada aos triúnviros a tarefa de queimar as memórias dos mais ilustres engenhos no comício do fórum. Certamente, a voz do povo romano, a liberdade do senado e a consciência do ser humano, pensavam ter-se coibido com aquele fogo; sem contar os filósofos que foram expulsos e toda a nobre arte levada para o exílio, para que nada se encontrasse de honesto em parte alguma. Fornecemos, sem dúvida, uma grande prova de paciência, e tal como a geração antiga viu o extremo da liberdade, do mesmo modo nós vimos o extremo da escravidão e até a possibilidade de diálogo foi suprimida pelos inquéritos. Também teríamos perdido a própria memória com a voz, se em nosso poder estivesse tanto o esquecer quanto o calar.²

Sem mencionar o nome de Domiciano, o historiador descreve uma pesada atmosfera referente a esse principado, em que, com fogo, tentava-se calar a voz do povo romano e coibir a *libertas* do senado.³ Depois de tantos anos em silêncio, “enfim, o ânimo retorna”, diz Tácito e, assim, ele próprio está pronto a dar prova de uma importante virtude, a *pietas*, louvando a vida de Agrícola. A escrita dessa biografia, portanto, ocorre num cenário possível de continuidade de uma tradição tanto temática, tanto literária, na qual Tácito se insere. Por isso, menciona não só a época passada, mas também outras obras imperiais cujo objetivo foi perpetuar a memória e a virtude dos homens ilustres.⁴ Assim, considerando que o advento de “César Nerva tenha logo reunido ao nascer do mais belo século coisas outrora incompatíveis – o principado e a liberdade” (*statim beatissimi saeculi ortu Nerua Caesar res olim dissociabilis miscuerit, principatum ac libertatem*), o historiador completa que: “enquanto isso, este livro, destinado à honra de meu sogro Agrícola, será louvado ou escusado como uma manifestação de minha devoção filial” (*hic interim liber, honori Agricolae soceri mei destinatus, professione pietatis aut laudatus erit aut excusatus*).⁵

Nota-se, como demonstramos anteriormente, que o vocábulo *uirtus* aparece sobremaneira no prefácio. Tácito visa explicar a raridade que se tornaram

² TAC., *Agr.*, 2. Vide também SUET., *Dom.*, 10.3: “Júlio Rústico foi condenado, porque tinha composto os elogios de Trásea Peto e Helvídio Prisco, nos quais os chamara de homens corretíssimos. Isso foi um crime que, naquela ocasião, o fez banir todos os filósofos da cidade e da Itália” (*Iunium Rusticum, quod Paeti Thraseae et Heluidi Prisci laudes edidisset appellassetque eos sanctissimos uiros; cuius criminis occasione philosophos omnis urbe Italiaque summouit*). Sobre a expulsão e o julgamento dos filósofos, vide *Agr.*, 45.

³ Sobre os aspectos da *libertas* no *Agrícola*, veja-se Morford (1991, p. 3423-26); Liebschuetz (1966, p. 137-38) e Strunk (2017, p. 39 e ss.).

⁴ Veja-se item *Exempla uirtutis*, desta tese.

⁵ TAC., *Agr.*, 3.

comportamentos virtuosos à sua época, mas como, apesar das dificuldades, “sob maus príncipes havia grandes homens” (*sub malis principibus magnos uiros esse*).⁶ Como Agrícola representa (obviamente por se tratar de uma obra encomiástica) o exemplo supremo da manifestação de *uirtus* durante um momento do Principado em que a abertura às virtudes são ainda mais difíceis, iniciaremos nossa análise por ele, visando mostrar, nos capítulos subsequentes, a fragmentação dessas virtudes em diferentes personagens na obra de Tácito, mas que se condensam no retrato de Agrícola.

Conforme manda a tradição, após o exórdio, Tácito introduz as origens do biografado, descrevendo então seu local de nascimento e a linhagem familiar:

Pater illi Iulius Graecinus senatorii ordinis, studio eloquentiae sapientiaeque notus, iisque ipsis uirtutibus iram Gai Caesaris meritis: namque M. Silanum accusare iussus et, quia abnuerat, interfectus est. ³ Mater Iulia Procilla fuit, rarae castitatis. In huius sinu indulgentiaeque educatus per omnem honestarum artium cultum pueritiam adulescentiamque transegit.

Seu pai, Júlio Grecino, da ordem dos senadores e conhecido por sua dedicação à eloquência e à filosofia; esse, por causa de suas próprias virtudes, logrou a ira de Gaio César: pois que lhe foi ordenado que acusasse Marcos Silano e, visto que se recusava, foi assassinado. A mãe foi Júlia Procila, de rara castidade, em cujo regaço e ternura transcorreu toda a infância e juventude, e educado no cultivo completo das artes liberais.⁷

A descrição pontual dessas duas figuras parece contribuir para a visão que teremos do general como um todo. Tácito deixa claro que o pai de Agrícola era um homem de virtudes e fora vítima do Principado por ter se oposto às ordens de Calígula. O pai, nesse sentido, é fonte de diversos exemplos: tanto de virtudes, quanto das consequências advindas da oposição da classe senatorial ao príncipe.⁸ A mãe, por sua vez, fora uma mulher de rara castidade. Além disso, Tácito sublinha a importância de sua *prudencia* na educação de Agrícola: com efeito, ela pôde prever a avidez do filho pela filosofia. Tácito relata ter ouvido do próprio sogro:

Memoria teneo solitum ipsum narrare se prima in iuuenta studium philosophiae acrius, ultra quam concessum Romano ac senatori, hausisse, ni prudentia matris incensum ac flagrantem animum coercuisset. ⁶ Scilicet sublime et erectum ingenium pulchritudinem ac speciem magnae excelsaeque

⁶ TAC., *Agr.*, 42.5.

⁷ TAC., *Agr.*, 4.2-3.

⁸ Segundo Birley (2009, p. 49), “a família de Agrícola não precisava de lições sobre resistência à tirania” (“Agricola’s family Neide no lessons in resistance to tyranny”). Devillers (2007, p. 222) também aponta, nesse sentido, como Tácito menciona príncipes considerados maus nessa seção, a saber, Calígula, Nero e Oto, sugerindo que seus familiares foram vítimas do Principado e ele também poderia ter sido. Ver também Liebeschuetz (1966, p. 134).

gloriae uehementius quam caute adpetebat. Mox mitigauit ratio et aetas, retinuitque, quod est difficillimum, ex sapientia modum.

Tenho na memória que ele mesmo costumava contar que nos albores da juventude teria se impregnado do gosto pela filosofia mais intensamente do que o conveniente a um romano ou a um senador, se a prudência da mãe não tivesse contido um espírito ardente e inflamado. Com efeito, seu talento elevado e reto buscava a beleza e o brilho de uma glória grandiosa e excelsa, com mais vigor que cautela. Logo o amadureceu a razão e a idade e reteve da filosofia aquilo que é o mais difícil, a moderação.⁹

À parte a breve caracterização da mãe, no excerto encontra-se também a descrição do jovem Agrícola fascinado pela filosofia, uma carreira que lhe fazia vislumbrar a glória. No entanto, mais tarde, ele foi capaz de retirar desse aprendizado o mais importante, a moderação, ou senso da medida (*ex sapientia modum*). Aqui destacamos a primeira menção a uma virtude que será substancial na caracterização dessa personagem. Outro aspecto do retrato digno de nota é a questão da *gloria*. Desde os primeiros anos de Agrícola, a *gloria* é um elemento que Tácito assinala. No passo acima, a personagem desejava para si uma glória decorrente da carreira filosófica, por meio da qual homens como Catão, o Jovem e mesmo aqueles que Tácito evocou no prefácio se tornaram ilustres. No entanto, esses homens representavam um outro modelo de conduta frente ao Principado e, especialmente, à perda da *libertas* senatorial, porque se alinhavam ao estoicismo, como o próprio Catão, e suas condutas políticas tinham esses valores como base. No que concerne a esse tema, que abordaremos melhor em momento oportuno, por ora apontamos uma possível referência taciteana a esse grupo no capítulo 42 dessa mesma obra. Ali, pode-se observar uma consideração que o historiador faz a respeito de homens que buscam glória e fama obstinadamente, visando a seus interesses pessoais, mais que a *libertas* ou qualquer benefício para a república em si. Nesse sentido, a bibliografia sobre Tácito costuma associar o primeiro padrão de comportamento aos denominados “mártires estoicos” ou “oposição estoica”, visto que diversas gerações de senadores adeptos de tal filosofia pagaram por sua defesa da ideologia da *libertas senatoria* com a própria vida. Além disso, vale notar que, especialmente à época de Domiciano, muitos filósofos foram banidos e assassinados.¹⁰ Para nós, o viés filosófico interessa apenas no que se refere à presença e à predominância de determinadas características no comportamento de tais figuras, que são importantes para a construção de sua virtude e dessa noção.

⁹ TAC., *Agr.*, 4.5-6.

¹⁰ Sobre a oposição estoica, veja-se Birley (1999, p. xxv); Liebeschuetz (1966); Sailor (2008; 2012); Shotter (1991); Syme (1958, p. 29 e p. 555-6). *Contra* a associação da crítica no capítulo 42 a personagens como Trásea Peto, Devillers (2002); Strunk (2010; 2017).

Então, é interessante notar não só como Tácito introduz a moderação como algo importante na prática ou no estudo filosófico, mas como aproveita o gancho dessa mesma virtude para inserir um *exemplum* de conduta ao jovem Agrícola que, inclusive, marca uma mudança de interesse relevante para a carreira do elogiado. Assim, tendo narrado sobre o seio familiar e a formação de Júlio Agrícola, Tácito passa a tratar de suas primeiras experiências militares, durante as quais teve contato com Suetônio Paulino, “um chefe diligente e moderado” (*diligenti ac moderato duci; Agr., 5.1*). Sob sua supervisão, Agrícola adquire bons exemplos de comando e experiência na Britânia e com isso,

*intrauitque animum **militaris gloriae cupido**, ingrata temporibus, quibus sinistra erga eminentis interpretatio nec minus periculum ex magna fama quam ex mala.*

penetrou-lhe na alma o desejo de glória militar, ingrato àqueles tempos em que havia uma apreciação negativa dos homens eminentes e o risco advindo de uma fama grandiosa não era menor que o da má fama.¹¹

Ora, se antes o jovem Agrícola vislumbrava a glória advinda da filosofia, depois de ter-se apropriado dela com moderação, nele desponta o desejo¹² pela glória proveniente da carreira militar. Segundo Sailor, Tácito assinala essa mudança de interesses e retrata algo característico da sociedade romana: “jovens, repletos de desejo, aprendem com exemplos de realizações militares premiadas com glória a buscá-la para si mesmos”.¹³ Todavia, tanto como a filosofia tinha seus riscos em determinada época, também a glória militar oferecia enormes perigos, já que era um caminho para um renome que podia atrair a hostilidade do *princeps*. Tácito reitera um tema que tem apresentado desde a abertura da obra: os tempos em que vive Agrícola não apreciavam os homens eminentes. O alerta de Tácito sugere nas entrelinhas o monopólio da glória militar e do renome no Principado, como deixará claro mais adiante, no capítulo 39. Não obstante, temos a impressão de que, ao inserir essa constatação logo no início da biografia de Agrícola, o historiador amplifica as realizações do general, que será capaz de reunir enorme glória apesar das adversidades dos tempos.

Esses capítulos introdutórios demonstram indiretamente a importância do *exemplum* na imitação ou para a fortificação de virtudes. Conforme afirma Christoph Gill,

¹¹ TAC., *Agr.*, 5.4.

¹² *Cupiditas* pode remeter a Alexandre (*pothos*). V. SYME, 1958, p. 770, quanto à *cupiditas* de Germânico e à alusão a Alexandre, o grande. Mas também evoca a *cupido gloriae* como tema estoico, que se vê no capítulo 6.

¹³ SAILOR, 2008, p. 75: “young men, bursting with desire, learn from examples of military achievement rewarded with glory to seek that glory for themselves”.

“o desenvolvimento do caráter adulto depende não só de qualidades inatas, mas também da formação e influência de indivíduos e da sociedade como um todo”.¹⁴ Tácito, nesse sentido, credita a postura de Agrícola aos exemplos à sua volta durante sua formação; isso inclusive reforça a tarefa taciteana de construí-lo como um *exemplum*. O vocabulário que vimos até aqui estará presente ao longo de sua caracterização, tal como o demonstraremos.

A partir do capítulo 6, Tácito passa a descrever a personagem já em idade adulta, quando Agrícola segue o curso das magistraturas romanas: por volta de 63 d.C., exerceu a questura na Ásia, mantendo-se íntegro mesmo num ambiente sedutor para os ambiciosos.¹⁵ Depois, fora tribuno e esse ano “passou em repouso e sossego” (*otio et quiete transiit*), pois sabia que, sob Nero, “a inércia fazia as vezes de sabedoria” (*inertia pro sapientia fuit*).¹⁶ Do mesmo modo o fez durante a pretura: manteve o *silentium* e promoveu jogos, parte da tarefa desse cargo, pautado pelo “meio-termo” (*medio rationis*), a fim de que não fossem nem muito simples, nem demasiado luxuosos, “para que assim estivesse mais longe da luxúria e mais perto do reconhecimento” (*uti longe a luxuria ita famae propior*)¹⁷: o texto latino permite notar a aproximação entre abundância e luxúria e razão/moderação e fama, sugerindo a sabedoria de Agrícola de se afastar do que de nocivo havia no Principado, como a extravagância. Tal é a descrição das ações de Agrícola no exercício de suas funções de magistrado durante o principado de Nero. Dito isso, vale ressaltar que, então, Agrícola não participou da revolta de Pisão. Fábio Faversoni e Fábio Joly (2013) assinalam que a imagem de Agrícola retratada por Tácito revela uma das posturas possíveis na aristocracia, que pode ser dividida em três grupos: havia os que, adulando o príncipe, se beneficiavam da tirania e compactuavam, nesse sentido, com o regime; outro grupo é representado por aqueles que se opuseram ao Principado, reivindicando uma ideologia senatorial e, por isso, acabaram mortos ou exilados; por fim, há o grupo que continuou a servir à república mesmo sob a tirania, resguardando-se nos momentos convenientes. Esse último seria o caso de Tácito e Agrícola, que “construíram suas carreiras preservando sua autonomia aristocrática”.¹⁸

¹⁴ GILL, 1983, p. 476: “the development of adult character depends not only on innate qualities but also on upbringing and influence of individuals and society at large”.

¹⁵ TAC., *Agr.*, 7.2.

¹⁶ TAC., *Agr.*, 6.4.

¹⁷ TAC., *Agr.*, 6.5.

¹⁸ FAVERSANI; JOLY, 2013, p. 141-2. Ver também: SYME, 1958, p. 25-6.

Essa autonomia, entretanto, leva em conta um caminho que busque o meio-termo entre os dois outros grupos supracitados. Dessa forma, a descrição do *modo* como Agrícola atua no período neroniano é sintomático da tamanha violência de tal *princeps* no que concerne àqueles que, em contraste a ele mesmo, dessem provas de virtude.¹⁹ Assim, a representação da personagem é a de alguém que opta por um distanciamento possível do envolvimento nas questões públicas. Embora o *otium*, aqui entendido como afastamento da vida pública, pudesse ser aceitável para aqueles que se dedicassem à atividade intelectual, ou seja, o *otium cum dignitate*, o contexto neroniano parece ressignificá-lo de outra maneira.²⁰ A ressalva de Tácito acerca da época do principado de Nero parece justificar tal posicionamento: a inércia substituíra a sabedoria, um pensamento que o historiador expressa em outros momentos de sua escrita; nas *Histórias*, a necessidade da inércia é parte da caracterização de Galba.²¹ Nesse sentido, Earl afirma que “os últimos anos do reino de Nero foram um dos poucos períodos em que o maior defeito de um homem da classe senatorial, o não envolvimento nos assuntos públicos, *inertia*, pôde ser visto como sabedoria”.²² Assim, o aparente defeito de Agrícola pode, na verdade, ser considerado uma virtude, sobretudo quando os tempos exigem essa postura inativa.²³ A perda da conotação negativa da *inertia* na vida de um político romano parece se explicar pela reflexão taciteana: “Com efeito, até a doçura da própria inércia se nos insinua e primeiro ela é odiada, depois, por displicência, passa a ser amada” (*subit quippe etiam ipsius inertiae dulcedo, et inuisa primo desidia postremo amatur*).²⁴

Mas não é porque os tempos a exigem que esse é o único caminho a seguir, ou o mais virtuoso. Outras personagens taciteanas serão exemplos de condutas possíveis e com diferentes consequências. De todo modo, a questão do caminho do meio é um tema que perpassa as obras de nosso historiador.

¹⁹ Veja-se parte 1, capítulo 2 e o retrato de Trásea Peto mais adiante.

²⁰ O conceito ciceroniano é de complexa definição e aparece, no sentido que nos convém aqui, em obras como *Sobre o Orador*, 1.1 (*ut uel in negotio sine periculo uel in otio cum dignitate esse possent*). Sobre o *otium* em Cícero, cf. BRAGOVA, A. The concept *cum dignitate otium* in Cicero's writings. **Studia Antiqua et Archaeologica**, 22(1), p. 45-49, 2006. No que concerne à época imperial, a noção de *otium* ganha novas acepções. As discussões sobre o tema são extensas; sobre as concepções de *otium* até a época imperial, ver André, J-M. (1966) e também Classen (1988, p. 103).

²¹ Capítulo 4 *infra*.

²² EARL, 1957, p. 91-2: “The last years of Nero's reign were one of the few periods when the greatest fault in a man of the senatorial class, non-involvement in public affairs, *inertia*, could be counted wisdom”.

²³ CLASSEN, 1988, p. 102; HAYNES, 2006, p. 167.

²⁴ TAC., *Agr.*, 3.1.

A representação da *uirtus* em *A Vida de Agrícola* apresenta particularidades que influenciam a leitura da personagem: trata-se de um elogio a um ente familiar que viveu no mesmo momento que o autor, tendo testemunhado adversidades semelhantes. Evidentemente, o tom positivo e enobecedor se torna predominante e pode ser até exacerbado. A representação da personagem, então, pode ter “ruídos” provenientes dessa relação entre elogio e história. O historiador Políbio, em suas *Histórias*, 1.14, discutira esse tema, anotando que apreciações pessoais às vezes interferem na escrita da história: “Por questão de preferência e total parcialidade, os cartagineses parecem a Filino [de Agrigento] ter agido sempre de modo sensato, virtuoso e viril, ao contrário dos romanos, enquanto para Fábio [Pictor] a situação é inversa”.²⁵ Desse modo, a exaltação do silenciamento do sogro por parte de Tácito deve ser olhada cuidadosamente, de modo a não perder de vista o exemplo que se pode achar em outras caracterizações.

Sob Nero e Domiciano, dois príncipes bastante rejeitados na tradição senatorial segundo a representação que nos chega, o autoapagamento nas questões públicas é uma maneira de se portar; então, se primeiro a *inertia* – sobretudo evocando um viés republicano – não parece positiva, uma vez que a abstenção ou o afastamento das atividades políticas não eram características do homem político que dispõe de *uirtus*, Tácito sugere que agora esse é um meio pelo qual se pode chegar à glória e se expressar virtude. Só pelo silêncio é que se garante a vida e, conseqüentemente, a possibilidade de alcançar ou realizar algo. Desde a abertura da obra, Tácito relata que só sobreviveram aos últimos anos aqueles que “vieram em silêncio” (*per silentium uenimus*).²⁶

O capítulo seguinte tem como cenário o início da carreira militar de Agrícola e se situa temporalmente no ano de 69 d.C., o ano dos quatro imperadores.²⁷ Quando Muciano representava *princeps* em Roma, Agrícola foi posto à frente da sediciosa vigésima Legião, segundo Tácito.²⁸ Retoricamente, Tácito amplifica a autoridade do general ao assinalar que a legião era uma das mais difíceis de se controlar, o que contribui para a grandeza de seu retratado. Apesar da indisciplina da legião, dá provas de sua moderação:

quippe legatis quoque consularibus nimia ac formidolosa erat, nec legatus praetorius ad cohibendum potens, incertum suo an militum ingenio. ⁶ Ita

²⁵ POL., *Hist.*, 1.14.3. E ele completa, mais adiante: “Por isso não se deve hesitar em acusar os amigos ou em elogiar os inimigos, nem é preciso precaver-se contra censurar e elogiar a mesma pessoa, pois não é possível que os agentes sejam sempre bem-sucedidos, nem plausível que errem continuamente. POL., *Hist.*, 1.14.7. Tradução de Breno B. Sebastiani.

²⁶ TAC., *Agr.*, 3.2.

²⁷ Veja-se capítulo 4 *infra*.

²⁸ TAC., *Agr.*, 7.4-5.

successor simul et ultor electus rarissima moderatione maluit uideri inuenisse bonos quam fecisse.

Ela era irredutível e temerosa até para os legados consulares, e nem o legado pretoriano podia coibi-la, não se sabe se por causa do temperamento dele mesmo ou dos soldados. Assim, ao mesmo tempo, escolhido sucessor e corretor, preferiu, com a mais rara moderação, parecer tê-los encontrado bons a tê-los assim tornado.²⁹

Tácito descreve como Agrícola lida com soldados tão indomáveis: dispõe de *moderatio*, especificada como a mais rara (*rarissima moderatione*).³⁰ O superlativo reforça a postura do general, sustentada por essa qualidade mesmo num momento em que poderia se deixar levar por uma força autoritária.³¹ Entretanto, ao atuar na rebelde província liderada por Vétio Bolano, um chefe “mais calmo que atroz” (*placidius quam feroci*; Agr., 8.1), segundo Tácito, Agrícola atua da seguinte maneira: “experiente em ceder e sábio para unir o que é útil ao honesto, abrandou sua força e conteve seu ardor, para que esse não crescesse” (*temperauit Agricola uim suam ardoremque compescuit, ne increaseret, peritus obsequi eruditusque utilia honestis miscere*).³² Novamente, o general exhibe capacidade de controlar seu poder sobre o outro, não agindo de modo desmedido. Além disso, Tácito estabelece um contraste pontual com Bolano, que não era equilibradamente rígido. A expressão *temperare uim* presente no excerto evidencia a competência de Agrícola em refrear ou mesmo se abster de sua força, a fim de *compescere ardorem*, construção que também está no domínio semântico do controle.

Dado o seu sucesso entre as tropas, Agrícola adquiria valor, mas não exaltava sua própria fama. Ao contrário, mostrava “virtude para obedecer, pudor para se vangloriar, estava ao abrigo da inveja sem estar ao abrigo da glória” (*uirtute in obsequendo, uerecundia in praedicando extra inuidiam nec extra gloriam erat*).³³ Tácito introduz aqui um aspecto muito importante da conduta de Agrícola: “virtude para obedecer” (e já observara antes que ele era *peritus obsequi*). Obedecendo, não despertava *inuidia* e aproximava-se da glória.

O *obsequium* é um termo recorrente na biografia de Agrícola e parece constituir um fio de leitura entre diferentes personagens das obras taciteanas. Ademais, é um tema

²⁹ TAC., Agr., 7.5-6.

³⁰ Vale notar que *rarus* foi adjetivo empregado para qualificar a *castitas* da mãe de Agrícola.

³¹ BENFERHAT, 2007, p. 191; CLASSEN, 1988, p. 95.

³² TAC., Agr., 8.1.

³³ TAC., Agr., 8.4. Haynes (2006, p. 167) chama a atenção para o fato de que Tácito lança mão de *sententiae* para falar das virtudes de Agrícola de modo ambíguo. O trecho supracitado é um dos exemplos da autora. Notamos que, de fato, o historiador utiliza desse recurso todas as vezes que encerra um capítulo no qual deseja demonstrar a *fama* ou *gloria* adquirida pelo general de modo comedido ou como ele age em relação a isso (por exemplo: Agr., 9.8; 18.7).

sobre o qual tece uma profunda reflexão no que diz respeito à relação entre a aristocracia e *princeps*. De modo geral, pode-se dizer que o *obsequium*, conforme aponta Classen, é uma característica “que nunca foi esperada de um cidadão romano, certamente não de alguém na posição de Agrícola”.³⁴ Nos trechos acima, Tácito especifica a habilidade de Agrícola em ceder ou obedecer e o modo pelo qual o faz: com *uirtus*. Nesse sentido, veremos que o comandante demonstra que, mesmo para obedecer, é necessário dispor de *uirtus*, de valor, de bravura. Isso não significa, então, submeter-se de maneira covarde, mas agir na observância de um respeito na vida pública.³⁵ Tácito demonstra como o general faz isso por meio da *moderatio*, que lhe permite demonstrar virtudes, sem provocar a ira do príncipe.³⁶ Nessa direção, nos *Anais*, Tácito medita sobre o que ele chama *deforme obsequium*, ou seja, uma obediência desproporcional, que beira à adulação.³⁷ Ali, o historiador reitera a virtude da moderação, capaz de dar a medida justa tanto respeitar, quanto para ser respeitado pelo príncipe. Esses aspectos apontados no *Agrícola* ecoam na obra e no retrato de M. Lépido.³⁸

Depois de reforçar no retrato de Agrícola seu caráter reservado e de medida nas relações hierárquicas, Tácito descreve as ações do general quando fora governador da província da Aquitânia, no ano de 74. d.C. O nono capítulo traz um vocabulário interessante na composição da imagem do general no que concerne à administração dessa província:

Reuertentem ab legatione legionis diuus Vespasianus inter patricios adsciuit; ac deinde prouinciae Aquitaniae praeposuit, splendidae inprimis dignitatis administratione ac spe consulatus, cui destinarat. ² Credunt plerique militaribus ingeniis subtilitatem deesse, quia castrensis iurisdictione secunda et obtusior ac plura manu agens calliditatem fori non exerceat. ³ Agricola naturali prudentia, quamuis inter togatos, facile iusteque agebat. ⁴ Iam uero tempora curarum remissionumque diuisa: ubi conuentus ac iudicia poscerent, grauis, intentus, seuerus et saepius misericors; ubi officio satis factum, nulla ultra potestatis persona: tristitiam et adrogantiam et auaritiam exuerat. ⁵ Nec illi, quod est rarissimum, aut facilitas auctoritatem aut seueritas amorem deminuit. Integritatem atque abstinentiam in tanto uiro referre iniuria uirtutum fuerit. ⁶ Ne famam quidem, cui saepe etiam boni indulgent, ostentanda uirtute aut per artem quaesiuit: procul ab aemulatione aduersus collegas, procul a contentione aduersus procuratores, et uincere inglorium et atteri sordidum arbitrabatur. ⁷ Minus triennium in ea legatione detentus ac statim ad spem consulatus reuocatus est, comitante opinione Britanniam ei

³⁴ CLASSEN, 1988, p. 101.

³⁵ *Ibidem*. Syme (1958, p. 26-7) define *obsequium* na obra como uma relação de respeito dentro de uma instituição, por exemplo, o soldado a seu comandante, o senador ao senado, mas pontua que a *libertas* foi substituída pela obediência.

³⁶ Vide Kapust (2009).

³⁷ Ver também BALMACEDA (2017, p. 166); CLASSEN, 1988, p. 102.

³⁸ Vide item 2 deste capítulo.

*prouinciam dari, nullis in hoc ipsius sermonibus, sed quia par uidebatur.*⁸
Haud semper errat fama; aliquando et eligit.

Quando retornava do ofício de legado da legião, o divino Vespasiano o admitiu entre os patrícios e, em seguida, colocou-o no comando da província da Aquitânia, uma distinção esplêndida, sobretudo pela administração e esperança do consulado a ele destinado. Acreditam muitos que falta sutileza nas inteligências militares, porque a jurisdição do exército, mais simples e dinâmica, não exercita a habilidade típica do fórum. Agrícola, com uma prudência natural, mesmo entre os togados, administrava com afabilidade e justiça. Na verdade, tempos divididos em preocupação e descanso: quando os inquéritos judiciais pediam, ele era seriamente aplicado, severo e mais frequentemente misericordioso; quando se tinha cumprido o dever, não exercia nenhuma função de poder: despojava-se de severidade, arrogância e avareza. Também a afabilidade não lhe diminuiu a autoridade, o que é muitíssimo raro, ou a severidade diminuiu o amor. Um tratamento injusto de suas virtudes teria sido mencionar a integridade e o desinteresse reunidos em tamanho homem. E mesmo a fama, de quem até os homens de bem se ocupam, não buscou por ostentação de *uirtus* ou por meio de artifícios. Longe de rivalizar com os colegas, longe da disputa contra os procuradores, julgava ser inglório vencer e humilhante ser esmagado. Com menos de três anos encarregado dessa missão, foi chamado de volta com a esperança de um consulado, acompanhando-o o rumor de que lhe era assinalada a província da Britânia, não por palavras dele próprio a esse respeito, mas porque ele parecia à altura. Nem sempre erra a fama, de vez em quando ela também escolhe.³⁹

A organização do capítulo situa as atividades de Agrícola não só no campo militar, mas também no administrativo, ressaltando sua destreza nessas duas esferas. Ao introduzir uma opinião geral (*credunt plerique*) sobre a simplicidade das questões militares em relação à habilidade necessária no fórum, o historiador descreve a conduta dinâmica de seu sogro, cujas virtudes se deslocam em ambos os domínios. Observando os adjetivos ali dispostos, nota-se primeiro que Agrícola dispõe de *naturalis prudentia*, qualidade que Tácito atribui também à sua mãe e que se manifesta de modo natural no filho, sabendo agir de maneira justa também entre togados. Isso é ilustrado pela série de qualidades que o descrevem em seguida: *grauis*, *intentus*, *seuerus* e *misericos*, das quais nos chamam mais a atenção as duas últimas.

Retomando os retratos salustianos de César e Catão, o Jovem, lembramo-nos de que aquele era um exemplo de *uirtus* por sua *misericordia*, este, por sua *seueritas*. Ora, parece-nos que a imagem de Agrícola aqui se pinta, em certa medida, pela junção de qualidades daqueles que atuaram, respectivamente, como um excelente general e como um exímio senador.⁴⁰ Com o equilíbrio dessas qualidades, atuava adequadamente em seus ofícios, sabendo interpretar o papel de *potestatis persona*, máscara da qual se despojava

³⁹ TAC., *Agr.*, 9.1-8.

⁴⁰ Ver também Birley (2009, p. 50-1), que, no entanto, destaca que Tácito pretende atribuir qualidades estoicas a Agrícola. DEVILLERS, 2007, p. 227. Vide também Lausberg (1980).

cumpridas as tarefas.⁴¹ É interessante notar também que, nesse seu papel da autoridade, Agrícola não agia com *tristitia*, *avaritia* e *adrogantia*, vícios comumente exibidos por aqueles que dispõem de algum poder.⁴² Livre desses vícios, ele agia em prol da república equilibrando, de modo raríssimo, segundo Tácito, *facilitas* (também característica de César em Salústio) e *auctoritas*, *seueritas* e *amor*. Por fim, Tácito refere-se a sua *integritas* (qualidade de Catão) e desinteresse, que reunidas em tão notável homem, não encontram palavras que as descrevam à altura. Observar as virtudes da perspectiva do retrato dessas figuras republicanas reforça a ideia de equilíbrio na disposição de cada uma delas por parte de Agrícola. A palavra *uirtus* aparece mais uma vez: Agrícola não a ostentava pela fama, nem a procurava por meio de artifícios.⁴³ Sabe-se que príncipes como Calígula e Domiciano, por exemplo, procuravam obter a *fama* e a *gloria* por meio de supostas vitórias militares nunca ocorridas.⁴⁴

A partir daqui o opúsculo se concentra no relato da conquista da Britânia, encabeçada por esse general, e é nesse âmbito que sua caracterização será mais detalhadamente elaborada. Do capítulo 10 ao 39, narram-se os sete anos durante os quais Agrícola governou a Britânia e comandou expedições, tendo sido “o primeiro a conquistá-la por inteiro” (*primum perdomita est*), diz Tácito.⁴⁵ O ineditismo do fato, inclusive, é a justificativa para o historiador narrar sua geografia e os povos que ali viviam, ainda que outros já o tivessem feito “com cuidado e engenho”, tocando aqui no tópico historiográfico sobre o qual já discorreremos antes. Seria pelas mãos do general Agrícola, depois da empreitada de tantos imperadores, que ela seria completamente submetida a Roma.⁴⁶ Em seguida, Tácito enumera os consulares que precederam seu sogro, de modo

⁴¹ FORNI, 1962, p. 115 e SOVERINI, 2004, p.147.

⁴² Veremos ao longo das análises a presença dessas características em personagens caracterizadas justamente pela ausência de moderação. Vide também sobre o passo, Forni (1962, p. 117-18).

⁴³ É interessante que as personagens do ano de 69 d.C. serão marcadas justamente por um comportamento contrário ao de Agrícola: o excessivo interesse pela *fama*, que lhes impede de alcançar a *gloria* com *uirtus*. Trataremos desse tema adiante.

⁴⁴ Sobre Domiciano: TAC., *Agr.*, 39; sobre Calígula: SUET., *Cal.*, 42. Cf. Birley (1999, p. xvii) a respeito da impossibilidade da vitória de Domiciano, e Sailor (2008, p. 51-2), sobre representação e monopolização do triunfo pelo príncipe e fabricação de vitórias.

⁴⁵ TAC., *Agr.*, 10.1. Entre os capítulos 13 e 17, Tácito descreve as relações entre romanos e a região até o comando de Agrícola.

⁴⁶ TAC., *Agr.*, 13-2-5: “[...] o divino Júlio foi o primeiro de todos os romanos a entrar com o exército na Britânia. Ainda que com uma batalha bem-sucedida tenha aterrorizado os habitantes e tomado o litoral, é possível perceber que ele a mostrou aos posteriores, não a entregou. Logo houve guerras civis e os exércitos dos líderes políticos voltaram-se contra a república, e por um longo tempo se esqueceu da Britânia, até mesmo quando havia paz: a isso o divino Augusto chamava prudência; Tibério, de lei. Sabe-se que Gaio César concebeu o projeto de entrar na Britânia se, com seu temperamento volúvel, não se arrependesse rapidamente e se não tivessem sido vão seus ingentes esforços contra a Germânia. O divino Cláudio, responsável pelo recomeço da empreitada, transportou as legiões e as tropas auxiliares, tendo Vespasiano assumido parte da operação. Isso foi o início da fortuna vindoura: povos dominados, reis capturados,

a explicar a história política da então província e também engrandecer o que será anunciado a propósito do general.⁴⁷

Essa narrativa sobre o Império romano – dentro da narrativa maior que é a vida de Agrícola e que confere vivacidade a suas virtudes – reproduz, em certa medida, a relação senado-príncipe a partir do relacionamento romanos-província, ou uma analogia entre Império e Principado, conforme apontam alguns estudos.⁴⁸ Nesse sentido, observamos nesse recorte da obra o emprego do vocábulo *uirtus* e as virtudes a ela correlatas. Destarte, o apreço da *uirtus* – esse valor tão romano – é um traço do *éthos* dos povos estrangeiros.⁴⁹ Ao cotejar britanos e gauleses, Tácito assim os descreve:

Eorum sacra deprehendas, ac superstitionum persuasiones; sermo haud multum diuersus, in deprecandis periculis eadem audacia et, ubi aduenere, in detrectandis eadem formido. ⁵ Plus tamen ferociae Britanni praeferunt, ut quos nondum longa pax emollierit; nam Gallos quoque in bellis floruisse accepimus; mox segnitia cum otio intrauit, amissa uirtute pariter ac libertate.

Seus rituais podem ser lá encontrados e as crenças das superstições; a língua não é muito diferente, há a mesma audácia ao desafiar o perigo e, quando esse chega, o mesmo terror ao evitá-lo. No entanto, os britanos ostentam uma ferocidade maior, pois ainda não foram amolecidos por uma longa paz. De fato, também os gauleses, sabemos, brilharam na guerra; logo a indolência com o ócio chegou e se perdeu a *uirtus* junto com a liberdade.⁵⁰

Os gauleses, depois da submissão aos romanos, perderam a *uirtus* e também a sua *libertas*,⁵¹ de acordo com a construção taciteana, aludindo aos mesmos vícios que abalaram os valores romanos. É a consciência dos males da servidão (*mala seruitutis*) que incita a famigerada revolta liderada por Boudica: os britanos deveriam lutar em nome da “pátria, esposas e pais” – demonstração de *pietas* – contra a luxúria romana, conforme “a bravura de seus antepassados” (*uirtutem maiorum suorum*).⁵² O mesmo se apresenta no resultado das rebeliões sufocadas já sob o comando de Agrícola: ele trabalhava para que britanos se acostumassem “à tranquilidade e ao ócio” (*quieti et otio*), diz Tácito. Ora,

Vespasiano indicado pelo destino” (*Igitur primus omnium Romanorum diuus Iulius cum exercitu Britanniam ingressus, quamquam prospera pugna terruerit incolas ac litore potitus sit, potest uideri ostendisse posteris, non tradidisse. ³ Mox bella ciuilia et in rem publicam uersa principum arma, ac longa obliuio Britanniae etiam in pace; consilium id diuus Augustus uocabat, Tiberius praeceptum. ⁴ Agitasse Gaium Caesarem de intranda Britannia satis constat, ni uelox ingenio mobili paenitentiae, et ingentes aduersus Germaniam conatus frustra fuissent. ⁵ Diuus Claudius auctor iterati operis, transuictis legionibus auxiliisque et adsumpto in partem rerum Vespasiano, quod initium uenturae mox fortunae fuit: domitiae gentes, capti reges et monstratus fatis Vespasianus*).

⁴⁷ BIRLEY, 2009, p. 55.

⁴⁸ DEVILLERS, 2007, p. 224; LIEBESCHUETZ, 1966, p. 135-9; SAILOR, 2012, p. 30 e ss.

⁴⁹ BEWS, 1987, p. 206.

⁵⁰ TAC., *Agr.*, 11.4-5.

⁵¹ DEVILLERS, 2007, p. 224; LIEBESCHUETZ, 1966, p. 135.

⁵² TAC., *Agr.*, 15.5. Nos *Anais*, essa rebelião é evocada em 14.33-38.

quies e *otium* descrevem a postura de Agrícola quando tribuno e estarão presentes mais uma vez ao fim da narrativa. Então, Agrícola transparece em suas ações esses aspectos que contribuem para a representação de sua conduta. E, enfim, valores presentes no retrato do general são postos em evidência no discurso de Cálgaco, que, ao longo da última campanha do general, desenvolvida de modo mais extenso por Tácito, exorta os britanos a se libertarem e evitarem a servidão aos romanos, caso a Caledônia seja submetida.⁵³ Esse homem se sobressai entre outros comandantes por sua *uirtus* e pronuncia um inflamado discurso, célebre por acusar os romanos de *raptores orbis*.⁵⁴ Mas recortaremos aqui apenas os tópicos de sua fala cujo objetivo central é mostrar aos britanos a situação de serventia em que se encontravam: o corolário do embate será “o começo da liberdade para toda a Britânia” (*initium libertatis toti Britanniae*),⁵⁵ em vista da impossibilidade de se escapar da soberba romana “por meio da obediência e da moderação” (*per obsequium et modestiam effugias*).⁵⁶ A presença desse par no discurso de Cálgaco é digno de nota: é o mesmo vocabulário que vimos na descrição de Agrícola e também serão base para a conclusão de Tácito acerca da existência de virtude sob Domiciano.⁵⁷ Na segunda parte do discurso (*Agr.*, 31), o vocábulo da servidão aparece quatro vezes,⁵⁸ e o caledônio afirma que “a virtude e a impetuosidade são detestáveis aos que imperam” (*Virtus porro ac ferocia subiectorum ingrata imperantibus*).⁵⁹ O microcontexto romano da província traz, pela voz de Cálgaco, um sentimento que se verifica também em Roma: a manifestação da *uirtus* não agrada aos que imperam – no caso, os príncipes, que tentam até mesmo apagá-la: veja-se Nero que, “trucidou a virtude” (*uirtutem trucidatus*), ou mesmo outras afirmações taciteanas que vão nesse sentido, como “os tempos são infestos às virtudes” e “o desejo de glória militar, detestável àqueles tempos”. Assim, a relação que os britanos são obrigados a manter com os romanos pode ser entendida metaforicamente como a mesma que o senado estabelece com o *princeps*.

⁵³ A respeito do discurso de Cálgaco como fantasia de uma visão “de fora” do Império e da projeção do outro (romanos), vide O’Gorman (2014).

⁵⁴ TAC., *Agr.*, 29.6. Vide Devillers (2007, p. 225-6) para a caracterização dos romanos como tiranos nos discursos de Boudica e Cálgaco e ainda, Benferhat (2011, p. 271). Balmaceda (2017, p. 170) chama a atenção para o fato de que os vícios evocados por Cálgaco são os mesmos aos quais Salústio atribui a crise republicana: *superbia*, *avaritia* e *ambitio*.

⁵⁵ TAC., *Agr.*, 30.1. Ver também 31.6: *in libertatem, non in paenitentiam allaturi*.

⁵⁶ TAC., *Agr.*, 30.5.

⁵⁷ Comentaremos essa passagem em breve. Adiantamos, porém, que Tácito acresce à caracterização do general outras qualidades como *industria* e *uigor*.

⁵⁸ TAC., *Agr.*, 31.1: *alibi seruituri*; 31.3: *nata seruituti e Britannia seruitutem suam cotidie emit e* 31.8: *seruientium poena*.

⁵⁹ TAC., *Agr.*, 31.5.

É como se Tácito ampliasse com uma lupa detalhes da relação de Agrícola com Domiciano, fazendo-nos ver como funciona o relacionamento senado e príncipe a partir, então, da relação do Império com as províncias.

Compreender em profundidade essas relações de servidão e liberdade foge ao âmbito do nosso trabalho;⁶⁰ no entanto, passá-las em silêncio seria ignorar um recurso narrativo que contribui também para a elaboração do retrato de Agrícola. Não obstante a analogia entre os dois contextos maiores, o comportamento do general para com os seus é descrito de modo antagônico ao dos príncipes romanos, visto que ele mantém a mesma constância também quando ocupa uma posição de superioridade.⁶¹ Feita essa digressão, sistematizemos o que observamos no retrato de Agrícola até o momento.

A biografia de Júlio Agrícola traz a imagem de um indivíduo que desde a juventude apresenta uma conduta virtuosa e honesta. Identificamos em sua caracterização um léxico relacionado à *uirtus*, sobre o qual discorreremos em nosso primeiro capítulo. Também notamos que a *gloria* é um motivo recorrente na narrativa, essa que instiga a manifestação da *uirtus*. Além disso, foram essenciais em sua formação o exemplo de *uirtus* do próprio pai, de *prudencia* da mãe, de *moderatio* de S. Paulino, o que lhe rendeu um caráter de raríssima moderação, de temperança, enfim, de equilíbrio, perceptível na descrição que Tácito faz de sua atuação na Aquitânia. O vocabulário presente evoca as qualidades que Salústio empregara no retrato de César e Catão, mas Agrícola é notável por mesclá-las e temperá-las. De modo geral, prevalece em sua caracterização a *moderatio*, visto que todos os episódios revelam uma atitude moderada seja na obtenção da fama, seja na relação com seus superiores ou subordinados, evitando toda forma de excesso.⁶² O retrato evidencia também um comportamento descrito de modo interessante quando Agrícola se encontra num lugar de subordinação: são palavras-chave *otium et quies*, *obsequium et moderatio* e *inertia*, que chamaremos aqui de termos da restrição. Essa reserva *a priori* parece incongruente ao chefe militar; na verdade, Cálgaco, por exemplo, que é um general de destaque entre os britanos, de *uirtus* e *decorum*, como o próprio Tácito o descreve, despreza o valor de uma ação orientada por *obsequium* e *moderatio*.⁶³ Temos um contraste entre a imagem dessas duas figuras, porque Agrícola,

⁶⁰ Para uma discussão aprofundada sobre metáfora da escravidão em Roma, Joly (2004).

⁶¹ A propósito da pouca interferência do príncipe na Britânia e da viabilidade do bom comando de Agrícola, Liebeschuetz (1966); Sailor (2008).

⁶² CLASSEN, 1988, p. 96-7; LIEBESCHUETZ, 1966, p. 127.

⁶³ É curioso notar que encontramos características positivas de Agrícola com conotação negativa, no contexto britano, como os vocábulos *patientia* e *constantia*. Em 15.1 e 5, respectivamente, há uma crítica sobre *patientia*: é uma desculpa para que eles suportem coisas piores; depois, *constantia* é uma

escolhendo a conduta da restrição pessoal, a despeito de parecer indigna a homens como ele, obterá *gloria* e reconhecimento.⁶⁴ Considerando esses primeiros aspectos do retrato de Júlio Agrícola, podemos perceber que, embora Tácito recupere um vocabulário republicano da *uirtus*, ele o modifica pela presença de novos termos que, a nosso ver, passam a ser parte de uma nova representação desse conceito, bem como de um vocabulário político imperial.

Passemos agora à descrição da personagem de Agrícola no exercício de seu proconsulado e de funções militares, durante os quais Tácito o retrata como um *summus imperator*, conforme nos sugere o vocabulário e outros recursos narrativos utilizados.

Tácito narra os feitos de Agrícola na Britânia ano a ano, tendo como marcadores as mudanças das estações. A cada expedição, vai-se construindo seu retrato de bom general. No meio do verão do ano de 77 ou 78 d.C., ainda sob o principado de Vespasiano, o general chegou à província onde encontrou a desordem causada pelas guerras que o historiador narrara nos capítulos anteriores. Nesse momento, a descrição das ações do general mostra suas habilidades como chefe, demonstradas pela *ratio* e *constantia* nas expedições que submeteram a ilha de Mona, sinais de seu *consilium in prouidendo*.⁶⁵ Seu sucesso, decorrente do *labor*, outra característica do bom general, e o enfrentamento do perigo o tornaram *clarus* e *magnus*, mas Agrícola não usou disso para se vangloriar, embora “a própria dissimulação da fama a fama aumentou” (*ipsa dissimulatione famae fama auxit*).⁶⁶ Esse aspecto é importante, porque coloca Agrícola numa posição de humildade em relação às suas conquistas, não cedendo à ambição que poderia ser despertada pela fama. Sendo prudente (*prudens*), qualidade já outrora mencionada, começou a organizar questões internas à província, no que segue uma enumeração de suas ações (*Agr.*, 19) e de seus gestos para com os provincianos: “Sabia tudo, nem tudo punia. Nos pequenos erros aplicava benevolência,⁶⁷ nos maiores, severidade” (*omnia scire, non*

característica dos miseráveis. Esses termos, portanto, no ponto de vista dos subjugados pelos romanos são qualidades negativas que, na verdade, os mantêm na condição servil. Porém, não agir a partir de sua observância leva os britanos a serem debelados. Vale notar que esses mesmos substantivos são traços positivos de Agrícola.

⁶⁴ LIEBESCHUETZ, 1966, p. 130.

⁶⁵ DEVILLERS, 2005, p. 369.

⁶⁶ TAC., *Agr.*, 17.7.

⁶⁷ Benferhat (2007, p. 185 e ss.) destaca a ausência do termo *clementia* na biografia de Agrícola. Para descrever tal comportamento, Tácito prefere empregar *uenia*, cujo sentido é perdão, indulgência. A estudiosa enumera algumas possibilidades que explicariam esse dado, dentre essas a tendência a considerar outros tipos de perdão que não a *clementia* e a necessidade de afastar o comportamento de Agrícola da *clementia principis*. Ver também Balmaceda (2007).

omnia exsequi; paruis peccatis ueniam, magnis seueritatem commodare),⁶⁸ exibindo mais uma vez sua capacidade de equilibrar qualidades necessárias para comandar. No ano seguinte, portanto, a Britânia achava-se em paz, graças às missões de Agrícola. Apesar disso, o general mantinha seus soldados ativos:

Sed ubi aestas aduenit, contracto exercitu multus in agmine, laudare modestiam, disiectos coercere; loca castris ipse capere, aestuaria ac siluas ipse praetemptare; et nihil interim apud hostis quietum pati, quo minus subitis excursibus popularetur; atque ubi satis terruerat, parcendo rursus inuitamenta pacis ostentare.

Porém, quando o verão chegou, com o exército reunido, presente durante a marcha, Agrícola louvava a disciplina, continha a dispersão. Ele próprio escolhia os lugares do acampamento, ele mesmo sondava antes os estuários e as florestas e, nesse meio-tempo, não dava sossego aos inimigos, não deixando de devastá-los por incursões repentinas. Quando havia aterrorizado suficientemente, ao poupá-los, mostrava os atrativos da paz.⁶⁹

Tácito descreve, usando quiasmo e *uariatio*, como Agrícola tratava seu exército, e a *modestia* era um atributo de louvor para o general. Como é de praxe, o historiador narra as atividades do líder, mostrando como ele mesmo se envolve nas tarefas militares, sendo modelo a seus soldados, e isso se amplia quando de seu terceiro ano de expedições (por volta de 80 d.C.), em que Tácito assinala: “Os peritos notavam que nenhum outro comandante tinha percebido mais sabiamente a conveniência dos lugares ao escolhê-los” (*Adnotabant periti non alium ducem opportunitates locorum sapientius legisse*).⁷⁰ Isso demonstra a *scientia militaris* do general, uma das virtudes elencadas por Cícero em *Sobre o comando de Gneu Pompeu*,⁷¹ e são recursos narrativos frequentes nos retratos dos bons generais.

Agrícola conquistou diversas partes da Britânia durante seus anos como governador da província e, quando buscou ampliar suas expedições, enfrentou dificuldades com os povos da Caledônia. Em meio a esses conflitos, Tácito procura caracterizá-lo também no âmbito particular de sua vida. Quando Agrícola perde um filho, Tácito afirma que ele suporta o luto “nem como muitos dos mais fortes dos homens, isto é, com altivez, nem com lamentos e fraqueza” (*neque ut plerique fortium uirorum ambitiose, neque per lamenta rursus ac maerorem*),⁷² ou seja, de modo comedido. Tal espécie de evento ecoa, a nosso ver, o episódio dos *Anais* em que Nero perde sua filha:

⁶⁸ TAC., *Agr.*, 19.3.

⁶⁹ TAC., *Agr.*, 20.2.

⁷⁰ TAC., *Agr.*, 22.2.

⁷¹ DEVILLERS, 2005, p. 369.

⁷² TAC., *Agr.*, 29.1.

inversamente, o *princeps* vive o luto de forma *imoderada*.⁷³ Apesar da aparente irrelevância desse fato, ele nos mostra como o tema da moderação perpassa as obras de Tácito, ainda que nem sempre esse conceito seja nomeado. A continuidade de suas batalhas era um desvio desse sofrimento: nesse mesmo momento, Agrícola marcha com os seus para o Monte Gráupio, onde ocorrerá a batalha contra os caledônios. Tácito deixa de caracterizá-lo diretamente e lhe atribui um discurso no qual veremos elementos importantes para o retrato. O general exalta a coragem e a proeza dos soldados, que com coragem (*fortitudo*) e com perseverança e labor (*patientia ac labor*) venceram tantas expedições e batalhas, o que demonstra sua *industria*.⁷⁴ Suas palavras evocam qualidades dignas do bom general, as denominadas *uirtutes imperatoriae*, por Cícero. Sem dúvida, essas qualidades são partilhadas pelo chefe.⁷⁵

O general havia finalmente submetido toda a Britânia, quando ocorre a transição de poder e Domiciano se torna *princeps*. Tácito relata a recepção das novas notícias e insere um tema importante no que diz respeito à dinâmica do Principado:

*Hunc rerum cursum, quamquam nulla uerborum iactantia epistulis Agricolae auctum, ut erat Domitiano moris, fronte laetus, pectore anxius exceperit. ² Inerat conscientia derisui fuisse nuper falsum e Germania triumphum, emptis per commercia, quorum habitus et crinis in captiuorum speciem formarentur: at nunc| ueram magnamque uictoriam tot milibus hostium caesis ingenti fama celebrari. ³ Id sibi maxime formidolosum, priuati hominis nomen supra principem attolli: frustra studia fori et ciuiliu artium decus in silentium acta, si militarem gloriam alius occuparet; cetera utcumque facilius dissimulari, **ducis boni imperatoriam uirtutem esse.** ⁴ Talibus curis exercitus, quodque saeuae cogitationis indicium erat, secreto suo satiatus, optimum in praesentia statuit reponere odium, donec impetus famae et fauor exercitus languesceret: nam etiam tum Agricola Britanniam obtinebat.*

Esse curso dos acontecimentos, embora não tenha sido aumentado por palavras vaidosas nas cartas de Agrícola, Domiciano, como era de costume, recebeu alegre na aparência, mas com o peito inquieto. Tinha consciência de que, recentemente, o falso triunfo da Germânia tinha sido motivo de riso, tendo comprado por comércio escravos, para os quais forjavam roupas e cabelos semelhantes aos dos cativos: mas agora, a verdadeira grande vitória, com enorme glória era celebrada, havendo tantos mil inimigos mortos. Para ele, o mais terrível era ter o nome de um mero civil exaltado acima do nome do príncipe. As ocupações no fórum e o decoro das artes civis teriam sido lançados em vão no silêncio se outro usurpasse a glória militar. Seja como for, as demais coisas eram mais facilmente dissimuladas, mas a *uirtus* do bom comandante era do imperador. Agitado com tais preocupações, saciado em seu íntimo – indícios de ideias terríveis –, decidiu, no momento, guardar o ódio até que o

⁷³ Forni (1967, p. 192) associa o termo *ambitiose* a uma postura estoica imperturbável. Sobre isso e sobre o episódio de Nero, veja-se o capítulo a seguir desta tese.

⁷⁴ TAC., *Agr.*, 34.

⁷⁵ Vide Devillers (2005), a respeito do estereótipo do bom general em Agrícola.

entusiasmo da popularidade e a simpatia do exército esfriassem, pois Agrícola ainda comandava a Britânia.⁷⁶

A entrada de Domiciano na narrativa se dá nominalmente a partir dessa passagem. Na verdade, pouco se sabe sobre o príncipe durante o relato que encerra as expedições de Agrícola na Britânia. Essas campanhas demonstram como o general expressava suas qualidades individuais e militares em suas funções, o que o caracteriza como um homem de *uirtus*, detentor especialmente das *uirtutes imperatoriae*. Ora, Tácito não à toa descreve o incômodo perceptível nos trejeitos de Domiciano ao receber as novas de uma grandiosa vitória: afinal, ao demonstrar essas virtudes dignas do que comanda, Agrícola rivaliza diretamente com o *princeps*, a quem deveria pertencer a verdadeira glória militar.⁷⁷ E finalmente Tácito introduz um tema que deixa mais evidente a *uirtus* de Agrícola num contexto em que ele continua a adquirir *gloria*, por meio de virtudes. Domiciano só dispunha de uma glória fabricada. Isso certamente intensifica sua preocupação: a censura de seu principado fora em vão, visto que o nome de um civil eclipsa sua glória militar e o nome do *princeps*.⁷⁸ Agrícola possui *fama* e *fauor* – aspectos que aumentam ainda mais o valor do general e, contrariamente, diminuem a autoridade do príncipe. É a partir daqui que a narração passa a expor mais brevemente a hostilidade de Domiciano contra Agrícola.⁷⁹

Tácito introduz essa tensão ao fechar esse capítulo: Domiciano, remoendo ideias terríveis, aguarda o clamor do momento passar para liberar seu ódio. E os dias viriam não sem perigo para Agrícola, que ofendera o príncipe:

Crebro per eos dies apud Domitianum absens accusatus, absens absolutus est. Causa periculi non crimen ullum aut querela laesi cuiusquam, sed infensus uirtutibus princeps et gloria uiri ac pessimum inimicorum genus, laudantes.

Por aqueles dias, diante de Domiciano, foi várias vezes acusado estando ausente, e ausente também absolvido. A causa do perigo não foi algum crime ou a querela de alguém ultrajado, mas um príncipe ofendido pelas virtudes e pela glória de um homem, e a pior espécie de inimigos, os que o louvavam.⁸⁰

⁷⁶ TAC., *Agr.*, 39.

⁷⁷ Algo parecido ocorre quando Tibério recebe notícias dos sucessos de Germânico. Cf. Parte 2, capítulo 3.

⁷⁸ Vale lembrar que Tácito retoma aqui elementos do prefácio: essa censura se refere aos anos de silêncio a que muitos foram submetidos. Além disso, o historiador retomará a questão da violência desse principado mais adiante.

⁷⁹ Vide Städele (1988). Com efeito, essa hostilidade foi bastante questionada por diversos estudiosos, insistindo-se sobre o caráter fortemente retórico da imagem positiva de Agrícola, e consequentemente, negativa de Domiciano. Foge aos objetivos de nossa pesquisa analisar essa questão. Marques (2007, p. 121 e ss.) apresenta detalhada leitura e revisão bibliográfica sobre esse tema.

⁸⁰ TAC., *Agr.*, 41.1-2.

Tácito destaca duas coisas ultrajantes para Domiciano, que Agrícola simboliza: *uirtutes* e *gloria*. Forni (2010, p. 234) observa que o historiador ressalta a reserva do general quanto à sua glória e à inveja do príncipe pela repetição de *absens*. Tanto é que, após receber ornamentos triunfais, já que o triunfo propriamente pertence apenas ao príncipe, Agrícola retornara a Roma durante a noite, quase que sob anonimato e, daí em diante,

Ceterum uti militare nomen, graue inter otiosos, aliis uirtutibus temperaret, tranquillitatem atque otium penitus hausit, cultu modicus, sermone facilis, uno aut altero amicorum comitatus, adeo ut plerique, quibus magnos uiros per ambitionem aestimare mos est, uiso aspectoque Agricola quaererent famam, pauci interpretarentur.

Ademais, para temperar com outras virtudes o nome militar, odioso entre os ociosos, dedicou-se plenamente à tranquilidade e ao ócio, modesto no levar da vida, de discurso simples, acompanhado de um ou outro amigo, a tal ponto que muitos, que por costume estimam os grandes homens pela ambição, vendo e observando Agrícola, indagavam o motivo de sua fama, mas poucos a compreendiam.⁸¹

Consciente da autoridade que lhe confere o renome militar, Agrícola, em Roma, volta a dedicar-se ao ócio e à tranquilidade, assim como fizera sob o principado de Nero.⁸² Tal postura é um sinal de moderação, afinal era necessário temperar sua glória com outras virtudes. Entretanto, chama a atenção a oposição que Tácito faz entre *nomen militare* e *otiosus*: ao que parece, essa ideia de ócio só é positiva quando se trata da relação imediata com o príncipe. No contexto da batalha, da vida militar, ela se opõe a um espírito de luta, como vimos no contexto da Britânia. Tácito pinta um homem de espírito pacato, como se sua imagem não combinasse com o renome, visto que muitos admiram grandes homens por sua *ambitio*, um termo que apareceu em outros momentos (cf. *Agr.* 29.1; 42.6) sempre como um traço que não condiz com o comportamento de Agrícola.⁸³ Porém, por mais que Agrícola se apagasse na vida pública, os acontecimentos desfavoráveis que se sucediam na Britânia iluminavam ainda mais as suas virtudes e seu nome:

Et| ea insecuta sunt rei publicae tempora, quae sileri Agricolam non sinerent: tot exercitus in Moesia Daciaque et Germania et Pannonia temeritate aut per ignauiam ducum amissi, tot militares uiri cum tot cohortibus expugnati et capti; nec iam de limite imperii et ripa, sed de hibernis legionum et possessione dubitatum. ⁴ Ita cum damna damnis continuarentur atque omnis annus

⁸¹ TAC., *Agr.*, 40.5.

⁸² Ao falar de Catão, o Velho, Cícero comenta que, embora lhe tenha sido permitido, o senador preferiu atuar na República até a velhice a “viver na tranquilidade e ócio agradabilíssimos” (CIC., *Rep.*, 1.1.: *tranquillitate atique otio iucundissime uiuere*).

⁸³ No exórdio, Tácito comenta sobre os homens que, no passado, divulgavam a memória da virtude *sine gratia aut ambitione* (*Agr.* 1.2). O termo é frequentemente associado a personagens como Trásea Peto, por exemplo, e Tácito também parece rejeitar a *ambitio*. Discutiremos esse tema no capítulo seguinte.

funeribus et cladibus insigniretur, poscebatur ore uulgi dux Agricola, comparantibus cunctis uigorem, constantiam et expertum bellis animum cum inertia et formidine aliorum. ⁵ *Quibus sermonibus satis constat Domitiani quoque auris uerberatas, dum optimus quisque libertorum amore et fide, pessimi malignitate et liuore prouocantibus principem extimulabant.* ⁶ *Sic Agricola simul suis uirtutibus, simul uitii aliorum in ipsam gloriam praeceps agebatur.*

E tais foram os tempos que se seguiram para a república que não consentiram silenciar sobre Agrícola: tantos exércitos perdidos na Mésia e na Dácia, na Germânia e na Panônia pela temeridade ou covardia dos comandantes, tantos homens da milícia com tantas coortes exterminados e capturados. Duvidou-se não das margens e do limite do Império, mas da posse e das legiões de inverno. Assim, enquanto se acumulavam perdas após perdas e todos os anos se notabilizassem pelos mortos e pelas derrotas, pela voz do povo pedia-se Agrícola como comandante. Todos comparavam seu vigor, a alma constante e experiente na guerra com a inércia e medo da parte dos demais. Sabe-se que essas palavras também chegaram aos ouvidos de Domiciano, quando então os melhores entre os libertos, por estima e fidelidade, e os piores, por maldade e inveja, provocavam um príncipe já inclinado ao mal. Assim, Agrícola, tanto por suas virtudes, tanto por vícios de outrem, era conduzido à mesma glória.⁸⁴

A glória de Agrícola era popular e não seria silenciada, de modo que Agrícola não estava completamente ao abrigo da ira do príncipe ofendido. Seu *uigor*, *constantia* e *animus expertus bellis*, elementos que condensam a capacidade de comando da personagem, são contrastados por todos com a *inertia* e a *formido* dos demais comandantes. O capítulo enumera uma série de eventos que levam à amplitude de sua glória. De fato, Tácito enuncia que, além das próprias virtudes do sogro, os vícios de outros contribuía para a apreciação de sua glória. No ano seguinte, a fim de manter-se seguro, Agrícola é obrigado a recusar a proposta de um importante proconsulado, sob chantagem de alguns que, de modo dissimulado, inclusive louvavam seu afastamento das questões públicas (reitera-se a expressão: *quietem et otium laudare*). Tácito encerra esse episódio com uma reflexão acerca dos posicionamentos individuais diante dos príncipes:

Proprium humani ingenii est odisse quem laeseris: Domitiani uero natura praeceps in iram, et quo obscurior, eo inreuocabilior, moderatione tamen prudentiaque Agricolae leniebatur, quia non contumacia neque inani iactatione libertatis famam fatumque prouocabat. ⁶ *Sciant, quibus moris esse, obsequiumque ac modestiam, si industria ac uigor adsint, eo laudis excedere, quo plerique per abrupta, sed in nullum rei publicae usum <nisi> ambitiosa morte inclaruerunt.*

É próprio da natureza humana odiar aquele a que se prejudicou: com efeito, a natureza de Domiciano se inclinava para a ira e, quanto mais obscura, tanto mais irremediável; no entanto, abrandava-se pela moderação e prudência de Agrícola. Porque ele não provocava a fama e o destino nem com obstinação nem pretensão vazia de liberdade. Saibam aqueles cujo costume é se admirar o ilícito que pode haver grandes homens mesmo sob maus príncipes e que a obediência e a modéstia, se existem vigor e habilidade, assumem tal louvor que

⁸⁴ TAC., Agr., 41.3-6.

ultrapassa aquele pelo qual muitos, por meio de vias perigosas e sem qualquer serventia para a república, distinguiram-se com morte espalhafatosa.⁸⁵

O excerto é parte da conclusão da obra, em que Tácito focará seu elogio nos momentos finais da vida de Agrícola, vítima – possivelmente – do ciúme do príncipe ou apenas de uma doença que lhe arrebatou precocemente a vida. Tácito escolhe representar a memória do contexto sob essa tensão, essa dúvida. De todo modo, em suas reflexões, o ponto principal é afirmar que é possível haver grandes homens sob maus príncipes e Agrícola é um exemplo disso, como o historiador procurou representá-lo ao longo de toda a biografia. Tácito explica *como* se concretiza essa possibilidade que afirma existir. Apesar do caráter negativo de Domiciano, Agrícola não o provocava, agindo sempre com moderação e prudência, qualidades que temos visto mencionadas desde o início da obra. A elas, Tácito opõe a obstinação, ou contumácia, e uma suposta liberdade, pelas quais muitos buscavam a fama, o renome. Isso se relaciona à crítica que o historiador direciona a quem acabou sendo conhecido por uma morte *ambitiosa*, termo que, como comentamos anteriormente, é sempre afastado da conduta de Agrícola. O general, é fato, obteve os maiores louros que sua carreira lhe permitiu: com essa afirmação, de Tácito iniciamos este capítulo. Foi, então, um homem de *uirtus*. No entanto, seu percurso foi também marcado por uma reserva política e, nesse sentido, verificamos as reiteradas vezes que Tácito menciona uma conduta fundamentada na ideia de que “a obediência e a modéstia, se existem vigor e habilidade”, assumem um valor inestimável. Os quatro elementos condensam, por assim dizer, a representação da *uirtus* de Agrícola. Antes de prosseguirmos, observemos o vocabulário mais frequente na composição de seu retrato, no que concerne às atividades administrativas e militares:

<i>abstinentia</i>	<i>moderatio/modestia/modus</i>
<i>auctoritas</i>	<i>obsequium</i>
<i>constantia</i>	<i>patientia</i>
<i>expertus bellis</i> (<i>scientia militaris</i>)	<i>prudentia</i>
<i>facilitas</i>	<i>ratio</i>
<i>fortitudo</i>	<i>sapientia</i>
<i>grauitas</i>	<i>seueritas</i>
<i>industria</i>	<i>temperantia</i>
<i>inertia/quies/ otium</i>	<i>uenia</i>
(modos de agir/permanecer)	<i>uerecundia</i>
<i>integritas</i>	<i>uigor</i>
<i>misericordia</i>	<i>uirtus</i> (<i>in obsequendo imperatoria</i>)

⁸⁵ TAC., *Agr.*, 42.5.

De modo geral, verificamos no retrato de Agrícola, a partir dos excertos selecionados, uma forte presença de um vocabulário relativo àquele que vimos, por exemplo, em Cícero e Salústio para tratar da *uirtus*, tanto militar, quanto moral. Para além do vocabulário que nos mostra esse valor da personagem, há a atribuição direta de *uirtus* a Agrícola pelo próprio historiador, algo raro ao longo do conjunto de sua obra. O retrato de Júlio Agrícola em muito dialoga e evoca grandes modelos republicanos de *uirtus*, trazendo virtudes características desse período, mas que se tornaram extremamente perigosas sob o Principado.⁸⁶ Nesse viés, ele representa, como aponta Benferhat, uma combinação do comportamento conforme os *maiores*, adaptado aos tempos nos quais vivia,⁸⁷ uma vez que Tácito acrescenta a seu retrato um traço muito forte de moderação e restrição política aplicadas a suas virtudes imperiais, como observamos. Ao optar pela via da reserva política, que tende ao *obsequium* e à *inertia*, enfim, ao afastamento da vida pública, Agrícola acaba por abdicar de uma participação política efetiva ao longo de sua carreira senatorial. Mas isso não se torna um problema para a memória de sua *uirtus*, pois que Tácito parece então representar uma nova espécie de *uirtus* mais adequada à ideologia imperial, que se manifesta também pela sabedoria que se encontra nesse afastamento. Ainda assim, o resguardo calculado não lhe afasta da glória que conquistara pela carreira, nem o impede, ao mesmo tempo, de se mostrar como um *exemplum uirtutis*. Por fim, vale notar, essa restrição também não faz com que ele deixe de ser visto como uma ameaça ao príncipe e de estar em perigo.⁸⁸

Consideramos, portanto, tal ideia de restrição, assim como a *moderatio* traços importantes da *uirtus* em Tácito, visto que são mobilizados dentro de cada obra e entre as diferentes obras. A depender da personagem, essas questões aparecem em maior ou menor medida. O retrato de Agrícola, então, é um *exemplum uirtutis* que preza pelo caminho do meio, em que se pode ser firme, não obstinado e ao mesmo tempo obediente. Esse exemplo ecoa no retrato de M. Lépido, que observaremos a seguir.

⁸⁶ Classen (1988); Balmaceda (2017); Strunk (2017).

⁸⁷ Benferhat (2011).

⁸⁸ Nesse sentido, Strunk considera que “a dita moderação de Agrícola faz pouco mais por ele do que o dito extremismo de Helvídio Prisco. Porque no fim, Agrícola foi tratado como um extremista”. STRUNK, 2017, p. 16: “Agricola’s so-called moderation does little more for him than Helvidius Priscus’ so called extremism. For in the end Agricola was treated as an extremist”.

Marcos Lépido: *capax sed aspernans*

Voltaremos alguns anos na linha do tempo da história romana e veremos, nos *Anais*, como Tácito caracteriza Marcos Emílio Lépido,¹ senador durante o principado de Tibério. No início dessa obra, o historiador menciona a personagem.² Da *gens* Lépida, a personagem teria sido vista por Augusto como um *capax imperii*,³ no entanto, apesar de sua competência, não tinha ambição de governar, o que poderíamos interpretar como um sinal de reserva, de pouco desejo pelo poder. Essa hipótese ganha sentido ao olharmos para o contraste que há entre a caracterização de Lépido e Asínio Galo – incompetente e ambicioso de poder (*avidum et minorem [dixerat]*),⁴ e Lúcio Arrúntio – que “não era indigno e, se ocasião houvesse, ousaria” tomar o poder (*non indignum et si casus daretur ausurum*).⁵ Esses senadores, à exceção de M. Lépido, caíram em desgraça devido a acusações do príncipe, comenta Tácito.⁶

São poucas as passagens referentes à personagem ao longo da obra, porém é possível observar em todas elas o tom elogioso de Tácito e a presença de um léxico de virtudes que remetem à *uirtus*, ou a uma linguagem da ideologia imperial, adotando aqui os termos de Strunk.⁷ O pano de fundo do retrato de M. Lépido é o julgamento de Clutório Prisco, acusado do crime *laesa maiestas*, cuja lei em muito evidencia, inclusive, o poder que a imagem do príncipe adquire durante o Principado, bem como a corrente adulação.⁸ Esse caso é narrado no terceiro livro dos *Anais*. Segundo Tácito, consta que o poeta declamara alguns versos sobre Druso, filho de Tibério, que se encontrava enfermo. O historiador acrescenta que esse mesmo poeta havia escrito os versos em homenagem a Germânico após sua morte e desejava, com os versos para Druso, conseguir um bom

¹ Discute-se quanto ao *praenomen* deste Lépido. Percival (1980) assume que Tácito se refere a Mânio Emílio Lépido. Syme (1955) argumentara, num estudo detalhado sobre a *gens Aemilia*, que o nome do senador em questão é Marcos, visão que adotaremos nesta pesquisa.

² TAC., *Ann.*, 1.13.2.

³ *Ibidem*. BENARIO, 2011, p. 108; STRUNK, 2010, p. 124; SYME, 1955, p. 23. Sobre a noção de *capax imperii*, cf. Benario (1972) e Direz (2007).

⁴ DEVILLERS, 2013, p. 05; SYME, 1955, p. 28. Cf. DEVILLERS, O. Les passages relatifs à *Asinius Gallus* dans les *Annales* de Tacite. *Révue des Etudes Latines*, v. 87, p. 154-165, 2009.

⁵ TAC., *Ann.*, 1.13.2.

⁶ TAC., *Ann.*, 1.13.3.

⁷ STRUNK, 2010, p. 127 e também BALMACEDA, 2017, p. 227.

⁸ Marques (2007, p. 145) afirma que o crescimento da *adulatio* e do medo foi resultado e responsabilidade dos senadores e “também do imperador, através do ressurgimento e posterior agravamento dos casos de perseguição motivados pela *lex maiestatis*. Já no início do principado de Tibério, e mesmo antes, de forma ainda incipiente, sob Augusto, começam as acusações e julgamentos dos suspeitos de traição, por difamação pública ou privada do imperador”.

pagamento caso ele viesse a falecer. Em razão do serviço de algum delator,⁹ o poeta vai a julgamento sob pena de morte, sentença proposta pelo cônsul designado Hatério Agripa.¹⁰

Lépido entra em cena proferindo um discurso a partir do qual podemos construir sua caracterização. O primeiro ponto a se destacar é a oposição que ele representa em meio a um senado marcado pela adulação, defendendo uma pena proporcional à gravidade do crime:

Contra M. Lepidus in hunc modum exorsus est: "Si, patres conscripti, unum id spectamus, quam nefaria uoce Clutorius Priscus mentem suam et auris hominum polluerit, neque carcer neque laqueus, ne seruales quidem cruciatus in eum suffecerint. ² Sin flagitia et facinora sine modo sunt, suppliciis ac remediis principis moderatio maiorumque et uestra exempla temperant et uana a scelestis, dicta a maleficiis differunt, est locus sententiae per quam neque huic delictum impune sit et nos clementiae simul ac seueritatis non paeniteat. Saepe audiui principem nostrum conquerentem si quis, sumpta morte, misericordiam eius praeuenisset".

Ao contrário, assim discursou M. Lépido: "Caros senadores, se considerarmos apenas com que voz nefasta Clutório Prisco teria profanado sua mente e os ouvidos das pessoas, nem a prisão, nem o baraço, nem mesmo torturas de escravos seriam suficientes contra ele. Mas se infâmias e crimes não têm medida, a moderação do príncipe, o vosso exemplo e o dos antigos, contudo, temperam os suplícios e remédios; e se frivolidades são diferentes de crimes, e palavras, de más ações, existe lugar para uma sentença com a qual o delito dele não fique impune e, ao mesmo tempo, não nos arrependamos nem da clemência, nem da severidade. Amiúde ouvi o nosso príncipe queixando-se de todo aquele que, suicidando-se, se antecipara à sua misericórdia".¹¹

O discurso de Lépido vem como um meio termo à pena capital, primeira opção para punir os crimes de Prisco. Nota-se que o senador justapõe *clementia* e *seueritas*, duas qualidades necessárias ao julgar, porém que requerem a justa medida em sua aplicação, sobretudo numa acusação contra um poeta. Os valores evocados pelo senador também são aqueles destacados no julgamento de Catilina e defendidos, respectivamente, por César e Catão. O efeito da proposta de medida presente no discurso encontra reforço na linguagem bastante marcada pela presença de alternativas, como se observa no texto latino.¹² É por isso que, nesse sentido, ele evoca em sua fala a *moderatio principis*, capaz de *temperar* o sentimento desses valores no veredicto do senado, junto aos *exempla* antigos aos quais podem recorrer. Ora, a *moderatio* de Tibério deveria se opor a crimes *sine modo*. Lépido enuncia qualidades dignas de um príncipe e evoca Tibério ao nomear uma virtude que ele reivindica em seu principado e que não condiz com a decisão que o

⁹ Sobre o julgamento de Clutório Prisco, Shotter (1969).

¹⁰ TAC., *Ann.*, 3.49.1.

¹¹ TAC., *Ann.*, 3.50.1-2.

¹² MARTIN; WOODMAN, 1996, p. 365.

senado pretende tomar. De fato, a numismática imperial revela o termo *moderatio* cunhado nas moedas circulantes sob o reino de Tibério e mesmo o historiador o descreve, em *Ann.*, 1.8.5, como um *Caesar adroganti moderatione*. Segundo a interpretação de Goodyear, ainda que o imperador quisesse se apropriar dessa qualidade, Tácito tenta distorcê-la, apresentando esse “oxímoro” e, em geral, de modo a colocá-la em dúvida para seus leitores.¹³ Segundo Shotter, Lépido, por ser um amigo pessoal de Tibério,¹⁴ acreditava que a *moderatio* do príncipe era de fato real,¹⁵ porém, talvez caiba também uma outra leitura: num senado cuja maior característica era a *adulatio*, a voz corajosa de Lépido ecoa qualidades imperiais que, a despeito dos *exempla* antigos, não se materializam na atmosfera do Principado.¹⁶ Vale notar que Lépido insiste que uma decisão moderada seria também no futuro um *exemplum*. Apesar da proximidade entre as personagens, Lépido poderia, em seu discurso, estar chamando a atenção de seus pares para as virtudes que enuncia. Mas, na sequência da *oratio*, é quase como se provocasse o imperador, mostrando-lhe uma oportunidade de atender a suas queixas: “amiúde ouvi o nosso príncipe queixando-se de todo aquele que, suicidando-se, se antecipara à sua misericórdia”.¹⁷ Shotter afirma que Tibério realmente gostaria de exercer sua clemência,¹⁸ o que ele não faz nesse julgamento, nem no julgamento de Gaio Sílio, condenado pelo mesmo crime, optando pelo suicídio.¹⁹ Desse modo, podemos dizer que os valores evocados por Lépido, a saber, a *moderatio*, a *misericordia*, a *temperantia* entre *clementia* e *seueritas* dizem mais de sua conduta, do que da do príncipe que se caracteriza pela ausência desses traços. Nesse sentido, o discurso de M. Lépido acaba por demonstrar que os valores do príncipe são muito mais uma propaganda, do que uma prática real.²⁰

As palavras do senador e os termos ali presentes chamam a atenção ainda por seu efeito alusivo. Kristine Ginsburg (1986) destaca inúmeros elementos que aludem ao

¹³ Cf. SUTHERLAND, C. Two ‘Virtues’ of Tiberius: a Numismatic Contribution to the History of his Reign. *Journal of Roman Studies*, 28, p. 129-40, 1938. Para a lista de passagens em que se encontra a *moderatio* de Tibério: GOODYEAR, 1972, p. 150.

¹⁴ STRUNK, 2010, p. 131; SYME, 1955, p. 25.

¹⁵ SHOTTER, 1969, p. 15; 1991, 3325.

¹⁶ GINSBURG, 1986, p. 531. Benario (2011, p. 107) assinala que, nos livros dos *Anais* referentes ao reinado de Tibério, “a degradação do senado e da classe superior, oferecendo aliança a Tibério, é delineada”. (“The degradation of the Senate and the upper class in offering allegiance to Tiberius is delineated”).

¹⁷ Veja-se o capítulo 2, da parte 2, retrato de Trásea Peto, em que há uma ideia parecida com relação a Nero. TAC., *Ann.* 15.35.3.

¹⁸ SHOTTER, 1969, p. 16.

¹⁹ Trataremos desse episódio a seguir.

²⁰ STRUNK, 2017, p. 100.

discurso de Júlio César, em *A conspiração de Catilina* de Salústio.²¹ Ademais, segundo ela, até mesmo o contexto narrado por Tácito evoca o contexto catilinário, visto que em ambos os momentos o abrandamento de uma pena no debate senatorial é requerido. Na esteira dessa discussão, o discurso de Lépido pode evocar ainda a imagem de Catão e César, que Salústio apresenta depois da fala de um e outro. Ao falar da *moderatio* e da necessidade de *temperare* os suplícios de modo a achar a medida entre *clementia* e *seueritas*, Tácito, por meio de Lépido, justamente alude às virtudes atribuídas a César e Catão, respectivamente, em seus retratos,²² e destaca uma qualidade que adquire grande valor na demonstração de *uirtus* sob o Principado. Novamente, vemos que Tácito usa um vocabulário comum republicano, mas matiza seus sentidos com novas nuances, no caso a *moderatio*. Enquanto em Salústio não há uma conciliação dessas duas virtudes, pois que a *seueritas* de Catão sai vencedora do debate, o senador nesse contexto advoga pela possibilidade e necessidade de um senado ponderado.²³

Enfim, o desfecho do episódio revela que o apelo do senador foi em vão:

*Solus Lepido Rubellius Blandus, e consularibus, adsensit; ceteri sententiam Agrippae secuti, ductusque in carcerem Priscus ac statim exanimatus. Id Tiberius solitis sibi ambagibus apud senatum incusauit, cum extolleret pietatem quamuis modicas principis iniurias acriter ulciscendum, deprecaretur tam praecipites uerborum poenas, laudaret Lepidum neque Agrippam argueret. ²Igitur factum senatus consultum ne decreta patrum ante diem <decimum> ad aerarium deferrentur idque uitae spatium damnatis prorogaretur. Sed non **senatui libertas** ad paenitendum erat neque Tiberius interiectu temporis mitigabatur.*

De todos os cônsules, somente Rubélio Blando foi da mesma opinião que Lépido: os demais seguiram a sentença de Agripa, Prisco foi levado ao cárcere e ali mesmo liquidado. Tibério, de modo ambíguo – como era seu costume –, censurou o senado, exaltando a lealdade dos que puniam energicamente mesmo as menores injúrias ao príncipe e pedindo que se evitasse tamanha precipitação para punir meras palavras. Elogiou Lépido, não criticou Agripa. Então, o senado decidiu que seus decretos não seriam levados ao tesouro antes do décimo dia e que esse tempo de vida seria concedido aos condenados. Mas ainda não havia liberdade no senado para arrependimento, nem Tibério era abrandado naquele espaço de tempo.²⁴

Tibério reage de modo ambíguo, segundo Tácito, uma característica não poucas vezes a ele atribuída pelo historiador sob o argumento da opacidade de suas ações ou

²¹ GINSBURG, 1986, p. 528 e ss.; pontualmente sobre essa alusão, Pomeroy (2012, p. 149). Martin e Woodman (1996, p. 365) observam a alusão às orações alternativas, similares em ambos os discursos.

²² Cf. parte 1, capítulo 1. Vide também Martin; Woodman (1996, p. 369).

²³ Strunk (2017, p. 101-2) observa que, no contexto salustiano, a pena proposta para os conspiradores poderia ser vista à altura de seus crimes. No julgamento em questão, para o autor, o eco à obra salustiana e às propostas de Catão e César indica que o atual senado perdeu a medida em julgar o que seria ou não uma verdadeira ameaça ao príncipe, uma vez que a pena de morte para condenar o poeta parece descabida e deturpada pela necessidade de adulação ao *princeps*.

²⁴ TAC., *Ann.*, 3.51.1-2.

dizeres.²⁵ Tácito relata que o príncipe, apesar de louvar a atitude de Lépido, exalta a preocupação dos cônsules que o defendiam mesmo das injúrias mais leves, um sinal de adulação. Pede calma antes das punições, no entanto, não critica o aparente exagero de Agripa. Tácito finaliza o episódio do julgamento mencionando a *libertas senatus*: sugere-se sua falta de autonomia diante das decisões do príncipe.²⁶ Com efeito, a intervenção de Lépido mostra ao corpo do senado a possibilidade de suas decisões, lembrando esse grupo, em certa medida, das virtudes que agora pertenciam apenas ao príncipe, mas que outrora eram expressas também por outros atores da aristocracia senatorial. A decisão do senado pela pena de morte corrobora a ausência de *moderatio* e de *clementia* no Principado e confirma o problema da *libertas*, pois apenas um cônsul foi impelido a se manifestar contra uma sentença cuja finalidade era mais agradar o príncipe, do que ser justa.²⁷

A caracterização de Marcos Lépido continua apenas no livro 4. De modo semelhante, a narrativa se refere a outra sessão do senado, que deve julgar o mesmo crime (*Ann.*, 4.18-20). O réu é Gaio Sílio, também acusado de *laesa maiestas* e sua amizade com Germânico intensificou seu desfavor junto ao príncipe.²⁸ Contribuíram também para seu julgamento, suas conquistas militares na Germânia, que faziam lembrar o pouco reconhecimento do *princeps* pelas tropas àquela época, segundo Tácito.²⁹ De acordo com Woodman, Sílio é acusado por atos que “anteriormente considerados inocentes, louváveis ou neutros eram agora vistos como criminosos, nomeadamente a amizade e ódio pelas pessoas ‘erradas’ (18.1, 19.1) e o sucesso militar (18.1)”.³⁰ Diante da acusação, Sílio tira a própria vida, e sua esposa é condenada ao exílio, cabendo ao senado redistribuir seus bens.³¹ Asínio Galo propõe uma sentença desproporcional, em oposição à qual, novamente, Lépido se pronuncia, com o objetivo de “seguir os ditames da lei” (*secundum necessitudinem legis*). Tácito introduz a defesa do senador por meio da mesma expressão

²⁵ TAC., *Ann.*, 1.11; 1.22; 4.31; 4.52 e 4.70, por exemplo. Martin e Woodman (1996, p. 372) chamam a atenção para um contraste com Nero em *Ann.*, 14.49.3: *offensione manifesta*.

²⁶ Vide a respeito GINSBURG, 1986, p. 531.

²⁷ SHOTTER, 1969, p. 15; STRUNK, 2010, p. 129. Sobre os afastamentos de Tibério e seu posterior exílio em Capri, veja-se Campos (2013).

²⁸ Sobre a questão da *amicitia* em Tácito, cf. REAGER, R. *Amicitia* in Tacitus and Juvenal. *American Journal of Ancient History*, 2, 1977.

²⁹ TAC., *Ann.*, 4.18.1. Nota-se que o comando de G. Sílio é descrito pelos termos *intemperantia* e *immodicus*.

³⁰ WOODMAN, 2018, p. 139: “factors previously considered innocent, praiseworthy or neutral were now being regarded as criminal, namely the friendship and hatred of the ‘wrong’ people (18.1, 19.1), and a successful military record (18.1)”.

³¹ Seu suicídio talvez evoque o discurso anterior de M. Lépido, sobre aqueles que tiravam a própria vida sem esperarem por ser contemplados pela *miser cordia* do príncipe, que se dizia pronto a salvá-los.

do caso anterior, mas dessa vez pelo discurso indireto: “De modo contrário, M. Lépido concedeu a quarta parte aos acusadores e o restante aos filhos”.³²

A descrição de Marcos Lépido se deu até aqui de modo direto, na primeira menção, e indireto, por meio de seus discursos diante do senado, os quais são parte de seu retrato. Em seguida, essa construção é elaborada diretamente. O historiador se coloca em primeira pessoa para elogiar sua figura e tece uma reflexão sobre condutas durante o Principado:

[...] *Hunc ego Lepidum temporibus illis **grauem** et **sapientem** uirum fuisse comperior: nam pleraque ab saeuis adulationibus aliorum in melius flexit; neque tamen **temperamenti** egebat, cum aequabili **auctoritate** et **gratia** apud Tiberium uiguerit.* ³ *Vnde dubitare cogor fato et sorte nascendi, ut cetera, ita principum inclinatio in hos, offensio in illos, an sit aliquid in nostris consiliis liceatque inter **abruptam contumaciam** et **deforme obsequium** pergere iter ambitione ac periculis uacuum.*

Eu considero que esse Lépido foi um homem sério e sábio àquela época, pois muitas vezes converteu as crueldades das adulações de outrem em algo melhor. Entretanto, também não lhe faltou equilíbrio, visto que desfrutou de constante autoridade e favor junto a Tibério. É daí que sou forçado a duvidar se é o destino e a sorte de nascença que, como nas outras coisas, leva o príncipe a simpatizar com alguns e ofender-se com outros, ou se há algo nas nossas próprias decisões que permita, entre a brusca obstinação e a vil adulação, perseguir o caminho livre da ambição e dos perigos.³³

Essa passagem é uma das mais comentadas quando se fala da atuação de M. Lépido.³⁴ Afinal, para além de suas qualidades nomeadamente citadas – *grauitas*³⁵ e *sapientia* –,³⁶ ela apresenta temas importantes no que concerne o Principado e os modos de existência política nesse regime. Com seriedade e sabedoria, Lépido foi hábil em propor uma forma de atuação no senado: o que se originava da adulação era convertido em algo melhor para o bem comum. Além disso, não deixou de dispor de autoridade e *gratia*. A alusão ao capítulo 42 do *Agrícola* é notável.³⁷ Num espaço de adulação, como agir corretamente sem incorrer na ira do príncipe? Ou ainda, quais decisões permitem não

³² TAC., *Ann.*, 4.20.3: *Contra M. Lepidus quartam accusatoribus secundum necessitudinem legis, cetera liberis concessit.*

³³ TAC., *Ann.*, 4.20.2-3.

³⁴ Por exemplo: BALMACEDA, 2017, p. 229-30; OAKLEY, 2009, p. 193; SAILOR, 2008, p. 27 e ss; STRUNK, 2010, p. 123-4 e SYME, 1955, p. 29.

³⁵ A *grauitas* era uma virtude do *mos maiorum* e evocada aqui parece adicionar ao retrato uma carga simbólica, remetendo à uma conduta ancestral.

³⁶ Syme (1955, p. 29, n. 60) aponta uma alusão a Salústio em *Jug.*, 45.1: “Metelo se portou como homem sério e singular, mantendo-se com grande discricção entre a indulgência interessada e severidade excessiva” (*magnum et sapientem uirum fuisse comperior, tanta temperantia inter ambitionem saeuitiamque moderatum*). Tradução de Antônio da Silveira Mendonça. Veja-se também, WOODMAN, 2019, p. 142.

³⁷ Por exemplo, BALMACEDA, 2017, p. 230; STRUNK, 2010, p. 120 e ss. e WOODMAN, 2018, p. 143.

cair nem na *abrupta contumacia*, nem no *deforme obsequium*? Nesse sentido, o historiador se pergunta se isso tudo depende de uma espécie de fatalismo, ou se cada um tem a autonomia de achar o melhor caminho por suas próprias decisões.³⁸

A imagem que Tácito constrói de Lépido pode ser uma resposta possível a essas questões. Se voltarmos a seu discurso no livro precedente, observamos como suas palavras indicam a busca pelo meio-termo, pelo equilíbrio entre os extremos – pela moderação. Essa talvez seja a decisão que permita a um senador naquele contexto percorrer um caminho com independência e liberdade, que amenize a ameaça que possa vir a ser para imperador. Lépido representa a *possibilidade* de sobreviver sem abdicar (totalmente) da sua *libertas*. Como bem apontou Sailor,

tendo rejeitado a ideia de que não podemos afetar nossa relação com o príncipe pela nossa escolha de comportamento – já que claramente podemos – voltamos à segunda opção, que acaba sendo não só que podemos escolher, mas também que, quando o fazemos, devemos escolher um terceiro tipo de comportamento, superior e até então não mencionado, que fique entre os extremos da *inclinatio* e da *offensio*. Quando as alternativas são postas assim, a atratividade singular desse “terceiro caminho” se torna óbvia e seu apelo só se torna ainda maior pelo fato de estar livre da feia ambição e do perigo e também pelo mero fato de estar situado entre os extremos.³⁹

Parece-nos interessante, neste momento, observarmos mais atentamente o que chamamos na análise do retrato de Agrícola de vocabulário da restrição política. Como dissemos, a reflexão taciteana evoca sua assertiva no capítulo 42, de *A vida de Agrícola*. Notadamente, o eco entre as obras pode ser de imediato estabelecido pelos termos *obsequium* e *ambitio*.⁴⁰ O *obsequium* (acompanhado de certas qualidades) permite que

³⁸ Woodman (2018, p. 144) argumenta que as alternativas colocadas por Tácito são, na verdade, ambas parte de um pensamento dos estoicos que, se por um lado creem no fatalismo (*fato*), por outro, também professam que cada um tem a liberdade de fazer suas próprias escolhas. Cf. SEN., *Nat.*, 2.38.3. Sobre a discussão estoica: cf. BOBZIEN, S. **Determinism and freedom in Stoic philosophy**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

³⁹ SAILOR, 2008, p. 29: “having rejected the idea that we cannot affect our relationship to the *princeps* by our choice of behavior – since clearly we can – we turn to the second option, which turns out to be not merely that we can exercise choice but also that, when we do so, we ought to choose a superior, and so far unmentioned, third kind of behavior that lies between the poles of *inclinatio* and *offensio*. When the alternatives are arranged like this, the unique desirability of this ‘third path’ becomes obvious, and its appeal is only enhanced by its being free from ugly ambition and danger and even by its merely being situated between extremes”.

⁴⁰ Nas *Histórias*, 4.74.4, encontramos um eco desse tema, no discurso de Petílio Cerial, enunciado durante a revolta dos batavos e cujas palavras são conhecidas por justificarem a dominação romana. Esse comandante procura convencer seus homens, dizendo: “que as lições de ambas as fortunas vos advirtam, para que não prefereis a obstinação com ruína à obediência com segurança” (*moneant uos utriusque fortunae documenta, ne contumaciam cum pernicie quam obsequium cum securitate malitis*). É curioso notar que no passo anterior a esse excerto (*Hist.*, 4.73.2), Petílio se refere negativamente à *libertas*: “por fim, alegam-se liberdade e nomes apelativos, e não houve ninguém que a si desejou a servidão alheia e a dominação, que não tenha usurpado essas mesmas palavras” (*ceterum libertas et speciosa nomina*

grandes homens existam sob maus príncipes, para parafrasear Tácito. O termo, assim, nos parece importante no que concerne à representação dos *exempla uirtutis* nesse historiador. É preciso observar como ele é um eixo modificado por adjetivos importantes nos dois textos. Se no *Agrícola* o *obsequium* aparece positivamente, porque guarnecido de *industria* e *uigor* – traços ativos – aqui Tácito alerta para um respeito ou obediência que pode se tornar *deformis*, ou seja, extremo, tendendo ao vício. Nesse sentido, em acordo com Strunk, entendemos que *obsequium*, ao menos nesta passagem dos *Anais*, aparece de modo negativo e Tácito considera em Lépido uma alternativa para não aceitá-lo e continuar a agir politicamente: “é importante notar, portanto, que as palavras de Tácito em 4.20.2–3 não equivalem a uma aceitação passiva dos eventos políticos, mas sugerem um engajamento nas questões públicas que envolviam habilidade e risco”.⁴¹ Enfim, a questão de fundo é que *obsequium* depende de ação, e não de passividade; e a ambivalência de seu sentido pode se resolver em função dos propósitos a que serve.

Conforme explica Morford, o *obsequium* servil é aquele que visa a interesses próprios e o virtuoso, o que interessa à *res publica*. Nesse sentido, pode haver uma reconciliação entre *obsequium*, *gloria* e *libertas*, e isso demonstra os retratos de Lépido e *Agrícola*.⁴² Além disso, talvez seja interessante pontuar uma reflexão recentemente publicada por Strunk, no que concerne à leitura do caminho do meio, ou de um terceiro caminho em Tácito. Com efeito, essa opção se coloca como uma *possibilidade* de sobrevivência, mas não como garantia. Embora Lépido tenha sido respeitado pelo *princeps*, devemos lembrar que *Agrícola*, mesmo sendo moderado, não deixou de representar uma ameaça para Domiciano.⁴³

À guisa de conclusão, vejamos como se encerra o retrato de M. Lépido, honrado com um breve obituário pelo historiador no livro 6, no qual reitera duas qualidades importantes e, como manda a tradição, aborda pontualmente sua linhagem:

Obiit eodem anno et M. Lepidus, de cuius moderatione atque sapientia in prioribus libris satis conlocavi. Neque nobilitas diutius demonstranda est: quippe Aemilium genus fecundum bonorum civium et qui eadem familia corruptis moribus inlustri tamen fortuna egere.

praetextuntur; nec quisquam alienum seruitium et dominationem sibi concupiuit ut non eadem ista uocabula usurparet). Veja-se discurso de Marcelo Éprio, na parte 2, capítulo 2. Sobre a revolta dos batavos, veja-se Cosme (2012, esp. Capítulo 12).

⁴¹ STRUNK, 2010, p. 129: “It is important to note, therefore, that Tacitus’ words at 4.20.2–3 are not equivalent to a passive acceptance of political events, but rather suggest an engagement in public affairs that involved both skill and risk”.

⁴² MORFORD, 1991, p. 3429-30.

⁴³ STRUNK, 2017, p. 13-16. O estudioso procura argumentar que a moderação e a prudência não são suficientes para explicar o pensamento político do historiador.

Naquele mesmo ano, morreu também M. Lépido, de cuja moderação e sabedoria falei o bastante nos livros anteriores. Nem sua nobreza precisa de mais comprovação: de fato, a casa dos Emílios foi fecunda de bons cidadãos, e aqueles dessa mesma família que corromperam os costumes, ainda assim tiveram uma fortuna notável.⁴⁴

Tácito insiste na *moderatio*⁴⁵ e na *sapientia* de Lépido, imprescindíveis para a ação entre *abrupta contumacia* e *deforme obsequium*. Expressando essas virtudes, Lépido é capaz de continuar, ainda assim, ativo politicamente,⁴⁶ demonstrando sua autonomia diante de um senado acovardado pela adulação.⁴⁷ Conforme diz Strunk, “Tácito parece estar sugerindo que os senadores romanos tinham algum controle e, então, responsabilidade por suas ações políticas, e com alguma sabedoria eles poderiam agir em benefício do Estado e moderar o senado e o príncipe”.⁴⁸ Por fim, o historiador menciona a *nobilitas* da personagem, que se destaca inclusive entre aqueles de sua própria *gens*,⁴⁹ mas, sobretudo, entre todos aqueles que ainda eram parte da classe senatorial.⁵⁰

Sistematizemos o vocabulário presente em seu retrato:

*evita:

<i>auctoritas</i>	<i>abrupta contumacia</i>
<i>clementia</i>	<i>ambitio</i>
<i>gratia</i>	<i>deforme obsequium</i>
<i>grauitas</i>	<i>periculum</i>
<i>moderatio</i>	
<i>sapientia</i>	
<i>seueritas</i>	
<i>temperantia</i>	

Não há dúvidas, tendo em vista o vocabulário escolhido por Tácito para caracterizar a personagem, que o retrato de Marcos Lépido é um *exemplum uirtutis*, no contexto político do exercício senatorial. Ainda que não nomeada, a *uirtus* adquire

⁴⁴ TAC., *Ann.*, 6.27.4.

⁴⁵ Essa característica é mencionada em mais dois momentos: em *Ann.*, 4.56.3, Lépido se recusa a escolher um legado nominalmente: “e porque Lépido, por modéstia, recusava que ele mesmo escolhesse, Valério Nasão, antigo pretor, foi escolhido por sorteio” (*Et quia Lepidus ipse deligere per modestiam abnuebat, Valerius Naso e praetoriis sorte missus est*). Ademais, Tácito emprega o adjetivo *modicus*, em *Ann.*, 3.72.1, quando Lépido restaura um monumento que leva o nome de sua família.

⁴⁶ Lépido atuou também na defesa de Pisão, acusado pela morte de Germânico (*Ann.*, 3.11.2), mas não há detalhes de sua participação no caso.

⁴⁷ PERCIVAL, 1980, p. 127; STRUNK, 2010, p. 129. Sobre as carreiras que permitiam certa autonomia durante o Principado, vide SAILOR, 2008, p. 29 e ss.

⁴⁸ STRUNK, 2010, p. 124: “Tacitus seems to be suggesting that Roman senators had some control, and therefore responsibility, over their political actions, and with some wisdom they could act to benefit the state and moderate the senate and *princeps*”.

⁴⁹ Referência a seu tio homônimo Marcos Emílio Lépido, filho do triúmviro Lépido. SHOTTER, 2010, p. 131, n. 27.

⁵⁰ Devillers (2013, p. 05), sobre a dinastia e Syme (1955, p. 23), sobre a *gens Aemilia*.

significado no conjunto do retrato, elaborado por um léxico de um campo semântico que remete a tal valor, como temos visto ao longo deste trabalho. Comprova, além disso, essa reescrita da *uirtus* o eco de seu discurso a qualidades dos modelos de *uirtus* salustianos, que esse senador observa de forma moderada. Por fim, devemos lembrar que Lépido foi nomeado *capax imperii*, epíteto característico de homens que dispuseram de *uirtus*.⁵¹

Com efeito, Syme o considera um herói de Tácito:

Lépido, nos Anais, é uma personagem brilhante e serena a ser colocada contra o vício ou indolência, contra a corrupção ou subserviência de tantos *nobiles*. Mas ele não é só isso. Ele é o herói de Tácito. O caráter de Marcos Lépido e sua conduta inspiram o historiador a parar por um momento e ter dúvidas sobre o fatalismo. Eis aqui o meio-termo. Assim, como foi o ideal do Principado negar os extremos da anarquia e despotismo, então o bom senador poderia evitar tanto a truculência quanto a servidão, mantendo a honra pessoal e a dignidade de sua posição.⁵²

Ne contumaciam cum pernicie quam obsequium cum securitate malitis

Preferir o caminho da obediência com segurança ao da contumácia com ruína é a mensagem que vemos na citação taciteana acima⁵³ e que parece condensar um pensamento do historiador que perpassa os retratos de Agrícola e de Lépido, a despeito do espaço temporal e, portanto, das especificidades contextuais que os separam.

No caminho entre *obsequium* e *contumacia* é onde se encontram as qualidades dessas personagens que têm em comum especialmente a *moderatio* e a *sapientia*, que as caracterizam como homens de *uirtus* e ao mesmo tempo garantem a elas relativa segurança sob seus respectivos príncipes. Para além dessas virtudes, notamos outras que evocam em grande medida qualidades republicanas, conforme expusemos no início desta tese.

Em relação a Agrícola, por se tratar de uma biografia, cabe ressaltar a completude de seu retrato, que envolve sua caracterização em diferentes âmbitos de sua vida. Assim, pudemos observar como Tácito o descreve a partir do estereótipo do *summus imperator*, tal como idealiza Cícero, então empregando um vocabulário afim às *uirtutes*

⁵¹ Veremos no retrato de Galba o emprego da mesma expressão por Tácito. Cf. capítulo 4, p. 186.

⁵² SYME, 1955, p. 33: “Lepidus in the Annals is a bright serene character to be set against the vice or sloth, the corruption or the subservience of so many *nobiles*. But he is not merely that. He is Tacitus' hero. The character of Marcus Lepidus and his conduct inspire the historian to pause for a moment and conceive doubts about fatalism. Here was the middle path. As it was the ideal of the Principate to avoid the extremes of anarchy and despotism, so the good senator might eschew both truculence and servility, maintaining personal honour and the dignity of his station”.

⁵³ TAC., *Hist.*, 4.74. Para o contexto completo, cf. p. 91, nota 40.

imperatoriae. Dessa forma, Agrícola dispõe de *uirtus* militar, uma qualidade do *princeps*. Atentaremos para esse aspecto da caracterização ao longo das análises dos generais romanos. Consideramos que as características de Agrícola podem dialogar com outras personagens que atuam no contexto militar, o que permitirá observar como a *uirtus* marcial pode ser representada em diferentes contextos do Principado. Mas isso buscaremos verificar no decorrer de nossas análises.

Por ora, vale a pena lançar luz sobre as semelhanças que encontramos entre Agrícola e Marcos Lépido, tendo em vista uma atuação num mesmo contexto: o da carreira senatorial. O retrato de Lépido tem seu recorte num mesmo cenário, o senado. Ali, em seu discurso evoca e valoriza qualidades presentes nas ações de Agrícola, que se manifestam, por exemplo, quando ele administra províncias, mas que não aparecem explicitamente descritas na breve exposição de suas funções senatoriais, quando ele opta por *otium* e *quies*. Enfim, os quadros-resumos demonstram a similaridade entre as personagens, que apontam para um exemplo possível de *uirtus* sob o Principado, assinalada pela moderação. Tendo em vista não só o conjunto lexical, mas também o teor da reflexão taciteana, vimos como a conclusão do retrato de Lépido dialoga com a reflexão presente no texto do *Agrícola* e, nesse sentido, destacamos, de um lado as palavras *obsequium*, *contumacia*, *ambitio* (também *ambitiosus*) e *moderatio*, e de outro, *inertia*, *quies* e *otium*.

Para além da *uirtus* que visualizamos tendo em vista qualidades que se consolidaram como importantes desde antes do Principado, parece-nos que as condutas de *uirtus* em Tácito são também reguladas por esse conjunto de palavras. Esse é um primeiro ponto e aí a *moderatio* é fundamental, sobretudo num contexto em que muitos valores foram corrompidos pela *luxuria*, pela *ambitio*. O *obsequium*, aqui entendido como uma espécie de respeito, mas que também marca uma relação de subordinação, é imprescindível num contexto em que o *princeps* representa o mais alto poder. Assim, o caminho do *obsequium*, quando moderado, também é virtuoso, como demonstram as ações de Agrícola. Nem ele, nem Lépido optaram pelos extremos. Entretanto, tem-se a impressão de que, frente aos príncipes, Lépido foi mais ativo, enquanto Agrícola se destacou positivamente por *quies*, *otium* e por uma *inertia* que o próprio historiador denomina sabedoria. Isso porque o que se torna extremismo depende das reações de cada príncipe. Sob Nero, nesse sentido, a participação política *per se*, ou a reivindicação de uma *libertas* senatorial, parece caracterizar um ato extremo. Dessa forma, podemos nos perguntar se esse vocabulário taciteano, que adquire um valor político, revela também

como as demonstrações de *uirtus* têm diferentes efeitos em diferentes momentos do Principado, sob diferentes príncipes, de acordo com a ausência de *uirtus* quanto a cada um deles. Considerando isso, percebe-se a importância do vocábulo *gloria* nos retratos: a sua ausência nas passagens relativas a Marcos Lépido pode ser um elemento de suma importância no que concerne a sua relação tão favorável junto a Tibério. Em contrapartida, Agrícola alcançou a *gloria*, com isso, também provoca a hostilidade do príncipe e daqueles que com ele compactuam: hostilidade essa que o expõe ao perigo. Com efeito, não é possível haver glória sem perigo e nos atentaremos a esse aspecto nos retratos que se seguem.⁵⁴

⁵⁴ V. SÊNECA, *De Providentia*, 1.3.4: “O gladiador considera uma desonra confrontar-se com um inferior e sabe que aquele vencido sem glória é vencido sem perigo” (*Ignominiam iudicat gladiator cum inferiore componi et scit eum sine gloria uinci, qui sine periculo uincitur*).

CAPÍTULO 2 | DA *VIRTUS* À *LIBERTAS SENATORIA*

Trásea Peto: *exemplum constantiae*

Trásea Peto atuou como senador durante o principado de Nero e sua caracterização é construída ao longo dos livros 13 a 16 dos *Anais*. A presença e a força narrativa dessa personagem é tão marcante, que muitos são os estudos sobre ela e as interpretações do papel que representou aos olhos de Tácito.¹ Na apreciação de Strunk, “Trásea é uma personagem recorrente na narrativa de Tácito desde o livro treze (e talvez antes) e provavelmente é o indivíduo mais importante para o relato taciteano da política senatorial nos livros neronianos”.² Tendo sido notável no exercício de suas funções, o retrato do senador mostra as consequências de uma conduta comprometida com valores estoicos nesse momento do Principado, conhecido pelo terror neroniano.

Vimos Agrícola como um *exemplum* no qual se observa a *uirtus* ressaltada pela moderação, pelo afastamento da *ambitio* e por uma conduta que acresce ao *obsequium*, vigor. Com Marcos Lépidio, vimos a possibilidade de uma participação política que expressa também *uirtus* traduzida pela qualidade de *moderatio*. Observamos também, nesse retrato, a possibilidade de escolha individual entre os caminhos da *abrupta contumacia* e do *deforme obsequium*. No mesmo lugar de atuação política de Lépidio, a saber, o senado, veremos agora quais são as virtudes evocadas no retrato de Trásea Peto, e como elas operam num momento político em que Agrícola, por sua vez, destacou-se pela *inertia*.

Nos episódios em que aparece, Trásea Peto representa resistência às adulações, assim como Lépidio, e sua postura é com frequência descrita pela oposição à opinião dos pares. Trásea é, portanto, uma personagem ativa frente ao príncipe. “Não mencionarei a banalíssima decisão do senado” (*Non referrem uulgarissimum senatus consultum*)³ é

¹ Sobre Trásea: Balmaceda (2017); Devillers (2002); Pigoñ (2003); Strunk (2010). Sobre a apreciação da personagem por Tácito: Ginsburg (1986, p. 540) julga que a personagem age de modo hipócrita; Sailor (2008, p. 10 e *passim*) afirma que as ações de Trásea visam mais à sua glória pessoal que ao bem comum. Shotter (1991, p. 3314) considera a personagem um caso de “desobediência civil”. Percival (1980, 124-5) o vê como um defensor da *libertas*; Turpin (2008, p. 381), como alguém com ações bem calculadas; Syme (1958, p. 558 e p. 561) o considera um homem sagaz, moderado, sensível e humano; vide Strunk (2010, especialmente nota 2).

² STRUNK, 2010, p. 134: “Thrasea is a recurring character in Tacitus’ narrative since book thirteen (and perhaps earlier) and is arguably the most important individual for Tacitus’ account of senatorial politics in the Neronian books”.

³ TAC., *Ann.*, 13.49.1.

como Tácito descreve o cenário das sessões senatoriais do ano de 58 d.C., apontando para a irrelevância das discussões ali realizadas.⁴ Naquela ocasião, solicita-se autorização para que o número regulamentado de gladiadores entre os siracusanos seja ultrapassado. Trásea se opõe a tão frívola questão, ganhando duras críticas de seus colegas, que chegam mesmo a provocá-lo: “acaso as outras coisas estavam tão igualmente perfeitas em todos os lugares do império que não Nero, mas Trásea detinha seu comando?” (*Cetera per omnes imperii partes perinde egregia quam si non Nero, sed Thrasea regimen eorum teneret?*).⁵ A provocação do senado e sua resposta sugerem aqui o caráter ativo de Trásea, atento às mínimas questões e, com isso, insinuam a rivalidade com o *princeps*, real responsável pelas decisões concernentes ao império. Essa tensão de papéis políticos, de fato, é um dos eixos narrativos do retrato de Trásea Peto. Ademais, como observa Thomas Strunk (2017), o passo mostra como, à época do senador, a menor demonstração de independência política no senado despertava exagerada reação.⁶

Trásea volta a aparecer na narrativa apenas no livro seguinte: em razão da morte de Agripina, assassinada pelo próprio filho Nero, segundo Tácito, o senado vota uma série de homenagens ao príncipe, que teria se safado das armações da mãe:

Thrasea Paetus, silentio uel breui adsensu priores adulationes transmittere solitus, exiit tum senatu, ac sibi causam periculi fecit, ceteris libertatis initium non praebuit.

Trásea Peto, que em silêncio ou com um breve assentimento costumava deixar passar adulações anteriores, então saiu do senado, causando risco para si e sem oferecer aos demais uma abertura para a liberdade.⁷

Ao contrário do que fizera na outra sessão, Trásea mantém o silêncio e deixa o senado. Alguns pesquisadores julgam negativamente essa atitude, que teria sido hipócrita, ou desobediente, uma vez que sua ação é vazia para o coletivo.⁸ Segundo Devillers, entretanto, é como se o senador, na verdade, replicasse as críticas anteriores não dando atenção, conforme fora criticado, a questões banais;⁹ ao mesmo tempo, nos parece, o silêncio da personagem é um gesto de recusa a um comportamento adulatório. A despeito de nesse momento Peto agir em conformidade com sua *libertas*, tal atitude gera apenas um problema para si, sem garantir a *libertas* aos demais, como observa Tácito. Entretanto,

⁴ Segundo Pigoñ (2003, p. 144), trata-se de uma abertura metadieética, recurso pelo qual o historiador coloca ênfase na passagem em questão.

⁵ TAC., *Ann.*, 13.49.3.

⁶ STRUNK, 2017, p. 106.

⁷ TAC., *Ann.*, 14.12.1.

⁸ Ginsburg (1986); Shotter (1991).

⁹ DEVILLERS, 2002, p. 298.

a crítica do historiador pode se referir a seus pares, que se habituaram a agir sem confrontar minimamente o imperador.

Esses pontos são desenvolvidos ao longo da narrativa sobre essa personagem. Tal esquema taciteano configura uma gradação na composição desse retrato, segundo Devillers, e prepara o leitor para um fim inevitável, consequência de ações ineficazes em relação ao tema da *libertas* no Principado, especialmente sob o poder de Nero.¹⁰ Nessa mesma linha, Pigoñ considera esse capítulo um prólogo no qual se anuncia o perigo resultante dessa primeira abstenção de Trásea Peto. Com efeito, essa atitude será retomada mais adiante, como pretexto de outros senadores para acusá-lo (*Ann.*, 16.22). Segundo Pigoñ, isso indica que o silêncio de Trásea era mais mal visto do que suas contestações no senado.¹¹

Capítulos depois, Tácito apresenta um episódio maior, do qual Trásea Peto é protagonista. Em 62 d.C., o senado debate mais um caso de *laesa maiestas*: Antístio Sósia compusera versos satíricos sobre Nero, crime pelo qual deveria pagar com a pena capital. Contrariando a opinião geral dos senadores, Trásea Peto sai em defesa do pretor, recomendando a atenuação da sentença:

*Et, cum Ostorius nihil audiuisse pro testimonio dixisset, aduersis testibus creditum; censuitque Iunius Marullus, consul designatus, adimendam reo praeturam necandumque more maiorum.*³ *Ceteris inde adsentientibus, Paetus Thrasea, multo cum honore Caesaris et acerrime increpito Antistio, non, quicquid nocens reus pati mereretur, id egregio sub principe et nulla necessitate obstricto senatui statuendum disseruit.*⁴ *Carnificem et laqueum pridem abolita et esse poenas legibus constitutas, quibus, sine iudicum saeuitia et temporum infamia, supplicia decernerentur. Quin in insula, publicatis bonis, quo longius sontem uitam traxisset, eo priuatim miseriorem et **publicae clementiae** maximum exemplum futurum.*

E embora Ostório tivesse dito em seu testemunho que não ouvira nada, acreditou-se nas testemunhas contrárias. E Júnio Marulo, cônsul designado, julgou que o réu deveria ser destituído da pretura e ser punido conforme a tradição dos antigos. Consentindo os demais, Trásea Peto, depois de prestar muitas honras a César e vituperado Antístio violentamente, argumentou que, por mais que o réu, culpado, merecesse, aquilo não devia ser decidido pelo senado, sob um príncipe tão egrégio e não obrigado por nenhuma necessidade: o algóz e sua corda há tempos foram já abolidos, e havia as penas constituídas por meio das leis, pelas quais as sentenças poderiam ser definidas sem a crueldade dos juízes e a desonra de nosso tempo. Além disso, exilado numa ilha e com bens confiscados, quanto mais tempo Antístio arrastasse sua existência, tanto mais sofreria pessoalmente e seria exemplo máximo da clemência pública.¹²

¹⁰ DEVILLERS, 2002, p. 299.

¹¹ PIGOÑ, 2003, p. 146. Strunk (2017, p. 107) afirma que o silêncio no senado era reconhecido como provocação no que diz respeito a assuntos importantes e, por outro lado, a participação em assuntos irrelevantes era um sinal de adulação.

¹² TAC., *Ann.*, 14.48. 2-4.

De saída, podemos reconhecer na trama narrada enorme semelhança com a de Marcos Lépidio (*Ann.*, 3.50-51) e diferentes estudos se debruçaram sobre a relação entre os dois contextos.¹³ De fato, temos dois réus julgados pelo mesmo crime de lesa-majestade e, por isso, condenados à pena de morte, cujo abrandamento é solicitado por apenas um dos senadores presentes. Enquanto Lépidio havia apelado para a *moderatio principis*, nota-se no relato do historiador que Trásea procura convencer seus pares de que é necessário mostrar *clementia publica*. Na contramão da adulação corrente, o senador evoca em seu discurso uma qualidade imperial, mas a desloca para o senado, na medida em que a qualifica como *publica* e que não é um traço demonstrado pelo *princeps*, mesmo que ele dissesse sê-lo (*Ann.*, 13.11).¹⁴ Tácito afirma que se acreditava que a punição em tal julgamento visava principalmente aumentar a glória de Nero,¹⁵ “que pela intervenção de tribuno do senado livraria o condenado da morte” (*ut condemnatum a senatu intercessione tribunicia morti eximeret*).¹⁶ Propondo uma ação clemente por parte do senado, pode-se dizer que Peto acabou por confrontá-lo diretamente, desviando-lhe a glória que encomendara ao senado.¹⁷ Nesse sentido, segundo Strunk, Trásea cria uma virtude paralela. Para ele,

essa reapropriação da *clementia* do príncipe para o senado coloca em jogo alguns dos conceitos fundamentais do Principado e da ideologia imperial, a saber, que o senado era livre para deliberar como quisesse, e o príncipe, incorporação de todas as virtudes, deveria proteger essas deliberações tomando uma distância respeitável.¹⁸

“A liberdade de Trásea rompeu a servidão dos outros” (*Libertas Thraseae seruitium aliorum rupit*), diz Tácito.¹⁹ Por um breve momento o senado age de forma autônoma, como deveria ser, à exceção do futuro imperador Vitélio, “o mais disposto à adulação” (*adulatione promptissimus fuit*)²⁰ a Nero, como sublinha o historiador. Coloca-

¹³ A respeito do intertexto entre os discursos de M. Lépidio e Trásea Peto, Ginsburg (1986); mais recentemente, sobre o paralelo entre as condutas das duas personagens, Strunk (2010; 2017). Cf. BENARIO, H. Marcus Lepidus, Galba and Thrasea. *Acta Antiqua Hungarica*, 39, p. 45–51, 1999.

¹⁴ DEVILLERS, 2002, p. 298 e ss; GINSBURG, 1986, p. 538.

¹⁵ De acordo com Ginsburg (1986, p. 534), Tácito emprega negativamente a expressão *gloriam quaerere* mais uma vez em relação a Nero, em 15.40.2, e uma vez para descrever Tibério, em 1.10.7.

¹⁶ TAC., *Ann.*, 14.48.2.

¹⁷ DEVILLERS, 2002, p. 298; PIGOÑ, 2003, p. 147.

¹⁸ STRUNK, 2010, p. 127: “Thrása’s re-appropriation of *clementia* from the princeps to the senate put to the test some of the foundational tenets of the Principate and imperial ideology, namely that the senate was free to deliberate as it chose, and that the princeps, the embodiment of all virtues, protected its lofty deliberations from a respectable distance”. De modo similar a Strunk (2010), Pigoñ (2003, p. 147) afirma que a criação dessa *publica clementia* é uma estratégia política de Trásea a fim de fortalecer o senado.

¹⁹ TAC., *Ann.*, 14.49.1.

²⁰ *Ibidem*.

se em evidência o contraste entre a autonomia de um e a forte presença de adulação no corpo do senado, aqui representada por uma figura que terá papel importante na guerra civil de 69.²¹

O sinal aparente de uma autonomia senatorial é desconstruído logo na sequência, em que Tácito narra que senadores não ousaram redigir eles próprios a decisão, preferindo comunicá-la primeiro ao príncipe:

*At consules, perficere decretum senatus non ausi, de consensu scripsere Caesari. ² Ille, inter pudorem et iram cunctatus, postremo rescripsit: nulla iniuria prouocatum, Antistium grauissimas in principem contumelias dixisse; earum ultionem a patribus postulatam, et pro magnitudine delicti poenam statui par fuisse; ceterum se, qui **seueritatem** decernentium impediturus fuerit, **moderationem** non prohibere; statuerent ut uellent; datam et absoluendi licentiam. ³ His atque talibus recitatis et offensione manifesta, non ideo aut consules mutauere relationem aut Thræsea decessit sententia ceteriue quae probauerant deseruere, pars, ne principem obiecisse inuidiae uiderentur, plures, numero tuti, Thræsea, sueta firmitudine animi et ne **gloria** intercideret.*

Mas os cônsules não ousaram corroborar o decreto do senado e escreveram sobre seu consenso para César. Nero, hesitante entre vergonha e ira, por fim, respondeu por escrito: “sem ter sido alvo de nenhuma provocação, Antístio dissera gravíssimos insultos contra o príncipe, cuja punição foi solicitada ao senado, e que era justo estabelecer uma pena de acordo com a gravidade do delito. Fora isso, ele, que teria impedido a severidade dos juízes, também não proibiria a moderação; que decidissem como quisessem e a licença até mesmo para absolvê-lo estava dada”. Lidas essas coisas e outras parecidas, que mostravam desagrado, nem os cônsules mudaram a decisão, nem Trásea abandonou seu voto, e os outros não abandonaram a sentença que tinham aprovado. Alguns, para que não parecessem expor o príncipe ao ódio; a maioria era protegida por seu número, e Trásea, por sua costumeira constância de espírito, e a fim de que não desaparecesse a sua glória.²²

Pelo discurso indireto, Tácito reproduz as palavras de Nero e seus sentimentos quanto à decisão do senado. Entre vergonha e ira, mas manifestando claramente sua insatisfação, o príncipe teria se oposto a uma sentença severa e recomendado a *moderatio*. O fato de ser Nero a enunciar essas qualidades chega a ser bastante curioso: ele estabelece aqui o equilíbrio de uma pena nos termos semelhantes ao que vimos no discurso de Lépido, talvez para acatar aparentemente a proposta do senado, sugerida por Peto. O príncipe diz que o crime cometido fora gravíssimo e que a pena deveria estar à altura. Assim, se ele próprio agisse com clemência com relação a qualquer condenação, maior seria a glória que adquiriria com esse ato, não fosse a manifestação de Trásea. Nesse sentido, parece-nos, a personagem de Nero não poderia expressar outras palavras, visto que o discurso de Trásea apontou estrategicamente uma virtude imperial necessária – a

²¹ STRUNK, 2010, p. 128.

²² TAC., *Ann.*, 14.49.1-3.

clêmência –, e Nero é quase que forçado a reconhecê-la nesse momento. Com efeito, essa tensão na narrativa acentua a disputa entre o príncipe e Trásea, plantada desde o primeiro momento da caracterização da personagem de Trásea Peto.²³ Aqui, enfim, este reverte uma glória que pertenceria ao príncipe para si mesmo, configurando-se como um obstáculo para Nero, como nota Devillers.²⁴

Voltemos ao tema da *libertas*, mencionado por Tácito a partir da proposta de Trásea. A resposta de Nero, além de evocar a possibilidade de uma decisão moderada, deixa que o senado se responsabilize pela deliberação a ser feita, oferecendo uma sensação de liberdade de decisão dos cônsules. Por sensação queremos dizer, na esteira de Strunk, que o senado não era de fato livre, haja vista sua hesitação após as palavras do príncipe, o qual desejava resultados manipulados para sua glorificação,²⁵ e a servidão que Tácito já havia sublinhado no início do capítulo. No entanto, Trásea Peto não abdica de sua *libertas*, insistindo em sua própria glória e também por ter um espírito constante, firme. Temos aqui eixos importantes do retrato da personagem. A *libertas*, a *gloria*, e mesmo a *constantia*: a presença desses aspectos apontam para a possível exibição de *uirtus* pela personagem. A questão da *gloria* perpassa a construção do retrato de Peto (*Ann.*, 13.49.3; 15.23.4; 16.25,1 e 26.3) e essa foi, muitas vezes, considerada outro ponto crítico do retrato do senador, sobretudo considerando a passagem acima.

Certamente, nas *Histórias*, como bem o recorda Strunk, Tácito relata que alguns viram em Trásea um exemplo de *uera gloria*.²⁶ Nessa mesma obra, o historiador também tece uma consideração interessante sobre a relação entre a glória e os filósofos: era um desejo difícil de ser abandonado.²⁷ Nesse sentido, podemos relembrar o início da formação de Agrícola, quando ele estava deslumbrado pela grandiosa glória advinda da filosofia. Trásea Peto, é verdade, era senador e filósofo estoico, um fato que motiva e explica suas posturas. Então, embora Willeumier afirme que a preocupação pela glória era uma crítica sutil de Tácito a Peto,²⁸ e Sailor situe com tom de crítica a personagem entre os “mártires estoicos” e considere que a sede de glória é alvo de uma reprovação taciteana,²⁹ a presença desse aspecto, a nosso ver, é coerente com a carreira de Trásea,

²³ Ver também Pigoñ (2003, p. 147).

²⁴ DEVILLERS, 2002, p. 301.

²⁵ STRUNK, 2010, p. 127.

²⁶ TAC., *Hist.*, 2.91.3. STRUNK, 2010, p.135, n. 33.

²⁷ Vide o episódio *infra*. TAC., *Hist.*, 4.6.1.

²⁸ WILLEUMIER, 1990, p. 112, n. 1. Ver ainda as considerações trazidas por Ginsburg (1986, p. 540, n. 37). Contrariamente, Strunk (2010, p. 135); Turpin (2010, p. 383).

²⁹ SAILOR, 2008, p. 19.

tanto como político quanto como estoico, tendo em vista sua importância para o reconhecimento e para a exemplaridade em Roma.

Assim, vemos na *gloria* um tema da narrativa que reforça a rivalidade com o príncipe,³⁰ ao passo que quanto mais Trásea dela se aproximasse, mais ofuscaria Nero. É verdade que, no que temos da narrativa sobre Lépido, o termo *gloria* ou algum correlato não aparece e isso poderia justificar o apreço que teve da parte de Tibério. Entretanto, o modo como ele é louvado pelo historiador é digno de alguém que talvez tenha alcançado a glória proveniente de sua carreira senatorial. Assim, a insistência de Tácito quanto à *gloria* em relação à figura de Trásea, nos leva a pensar a respeito dos diferentes efeitos que os valores no Principado provocam em função do príncipe. Ademais, o desejo de *gloria* pelo qual Trásea preza é uma escolha, uma decisão consciente, por isso coerente com sua constância, mesmo que isso aumente os perigos que corre. Trata-se, também, da recompensa natural de sua atuação política, da qual ele prefere não abrir mão em submissão ao *princeps*. Por fim, além de sua constância e do vislumbre da glória, é significativo no episódio que Trásea consiga exercer algum efeito na sessão. M. Lépido não foi bem-sucedido, visto que a adulação a Tibério prevaleceu; Trásea, por sua vez, consegue mudar a opinião de seus pares, não sem despertar a ira de Nero. Isso demonstra, de acordo com Kristine Ginsburg, a despeito da marca textual ativada pelo cenário, as peculiaridades do principado de Tibério e Nero, respectivamente.³¹ A evocação do episódio anterior ilumina um dado sobre o comportamento dos imperadores: diante de intervenções parecidas, as reações são opostas. Enquanto Tibério é apenas ambíguo, Nero demonstra ira e vergonha.

Na sequência da narrativa, Trásea Peto profere mais um discurso, de modo que temos mais traços de sua caracterização. O livro 15 apresenta o julgamento de Cláudio Timarco, ocorrido no fim do ano de 62 d.C., que declarara com certa arrogância ter poder sobre os agradecimentos a serem ou não concedidos aos procônsules que atuaram em Creta (*Ann.*, 15.20.1). As palavras de Trásea vêm no sentido de não incentivar intrigas, solicitando, portanto, a interdição desses agradecimentos. Tácito relata que “Trásea Peto, transformando a ocasião em algo para o bem comum” (*Paetus Thrasea ad bonum*

³⁰ DEVILLERS, 2002, p. 308.

³¹ GINSBURG, 1986, p. 533. No que concerne o respeito que Lépido teve da parte de Tibério e o fim de Trásea sob Nero, Strunk (2010, p. 131) aponta para a diferença de classe entre as duas figuras: o primeiro era um nobre, enquanto o segundo, um *homo nouus*. Ver também Ginsburg (1986, p. 538-9) e Syme (1958, p. 548).

publicum uertens),³² se manifestou sugerindo: “consideremos uma decisão digna da lealdade e da constância romana” (*dignum fide constantiaque Romana capiamus consilium*).³³ Depois de enumerar as razões pelas quais seria melhor evitar certas distinções aos homens nas províncias, e defendendo que “todo falso louvor e manifestações compradas fossem proibidas de modo tão severo quanto a calúnia, quanto a crueldade” (*sed laus falsa et precibus expressa perinde cohibeatur quam malitia, quam crudelitas*),³⁴ Peto enuncia ainda em seu discurso: “algumas virtudes são mesmo odiadas: a severidade resoluta, uma postura incorruptível contra o favor” (*Quaedam immo uirtutes odio sunt, seueritas obstinata, inuictus aduersum gratiam animus*).³⁵

A visão do senador revela um fato de sua época: algumas virtudes tornaram-se odiosas, embora fossem antes motivo de grande valor, por causa do espaço que favores e adulações conquistaram sob o Principado. Poderíamos dizer que é quase como se Trásea falasse de si próprio e, nesse sentido, essa constatação sobre virtudes opera também como prenúncio (ou prolepse, para Pigoñ) do futuro de Trásea Peto.³⁶ Afinal, diferentemente do que ocorrera no passado, nesse momento o senador adquire simpatia de seus pares por sua proposição, aumentando sua rivalidade com o César. Inclusive, pouco depois, como afirma Tácito, a sugestão de Peto foi “sancionada pela autoridade do príncipe” (*Mox, auctore principe, sanxere*),³⁷ quase como um revide ao episódio anterior, em que Trásea tira o protagonismo imperial do exercício da *clementia*,³⁸ e para mostrar de quem é a palavra no senado, afinal. De todo modo, consideramos que a participação do senador é positiva e voltada ao bem comum, fazendo-nos lembrar a apreciação de Tácito sobre Lépido, que procurava reverter sanções adulatórias para o bem da *res publica*.³⁹

A reação de Nero ao apreço que Peto começa a adquirir no senado não se encerra aí; alguns capítulos depois, o senador é impedido de participar da comemoração do nascimento da filha do imperador:

Adnotatum est, omni senatu Antium sub recentem partum effuso, Thraseam prohibitum immoto animo praenuntiam imminentis caedis contumeliam excepisse. Secutam dehinc uocem Caesaris ferunt, qua reconciliatum se

³² TAC., *Ann.*, 15.20.2. Vejam-se as palavras finais de Tácito sobre M. Lépido, no capítulo anterior.

³³ TAC., *Ann.*, 15.20.4.

³⁴ TAC., *Ann.*, 15.21.2.

³⁵ TAC., *Ann.*, 15.21.3.

³⁶ DEVILLERS, 2002, p. 299.

³⁷ TAC., *Ann.*, 15.22.1.

³⁸ ASH, 2018, p. 129; DEVILLERS, 2002, p. 298; PIGOÑ, 2003, p. 145.

³⁹ Para Ash (2018, p. 114), Tácito encoraja os leitores a verem a intervenção de Trásea Peto positivamente ao comentar que ele revertia a situação para o bem comum.

Thræseae apud Senecam iactauerit, ac Senecam Caesari gratulatum; unde gloria egregiis uiris et pericula gliscebant.

Notou-se que enquanto todo o senado debandava para Ânncio, dado o recente nascimento, Trásea foi impedido, mantendo espírito inabalável ao receber a afronta como prenúncio de uma morte iminente. Mais tarde, dizem que se seguiu uma declaração de César se vangloriando junto a Sêneca de ter-se reconciliado com Trásea e que Sêneca o parabenizou. A partir dali, a glória dos homens ilustres e os perigos aumentavam.⁴⁰

A despeito da suposta conciliação entre senador e *princeps*,⁴¹ Tácito fecha o capítulo com a tensão entre *gloria* e *pericula*, caminho esse inevitável aos homens que se tornassem ilustres. Vê-se aqui uma aproximação da personagem com Sêneca, o Jovem, algo que abordaremos adiante. O termo *periculum* pode ser entendido como um terceiro eixo do retrato de Trásea, cujo prestígio no senado aumenta gradativamente. Para Devillers, a gradação com que Tácito trabalha opera em três movimentos: à medida que Peto adquire fama, sua tensão com o príncipe aumenta; do mesmo modo, cresce o clima de perigo ao qual se expõe e, enfim, mostra-se como o Império proporcionalmente se deteriora sob esse príncipe.⁴² Diante desse clima, não é por acaso que Trásea Peto compreende a interdição de seu acesso ao senado como o prenúncio de sua *imminens caedes*. Ainda assim, Tácito descreve seu *animus immotus*, que se relaciona à qualidade da *constantia*, bastante característica da personagem. Nesse sentido, é interessante notar também um contraste entre comportamentos individuais, no âmbito particular. O modo como o senador reage à interdição de Nero é o oposto do modo como o príncipe lida com ocasiões como o nascimento e a morte da filha, nas quais agiu exageradamente – *immoderatus* é o termo que Tácito emprega.⁴³ O uso desse termo mostra a falta de moderação do imperador, que se estende nas diversas esferas de sua vida.

O retrato de Trásea, então, se constrói ao longo do texto a partir de seu envolvimento numa série de situações ocorridas entre ele, o príncipe e outros companheiros do senado, que são consideradas ultrajantes. Desde a primeira cena, insinua-se que Trásea assume funções do imperador; em seguida, isso se concretiza simbolicamente ao usurpar a glória e a clemência de Nero durante o caso de Antístio e, depois, nota-se que ele propõe uma sentença justa para o julgamento de Timarco, da qual

⁴⁰ TAC., *Ann.*, 15.23.4.

⁴¹ Cf. DEVILLERS, O. Néron se réconcilie avec Thræsea Paetus. À propos de Tacite, *Ann.* XV 23, 4. **Acta Classica Universitatis Scientiarum Debrecensis**, 37, p. 39-51, 2001.

⁴² DEVILLERS, 2002, p. 300 e ss. Ash (2018, p. 135) observa no texto latino os ecos da estrutura e do cenário que se apresenta pouco antes da morte da personagem: *omni ciuitate...effuse, Thræsea ...prohibitus*.

⁴³ Sobre isso, ver também Ash (2018, p. 135) e Pigoñ (2003, p. 150). Lembramos também o contraste com Agrícola, que mesmo à morte da filha reagiu com ânimo moderado.

Nero se apropria. Essa tensão entre papéis políticos será ainda mais enfatizada nas invectivas de Cossuciano Capitão (*Ann.*, 16.22), que veremos a seguir. Assim, a rivalidade entre príncipe e senado se intensifica de tal modo que o ápice do livro 16 se dá pelo embate claro entre vício e virtude:⁴⁴

Trucidatis tot insignibus uiris, ad postremum Nero uirtutem ipsam excindere concupiuit, interfecto Thræsea Paeto et Barea Sorano, olim utrisque infensus, et accedentibus causis in Thræseam, quod senatu egressus est cum de Agrippina referretur, ut memorauit, quodque Iuuenalium ludicro parum spectabilem operam praeberat; [...] ² Die quoque quo praetor Antistius ob probra in Neronem composita ad mortem damnabatur, mitiora censuit obtinuitque; et, cum deum honores Poppaeae decernuntur, sponte absens, funeri non interfuerat.

Trucidados tantos homens ilustres, por fim Nero quis aniquilar a própria *uirtus* ao eliminar Trásea Peto e Bárea Sorano. Outrora fora hostil a ambos, mas contra Trásea tinha outros motivos: porque ele deixou o senado quando se tratava de Agripina, como já relembrei, e porque dedicara aos jogos públicos das juvenálias um esforço pouco notável. [...] Além disso, no dia em que o pretor Antístio estava sendo condenado à morte por causa dos versos infamantes contra Nero, defendeu-o e conseguiu algo mais brando. Enfim, quando honrarias divinas foram consagradas a Popeia, ausentou-se voluntariamente e não fora ao funeral.⁴⁵

O último livro que nos chegou conservado dos *Anais*, então, apresenta um *flashback*⁴⁶ dos episódios protagonizados por Trásea Peto, os quais se tornam todos um motivo de ódio para Nero. Esse, que já havia acabado com os homens ilustres, precisa eliminar o senador, apresentado como a personificação da *uirtus ipsa*. Assim, esse conjunto de fatos é a desculpa para que, em 66 d.C., Cossuciano Capitão abra um processo contra Trásea Peto, listando diversas acusações. Observemos seu discurso, pois que suas denúncias mostram aspectos interessantes sobre a personagem de Trásea:

“Vt quondam C. Caesarem, inquit, et M. Catonem, ita nunc te, Nero, et Thræseam auida discordiarum ciuitas loquitur. Et habet sectatores uel potius satellites, qui nondum contumaciam sententiarum, sed habitum uoltumque eius sectantur, rigidi et tristes, quo tibi lasciuam exprobrent. ³ Huic uni incolumitas tua sine <cura>, artes sine honore. Prospera principis respuit; etiamne luctibus et doloribus non satiatur? Eiusdem animi est Poppaeam diuam non credere, cuius in acta diui Augusti et diui Iuli non iurare. Spernit religiones, abrogat leges. Diurna populi Romani per prouincias, per exercitus curatius leguntur, ut noscatur quid Thræsea non fecerit. ⁴ Aut transeamus ad illa instituta, si potiora sunt, aut noua cupientibus auferatur dux et auctor. Ista secta Tiberones et Fauonios, ueteri quoque rei publicae ingrata nomina, genuit. Vt imperium euertant, libertatem praeferunt; si peruerint, libertatem ipsam adgredientur. ⁵ Frustra Cassium amouisti, si gliscere et uigere Brutorum aemulos passurus es. Denique nihil ipse de Thræsea scripseris; disceptatorem senatum nobis relinque”.

⁴⁴ DEVILLERS, 2002, p. 302.

⁴⁵ TAC., *Ann.*, 16.21.1-2.

⁴⁶ Pigoñ (2003, p. 151) observa o emprego de analepse.

Ele diz: “como outrora de C. César e de M. Catão, agora de ti, Nero, e de Trásea falam os cidadãos ávidos de discórdias. E ele tem sequazes, ou melhor, satélites, que não só seguem a contumácia de suas sentenças, mas seu vestuário e feição – rígida e carregada –, censurando com isso a tua jovialidade. A segurança deste único homem significa o descuido da tua, as virtudes sem honra. Ele menospreza a prosperidade do príncipe: acaso até mesmo com teu luto e tuas dores não se saciou? Sua indisposição em crer na divindade de Popeia é o mesmo que não jurar sobre os atos do divino Augusto e do divino Júlio. Desdenha a religião, derroga as leis. As notícias diárias do povo romano são lidas com curiosidade pelas províncias e pelos exércitos para saberem o que Trásea não fez. Ou sigamos o que já está estabelecido, se for melhor, ou que o chefe e instigador de quem deseja um novo estado de coisas seja eliminado. Essa ideologia procriou Tuberões e Favônios, nomes detestáveis até para a antiga república. Para abater o império, proclamam liberdade: se o arruinarem, então destruirão a própria liberdade. Terás banido Cássio em vão se suportares crescer e florescer o vigor dos emuladores dos Brutos. Então, não escrevas nada sobre Trásea, deixa o senado decidir por nós”.⁴⁷

As palavras de Cossuciano são evidentemente carregadas de um tom negativo, visto que seu propósito é pôr em evidência os problemas de Trásea, principalmente em relação a Nero.⁴⁸ No entanto, ao mesmo tempo elas reforçam o alcance do filósofo que, ainda em vida, já é um *exemplum* para aqueles que compartilham de sua visão ou postura política, conforme se depreende do passo.⁴⁹ Já há muitos que aderem aos pensamentos – segundo as palavras do acusador – contumazes ou obstinados de Peto e, aqui, vale lembrar que o historiador vem refletindo sobre a *contumacia* desde a biografia de Agrícola. Então, o uso desses termos na acusação tende a reforçar o caráter extremista que qualquer ação política pode assumir no ponto de vista de quem compactua com o regime. Ademais, o discurso também destaca a tensão intensa entre senador e príncipe, comparada àquela entre Catão e César em tempos passados, bem como o interesse do povo por essa e pela atuação política de Trásea, que desperta curiosidade. Outras personagens são comparadas ao senador: especialmente os dois Brutos, que simbolizaram no passado a oposição ao regime. Um Bruto expulsou Tarquínio Soberbo de Roma; o outro, participou da morte de César. Essa “filiação espiritual” de Trásea a Catão e aos Brutos, como a denomina Isabelle Cogitore (2011), é um recurso que consolida ao longo do texto taciteano o aspecto de um *exemplum* político que é observado, imitado, enfim, herdado através dos tempos.⁵⁰ Trata-se então de uma imagem arraigada na tradição

⁴⁷ TAC., *Ann.*, 16.22.2-5.

⁴⁸ Suetônio afirma na biografia de Nero que Trásea Peto foi processado por exibir uma aparência carregada e de um preceptor: *Paeto Thraseae tristior et paedagogi uultus*. SUET., *Nero*, 37.1.

⁴⁹ TURPIN, 2008, p. 385.

⁵⁰ COGITORE, 2011, p. 216. Juvenal (5.33) e Marcial (1.9.1-2) também realizam essa associação, segundo a autora (*idem*, p. 215), galvanizando, assim, a imagem do senador e de seu genro, como veremos. Vale notar que Trásea Peto teria escrito uma obra sobre Catão, conforme atesta Plutarco em *Cato min.*, 25.2. Ver também Devillers (2007, p. 212); Pimentel (2004, p. 78-9); Syme (1958, p. 557-58) e Turpin (2008, p. 385). Sobre oposição estoica, cf. MALITZ, J. Helvidius Priscus und Vespasian. Zur Geschichte der

literária que, enunciada no plural, tende a generalizar tal comportamento do ponto de vista de Cossuciano. Com efeito, veremos mais adiante a recuperação desse elemento no retrato de Helvídio Prisco.

Por fim, Capitão insiste num tema relevante da caracterização da personagem, tentando, contudo, corrompê-la: menciona duas vezes a *libertas*, pretexto para a destruição do império.⁵¹ De fato, esse valor é uma constante no retrato de Trásea, em sua atuação senatorial, revelado e reiterado por suas ações, como se confirma na trama que se narra no capítulo 16.24. Ao escrever a Nero solicitando saber quais eram as acusações e o direito para se defender, mais uma vez a *libertas* é mencionada e como algo que ameaça o príncipe:

Eos codicillos Nero propter accepit, spe exterritum Thraseam scripsisse per quae claritudinem principis extolleret suamque famam dehonestaret. Quod ubi non euenit uultumque et spiritus et libertatem insontis ultro extimuit, uocari patres iubet.

Nero recebeu avidamente aquela carta, na esperança de que Trásea, aterrorizado, tivesse escrito algo que exaltasse a celebridade do príncipe e degradasse a sua própria fama. O fato é que quando não viu o que esperava e, pelo contrário, temendo ele a presença e a liberdade de espírito desse homem inocente, mandou chamar o senado.⁵²

Trásea representava tamanho constrangimento a Nero, que ele esperava que o senador reconhecesse o lugar cabível a cada um nessa relação de poder. Ou seja, a *claritudo* do príncipe devia estar acima da *fama*, do renome e até mesmo da *libertas* de Peto. O fato de o senador não dar um passo atrás em sua relação com o imperador poderia ser entendido, supomos, como um não reconhecimento do *obsequium* mínimo, como o fizera Agrícola ou mesmo Lépidio, mas como *contumacia*. Seu afastamento anterior da vida pública, como o próprio Agrícola o fizera, não foi suficiente para demonstrar uma tomada de atitude que se insira entre *abrupta contumacia* e *deforme obsequium*, como

„stoischen“ Senatsopposition. **Hermes**, v. 2, n. 113, p. 231-246, 1985. Por fim, vale notar que o historiador Cremúcio Cordo foi julgado e condenado durante o principado de Tibério, por ter louvado em sua obra Bruto e Cássio, participantes da morte de César. O caso desse historiador representa, na obra de Tácito, um *exemplum* da censura à *libertas* de expressão (*Ann.*, 4.34-35). Veja-se sobre esse julgamento e o tema da *libertas*, Balmaceda (2011, p. 210-12) e Strunk (2017, p. 157-165).

⁵¹ Devillers (2002, p. 306) enumera as ocorrências de *libertas* em relação a Trásea: “na primeira, nos propósitos e seus detratores, *si rem publicam egere libertate senatoria crederet* (XIII, 49, 2); na segunda, *ceteris libertatis initium non praebuit* (XIV, 12, 11); na terceira, *Libertas Thraseae seruitium aliorum rupit* (XIV, 49, 1), na quinta, nas acusações de Cossuciano, *Vt imperium euertant, libertatem praeferrunt: si peruerterint, libertatem ipsam adgredientur* (XVI, 22, 4; também em XVI, 24, 2 *libertatem insontis*, e XVI, 35, 1, oferenda a Júpiter *Liberator*)”.

⁵² TAC., *Ann.*, 16.24.2.

revela sua acusação pelo senado e pelo *princeps*.⁵³ Para Cossuciano, que caracteriza Peto sob o ponto de vista inimigo, este tinha um discurso de *contumacia*, consequência, provavelmente da firmeza de seu caráter e também resultante de um sentimento de *libertas* aparentemente descomedido. Entretanto, parece-nos que, qualquer mínima ação que demonstre qualidades que, por contraste, acuse os vícios do *princeps* pode ser vista como contumácia ou obstinação, principalmente no que concerne a Nero. Desse modo, os delatores recorrem para uma corrupção da linguagem em que *libertas* tem uma conotação de *contumacia*, correspondendo a uma oposição em excesso e sem utilidade para o bem comum.⁵⁴ Nesse sentido, o retrato de Trásea demonstra que o Principado requeria cumplicidade ou indiferença.⁵⁵ Ou vivia-se em silêncio, ou não se vivia.

De acordo com Cogitore, Tácito apresenta diversas nuances da *libertas*. Com efeito, já em 13.49.2, Trásea questiona os interesses do senado evocando a *libertas senatoria* e a *libertas Thraseae*, que comentamos anteriormente, colocando em destaque a servidão de outros senadores (*Ann.*, 14.49.1). Uma vez que ele próprio se mostra de modo independente e disposto a afirmar suas posições enquanto indivíduo, é capaz de reivindicar também a liberdade de decisão política no âmbito coletivo. A autora estabelece um contraste entre a imagem de Trásea Peto, de um lado, senador, e de outro, filósofo estoico, cuja coerência com seus princípios o impediriam de ceder a um vício como a *adulatio*.⁵⁶ No âmbito individual, portanto, parece-nos cabível dizer que a *libertas* da personagem é resultado de seu sentimento de *uirtus*; nesse retrato, assim como no de Lépido e no *Agrícola*, podemos notar a íntima relação entre essas duas noções romanas,⁵⁷ bem como cada um deles traz diferentes tópicos em relação a determinadas condutas no principado de Nero, evidenciando os problemas de tal época.⁵⁸ Assim, como Pigoñ ressalta, a “*libertas* de Trásea não era uma liberdade e uma dignidade apenas pessoal, mas

⁵³ Strunk (2017, p. 115) defende que quando o senador se afastou de seu ofício, durante os anos 63 e 66 d.C., ele não estava agindo de modo ostentatório, mas entre os caminhos da obediência e da contumácia. A escolha de Peto, segundo o estudioso, tem diversos precedentes, tal como *Agrícola* e *Catão* e *Cícero* à época de *César*.

⁵⁴ COGITORE, 2011, p. 213-14. Para a autora, as acusações de Cossuciano quanto à liberdade pretendem “negar a Trásea o benefício da *libertas*, seja ela liberdade de expressão ou liberdade política” (“nier à Thrasea le bénéfice de la *libertas*, qu’elle soit liberté d’expression ou liberté politique”).

⁵⁵ STRUNK, 2017, p. 117.

⁵⁶ Veja-se também Morford (1992, p. 3445).

⁵⁷ Morford (1991, p. 3422) comenta a associação entre *libertas* e *uirtus*, baseado no estudo de Klingner (1932 *apud* Morford, 1991). Sobre a crítica da concepção de *libertas* nesses dois estudos, ver Strunk (2017, p. 34-5).

⁵⁸ DEVILLERS, 2002, p. 311.

também um programa político visando ao fortalecimento da posição do senado *vis-à-vis* o imperador e seu entorno”.⁵⁹

As circunstâncias finais da vida do senador são narradas num cenário particular, junto a seus amigos e familiares, visto que não lhe fora permitido participar de seu próprio julgamento. Nesse ambiente, há uma conversa entre amigos, sobre a qual Tácito reporta duas posições:

Quibus intrari curiam placebat, securos esse de constantia eius disserunt: nihil dicturum nisi quo gloriam auget. ² Segnes et pavidos supremis suis secretum circumdare; aspiceret populus uirum morti obuium, audiret senatus uoces, quasi ex aliquo numine, supra humanas. Posse ipso miraculo etiam Neronem permoueri; sin crudelitati insisteret, distingui certe apud posteros memoriam honesti exitus ab ignauia per silentium pereuntium.

Aqueles a quem agradava a ideia de que ele entrasse na cúria, seguros de sua constância, disseram: “nada dirás que não aumente a glória. Só os covardes e apavorados envolviam de segredo seus últimos momentos. O povo veria um homem a caminho da morte e o senado ouviria palavras como que vindas de algum nune, sobre-humanas. Além disso, Nero poderia ser comovido por esse mesmo prodígio, mas se insistisse na crueldade, certamente entre os pósteros a memória de um fim honroso seria distinguida da covardia dos que morriam em silêncio”.⁶⁰

Tácito descreve Peto pelas palavras de outrem, destacando a sua *constantia* – já antes lembrada pela sua *firmitudo animi* e pelo *immotus animus* –, bem como o prestígio de suas palavras. De um lado, seus próximos as consideram sobre-humanas, capazes – quem sabe – de aplacar a *crudelitas* do príncipe. Ora, a composição da cena pode sugerir até mesmo uma ocasião para que Nero finalmente exerça a *clementia principis*, embora saibamos que interessa a ele aniquilar a própria virtude. Ademais, o comparecimento de Trásea no senado, ainda que não obtivesse a clemência do príncipe, era decisivo para a construção de sua memória: esse último enfrentamento lhe traria mais honra, não morrendo com a covardia dos que optam pelo silêncio. Ao contrário, aumentaria sua *gloria*. De outro, havia os que argumentavam que Peto deveria evitar novas zombarias e *contumeliae* (*ludibria et contumelias imminere*). O termo aqui chama a atenção, uma vez que ele também é recorrente no conjunto da narrativa sobre o senador. Devillers destaca

⁵⁹ PIGOÑ, 2003, p. 143: “Thrasea’s *libertas* was not just a purely personal freedom and dignity, it was also a political programme aimed at the strengthening of the senate’s position *vis-à-vis* the emperor and his entourage”. Também na mesma linha, Sailor (2008, p. 13) afirma que: “esses homens fizeram uma declaração pública para que outros ouvissem (*iactare*) que eles não eram escravos. Então o comportamento desses homens era animador não somente pelo que isso diz sobre eles mesmos, mas pelo que implicou quanto à legitimidade continuada e à identidade da elite senatorial enquanto um grupo”. (“these men had made a public declaration for others to hear (*iactare*) that they were not slaves. Yet the behavior of these men was exciting not just for what it said about themselves, but for what it implied about the continued legitimacy and corporate identity of the senatorial elite”).

⁶⁰ TAC., *Ann.*, 16.25.1-2.

que essa repetição confere uma unidade aos episódios, além dos demais eixos que apontamos ao longo da análise.

Segundo o estudioso, o termo aparece no caso de Antístio (*grauissimas in principis contumelias*), no de Timarco (*ad contumeliam senatus*) e no excerto supracitado, em que contumélia ou ofensa diz respeito ao conhecimento do perigo real que corre.⁶¹ Dentre os que insistiam para que Trásea Peto não fosse ao senado, estava Aruleno Rústico, à época, tribuno da plebe. Ele se oferecia para ir ao senado usar seu voto como tribuno em oposição.⁶² Trásea Peto o adverte da inutilidade do ato, aconselhando-o a refletir sobre o futuro de sua carreira (*Ann*, 16.26.4-5), com isso demonstrando uma ação moderada. As características de Trásea nessa passagem trazem um caráter de fundo estoico, conforme apontam Cogitore e Turpin.⁶³ Para esse último, a cena mobiliza questões de tal corrente filosófica, tais “como se morre e como seu comportamento afeta outrem, incluindo gerações futuras”.⁶⁴ Nesse sentido, Trásea tem consciência de que ele é um *exemplum*, tal como foram os Brutos, Catões, Favônios e Tuberões, cuja ideologia e postura política o senador parece também ter imitado.⁶⁵

A atmosfera de risco à vida de Trásea Peto foi, então, apresentada num crescendo ao longo da narrativa e neste ponto, apesar do argumento da *gloria* e do poder de sua figura, o senador opta por aguardar sua sentença de modo reservado. O silêncio aqui, com efeito, faz também as vezes de sabedoria.

Tácito constrói uma pesada atmosfera em torno do processo contra Trásea. No capítulo 27, descreve um ambiente vigiado por soldados, homens togados com suas espadas protegiam a porta do senado, enquanto se discutia o futuro do senador. Durante a sessão, o discurso mais marcante é o de Marcelo Éprio (de *acri eloquentia*, segundo Tácito),⁶⁶ que qualifica Trásea Peto como desertor (*Thraseam desciscentem*)⁶⁷ e insiste na rebeldia do senador. Tácito atribui ao orador a sentença: “com maior violência,

⁶¹ DEVILLERS, 2002, p. 298.

⁶² Ver STRUNK, 2010, p. 136; TURPIN, 2008, p. 388. A. Rústico foi condenado sob o principado de Domiciano por ter escrito a biografia de Trásea Peto e outras personagens que, segundo Tácito, representavam a *libertas senatoria*. Vide *Agr.*, 2.

⁶³ COGITORE, 2011, p. 213; TURPIN, 2008, p. 387.

⁶⁴ TURPIN, 2008, p. 387: “how you die, and how your behavior affects others, including, future generations”. Sobre Trásea e o estoicismo: Turpin (2008) e ainda cf. ANDRÉ, J. Tacite et la philosophie. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, II.33.4, p. 2010-54, 1991.

⁶⁵ Sobre Élio Tuberão e Marcos Favônio e a relação com o estoicismo e proximidade a Catão na República, cf. BRAHAM, R.; GOULET-CAZÉ, M. *The Cynics: the cynic movement in antiquity and its legacy*. London: University of California Press, 1996, p. 196.

⁶⁶ TAC., *Ann.*, 16.22.5.

⁶⁷ Cf. RUDICH, V. *Political Dissidence under Nero: The price of dissimulation*. London: Routledge, 1993. Veja-se também Strunk (2015).

Marcelo clamava repetidamente que agia pelo bem da *res publica* e que a obstinação dos inferiores diminuía a brandura de quem comandava” (*maiore ui Marcellus summam rem publicam agi clamitabat; contumacia inferiorum lenitatem imperitantis deminui*).⁶⁸ Antes de prosseguirmos com a exposição do retrato, observemos alguns ecos que as palavras de Marcelo Éprio nos trazem.

Primeiramente, a repetição de *contumacia* (*supra*, *Ann.*, 16.22) por parte do acusador, como já o fizera Cossuciano, parece-nos evocar sempre a passagem dos *Anais* e sua metáfora do caminho. Ao passo que Éprio associa essa característica a Peto, nas entrelinhas sugere-se seu afastamento do *obsequium*, tanto do *deforme*, quanto daquele revestido de *uigor* e *industria*, performado por Agrícola. Esse último, afirma Tácito, inclusive abrandava a inclinação de Domiciano ao mal. No excerto, o historiador emprega o verbo *lenio*, que tem a mesma raiz do substantivo enunciado no julgamento (*lenitas imperitantis*). Éprio se refere de modo indireto a uma relação de autoridade e subordinação que a suposta *contumacia* de Trásea Peto não respeita. Não é Nero que é cruel, mas as ações do senador que testam os limites de sua leniência. É digno de nota que essa é uma qualidade do que comanda, ligada à *clementia* e bastante associada a César.⁶⁹ Recordemos, em segundo lugar, a passagem de *A vida de Agrícola*, amiúde utilizada para analisar o retrato de Trásea Peto.

Tácito criticara aqueles que *in nullum rei publicae usum <nisi> ambitiosa morte inclaruerunt*.⁷⁰ Geralmente, a literatura associa essa passagem a Trásea, porque ele teria morrido mais por interesses individuais do que coletivos, ou seja, visando à sua própria *gloria* e por meio de uma morte pomposa.⁷¹ No entanto, também nos chama a atenção o fato de que Marcelo discursa se colocando no lugar de quem faz algo pelo bem comum, indiretamente dizendo o contrário de Trásea e seus seguidores e reforçando o eco da passagem do Agrícola. Dessa forma, o discurso de Marcelo Éprio confere ao retrato de Peto uma imagem de um senador que provocava o príncipe com seu comportamento contumaz e sem utilidade para o bem comum. Essa construção em muito difere da caracterização que Tácito elabora por meio da caracterização direta, ou seja, quando ele como historiador explicita sua visão. Nesse sentido, o discurso de Éprio retoricamente

⁶⁸ TAC., *Ann.*, 16.28.1

⁶⁹ Vide parte 1, capítulo 1.

⁷⁰ TAC., *Agr.*, 42.6: “sem qualquer serventia para a república, distinguiram-se com uma morte espalhafatosa”.

⁷¹ Para uma leitura que admite essa associação, Ginsburg (1986); Morford (1991); Sailor (2008) e Shotter (1991), por exemplo. *Contra*, Devillers (2002) e Strunk (2017).

mobiliza temas que remetem à personagem de modo tanto a intensificar a tensão que foi-se estabelecendo na narrativa e cujo clímax encontra lugar justamente no julgamento, quanto também para colocar em dúvida a imagem de Trásea.

É difícil afirmar categoricamente que a postura de Trásea Peto era *in nullum usum rei publicae*; na verdade, Tácito já havia mencionado como ele transforma um assunto banal em algo produtivo para o bem comum e, além disso, seu afastamento do senado não se deu antes de uma tentativa de participação política, que advogou por um senado que pudesse moderar criticamente suas decisões, e, em última instância, significa a não concordância com um senado servil, tampouco útil para a *res publica*. Segundo Strunk, as ações de Trásea Peto visavam moderar o senado tanto quanto as de M. Lépido. Assim, afirmar que o historiador critica a autonomia daquele senador, enquanto louva as desse último, seria uma falsa dicotomia. Vale notar ainda que, embora Monford considere que insistir numa liberdade que leve ao suicídio seja um exemplo que encaixe na ideia de “morte espalhafatosa”, depois, ele reconhece que o afastamento político de Trásea pode ser lido como algo útil para a república.⁷²

A sequência do discurso se dá de modo violento e galopante e sua quebra só acontece com a descrição dos pensamentos dos demais que ali estavam quanto à condenação de possíveis inocentes, como o genro de Trásea, Helvídio Prisco (*Ann.*, 16.29).⁷³ O suspense se mantém ao longo de alguns capítulos, nos quais se narra a acusação de outro réu até que a condenação seja conhecida no capítulo 33: concedia-se a Trásea Peto a escolha de sua morte.⁷⁴ Suavizando a tensão, Tácito introduz uma descrição comovente dos últimos momentos do senador: reunido entre familiares, amigos e filósofos em seu jardim, preparava seu corpo, e o desfecho do papel dessa personagem é também o fechamento do que nos chegou dos *Anais*.

Tum, progressus in porticum, illic a quaestore reperitur, laetitiae propior, quia Heluidium, generum suum, Italia tantum arceri cognouerat. Accepto dehinc senatus consulto, Heluidium et Demetrium in cubiculum inducit; porrectisque utriusque brachii uenis, postquam cruorem effudit, humum super spargens, propius uocato quaestore, “Libamus, inquit, Ioui Liberatori. Specta, inuenis, – et omen quidem dii prohibeant! – ceterum in ea tempora natus es quibus firmare animum expediat constantibus exemplis”.

Então, ele caminhou até o pórtico onde foi encontrado pelo questor, e quase que alegre, porque soubera que seu genro Helvídio fora apenas banido da Itália.

⁷² STRUNK, 2017, p. 112-113; MONFORD, 1991, p. 3439 e 3445.

⁷³ O senador acusa também pessoas próximas a Trásea Peto, como Helvídio Prisco, Pacônio Agripino e Cúrcio Montano (*Ann.*, 16.28.1). Helvídio, personagem parte de nosso *corpus*, teria visto em seu sogro um *exemplum* a seguir.

⁷⁴ TAC., *Ann.*, 16.33.2.

Depois de tomar conhecimento da decisão do senado, leva Helvídio e Demétrio dali para o quarto e, abrindo as veias de ambos os braços, então verteu seu sangue, derramando-o sobre a terra. Chamando mais perto o questor, disse: “Brindamos a Júpiter *liberator*. Olha, jovem, e que oxalá os deuses impeçam este presságio: mas tu nasceste nestes tempos em que é preciso fortificar a firmeza do ânimo por meio de exemplos de constância”.⁷⁵

Todo o ambiente e as ações de Trásea no momento de sua morte evocam o relato do suicídio de Sêneca, que Tácito narrara no livro anterior (*Ann.*, 15.60-64). Assim como o filósofo, Trásea Peto passa seus últimos momentos junto a família e amigos, discute questões filosóficas e oferece o sangue espargido a Júpiter *liberator*. O retrato de Sêneca nos *Anais* de Tácito merece uma análise completa, contudo é uma tarefa que escapa ao âmbito deste trabalho.⁷⁶ Observemos apenas algumas questões.

O filósofo, preceptor de Nero durante anos, foi também vítima da ira do príncipe. A justificativa fora seu suposto envolvimento na conspiração de Pisão, tendo sido considerado por isso um traidor.⁷⁷ De fato, no retrato de Trásea, vimos anteriormente um episódio em que Sêneca aparece congratulando o imperador por ter se reconciliado com o senador: “a partir dali, a glória dos homens ilustres e os perigos aumentavam”. Um ponto de contato entre essas duas figuras se estabelece nesse momento: ambos são estoicos e homens que adquiriram *gloria*. Para ambos, logo, o perigo crescia.⁷⁸ Segundo Pigoñ (2017, p. 183), essa foi a última vez que Sêneca apareceu junto a Nero, no ano de

⁷⁵ TAC., *Ann.*, 16.35.1.

⁷⁶ A leitura do retrato de Sêneca em Tácito é bastante divergente entre os estudiosos, mas é consenso que se trata de uma figura ambígua ao longo da obra, tendo em vista que o historiador descreve, nos livros 13 e 14, sua participação nas decisões imorais de Nero e, depois, no livro 15, como uma vítima do príncipe (Pigoñ, 2017, p. 180). Algumas análises sobre o tema encontram-se em Denis Henry e Beatriz Walker (1963), que observam as passagens sobre Sêneca de modo a mostrar que Tácito estava interessado em retratá-lo em sua atuação junto a Nero e não em analisar as incongruências de sua vida enquanto filósofo e escritor. Veja-se Stephen Dyson (1970), que analisa temas e expressões utilizadas na caracterização, concluindo que a visão de Tácito quanto ao filósofo é, sobretudo, crítica (v. p. 02; 78 e ss.). Dentre os mais recentes, tem-se Willian Turpin (2008, p. 390-92), que observa que Sêneca é um *exemplum* a respeito da conciliação entre escolhas políticas e individuais (filosóficas) e seus limites, a fim de colaborar no Principado. James Ker (2012), por sua vez, considera o filósofo um ator histórico da elite, cujo complexo retrato demonstra as potencialidades e insucessos dessa classe em seu envolvimento com o príncipe. O estudioso reconstrói, semelhantemente a Dyson (1970), mas concluindo de modo diferente, o conjunto de seu retrato a partir da análise de repetições verbais e temáticas que conferem unidade à imagem de Sêneca, destacando suas principais características (2012, p. 309 e ss.). Jakub Pigoñ (2017) compara o retrato de Sêneca em Tácito e na *Otávia*, tragédia anônima, em que o filósofo é caracterizado de forma claramente positiva. Em Tácito, para esse autor, embora seu retrato seja ambíguo, ele representa um ponto-chave da obra do historiador: certas posturas diante do príncipe eram inevitáveis, e não deixariam de ser mesmo assim louváveis (Pigoñ, 2017, p. 185). Cf. ABEL, K. Die Taciteische Seneca-Rezeption. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, II.33.4, p. 3155-3181, 1991; GRIFFIN, M. *Seneca: a philosopher in politics*. Oxford: Oxford, 1976 e SCHMAL, S. Held oder Harlekin? Der sterbende Seneca bei Tacitus. *Klio*, 90, p. 105-123, 2008.

⁷⁷ TAC., *Ann.*, 15.60.2.

⁷⁸ Ker (2012, p. 324) vê na frase um claro anúncio do suicídio de ambas as personagens, assim como Pigoñ (2017, p. 183). Ver também Devillers (2002), para pontos de contato entre as passagens de Trásea Peto e Sêneca.

63 d.C., quando Peto também se afastou da vida pública. Além disso, para Tácito, Sêneca, ao escrever a Nero em resposta à acusação, declarou que “não tinha uma índole inclinada à adulação. Disso ninguém mais ciente que Nero, que experimentara com mais frequência a liberdade de Sêneca do que sua servidão” (*nec sibi promptum in adulationes ingenium; idque nulli magis gnarum quam Neroni, qui saepius libertatem Senecae quam seruitium expertus esset*).⁷⁹

Tal como Trásea, Sêneca aqui não cede à adulação e preza pela *libertas*; portanto, ambos terão o mesmo fim. Alguns pesquisadores apontaram, é verdade, que Sêneca muitas vezes colaborou ou endossou as ações de Nero, o que parece inapropriado aos preceitos morais balizadores de uma conduta individual estoica. Um exemplo interessante nesse sentido é o fato de Sêneca ser apontado por Tácito como autor de uma carta de acusações contra Agripina, imediatamente antes do episódio em que Trásea se retira do senado em sessão sobre o mesmo tema (*Ann.*; 14.11). Turpin e Pigoñ comentam a aproximação e contraste entre as personagens, defendendo que os retratos de Sêneca e Trásea mostram que essas duas atitudes eram possíveis no Principado, e ambas poderiam ser grandiosas.⁸⁰ Turpin acrescenta que Sêneca não “estava na posição de lavar suas mãos quanto ao regime; sua tarefa, como estoico, era fazer por seus companheiros cidadãos tanto quanto fosse consistente com seu próprio senso de integridade”.⁸¹ Então, a fala acima, em discurso indireto, indica um reconhecimento por parte do filósofo de que ele agiu deslocando-se entre subordinação (aqui, *seruitium*, que nos parece mais forte do que a relação de *obsequium*) e reivindicação de sua liberdade (*libertas*).⁸² Um exemplo dessa última é o diálogo entre *princeps* e preceptor: Sêneca solicita a autorização de Nero para afastar-se da vida pública.⁸³

As palavras do filósofo diante da ciência de seu destino, expostas em discurso indireto, têm um teor parecido com os termos finais da postura de Trásea Peto. Vejamos:

conuersus ad amicos, quando meritis eorum referre gratiam prohiberetur, quod unum iam et tamen pulcherrimum habeat, imaginem uitae suae relinquere testatur; cuius si memores essent, bonarum artium famam tam constantis amicitiae laturus. ² Simul lacrimas eorum, modo sermone, modo intentior, in modum coercentis, ad firmitudinem reuocat, rogans ubi

⁷⁹ TAC., *Ann.*, 15.61.1.

⁸⁰ PIGOÑ, 2017, p. 185.

⁸¹ TURPIN, 2008, p. 391: “Seneca was not in a position to wash his hands of the regime. His duty, as a Stoic, was to do as much for his fellow citizens as was consistent with his own sense of integrity”.

⁸² Veja-se também Balmaceda (2017, p. 237), que não analisa a passagem que aqui citamos, mas traz uma ideia semelhante à que propomos.

⁸³ TAC., *Ann.*, 14.53-56. Tácito expõe a cena a partir de um par de discursos. Para uma análise dessa cena, Ker (2012, p. 322-24).

praecepta sapientiae, ubi tot per anos meditata ratio aduersum imminentia. Cui enim ignaram fuisse saeuitiam Neronis?

Virando-se para os amigos, porque fora proibido de reconhecer seus méritos, deixava a eles como testamento a única coisa que tinha, contudo, a mais bela: a imagem de sua vida. Se dela guardassem memória, ganhariam dessa forma o renome das virtudes e de uma amizade constante. Ao mesmo tempo, ora com palavras, ora mais atentivamente de modo a repreendê-los, pede aos amigos em prantos que tenham firmeza, perguntando: onde estavam os preceitos da filosofia? Onde estavam tantos anos de reflexões racionais contra as coisas prementes? Quem, afinal, desconhecia a crueldade de Nero?⁸⁴

Sêneca clama pelo renome das virtudes e pela constância, um valor recorrente no retrato de Trásea Peto, assim como a *firmitudo*. Ele relembra a seus amigos os preceitos da filosofia, que preza por uma postura interior enraizada nessas qualidades. Além disso, nota-se que ele vê sua vida como uma imagem a ser lembrada, ou seja, um *exemplum*.⁸⁵ Isso se nota ainda no diálogo de Sêneca com sua esposa, a quem ele recomenda viver “pela observância de uma vida movida por virtudes” (*in contemplatione uitae per uirtutem actae*).⁸⁶ O filósofo, nesse sentido, apresenta-se no relato taciteano como um *exemplum uirtutis*. Certamente, nosso historiador mencionará, quando da consumação de sua morte, que Sêneca fora insonte (como a liberdade de Trásea) e renomado por suas virtudes (*insonti <et> claritudo uirtutum*).⁸⁷

Enfim, Tácito descreve o evento do suicídio, contando que depois de abrir os pulsos, Sêneca, devido a seu estado já debilitado e à lentidão da morte, toma ainda uma porção de veneno. Finalmente, assim como Trásea, dedica seu ato a Júpiter: “Depois entrou numa banheira de água quente, borrifando seus escravos mais próximos, acrescentando os dizeres: oferecia aquele líquido a Júpiter *liberator*” (*Postremo stagnum calidae aquae introiit, respergens proximos seruorum, addita uoce libare se liquorem illum Ioui Liberatori*).⁸⁸ A cena de ambos recorda ainda a morte de outras personalidades estoicas, como Sócrates e Catão de Útica, este último de quem Peto escrevera inclusive uma biografia, como comentamos acima e cujo suicídio também evocara o filósofo grego.⁸⁹ Essas aproximações fortalecem a filiação filosófica das personagens e atribui maior sentido às suas condutas. Catão é amiúde descrito pela *constantia* com que encarou a morte por ele mesmo decidida e um símbolo da *libertas* senatorial, temas do retrato de

⁸⁴ TAC., *Ann.*, 15.62.1-2.

⁸⁵ TURPIN, 2008, p. 392.

⁸⁶ TAC., *Ann.*, 15.63.1.

⁸⁷ TAC., *Ann.*, 15.65.1.

⁸⁸ TAC., *Ann.*, 15.64.4.

⁸⁹ Alusão às outras mortes: EDWARDS, 2007, p. 156-7. Sobre a morte de Catão como modelo, vide Edwards (2007), esp. Capítulo 4.

Trásea.⁹⁰ Segundo Sailor, a libação que ambos oferecem ao deus simboliza mais que o valor da liberdade no momento da morte.⁹¹

Tal como Sêneca, Trásea se mostra ao questor que o acompanha como um exemplo, mais especificamente, um *exemplum constantiae*.⁹² A fala final de Trásea Peto reitera a necessidade da existência dos exemplos no Principado. Isso significa que, num contexto marcado pela presença de um príncipe truculento e de um senado servil e que o adula, a *constantia* é a qualidade que permite, em certa medida, o exercício da *libertas* – individual e política, no relato sobre Trásea.⁹³ Com efeito, a constância da personagem, descrita também como a *firmitudo animis*, permeia os episódios em que Peto atua politicamente de acordo com suas crenças políticas, independentemente das consequências que isso venha a ter. Vê-se que, a despeito de seu trágico final, trata-se de uma escolha sua, amparada por sua *constantia*.

Ora, Trásea Peto é a *uirtus ipsa* (*Ann.*, 16.21.1). Tácito não só lhe atribui a *uirtus*, como a personifica em sua figura. Ele encarna todas as virtudes que Nero deseja exterminar, com isso eclipsando o príncipe e sua glória. Observando o vocabulário presente no conjunto de seu retrato, temos o seguinte quadro:

constantia
clementia (publica)
contumacia (atribuída na acusação)
firmitudo
gloria
libertas
moderatio
seueritas
uirtus

Aparecem no retrato valores que Tácito tem usado para construir diferentes imagens de agentes durante o Principado, e esses têm maior ou menor ênfase em função da conduta da personagem. A *moderatio*, por exemplo, que apareceu de forma reiterada nos retratos anteriores, só se verifica no relato sobre Trásea Peto enunciada por Nero, mas como resultado de uma provocação do senador, ao lembrar o senado da importância da

⁹⁰ Cf. *Cic.*, *Off.*, 1.112. e *Tusc.*, 1.74, que utiliza o termo *constantia* reiteradas vezes para falar de Catão. *PLUT.*, *Cato min.*, 67-70, descreve a morte de Catão.

⁹¹ Ver também Edwards (2007, p. 155)

⁹² *TAC.*, *Ann.*, 15.68.1: Sulpício Áper é referido por Tácito como *Proximum constantia exemplum*, sob Nero.

⁹³ Sobre a dimensão individual da *libertas*, Ducos (1977).

clementia publica. Com isso, destaca-se na narrativa a *libertas*, um eixo que contribui fortemente para a elaboração da personagem, visto que, ao encarná-la em suas ações, atrai para si tanto perigo, quanto glória.

O caráter de Trásea Peto, tendo em vista seu retrato, pode ser considerado, de fato, ambíguo. Tácito certamente elabora um retrato que pode levantar dúvidas sobre como avaliar a conduta dessa personagem, ainda mais para o leitor que conheça a narrativa de Agrícola e Lépido, que representam tão bem as benesses da moderação sob o Principado. Contudo, ainda que os atos em si de Trásea Peto não sejam nomeados diretamente pelo signo da moderação, não significa que sua importância não fosse levada em conta por ele, como se observa no julgamento de Antístio e na restrição durante seu julgamento. Constata-se, na verdade, que as decisões do senador são frutos de uma deliberação pessoal constante, o que implica de certa forma *modus e modestia*.⁹⁴ Ademais, outros aspectos de valor para a compreensão da *uirtus* senatorial são postos à luz com seu retrato. Destacamos a sua perseverança, a constância e a importância que confere à existência de exemplos desse valor à sua época. Tal exemplo foi adotado por seu genro Helvídio Prisco, cujo retrato veremos a seguir.

⁹⁴ Veja-se MORFORD, 1991, p. 3445; STRUNK, 2017, p. 119.

Helvídio Prisco: *peruicacia uitanda*

Ao fim do julgamento de Trásea Peto, em 66 d.C., o então pretor Helvídio Prisco foi condenado ao exílio por sua associação ao senador durante o principado neroniano. Sabe-se que foi considerado um homem digno de ser lembrado, tendo sido biografado por Herênio Senecião, que Tácito menciona no início de *A vida de Agrícola*.¹ Nas *Histórias*, o historiador também mostra apreço pela personagem, destinando alguns capítulos da obra a lembrar de sua participação no senado, de onde podemos construir parcialmente seu retrato, uma vez que a obra nos chega incompleta. Com efeito, Tácito elabora um elogioso louvor a respeito de sua vida:

*Res poscere uidetur, quoniam iterum in mentionem incidimus uiri saepius memorandi, ut uitam studiaque eius et quali fortuna sit usus, paucis repetam. Heluidius Priscus [regione Italiae]e Carecina municipio Cluuiis, patre qui ordinem primi pili duxisset, ingenium inlustre altioribus studiis iuuenis admodum dedit, non sicut plerique, ut nomine magnifico segne otium uelaret, sed quo firmior aduersus fortuita rem publicam capesseret. ² Doctores sapientiae secutus est, qui sola bona quae honesta, mala tantum quae turpia, potentiam, nobilitatem ceteraque extra animum neque bonis neque malis adnumerant. Quaestorius adhuc a Paeto Thrasea gener delectus e moribus soceri nihil aeque ac **libertatem** hausit, ciuis, senator, maritus, gener, amicus, cunctis uitae officii **aequabilis**, opum contemptor, recti **peruicax**, **constans** aduersus metus.*

O momento parece pedir, já que pela segunda vez acabamos por mencionar esse homem amiúde digno de lembrança, que eu retome brevemente a sua vida e erudição, e também a sua sorte. Helvídio Prisco era de Carecina [região da Itália], da cidade de Clúvio, e seu pai liderara a ordem dos primipilos. Dedicou sua brilhante mente ao estudo da filosofia quando jovem, não para disfarçar, como muitos, sob um nome grandioso, um ócio indolente, mas para que mais firmemente trabalhasse na república contra eventos fortuitos. Seguiu estudiosos da filosofia que consideram coisas boas somente as honestas; e más, as que são torpes, e que não contam o poder, a nobreza e outras coisas além da alma nem entre os bens, nem entre os males. Escolhido como genro de Trásea Peto, quando questor, dos costumes do sogro não absorveu nada além da mesma liberdade. Cidadão, senador, marido, genro, amigo, justo em todos os ofícios da vida, desdenhador de riquezas, determinado quanto ao que é certo, firme contra o medo.²

Tácito organiza esse capítulo com base no modelo formular dos textos laudatórios, trazendo informações acerca das origens de Helvídio, sua educação, aplicação aos estudos quando jovem e descrição de seu caráter a partir de adjetivos como *constans*, característica de Trásea Peto, de quem Prisco também incorporou igualmente, segundo Tácito, a *libertas*. Pelo relato, sabemos que Prisco estudara e seguira o estoicismo, doutrina que embasa sua postura política, assim como a de seu sogro. Nessa

¹ Biografia que levou o próprio autor à morte, à época de Domiciano (*Agr.*, 2.1; 45.1).

² TAC., *Hist.*, 4.5.1-2.

caracterização, é interessante notar ainda o uso de *peruicax*, um traço que demonstrará em sua conduta determinada no senado. O tom de Tácito é encomiástico e o situa de modo positivo em todas as esferas da vida, da particular à pública. Esse obituário nos expõe, pela caracterização direta, uma imagem de alguém que possivelmente demonstrou uma conduta exemplar sob o Principado. No capítulo seguinte, Tácito informa que Galba o convocou de volta do exílio para exercer a função de pretor designado, no ano de 69 d.C. Do que sobrevive da obra taciteana, não nos chegou nada a propósito de sua morte, o que nos impede de verificar a completude dos motivos que o levaram à morte sob o principado de Vespasiano, do ponto de vista de Tácito.³

A propósito da personagem, também se sabe que, durante o principado de Cláudio, Helvídio fora legado de legião, como atesta Tácito nos *Anais*. Quando foi enviado para recompor uma situação na Armênia, ele “tinha acalmado a situação mais com moderação do com força, quando foi ordenado que voltasse da Síria para que não se iniciasse uma guerra contra os partas (*moderatione plura quam ui composuerat, cum rediret in Syriam iubetur, ne initium belli aduersus Parthos existeret*).⁴ E aqui pensamos num comportamento que nos remete à caracterização de Agrícola e sua *rarissima moderatio* ao controlar as tropas agitadas (*Agr.*, 7.6). Helvídio Prisco também dispunha de uma qualidade essencial no trato com os soldados. Além disso, no livro segundo das *Histórias*, Tácito menciona o legado pela primeira vez. Na ocasião, Vitélio é o imperador e, numa de suas visitas ao senado, ele ocasionalmente chega a uma sessão em que “Helvídio Prisco, pretor designado, tinha-se manifestado contra sua opinião” (*Priscus Heluidius praetor designatus contra studium eius censuerat*).⁵ Nesse episódio, Vitélio sente-se contrariado e responde ao pretor evocando a memória de quando ele próprio costumava discordar do senador Trásea Peto,⁶ causando certo desconforto na sessão, porque a comparação parecia descabida. Ao mesmo tempo, agradava a outros senadores, pois confirmava que Trásea era um “exemplo de verdadeira glória” (*exemplar uerae gloriae legisset*), segundo Tácito.⁷ O efeito da comparação feita pelo *princeps* é uma associação direta das ações de Helvídio às de Trásea. Firmada essa relação entre os estoicos e homens

³ Suet., *Vesp.*, 15. A imagem expressa na biografia escrita por Suetônio é a de um pretor que com frequência afrontava a autoridade do *princeps*. Vide Pigoñ (1992, p. 240 e 243) sobre a dificuldade em confirmar essa visão da conduta de Helvídio Prisco frente a Vespasiano a partir de fontes como Suetônio e Dião Cássio.

⁴ TAC., *Ann.*, 12.49.2.

⁵ TAC., *Hist.*, 2.91.3.

⁶ Vitélio alude aqui ao episódio narrado por Tácito em *Ann.*, 14.49.1., no qual é inclusive taxado como adúlador de Nero. Veja-se página 109.

⁷ TAC., *Hist.*, 2.91.3.

políticos, sogro e genro, o leitor não deixará de tê-la em mente ao longo da leitura restante do retrato de Prisco, de certo modo, influenciando o julgamento de suas ações. O mote da glória reaparece na segunda citação do legado, à qual o próprio historiador se refere no início do elogio acima. Helvídio proferira um discurso em homenagem a Vespasiano, que fora reconhecido *princeps*:

*Vbi ad Heluidium Priscum praetorem designatum uentum, prompsit sententiam ut honorificam in bonum principem, * * * falsa aberant, et studii senatus attollebatur. Isque praecipuus illi dies magnae offensae initium et magnae gloriae fuit.*

Quando chegou a vez de Helvídio Prisco, pretor designado, apresentou uma moção honorífica ao bom príncipe, *** sem falsidades, e até exaltada pelo entusiasmo do senado. Foi principalmente esse dia o início de grande ofensa e grande glória para ele.⁸

A despeito da lacuna do texto, sabe-se que as palavras de Prisco foram acolhidas com excitação pelo senado, sendo dignas de um bom príncipe e desprovidas de falsidade, indo, portanto, na contramão da postura senatorial corrente. O capítulo se encerra com uma *sententia* que anuncia o destino de Helvídio Prisco: segundo Tácito, apesar de e por isso, esse foi o dia em que começaram a sua glória e sua desgraça; a primeira naturalmente gera ofensa no Principado.⁹ Essa estratégia, vale notar, causa um efeito parecido com o que vimos na narrativa sobre Trásea: seguimos aguardando um fim trágico para a personagem.

Depois, como vimos, Tácito tece o breve elogio, expondo uma imagem sobretudo louvável desse senador, mas antes de deslocar o plano narrativo para o senado, o historiador faz um adendo, caracterizando-o de modo indireto, por *innuendo*: “havia aqueles que o viam como demasiado sedento de fama, pois que o desejo pela glória era a última coisa de que se despiam até mesmo os filósofos” (*Erant quibus adpetentior famae uideretur, quando etiam sapientibus cupido gloriae nouissima exuitur*).¹⁰ Essa opinião alheia parece uma ressalva quanto ao retrato apresentado antes porque o excessivo desejo pela fama, conseqüentemente, pela glória faz perder os homens que mostram alguma virtude. Além disso, a obra de Tácito acaba por colocar em dúvida se esses homens que

⁸ TAC., *Hist.*, 4.4.3.

⁹ Sailor (2008, p. 19) interpreta os termos *offensa* e *gloria* como hendiade de “gloriosa ofensa”. Entretanto, cremos que não ter sido adúlador não é apenas uma ofensa vazia, que lhe rende glória. Em diversos momentos, Tácito demonstra que Helvídio tem, de fato, alguma audiência por parte de seus pares.

¹⁰ TAC., *Hist.*, 4.6.1. Chilver (1985, p. 28), sobre *cupido gloriae* como um tema estoico. No *Pró Arquia*, 26, de Cícero, há uma reflexão semelhante: “Até mesmo os filósofos inscrevem seus nomes nos livros que escrevem sobre o desprezo da glória” (*Ipsi illi philosophi, etiam in eis libellis quos de contemnenda gloria scribunt, nomen suum inscribunt*).

procuram a glória de modo excessivo demonstram virtudes por certa vaidade pessoal, ou se, de fato, preocupam-se com a *res publica*. Vimos antes que a *gloria* de Trásea, reiterada agora há pouco, por exemplo, intensificou o conflito com o príncipe; também Agrícola esteve em perigo ao adquirir glória militar. O breve retrato de Lépido, que teve boa fama junto a Tibério, não traz esse tema. Com efeito, ao inserir tal comentário, o historiador sugere uma chave de leitura dos atos que serão expostos na sequência.

Sugerida não só a busca pela *gloria*, mas também a ofensa que essa causou, Tácito dedica capítulos consecutivos às diferentes propostas do legado numa mesma sessão do senado. Seu antagonista narrativo é ninguém menos que o senador Marcelo Éprio, o delator responsável pela condenação de seu sogro. No item anterior, vimos que Tácito havia qualificado a acidez e a potência de seu discurso.¹¹ Assim que retorna do exílio, Prisco decide acusá-lo. Tácito relata que “essa vingança, não se sabe se mais excessiva ou se mais justa, dividiu a opinião do senado: ora, se Marcelo caísse, uma série de réus seria derrubada” (*Ea ultio, incertum maior an iustior, senatum in studia diduxerat: nam si caderet Marcellus, agmen reorum sternebatur*).¹² De fato, a complexidade da situação é tamanha, que mesmo a disposição de Galba quanto ao caso se enfraquece, o que leva o pretor a retirar sua queixa. Sua decisão ocasiona duas opiniões por parte de um senado já antes dividido:

*multis senatorum deprecantibus, omisit Priscus, uariis, ut sunt hominum ingenia, sermonibus **moderationem** laudantium aut **constantiam** requirentium.*

Havendo muitos senadores desaprovando, Prisco deixou isso de lado, sendo divergentes, como é o espírito dos homens, os discursos dos que ou louvavam sua moderação ou demandavam a firmeza.¹³

Se da parte de alguns a sua *constantia* contra o medo foi questionada, da parte de outros, no entanto, a desistência de Prisco foi vista como *moderatio*. E aqui essa qualidade já demonstrada à época de Cláudio parece se manifestar mais uma vez; Helvídio reconhece na oscilação de Galba a impossibilidade de levar adiante a sua acusação, ainda que isso aparentasse falta de constância ou firmeza. Na visão de Oakley, a ausência de *constantia* é o que marca a personagem, visto que suas ações não são descritas sob a égide

¹¹ Vide p. 111. Para outras passagens que caracterizam o orador, Strunk (2010, p. 254, n. 31) O autor nota que Tácito costuma descrevê-lo por meio de um vocabulário típico do campo marcial (*idem*, p. 30).

¹² TAC., *Hist.*, 4.6.1.

¹³ TAC., *Hist.*, 4.6.2.

da moderação.¹⁴ Concordamos com Balmaceda, entretanto, quando ela observa que a oposição entre as duas virtudes nesse contexto é apenas aparente, havendo na verdade um reforço da importância de ambas. Segundo ela, isso se dá porque

A real *moderatio* não pode ser oposta à *constantia*, porque a moderação está relacionada ao autocontrole e à reserva em não se deixar abalar por nenhuma paixão ou emoção que poderia fazer alguém se render pela fraqueza. Para ser realmente moderado – o que não era o mesmo que vacilar ou ser descomprometido – era preciso ser constante e firme.¹⁵

Nesse clima instável, segue a reunião do senado que discutiria a pauta sobre o envio de legados a Vespasiano. Tácito constrói um conflito narrativo em que esses dois senadores rivais disputam em discurso por seus votos e podemos prever que Helvídio representará uma oposição. O caso se refere a como escolher esses legados: Helvídio Prisco defende a nomeação dos representantes, enquanto Marcelo Éprio é partidário do sorteio. Em discurso indireto, Tácito enumera os argumentos de Helvídio para sustentar a nomeação dos emissários, ao mesmo tempo, destilando ataques a seu rival por causa de seu passado como delator. Helvídio alegava que “a moral não é discernida pela sorte nem pela urna” (*sorte et urna mores non discerni*) e que somente pelos votos e a reflexão do senado poder-se-ia avaliar a vida e a fama de cada senador.¹⁶ Seu objetivo era que o senado pudesse recomendar legados confiáveis a Vespasiano:

*Pertinere ad utilitatem rei publicae, pertinere ad Vespasiani honorem, occurrere illi quos innocentissimus senatus habeat, qui honestis sermonibus aures imperatoris imbuant. Fuisse Vespasiano amicitiam cum Thræsea, Sorano, Sêntio; quorum accusatores etiam si puniri non oporteat, ostentari non debere.*³ *Hoc senatus iudicio uelut admoneri principem, quos probet, quos reformidet. Nullum maius boni imperii instrumentum quam bonos amicos esse.*

É pertinente ao interesse da república, pertinente à honra de Vespasiano, apresentar os mais íntegros homens que o senado tenha, que imbuam de palavras virtuosas os ouvidos do imperador. Vespasiano fora amigo de Trásea, Sorano, Sêntio, cujos acusadores, se não convém que sejam punidos, também não devem ser exaltados. Com tal decisão do senado seria como se o príncipe fosse aconselhado tanto por quem ele preza, quanto por quem ele teme. Não há nenhum instrumento maior para o bom imperador que ter bons amigos.¹⁷

A manifestação de Helvídio Prisco no senado toca em pontos interessantes no que concerne à posição desse corpo político à época. Com o desatino da guerra civil e agora

¹⁴ OAKLEY, 2009, p. 192. Strunk (2017, p. 125) considera que Helvídio também se coloca a utilidade de sua acusação para a *res publica*.

¹⁵ BALMACEDA, 2017, p. 204-5: “Real *moderatio* cannot be opposed to *constantia* because *moderation* is related to self-control and the restraint of not being overcome by any passion or emotion that could make one yield through weakness. To be really moderate – which was not the same as vacillating or uncommitted – one needed to be constant and firm”. Nesse sentido, também Cogitore (2011, p. 217).

¹⁶ TAC., *Hist.*, 4.7.3.

¹⁷ TAC., *Hist.*, 4.7.2-3.

que um *princeps* havia finalmente restabelecido a ordem, restaurando, inclusive, a tradição dinástica do Principado, Helvídio vê uma oportunidade em que o senado poderia ter uma representação efetiva junto ao imperador.¹⁸ Segundo Pigoñ, “o objetivo último da proposta de Helvídio é fortalecer, adequadamente, a autoridade do senado em relação ao novo *princeps*”.¹⁹ Helvídio pondera o que é melhor para o bem comum e, por isso, compreende a necessidade de que os melhores homens sejam escolhidos para aconselhar o príncipe com *honesti sermones*. Talvez o legado designado assumisse que uma tal relação seria possível por causa da amizade que outrora Vespasiano tivera com aqueles a quem ele próprio também se afilia, ou seja, os que se opuseram a Nero e foram brutalmente condenados.²⁰ O final de seu discurso é um ataque a Marcelo Éprio: a este cabia usufruir as recompensas por seu trabalho como famoso delator, deixando que homens melhores estivessem próximos a Vespasiano. Helvídio Prisco, notadamente, segue a mesma linha de conduta que seu sogro, procurando mostrar a seus pares que há assuntos que o senado poderia decidir de modo mais autônomo, de modo a restaurar minimamente a função e a *libertas* dessa ordem que perdeu praticamente todos os seus poderes com a mudança de regime. O mesmo senador que acusara e confrontara Trásea Peto, imputando a ele e a seus seguidores uma *libertas* vazia, também irá expor a Prisco como tal comportamento é improdutivo. A presença de Éprio nesse ponto da narrativa merece atenção e, por isso, iremos atentar para a construção de seu discurso, bem como para seu retrato, que permeia diferentes obras de Tácito.

O capítulo seguinte introduz também em discurso indireto o contra-argumento do senador. Marcelo Éprio “dizia que a proposta impugnada não era sua, mas que o cônsul designado a tinha apresentado conforme os antigos exemplos, que escolhiam os legados por sorteio, para que não houvesse espaço nem para ambição nem inimizades” (*Marcellus non suam sententiam impugnari, sed consulem designatum censuisse dicebat, secundum uetera exempla, quae sortem legationibus posuissent, ne ambitioni aut inimicitii locus foret*).²¹ Além disso, acrescenta que nada havia acontecido para que se alterasse um costume antigo (*antiquitus institutus*), e a intenção não era que a “honra do príncipe se

¹⁸ Williams (2012) analisa detalhadamente a questão das embaixadas senatoriais no ano de 69 d.C. O episódio entre Marcelo Éprio e Helvídio Prisco demonstra a complexidade e o poder desse tema no que concerne o papel do senado durante o Principado, visto que, desde Augusto, a escolha de embaixadas ou legados era determinada ou por sorteio, ou pelo príncipe.

¹⁹ PIGOÑ, 1992, p. 236.

²⁰ Nesse sentido, Pigoñ (1992, p. 237).

²¹ TAC., *Hist.*, 4.8.1.

tornasse uma afronta a ninguém; era suficiente o respeito de todos” (*principis honor in cuiusquam contumeliam uerteretur; sufficere omnis obsequio*).²²

A presença do passado em seu discurso é algo digno de nota: só no início de sua argumentação, insiste duas vezes na importância de uma tradição antiga e que remonta ao período republicano: “*Vetera exempla* se refere, sem dúvida, à época republicana”, afirma Pigoñ.²³ Estratégica e retoricamente, Éprio se apropria de tópicos caros a seu adversário – a ideologia de Helvídio era muito mais conectada a um passado romano que a de Éprio –, usando-os contra ele. Com efeito, o uso de *contumelia* é interessante: defendendo o antigo costume do sorteio, associa o termo à honra do príncipe, que não deve ser uma afronta a quem quer que seja, indiretamente referindo-se ao próprio Helvídio. Essa honra não deveria ser questionada. O termo aparece diversas vezes na narrativa sobre seu sogro e talvez seja possível pensar sobre um possível intertexto. Éprio, ecoando as tantas injúrias fatais a Trásea, como que adverte o legado designado a não seguir o mesmo caminho atraindo *contumeliae* para si. Nesse sentido, podemos ainda acrescentar sua forte sugestão de que certa determinação (*peruicacia*, aqui usada em sentido pejorativo pelo orador) deveria ser evitada, recado que parece tanto mais direcionado a Helvídio, devido à descrição anterior em que Tácito o elogia por ser justamente *recti peruicax*.

A sequência da reflexão relatada por Tácito é bastante interessante, pois novamente Marcelo Éprio evoca tempos antigos. O senador faz uma digressão sobre sua infância e os tempos políticos durante os quais viveu, com o que responde às censuras de Helvídio:

Se meminisse temporum quibus natus sit, quam ciuitatis formam patres auique instituerint; ulteriora mirari, prasentia sequi; bonos imperatores uoto expetere, qualescumque tolerare. ³ Non magis sua oratione Thraseam quam iudicio senatus adflicto; saeuitiam Neronis per eius modi imagines inlusisse, nec minus sibi anxiam talem amicitiam quam aliis exilium. Denique **constantia, fortitudine** Catonibus et Brutis aequaretur Heluidius: se unum esse ex illo senatu, qui simul seruierit. ⁴ Suadere etiam Prisco ne supra principem scanderet, ne Vespasianum senem triumphalem, iuuenum liberorum patrem, praeceptis coerceret. Quo modo pessimis imperatoribus sine fine dominationem, ita quamuis egregiis **modum libertatis** placere.

Ele se lembrava dos tempos em que nascera, que configuração do Estado os pais e os avós instituíram. Admirava o passado, seguia o presente. Desejava bons imperadores, quaisquer uns tolerava. Seu discurso não prejudicava Trásea mais do que a decisão do senado. Aqueles tipos de imagens divertiam a crueldade de Nero, e não menos angustiante lhe fora aquela amizade que o exílio fora a outros. Então, que Helvídio se igualasse à firmeza e à coragem

²² *Ibidem*.

²³ PIGOÑ, 1992, p. 243.

dos Catões e Brutos; ele apenas seguia o senado, que em conjunto obedecia. Porém, aconselhava Prisco a não se alçar acima do príncipe, para não reprimir Vespasiano, um velho triunfante, pai de jovens filhos, com preceitos. Do mesmo modo que ao péssimo imperador agradava a dominação sem limites, também a moderação da liberdade agradava até mesmo os grandes príncipes.²⁴

Nota-se uma mudança de direção em seu discurso sobre o passado: ainda que seja nostálgico de outros tempos, o mais importante é lidar com as demandas do presente. Seu discurso nos leva a projetar um homem muito mais razoável do que ele se apresenta nos *Anais*, durante o julgamento de Trásea, sugerindo que a postura de Prisco é descolada da realidade.²⁵ Para tanto, ele segue usando os argumentos de seu rival para desqualificar sua conduta. Isso se vê na irônica comparação dele a importantes figuras estoicas, como Catão e Bruto, a quem Trásea Peto também fora cotejado no discurso de Cossuciano Capitão.²⁶ Usados novamente no plural, tem-se a impressão de que, entre eles e seu sogro, Prisco era só mais um (a diversão de Nero com essas figuras reforça isso) que tentava demonstrar uma *constantia* e uma *fortitudo* inúteis, reivindicando valores que não tinham mais espaço no contexto do Principado. Marcelo Éprio intenta mostrar que há um jogo a ser jogado no senado – o da adulação e do reconhecimento do poder único do *princeps* – e que, independentemente da postura assumida, ao final são todos um corpo político servindo em conjunto.

Nesse sentido, pode-se destacar a insistência de Marcelo Éprio em desindividualizar o senado, atribuindo a culpa pelos crimes durante o principado de Nero ao senado como um grupo, como bem nota Pigoñ.²⁷ E, além disso, vê-se como seus argumentos soam moderados em sua afirmação: espera-se e deseja-se bons príncipes, tolera-se qualquer que seja. Essa ideia de tolerar talvez possa ser minimamente aproximada da questão taciteana de sobrevivência sob maus príncipes. Contudo, a oratória de Marcelo se constrói no sentido da adulação, do *obsequium deforme*. Éprio reivindica a si o saber agir nesse sistema, enquanto outros que se levantam pela *contumacia* ou *peruicacia* sofrem a morte ou o exílio.²⁸

²⁴ TAC., *Hist.*, 4.8.2-4.

²⁵ BALMACEDA, 2017, p. 205 e PIGOÑ, 1992, p. 242.

²⁶ Veja-se item anterior, p. 107 e ss.

²⁷ Pigoñ (1992, p. 242) chama ainda a atenção para o fato de que Vespasiano, à época amigo de Trásea Peto e outros, conforme Helvídio evocara em sua própria fala, era parte desse corpo político e, nesse sentido, igualmente culpado.

²⁸ BALMACEDA, 2017, p. 205. A afirmação de Marcelo chega a ser irônica, porque, de acordo com Dião Cássio (66.16), em 79 d.C., ele também será forçado a cometer suicídio, depois de ser acusado de conspirar contra Vespasiano junto a Aulo Cecina (Pigoñ, 1992, p. 240).

Alguns autores veem nessa passagem a opinião de Tácito sobre a postura de Helvídio Prisco, como Hellegouarc’h.²⁹ Entretanto, nos parece que, apesar de uma aparente representação do senador como um contraponto supostamente moderado a uma posição determinada, não seria possível afirmar que isso necessariamente reflita o pensamento de Tácito. As ideias que o historiador insere no discurso de Éprio podem ser apenas exemplos da competência retórica da personagem a fim de acusar a inutilidade das ações de Helvídio, que de modo geral são tema de uma reflexão do historiador em diferentes obras. O discurso de tolerância é muito conveniente a uma personagem que compactua com a crueldade do príncipe, ganha prestígio e bens com isso, e se mantém a salvo. Essa crítica, a nosso ver, está também nas *Histórias*, se considerarmos que o discurso de Cúrcio Montano acusa aqueles que “preferiram causar a perda de outrem a arriscar-se a si mesmos” (*perdere alios quam periclitari ipsi maluerunt*), dirigindo-se, no contexto, mais especificamente a Aquílio Régulo.³⁰ Ademais, ele evoca o perigo que figuras como aquele e também Marcelo Éprio e Víbio Crispo representam se imitadas pelos jovens.³¹ Mas comentaremos esse episódio mais adiante.

Finalmente, o discurso de Éprio convence a maioria dos senadores e os legados de Vespasiano são escolhidos por sorteio. A força discursiva dessa personagem é notável e Tácito já lhe atribuíra palavras para acusar esse tipo de comportamento alinhado com o estoicismo. É oportuno fazermos uma digressão para olhar alguns elementos que caracterizam esse orador no campo da eloquência e que podem contribuir para a nossa análise.

No *Diálogo dos oradores*, obra anterior às *Histórias* de que nos ocupamos, Tácito escreve um diálogo em que cinco personagens discutem o declínio da oratória em Roma.³² Não caberá em nosso trabalho explorar os interessantes temas que se apresentam em tal livro, e foge ao nosso alcance apreciar a caracterização das personagens e sua relação com

²⁹ HELLEGOUARC’H, 1990, p. 111, n. 05. Veja-se Balmaceda (2017, p. 205) e Chilver (1985, p. 29), para uma visão oposta e Pigoñ (1992, p. 235), para uma bibliografia sobre o tema e para um balanceamento dessa visão (*idem*, p. 246).

³⁰ TAC., *Hist.*, 4.42.3.

³¹ TAC., *Hist.*, 4.42.5. Turpin (2008, p. 394) observa que a passagem mostra a importância de *mala exempla*, que podem ser poderosos mesmo durante um principado moderado.

³² Trata-se de nomes importantes na história romana, a saber: Curiáceo Materno, Júlio Segundo, Marcos Áper, Vipstano Messala (irmão de Aquílio Régulo, e o mesmo presente nas *Histórias*, no passo supracitado) e o próprio Tácito, que não se pronuncia, sendo apenas testemunha da discussão. Sobre isso, Costa (2018, p. [02]) e Saxonhouse (1975, p. 54-55). Acerca da datação, Funari; Garraffoni (2016).

certos valores imperiais.³³ Entretanto, observaremos excertos que auxiliam a pensar sobre o retrato de Helvídio Prisco.

A data dramática da obra é 75 d.C., principado de Vespasiano.³⁴ O primeiro par de discursos se dá entre as personagens Curiáceo Materno e Marcos Áper, que relembra em sua fala o evento narrativo ao qual nos referimos nas últimas páginas. Esse orador opina sobre a força oratória de Marcelo Éprio sobre Prisco:

Quid aliud infestis patribus nuper Eprius Marcellus quam eloquentiam suam opposuit? Qua accintus et minax dissertam quidem, sed inexercitatum et eius modi certaminum rudem Heluidii sapientiam elusit.

Que outra coisa, há pouco, Éprio Marcelo opôs aos senadores, estando hostis, senão a eloquência? Cingido dela e com atitude ameaçadora, desqualificou a sabedoria de Helvídio, elaborada, de fato, porém de pouca utilidade prática e rude nesse tipo de combate.³⁵

Nessa passagem, temos uma caracterização indireta que reconhece a *sapientia* de Helvídio Prisco, insuficiente para convencer seus pares naquele contexto, principalmente em relação à potência discursiva de seu rival.³⁶ Entretanto, é preciso ter em mente que Áper traz a questão apenas para o campo da oratória, ao passo que o que vemos nas *Histórias* como pano de fundo é uma postura pautada por essa sabedoria massacrada por aqueles dispostos a adular seus príncipes. Nisso, de fato, a oratória pode ser uma grande ferramenta. Nesse sentido, Marcos Áper prossegue sua argumentação sobre o tema da eloquência tomando os nomes de Marcelo Éprio e Víbio Crispo, supramencionados, como “exemplos novos e recentes” (*nouis et recentibus [...] exemplis utor*) para provar o valor e a utilidade da eloquência naquela atualidade:

Nam quo sordidius et abiectius nati sunt quoque notabilior paupertas et angustiae rerum nascentis eos circumsteterunt, eo clariora et ad demonstrandam oratoriae eloquentiae utilitatem inlustriora exempla sunt, quod sine commendatione natalium, sine substantia facultatum, neuter

³³ Sobre o *Diálogo dos oradores*, a obra de van den Berg (2014), na qual se discutem as diferentes visões da eloquência apresentadas pelo historiador nos argumentos dos diálogos e pelo uso de alusões, que levam o leitor a refletir sobre o que é dito nos discursos. Saxonhouse (1975), sobre as possibilidades de ação política durante o Principado por meio da oratória ou da literatura; Strunk (2010), que demonstra as mudanças na linguagem de Materno como parte caracterização de sua atitude frente ao período imperial. Cf. BRINK, C. O. History in the “*Dialogus de Oratoribus*” and Tacitus the Historian: A New Approach to an Old Source. *Hermes*, n. 121, p. 335-45, 1993; GOLDBERG, S. M. Appreciating Aper: the defence of modernity in Tacitus’ *Dialogus de Oratoribus*. *Classical Quarterly*, n. 49, p. 224-37, 1999; LEVENE, D. Tacitus Dialogus as Literary History. *Transactions of the American Philological Association*, n. 134, p. 157-200, 2004.; MAYER, R. (org.). *Tacitus: Dialogus de Oratoribus*. Cambridge: CUP, 2001 e WINTERBOTTOM, M. *Tacitus: Dialogus de Oratoribus*. Oxford: Oxford U. P., 1975.

³⁴ Campos (2018); Strunk (2010), por exemplo.

³⁵ TAC., *Dial.*, 5.6. Todas as traduções dos *Diálogos* aqui reproduzidas são de Antônio Martinez de Rezende e Júlia Batista Castilho de Avellar. Nesse passo, há ligeira mudança na tradução. O texto latino segue o da respectiva edição.

³⁶ Nas *Histórias*, 4.5.2, Tácito descreve a disputa de ambos por *minax certamen*.

moribus egregius, alter habitu quoque corporis contemptus, per multos iam annos potentissimi sunt ciuitatis ac, donec libuit, principes fori, nunc principes in Caesaris amicitia agunt feruntque cuncta atque ab ipso principe cum quadam reuerentia diliguntur, quia Vespasianus, uenerabilis senex et patientissimus ueri, bene intellegit [et] ceteros quidem amicos suos iis niti, quae ab ipso acceperint quaeque ipsis accumulare et in alios congerere promptum sit, Marcellum autem et Crispum attulisse ad amicitiam suam quod non a principe acceperint nec accipi posset.

Com efeito, quanto mais mesquinha e desprezivelmente tenham nascido e quanto mais reconhecida pobreza e precariedade das coisas tenham-nos rodeado ao nascer, tanto mais célebres e elucidativos são eles exemplos para mostrar a utilidade da eloquência oratória. Sem serem de família nobre, sem terem posses materiais, nenhum dos dois destacados por seus costumes, um deles até mesmo desprezado pela aparência física, já há muitos anos são os mais influentes da comunidade. Enquanto era a sua vontade, foram os primeiros do fórum. Agora, no entanto, primeiros na amizade de César, encaminham e conduzem todas as coisas; são admirados pelo próprio Príncipe com certa reverência, porque Vespasiano, ancião venerável e tendo de suportar a verdade, bem compreende que, enquanto seus outros amigos apoiavam-se naquilo que tinham recebido de si, e que ele próprio estava pronto para os cumular de bens e até dar em quantidade a outros, Marcelo e Crispo, em sentido contrário, levaram para a sua amizade aquilo que, nem haviam recebido de um príncipe, nem mesmo o pode ser.³⁷

O excerto destaca como esses oradores, depois, senadores, tornaram-se grandes exemplos de eloquência a despeito de suas origens e mesmo do fato de não serem reconhecidos nem mesmo por seus costumes. De acordo com a passagem, por causa de sua oratória, mantiveram uma relação de intimidade política junto a Vespasiano, tendo grande poder no senado e fama. A própria personagem de Áper destaca que a eloquência contribuiu para que enriquecessem (*Dial.*, 8.2) e como acusadores e grandes adutores dos príncipes, esses senadores se tornaram nomes a serem lembrados, mas vale notar que não pelo poder de sua oratória, mas pelo uso adulatorio que fizeram dela.

A esses exemplos, responderá o orador Curiáceo Materno, que deixara o fórum para se dedicar à literatura.³⁸ Sua última peça, intitulada *Catão*, teria provocado poderosos do império e fazia referência à personagem que amiúde é comparada a Helvídio.³⁹ Áper, por sua vez, acrescenta à sua fala que esses versos “nem proporcionam alguma dignidade aos seus autores, nem alimentam qualquer utilidade; trazem como consequências, no entanto, um prazer efêmero, uma glória vazia e infrutífera” (*neque dignitatem ullam*

³⁷ TAC., *Dial.*, 8.3.

³⁸ Segundo Saxonhouse (1975, p. 57), os discursos dessa personagem ao longo da obra tratam das diferentes consequências da oratória em diferentes regimes políticos. Strunk (2010, p. 258) o associa aos dissidentes ao longo do império. Mais referências em von den Berg (2014, p. 55, n. 06).

³⁹ TAC., *Dial.*, 2. O fato de a peça referir-se a Catão de Útica é bastante provocativo. Além disso, cabe notar que ela teria sido publicada, no diálogo, na mesma época em que Helvídio é condenado à morte. Veja-se sobre a questão da peça van den Berg (2014, p. 156 e *passim*; esp. Capítulo 1); Saxonhouse (1975, p. 58); Strunk (2010, p. 244).

auctoribus suis conciliant neque utilitates alunt; uoluptatem autem breuem, laudem inanem et infructuosam consequuntur).⁴⁰

O trecho, para nós, é um eco de um tema no qual já tocamos (*iactatio inanis libertatis*), o que não tem utilidade para o bem comum, apenas para o prestígio pessoal, que entendemos aqui como a *uoluptas* citada acima, e para a glória vazia (*laus inanis*). Esse orador, coetâneo a Tácito, aparentemente rechaça provocações ao príncipe; haveria outras formas de adquirir glória. Aqui, pensamos, a discussão sobre poesia e oratória também é metafórica da relação que se estabelece dentro do senado. O intertexto se ativa tanto por uma equivalência indireta dos termos presentes no discurso de Áper, quanto pelas personagens que ele chama de *exempla*. Fortalece essa hipótese a resposta de Montano, que segue abaixo. Ele, ao falar de Marcelo e Crispo, indaga o colega:

Nam Crispus iste et Marcellus, ad quorum exempla me uocas, quid habent in hac sua fortuna concupiscendum? Quod timent, an quod timentur? Quod, cum cotidie aliquid rogentur, ii quibus praestant indignantur? Quod adligati omni adulatione nec imperantibus unquam satis serui uidentur nec nobis satis liberi? Quae haec summa eorum potentia est? tantum posse liberti solent.

Com efeito, aquele Crispo e o Marcelo, para cujos exemplos me chamas, o que têm eles de cobiçável em seu destino? O fato de que temem, ou os motivos pelos quais são temidos? O fato de que, ao lhes ser diariamente rogado algum favor, aqueles a quem eles prestam favores se tornam passíveis de sofrer deles indignidades? O fato de que, atados por todo tipo de adulação, jamais parecem aos que mandam suficientemente escravos, nem a nós suficientemente livres? Que supremo poder é esse o deles? Como costumam esses libertos poder tanto!⁴¹

A resposta do escritor confronta a acusação de Áper quanto a uma glória vazia. Se assim é visto o resultado da escrita da literatura no Principado, considerando que ela pode ser mais profícua que a oratória, o que têm de vantajoso os exemplos ali expostos? As questões do então poeta, na verdade, como que nos impelem para a força da liberdade, mesmo que saibamos suas consequências nefastas. Assim, Materno enumera uma série de corruptelas que sustentam o prestígio desses homens, dentre os quais destacamos a adulação que os ata, que os prende a uma determinada lógica e, por isso, faz deles escravos, e a o tema da liberdade, presente no texto latino pelos termos *liberus* e *libertus*. De que adianta, enfim, uma carreira ou um destino glorioso sustentado por uma relação de *seruitium*, que apaga a *libertas*? Ainda mais se nem mesmo esses que estão prontos à adulação terão garantida uma vida longa?⁴²

⁴⁰ TAC., *Dial.*, 9.1.

⁴¹ TAC. *Dial.*, 13.4.

⁴² STRUNK, 2017, p. 12; SYME, 1958, p. 101.

No que concerne ao tema da *libertas* no discurso de Materno, Strunk observa que este se recusa – assim como as referências com as quais se identifica (podemos pensar em Helvídio) – a selar um compromisso como o fizeram esses grandes nomes da oratória atual. “Pois a escolha de Materno entre oratória e poesia não é meramente uma questão de riqueza e *status*, mas também de servidão e liberdade”.⁴³ Ora, a eloquência não tem valor no Principado se não está a serviço do favor.

Nessa digressão pudemos observar que Helvídio é lembrado no futuro por sua sabedoria e que esses mesmos homens que discursam nas *Histórias*, proferindo palavras de uma aparente moderação, são *exempla* pósteros, no mesmo Tácito, de adulação. A eloquência de Éprio, nessa discussão no senado, amparada por seu poder adquirido ao longo do Principado graças a sua disposição em adular, visa tirar o crédito da *libertas* que Helvídio Prisco e Trásea Peto representam. Um valor que descaracteriza a atuação política comum no regime imperial é visto como uma grave ofensa e que demonstra a *uirtus* desses homens em reivindicá-lo. Voltemos então à discussão nas *Histórias*.

É fato que Helvídio Prisco não foi feliz em nenhum de seus empreendimentos naquela sessão do senado: não conseguiu nem condenar Marcelo Éprio, nem que os embaixadores enviados a Vespasiano fossem nomeados, nem que o senado tivesse mais poder de decisão nas questões financeiras, proposta que resta ainda a comentar. Nessa mesma sessão, mais uma vez Prisco apresenta uma proposição que prevê a autonomia da decisão senatorial. Quando o cônsul designado sugere que isso seja decidido pelo príncipe, opõe-se Helvídio manifestando-se pelo “direito do senado em decidir” (*arbitrio senatus agendum*). Um tribuno da plebe, contudo, vetava essa proposta, porque seria melhor que nada se decidisse na ausência do príncipe, e Prisco ainda propunha que o Capitólio deveria ser reconstruído pela república e com auxílio de Vespasiano.⁴⁴ Tal proposta, diz Tácito, “os mais modestos passaram em silêncio, até que caiu no esquecimento; mas houve aqueles que também dela se lembraram” (*Eam sentientiam modestissimus quisque silentio, deinde obliuio transmisi; fuere qui et meminissent*).⁴⁵

⁴³ STRUNK, 2010a, p. 261: “For maternus the choice between oratory and poetry is not merely a matter of wealth and status, but also of servitude and freedom”. Ver também Saxonhouse (1975, p. 54).

⁴⁴ No capítulo 53 deste mesmo livro, Tácito relata que Lúcio Vestino foi o responsável pela reconstrução do Capitólio. No dia de sua inauguração, em junho de 70 d.C., Helvídio Prisco estava presente, e, junto ao pontífice Pláutio Eliano, realizou os rituais honoríficos ao lugar. Trata-se da última menção à personagem nas *Histórias*. Mais especificamente sobre o tema da reconstrução do Capitólio sob o principado de Vespasiano, veja-se Wardle (1996). Cf. TOWNEND, G. B. The restoration of the Capitol in A.D. 70. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, 36, 2, p. 243-48, 1987. Chilver (1985, p. 07), sobre o veto do tribuno.

⁴⁵ TAC., *Hist.*, 4.9.2. Strunk (2017, p. 129) pondera que nesse caso a proposta de Helvídio pode ter sido ambiciosa e ter tido influência em sua posterior condenação.

Tácito encerra essa parte da narrativa dizendo que o senado se encontrava bastante dividido. Helvídio Prisco aparecerá novamente numa outra sessão, ocorrida no primeiro dia de janeiro do ano 70 d.C., segundo Tácito, e na qual Domiciano, nomeado César, estava presente. É nessa reunião que Cúrcio Montano enuncia as palavras contra os delatores, as quais mencionamos brevemente acima. O longo discurso desse senador argumenta em prol do perigo que exemplos negativos como o dos renomados delatores à época de Nero podem causar, visto que podem ser imitados pelos jovens. Ele afirma que “não temamos Vespasiano, tal a idade, tal a moderação do príncipe: mas mais tempo duram os exemplos que os costumes” (*Non timemus Vespasianum: ea principis aetas, ea moderatio; sed diutius durant exempla quam mores*).⁴⁶ Essas palavras foram, inclusive, incentivo para que Helvídio novamente denunciasse os crimes de seu rival:

Tanto cum adsensu senatus auditus est Montanus ut spem caperet Helvidius posse etiam Marcellum prosterni. Igitur a laude Cluuii Rufi orsus, qui perinde diues et eloquentia clarus nulli umquam sub Nerone periculum facessisset, crimine simul exemploque Eprium urgebat, ardentibus patrum animis.

Montano foi ouvido com tamanha concordância pelo senado, que Helvídio pôde ter esperança de que também Marcelo fosse derrubado. Então, começou falando pelo louvor de Clúvio Rufo, que igualmente rico e ilustre em eloquência, não causara perigo algum a ninguém sob Nero, e ao mesmo tempo insistia no crime e exemplo de Éprio, inflamando-se o espírito dos senadores.⁴⁷

As acusações de Helvídio e também de Montano, com efeito, respondem à defesa que Marcelo Éprio fizera para desculpar suas ações contra Trásea Peto. O que Prisco justamente tenta dizer é que nenhum senador fora coagido a agir segundo a crueldade de Nero. Houvesse firmeza para se opor ao príncipe e sua crueldade, um posicionamento alinhado com a manutenção da *libertas* senatorial, a fim de evitar crimes, teria sido possível. Mas isso requeria a *fortitudo* de se colocar em risco. A resposta de Marcelo Éprio, ao deixar a sessão, é certamente mordaz: ““nós vamos, Prisco, e te deixamos o teu senado: reina na presença de César”, ele diz” (“*imus, inquit, Prisce, et relinquimus tibi senatum tuum: regna praesente Caesare*”).⁴⁸ A provocação acusa Helvídio de uma conduta talvez ousada durante o Principado: reivindicar a voz no senado era como se se apoderasse da autoridade mais alta, a do príncipe.⁴⁹ Sem dúvida essa passagem nos faz lembrar não só da censura dos senadores a Trásea, que parecia querer reinar em lugar de

⁴⁶ TAC., *Hist.*, 4.42.6.

⁴⁷ TAC., *Hist.*, 4.43.1.

⁴⁸ TAC., *Hist.*, 4.43.2.

⁴⁹ Segundo Chilver (1985, p. 55), a passagem tanto critica Helvídio, quanto sugere o poder de Domiciano, que viria a tornar-se *princeps*. De fato, também Éprio recorda a descendência de Vespasiano em sua resposta a Helvídio Prisco.

Nero, mas também do próprio ato de deixar o senado, o que foi considerado pelo mesmo Marcelo uma enorme afronta. Ora, por que a ele tal comportamento não gerava uma ofensa ao príncipe?

O desfecho dessa agitada sessão é decidido pelo então representante oficial Muciano e toca na questão da aparência de liberdade no senado.⁵⁰ “Muciano se manifestou largamente em favor dos acusadores” (*censuit Mucianus prolixè pro accusatoribus*), e Tácito completa que ele reenviou ao exílio homens da ordem senatorial condenados por seus crimes sob Nero, entre outras coisas, “para que não parecesse desprezar a decisão do senado” (*Mucianus, ne sperni senatus iudicium...uideretur*).⁵¹ O verbo *uideor* se destaca porque, de fato, Muciano havia ignorado a real demanda do senado. Tanto que antes Tácito dissera: “os senadores, depois de encontrá-lo, deixaram de lado a iniciada liberdade” (*Patres coeptatam libertatem, postquam obuiam itum, omisere*).⁵² Notamos que o verbo *omisere* é o mesmo empregado quando Prisco decide deixar de lado a acusação a Éprio. Oakley vê em tal postura do senado mais um sinal da inconstância de Helvídio, pois, estaria subentendido que ele desiste da acusação.⁵³ Porém, essa leitura só faz sentido se nos convenceremos da retórica de Éprio, que tenta persuadir seus ouvintes de que a responsabilidade do senado é conjunta, pois ao que parece Tácito indica que a liberdade do senado foi, depois, abandonada. Não temos outras passagens que complementem o retrato dessa personagem, mas, a partir do que é possível observar, o novo recuo (forçado, talvez de Helvídio) indica mais moderação que falta de constância, dado que ele não confronta Muciano. Sua constância está em não desistir de pronunciar-se, ainda que isso signifique dar um passo atrás. Helvídio presenciara o resultado de uma *constantia* tal qual a de seu sogro e parece imitá-lo com parcimônia.

Nesse caso, podemos novamente refletir sobre Helvídio ser constante e obstinado, e mesmo moderado, embora no contexto político Tácito não lhe confira abertamente tal qualidade. Na visão de Oakley, Tácito hesita em dizer que ele é moderado porque “entre a servidão e a truculência de Helvídio havia um caminho do meio”, representado por Agrícola.⁵⁴ Mas não se depreende essa truculência do retrato nas ações de Prisco, tanto que, na verdade, suas propostas e argumentos em geral sensibilizam pelo menos parte dos

⁵⁰ Pigoñ (1992, p. 242) nota também a ideia de reconciliação *secundum ueterem morem* em 4.45.1, relacionando-o também ao principado de Tibério (*Ann.*, 3.60: *imaginem antiquitatis senatui postulabat*). Vide também Cogitore (2011, p. 164).

⁵¹ TAC., *Hist.*, 4.44.1-2.

⁵² TAC., *Hist.*, 4.44.1.

⁵³ OAKLEY, 2009, p. 192.

⁵⁴ OAKLEY, 2009, p. 192: “Between servility and Helvidian truculence there was a middle way”.

senadores (*Hist.*, 4.6.1: *senatum in studia diduxerat*; 4.43.1: *ardentibus patrum animus*), ao final chegando realmente a arrebatá-los seus sentimentos. Algo semelhante ocorre com a atenção do senado às intervenções de Trásea, e essa aceitação é outro fator que aumenta, de algum modo, o perigo de ambos.

Se recapitularmos a narrativa sobre Helvídio, percebemos que em uma única sessão ele demonstra sua índole determinada, insistindo em tentar o quanto possível, o quanto seus limites alcançam, votar segundo uma postura independente da adulação. Seus esforços individuais, além de em vão, nesse último caso, parecem extrapolar a medida, já que Tácito usa um superlativo para indicar aqueles senadores que, agindo de modo por demais modesto, preferiram não comentar tal proposta.

O retrato de Helvídio Prisco que construímos a partir da obra de Tácito é certamente o de um homem comprometido com sua ideologia. Ele não é descrito por Tácito como a própria *uirtus*, mas acreditamos que o vocabulário empregado em sua descrição o aproxima desse valor. Vejamos o quadro:

<i>aequabilis</i>	*outros termos importantes:
<i>constans</i> (e <i>constantia</i>)	
<i>firmior</i>	<i>contumelia</i>
<i>fortitudo</i>	<i>gloria</i>
<i>libertas</i>	<i>obsequium</i>
<i>moderatio</i>	
<i>peruicax</i> (e <i>peruicacia</i>)	
<i>sapientia</i>	

O léxico presente no quadro evoca a escrita de uma *uirtus* conforme a que vimos no início de nossa pesquisa, ou seja, a partir de noções bastante presentes à época republicana. Mas notamos aqui que poucas qualidades lhe foram diretamente atribuídas: o historiador emprega diferentes características de um mesmo campo semântico, a nosso ver, o da firmeza e da determinação.

As sessões do senado comprovam o retrato que Tácito faz na pequena biografia da personagem, afinal ao longo de sua atividade demonstra um caráter de equidade, justiça, determinação, etc. A imagem elaborada pelo historiador no obituário de Prisco é a de uma figura que demonstra *uirtus*, mesmo que não se utilize o termo diretamente no retrato. Há, com efeito, o realce de uma conduta pautada pela *constantia*, que é também moderada. O tema da moderação aparece nomeadamente em dois momentos: trata-se de uma virtude de que ele dispõe no âmbito marcial, segundo Tácito, e também no político.

Embora nesse contexto sua *moderatio* seja vista com certo ceticismo, pois há aqueles que nela veem falta de *constantia*, o conjunto do retrato nos leva a interpretar que, a despeito da suspensão em que Tácito parece deixar seu julgamento sobre a personagem e, conseqüentemente, o nosso, Helvídio dispõe de ambos os valores, que lhe aparecem atribuídos quando Tácito o caracteriza de modo direto. Não só isso, o historiador enumera qualidades de um homem que foi louvável em diferentes esferas da vida.

Nos *Diálogos* sabemos que foi visto como alguém que tinha *sapientia* e, de fato, Tácito também destacara sua aplicação à filosofia como um recurso para melhor atuar na *res publica*. Além disso, a coragem (*fortitudo*) também é parte de sua caracterização, referida no discurso de Marcelo Éprio. As palavras desse senador, um famoso delator sob diferentes principados, trazem ainda um vocabulário interessante no que concerne à representação desses homens de *uirtus*: *obsequium* e *contumelia*. Esses termos são constantes nos demais retratos que analisamos até o momento e, se não correspondem às sinonímias republicanas de *uirtus*, trazem, por sua vez, novas nuances no que concerne à escrita da *uirtus* sob o Principado.

***Libertatem natura etiam mutis animalibus datam, uirtutem
proprium hominum bonum***

“A liberdade foi uma oferta da natureza até mesmo aos animais mudos, a *uirtus* é própria do homem bom”.⁵⁵ Vemos nessa máxima do historiador uma reflexão de que nos servimos para condensar a imagem de Trásea Peto e Helvídio Prisco: ambos lutaram pela *libertas* de sua participação política, individual e coletiva, um bem inerente a qualquer ser vivente. Entretanto, para assegurar sua existência, esses homens exibiram valores que se mostram como reescritura da *uirtus* sob o Principado. Seus retratos reforçam ainda mais a estreita relação entre *libertas* e *uirtus*, esta sem a qual não se alcança a primeira.

As duas personagens analisadas se relacionam na narrativa em diferentes camadas. A mais evidente delas é a ligação familiar que têm entre si: Trásea é o sogro de Helvídio Prisco, esse que viu em seu genro um *exemplum* de conduta a ser emulado e de quem sorveu o espírito de liberdade. Ademais, ambos eram adeptos da mesma escola filosófica, o estoicismo; ambos são personagens que permitem a Tácito a exposição de questões relativas ao problema da *libertas*, em torno da qual o historiador elabora algumas

⁵⁵ TAC., *Hist.*, 4.17.5.

apreciações sobre o Principado e que nos servem para pensar sobre o ideal de *uirtus*. Na narrativa sobre Helvídio e Trásea, encontramos o mesmo “vilão”, Marcelo Éprio, aquele que lança aos olhos do leitor o perigo que a *libertas* política gera no regime imperial.

Podemos concluir que a *constantia* é uma qualidade notável na narrativa dessas personagens. Ela é a virtude em destaque no percurso de Trásea Peto, a própria incorporação da *uirtus*, segundo o historiador. Sua firmeza de caráter é o que garante também a sua *gloria*, algo que se reitera ao longo dos episódios a seu respeito (nos *Anais* e nas *Histórias*) e que também se configura como outro ponto de contato com o retrato de Helvídio Prisco. Antes de relatar sua atuação no senado, o historiador insinua que muitos acreditavam que ele era motivado pela obtenção de glória e renome. Porém, esse aspecto, acreditamos, não compromete a exemplaridade desses homens. Não se trata de um aspecto negativo, mas de algo comum à carreira que escolheram e de seus estudos filosóficos. De fato, suas posturas foram dignas de glória, demonstraram *uirtus*, adquiriram renome que foi legado à posteridade como *exempla* pela obra de seus biógrafos, que não nos chegaram, mas também pelos escritos de Tácito, que lhes confere amplo espaço.

Ocorre que a *constantia* num comportamento pautado por *libertas* no senado, ou em sua expressão individual, podia ser entendida como insistência na *contumacia* ao invés do reconhecimento do valor do *obsequium* naquele período, o que ocasiona uma carreira marcada por *contumeliae* para com os príncipes. Esses temas perpassam o retrato de Trásea e Helvídio, e, na verdade, a obra do historiador. Por isso, aventamos uma leitura que os compreenda como parte de um vocabulário político relacionado, por sua vez, à possibilidade de expressão da *uirtus* em Tácito. Se retomarmos os retratos analisados no primeiro capítulo da segunda parte deste trabalho, temos uma representação da *uirtus* abertamente situada na ideia do caminho do meio, na moderação, e tal léxico é muito mais reiterado ali.

Neste presente capítulo, no entanto, nota-se uma escrita da *uirtus* intimamente ligada a uma adoção *firme e constante* da *libertas*, seja individual, seja política. De certa maneira, a moderação tem menos atenção – mas ainda está presente – porque não se fala de um caminho do meio, mas de *um caminho*, o da *libertas*. Ou será ele, ou não será – e é isso que a morte de Trásea Peto e Helvídio Prisco quer dizer em nossa leitura, e não propriamente o resultado da *abrupta contumacia*. A moderação se dá, por exemplo, no retrato de Peto, no recuo necessário dentro de uma busca *constante* em relação a um valor em que acredita. Entretanto, o que Tácito parece demonstrar é que a *libertas* num

principado como o de Nero se aproxima muito mais de um caminho contumaz do ponto de vista daqueles que compactuam com o príncipe.

Voltando mais uma vez ao *Agrícola*, recortando apenas sua atuação política, a temporalidade narrativa nos diz que Agrícola fora tribuno mais ou menos à época do julgamento de Trásea Peto:⁵⁶ o benefício da inércia é o que Agrícola prefere adotar a partir desse exemplo. Seu comportamento no curso de dois ou três anos se baseia na mesura de ações e no pouco envolvimento político. Trásea Peto e Helvídio Prisco, por sua vez, representam um outro tipo de conduta, que opta pela participação senatorial e que recusa qualquer comportamento adulatório. Entretanto, todos eles se tornaram uma ameaça para seus respectivos imperadores e configuraram *exempla uirtutis* e suas consequências sob o Principado na obra de Tácito.

⁵⁶ DEVILLERS, 2007, p. 219.

CAPÍTULO 3 | *VIRTUS FORMIDOLOSA EST*¹

Germânico: *uirtutes memoratae*

Neste capítulo, observaremos como se constrói o retrato de dois grandes generais romanos. Primeiramente, analisaremos a caracterização de Germânico e como Tácito representa a demonstração de *uirtus* nesta personagem. De modo diverso do que vimos no capítulo anterior, cuja manifestação da *uirtus* se dá no campo político-senatorial, agora veremos seus elementos especificamente no campo marcial.

No primeiro livro dos *Anais*, Tácito relata primeiramente as origens de Germânico e sua relação com a dinastia Júlio-claudiana. Depois, ao longo deste livro, narra as empreitadas militares no período de sua juventude. Assim, sabe-se que Germânico, filho de Druso – estimado pelos romanos – foi adotado forçosamente por Tibério,² o sucessor do *diuus Augustus*. Neto de Antônio, por meio da adoção, tornou-se membro sucessor na dinastia.³ Ademais, Tácito expõe que Augusto o coloca no comando das legiões em campanha na Germânia, conferindo-lhe desde muito jovem o título de procônsul.⁴ A caracterização da personagem propriamente ganha maior espaço a partir da metade do primeiro livro, mas em vários momentos, mesmo quando sua pessoa não é o foco da narrativa, seu nome é mencionado, figurando, muitas vezes, no início dos capítulos, o que o mantém sempre na mente do leitor e demonstra a importância da personagem.⁵

Na segunda metade do primeiro livro e ao longo do segundo, Tácito abre mais espaço à atuação de Germânico e a descreve mais detidamente; com isso, sua imagem ganha ainda mais forma. Num crescendo de sua caracterização, junto com a tensão criada pela sua relação e pela oposição que estabelece quanto a Tibério (e, mais tarde, Gneu Pisão), seu retrato se completa na *laudatio* que o historiador elabora em sua homenagem, chegando a compará-lo com Alexandre, o grande.⁶ A tensão que Tácito estabelece ao longo dos dois livros, criando a imagem de um Tibério ciumento e ofendido, culmina no assassinato do maior rival do príncipe: Germânico, seu sucessor no Principado.

¹ SAL., *Cat.*, 7.2.

² TAC., *Ann.*, 1.3.5. Tácito reitera o caráter obrigatório dessa adoção em *Ann.*, 4.57.

³ TAC., *Ann.*, 2.43.5.

⁴ Augusto lhe confere o *imperium proconsulare*. TAC., *Ann.*, 1.14.4. V. SHOTTER, 1968, p. 197. Segundo Suetônio, Germânico iniciou o *cursus honorum* bastante jovem, cinco anos antes da idade legal. SUET., *Cal.*, 1.1.

⁵ PIGOÑ, 2008, p. 287.

⁶ TAC., *Ann.*, 2.73.

Entretanto, o retrato de Germânico apresenta diferentes facetas, discutidas por vários estudiosos.⁷ Catherine Salles, por exemplo, em edição recente da obra taciteana, vê em Germânico uma figura indubitavelmente positiva nos *Anais*:

Sobrinho e filho adotivo de Tibério, herdeiro designado do império, Germânico simboliza momentaneamente o verdadeiro ideal romano, mas sua morte prematura (devido a um envenenamento?) priva definitivamente Roma do zelo que ele poderia ter trazido.⁸

Uma primeira leitura notadamente positiva da imagem de Germânico é bastante compreensível, ainda mais porque tal visão é muitas vezes reforçada por outras fontes antigas. Suetônio, por exemplo, na *Vida de Calígula*, dedica cinco capítulos extremamente laudatórios ao general, relatando como era adorado pelo povo e como dispunha de virtudes.⁹ Contudo, há diversos autores modernos que põem em xeque a conduta de Germânico. Se por um lado temos Salles, que assume peremptoriamente o caráter positivo de Germânico, por outro, o estudo de Katherine Williams (2009) o vê de modo mais ponderado, na esteira de outros tais como o de David Shotter (1968). Segundo ela,

O retrato taciteano de Germânico nos *Anais* é problemático. As interpretações variam entre “uma figura radiante, composta de todas as virtudes e excelência (e, na mesma medida, popular) em confronto com a alma escura de Tibério César”, um fracasso cômico ilustrado por canhestros histrionismos ou mesmo um tirano potencial que poderia provar ser pior que o próprio Tibério. Embora não devamos esperar um “retrato autoconsistente”, a narrativa de Germânico é reconhecida por ser tão “curiosamente indecisiva”, que por isso merece ser mais amplamente investigada.¹⁰

Dialogando com as análises do retrato de Germânico propostas por Christopher Pelling (1993) e Ronald Syme (1958), para citar alguns, a autora apresenta uma extensa revisão bibliográfica acerca da caracterização de Germânico e sua relação com o retrato

⁷ Os estudos a respeito de Germânico são numerosos e variados quanto à visão que se tem da personagem e citamos alguns. Dentre aqueles que consideram a personagem positiva, conferir Syme (1958); em relação a críticas à personagem, vide Goodyear (1981, p. 258 *et passim*), que o considera um general medíocre e também Shotter (1968). Cf. os estudos de BORZSÁK S. Alexander d. Gr. als Muster taciteischer Heldendarstellung. *Gymnasium*, 89, p. 37-56, 1982 e de ROSS, D. The Tacitean Germanicus. *Yale Classical Studies*, 33, p. 209-227, 1973. Os artigos de Pelling (1993), Williams (2009) e Devillers (1993; 2012) trazem uma extensa revisão bibliográfica sobre o tema.

⁸ SALLES, 2014, p. 420: “Neveu et fils adoptif de Tibère, héritier désigné de l’empire, Germanicus symbolise passagèrement le véritable idéal roman, mais sa mort prémature (due à un empoisonnement?) prive définitivement Rome du salut qu’il aurait pu lui apporter”.

⁹ SUET., *Cal.*, 1-5.

¹⁰ WILLIAMS, 2009, p. 117: “Tacitus’ portrait of Germanicus in the Annals is problematic. Interpretations range from ‘the radiant figure compounded of all virtues and excellence (and popular in proportion) to set against the dark soul of Tiberius Caesar’, to a comic failure illustrated by bumbling histrionics, or to a potential tyrant who might prove worse than Tiberius himself. Although we need not expect a ‘self-consistent picture’, the narrative of Germanicus is recognized as so ‘curiously indecisive’ that it does deserve further consideration”.

de Tibério.¹¹ Olivier Devillers (2012), por sua vez, admitindo que “[o] Germânico de Tácito é um assunto batido”,¹² sintetiza as leituras que têm sido feitas sobre as passagens referentes a Germânico de três modos: as que buscam estabelecer se Tácito provê uma visão favorável ou não de Germânico; as que consideram a narrativa sem pensar em suas inconsistências; por fim, as que visam pensar sobre a construção do caráter de Germânico tendo em vista traços ideológicos que refletem a situação do Principado, foco de seu próprio artigo.¹³ Em nosso trabalho buscamos principalmente observar o vocabulário de sua caracterização, de modo a verificar se Germânico é um *exemplum uirtutis* e como a *uirtus* é representada. Esse objetivo, com efeito, não encontra obstáculos nos traços negativos do general, o que não compromete totalmente seu valor como modelo. Sabemos que Tácito não compõe seus “heróis” baseado apenas em qualidades positivas.¹⁴

Tácito caracteriza Germânico direta e indiretamente através do elogio final, e utilizando outros recursos narrativos, como a exposição de episódios relativos a suas ações entre as tropas, seu modo de agir durante batalhas e também por dois discursos enunciados pelo general. De modo geral, o historiador o caracteriza com suas próprias palavras em momentos pontuais do primeiro livro. Ainda nos primeiros capítulos da obra, Tácito relata a assunção de tarefas por Tibério numa reunião do senado. O historiador menciona temas já conhecidos nesse contexto, como o comportamento servil e adulatório dos senadores. Ademais, ele destaca o caráter ambíguo do *princeps*, oscilando em agir ao modo da antiga *res publica*: “Pois Tibério iniciava tudo por intermédio dos cônsules, sendo ambíguo ao comandar como se estivesse na antiga república” (*Nam Tiberius cuncta per consules incipiebat, tamquam uetere re publica et ambiguus imperandi*).¹⁵ Essa ambiguidade, observa Tácito, se via na incongruência entre os atos e as falas do *princeps* e sua razão verdadeira era o sentimento de ameaça que Germânico lhe causava:

Causa praecipua ex formidine, ne Germanicus, in cuius manu tot legiones, immensa sociorum auxilia, mirus apud populum fauor, habere imperium quam expectare mallet.

O principal motivo de seu pânico era que Germânico, em cuja mão estavam tantas legiões, um imenso reforço dos aliados e admirável popularidade, preferisse se apossar do império a esperá-lo.¹⁶

¹¹ Em nota, Williams (2019) desenvolve as principais visões acerca da personagem e suas divergências.

¹² DEVILLERS, 2012, p. 141: “Le Germanicus de Tacite est un sujet rebattu”.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ AUBRION, 1991, p. 2636; DEVILLERS, 1993, p. 227; MALISSARD, 1990, p. 334.

¹⁵ TAC., *Ann.*, 1.7.3.

¹⁶ TAC., *Ann.*, 1.7.6.

Nesse excerto, podemos notar uma oposição inicial entre as personagens de Tibério e Germânico, e a ameaça que este representa para o príncipe. Enquanto Tibério tinha seu poder assegurado pela servidão e adulação dos senadores, Germânico é descrito como uma pessoa que tem enorme receptividade popular (*fauor*), além de respeito de suas tropas e de seus aliados. Tudo isso faz de Germânico um motivo de pavor para o *princeps*, que acreditava que o general pudesse querer apoderar-se do império.¹⁷ Com efeito, Tácito sustenta esse medo ao dizer que mesmo o exército esperava que Germânico não se submetesse ao novo *princeps*: “E havia uma enorme esperança de que Germânico César não estaria disposto a admitir a autoridade de outro e que se confiaria às legiões, prontas a atacar com toda a sua força” (*et magna spe fore ut Germanicus Caesar imperium alterius pati nequiret daretque se legionibus ut sua cuncta tracturis*).¹⁸

Tácito continua a consolidar a imagem de poder que Germânico representa, relembrando mais uma vez a origem do general, membro da família Júlio-claudiana, exaltando seu pai Druso e mostrando as diferenças entre ele e Tibério:

Interea Germanico, per Gallias, ut diximus, census accipienti, excessisse Augustum adfertur. Neptem eius Agrippinam in matrimonio pluresque ex ea liberos habebat, ipse Druso fratre Tiberii genitus, Augustae nepos, sed anxius occultis in se patris auiaeque odiis, quorum causae acriores, quia iniquae. ² Quippe Drusi magna apud populum Romanum memoria, credebaturque, si rerum potitus foret, libertatem redditurus; unde in Germanicum fauor et spes eadem. Nam iuveni civile ingenium, mira comitas et diuersa a Tiberii sermone, uultu, adrogantibus et obscuris.

Enquanto isso, a Germânico, que estava na Gália cobrando o censo, como dissemos, foi dada a notícia de que Augusto morreria. Era casado com a neta dele, Agripina, com quem tinha muitos filhos. Ele próprio filho de Druso, irmão de Tibério, neto de Augusta, estava inquieto quanto ao rancor velado do tio e da avó, cujos motivos eram tanto mais cruéis, porque injustos. De fato, a memória de Druso era grandiosa junto ao povo romano e se acreditava que, se ele tivesse tomado o poder, teria restaurado a liberdade; daí a mesma afeição por Germânico e nele a mesma esperança. Com efeito, o jovem era um íntegro cidadão e de uma simpatia admirável, diferente na fala e da feição de Tibério, arrogante e insondável.¹⁹

A descrição de Germânico e de sua linha genealógica reforça mais uma vez a pertença dessa personagem à dinastia imperial. Dado importante e que deve ser lembrado ao longo da narrativa, pois tem peso no papel que Germânico representa, sobretudo em relação a Tibério e ao jogo entre eles. Tácito os coloca em oposição no que concerne a traços de personalidade, retratando Germânico novamente como um cidadão íntegro, que

¹⁷ *Formido* é um termo que aparece num contexto semelhante no Agrícola e em Corbulão, que ainda veremos. Vide respectivamente, p. 78 e p. 163.

¹⁸ TAC., *Ann.*, 1.31.1.

¹⁹ TAC., *Ann.*, 1.33.1-2.

tem favor do povo e uma simpatia admirável. Suas qualidades são sempre admiráveis (antes *mirus fauor*, depois, *mira comitas*) e certamente estarão relacionadas com seu modo de se conduzir em suas funções. Outro aspecto que chama a atenção e contribui para a imagem do jovem general é a sua linhagem. O historiador relata que seu pai dispunha de *magna memoria* e é associado à restauração da *libertas*, de uma possível *res publica restituta*, não fosse a vida interrompida. Essa memória então é projetada sobre Germânico, conforme Tácito nos apresenta.²⁰ Amplificam mais o seu retrato as qualidades negativas de Tibério, descrito por termos tais como *occultus*, *adrogans* e *obscurus*. Com efeito, a popularidade e a cordialidade de Germânico, bem como seu status de bom cidadão, são traços que se apresentam com frequência e servem para vituperar ainda mais a imagem de Tibério: este, *princeps*; aquele, associado aos homens republicanos.²¹ Até aqui, não encontramos uma descrição que aponte para as qualidades da *uirtus*, nos termos que estamos investigando, ou ela própria, em Germânico, mas o vocabulário ali presente parece importante na medida que revela elementos que o colocam em contraste com o príncipe, tal como a própria disposição de virtudes.

O potencial virtuoso de Germânico de certo modo é até aqui insinuado por componentes extrínsecos a sua personalidade, mas que refletem algo dela. A herança da dinastia (note-se a preocupação de Augusto quanto à sua adoção, mesmo que Tibério já tivesse um filho),²² sua popularidade entre o povo e as tropas e o apoio que deles recebe são fatores que sustentariam um *princeps* ou qualquer líder no poder: exército, povo e a hereditariedade.²³ Entretanto, falta saber se Germânico dispõe da *uirtus* que se espera do imperador. De todo modo, esses excertos agregam ao retrato do general uma projeção do papel de possível futuro príncipe, conforme argumentam Devillers e Williams.²⁴

Isso tudo é reforçado pela pouca aceitação de Tibério dentre as tropas na Germânia, que se rebelam à notícia do novo imperador, embora o César fizesse o possível para endossar a figura do tio, como anota Tácito.²⁵ O papel do general na narrativa aparece

²⁰ Tácito retoma essa projeção quando do luto popular pela morte de Germânico (*Ann.*, 2.82.2), como veremos adiante.

²¹ Cogitore (2014, p. 151) associa *ciuile ingenium* e *comitas* a uma atmosfera republicana.

²² TAC. *Ann.*, 1.3.5: “ordenou que fosse aceito em adoção por Tibério, embora em sua casa houvesse já um filho jovem” (*Adscirique per adoptionem a Tiberio iussit, quamquam esset in domo Tiberii filius iuuenis [...]*).

²³ DEVILLERS, 2012, p. 143.

²⁴ DEVILLERS, 2012, p. 141 e *passim*; WILLIAMS, 2009, p. 118-19.

²⁵ TAC., *Ann.*, 1.34.1. Nota-se que esse foi o mesmo motivo das revoltas entre as tropas na Panônia, o que salienta a impopularidade de Tibério. Pelling (1993, p. 293 e ss.) faz uma análise comparando a função narrativa dos motins nessas duas regiões. Ver ainda Pigoñ (2008, p. 288-9) e Devillers (2012, p. 151). Podemos encontrar esse dado também no relato de Suetônio (*Cal.*, 1.1), que diz: “Enviado para o

mais detalhadamente nos capítulos dedicados ao motim das tropas germânicas, que ele tentará controlar. Suas primeiras empreitadas nesse sentido são bastante desajeitadas e acabam sendo argumentos para embasar leituras não tão positivas de seu retrato. Para além da recusa do imperador, Germânico encontra legiões romanas que demandam melhores condições para o exercício de suas funções e os mais velhos e debilitados, o encerramento de seu serviço, relata Tácito.²⁶ Nessa situação conturbada, Germânico de início pede que os soldados se reorganizem e depois presta homenagens a Augusto e a Tibério. Em seguida, o general indaga os soldados sobre a falta de obediência e de disciplina demonstrada naquele momento. Alguns, no entanto, “mostravam-se à disposição se ele quisesse o império” (*si uellet imperium, promptos ostentauere*).²⁷ Mais uma vez a autoridade representada pelo general é reiterada por Tácito. Todavia, as respostas de Germânico demonstram inabilidade para lidar com a situação.

A essa oferta, ele respondeu “repetindo alto que preferiria morrer a se desfazer de sua lealdade, lançou a espada do flanco, elevando-a ao peito” (*moriturum potius quam fidem exueret clamitans, ferrum a latere diripuit elatumque deferebat in pectus*).²⁸ Apesar do reconhecimento de uma postura pautada pela *fides* e que reconhece a autoridade do príncipe, a reação do general ao ameaçar apunhalar a si mesmo é vista por certos estudiosos como exagerada e infantil, reflexo de seu desespero e inabilidade para contornar a situação.²⁹ Essa visão é sustentada pelas informações que Tácito apresenta em seguida.

De fato, o ato de Germânico só inflamara os ânimos de todos e, além disso, as tropas dissidentes preparavam um ataque iminente. Por causa disso, o general toma atitudes passíveis de serem interpretadas como um comportamento corrompido. Segundo Tácito, decide fazer circular cartas falsamente assinadas por Tibério, prometendo a licença após 20 anos de serviço e um pagamento (prometido desde Augusto) em dobro.³⁰ Ao longo

exército na Germânia, dada a notícia da morte de Augusto, conteve, não se sabe se com maior constância ou devoção à pátria, todas as legiões que recusavam muito obstinadamente ter Tibério como imperador e que lhe confiavam o mais alto poder da República. Tendo logo vencido o inimigo, triunfou” (*missusque ad exercitum in Germaniam, excessu Augusti nuntiato, legiones uniuersas imperatorem Tiberium pertinacissime recusantis et sibi summam rei p. deferentis incertum pietate an constantia maiore compescuit atque hoste mox deuicto triumphauit*). Quanto à narrativa suetoniana, vale notar a *pietas* e a *constantia* do general. O triunfo ao qual ele se refere é também mencionado por Tácito (*Ann.*, 1.55.1).

²⁶ TAC., *Ann.*, 1.34.

²⁷ TAC., *Ann.*, 1.35.3. Goodyear (1972, p. 260) observa o emprego de *fausta omina* para se referir a como os soldados saudavam o general. Trata-se de uma expressão comum para se dirigir ao *princeps*.

²⁸ TAC., *Ann.*, 1.35.4.

²⁹ SHOTTER, 1968, 200; cf. PELLING, 1993, p. 285-91.

³⁰ TAC., *Ann.*, 1.36-37.

desse episódio, a imagem de Germânico continua sendo construída a partir dessa ideia de fragilidade e inexperiência na época de sua juventude, pois que essas decisões não detinham os motins e aumentam o risco que ele, mesmo sendo o general, e sua família correm. Nesse sentido, Shotter (1968), cujos escritos tendem a uma espécie de reavaliação da imagem de Tibério, discute o caráter totalmente positivo do retrato de Germânico, advogando que justamente sua inabilidade na juventude é um dos motivos da tensão que se estabelece entre o general e o imperador. A inquietude de Tibério, segundo o estudioso, se justifica porque as primeiras empreitadas militares de Germânico foram marcadas por uma ânsia de mostrar bravura típica de um general inexperiente.³¹

A sequente caracterização de Germânico é feita indiretamente por meio da *oratio recta* que Tácito lhe atribui. No discurso que ocupa dois capítulos, o general aborda valores romanos importantes em suas palavras e sua devoção à *res publica*. Além disso, reconhece a *maiestas Tiberii*, acusa os soldados de não respeitar a *auctoritas senatus* e de rejeitar modelos dos heróis da batalha de Ácio, cuja emulação é essencial para o respeito entre estrangeiros.³² Em seguida, para pressionar os ouvintes, evoca seu ato teatral: por que não o deixaram morrer quando colocara a espada no peito? Invoca a ancestralidade de Augusto e a memória de seu pai, como se fossem capazes de reverter o ânimo dos soldados, reconhecendo a sua glória. Por fim, exorta-os a retomarem o respeito ao príncipe (*obsequium imperatori reddere*).³³

Germânico faz referência em seu discurso a diversos elementos do passado e, parece-nos, lança mão de sua linhagem como afirmação (inconsciente?) de seu poder. Desse modo, podemos dizer que, com esse discurso, Tácito o aproxima de uma imagem de generais do passado republicano. Não obstante, suas palavras também revelam a ciência do momento presente, de modo que seus argumentos são expostos para convencer as tropas rebeldes a reconhecerem Tibério como imperador, respeitando-se então essa hierarquia. Como vimos nos capítulos anteriores, o tema do *obsequium* é frequente e uma variável importante tanto no que concerne ao destino das personagens, quanto na apreciação que o próprio historiador faz delas, no contexto militar e senatorial. Aqui, vê-se que o general, a despeito do poder e favor de que dispõe, coloca-se na posição do subalterno, sem afrontar Tibério, mesmo que lhe fosse possível. Cogitore define

³¹ SHOTTER, 1968, p. 200-2. Segundo Shotter, Dião Cássio reforça essa leitura quanto à inabilidade de Germânico para lidar com os motins.

³² TAC., *Ann.*, 1.42.

³³ TAC., *Ann.*, 1.43.4.

moderatio de uma maneira objetiva: “a moderação é uma qualidade que faz com que cada um ocupe o lugar que lhe caiba, entre inferiores e superiores”³⁴ e a despeito da ausência do termo no episódio, diríamos que Germânico não só dispõe dessa virtude, como a demonstra a seus soldados ao clamar pela obediência ao príncipe.

Ainda que parte das tropas cedesse a essas palavras, o que demonstra certa *auctoritas* do comandante, sua dificuldade em administrar e sufocar os motins se mostra em sua reação quanto a outras legiões que ainda se rebelavam. Nesses episódios, Tácito expõe o uso do comando de Germânico em seu limite para submeter os soldados, chegando mesmo a haver uma carnificina entre romanos.³⁵ Essa violência demonstrada por Germânico também é frequentemente criticada e apontada como mais uma inconsistência do modo como Tácito elabora sua imagem.³⁶ Contudo, na sequência do enredo, percebe-se que o general vai adquirindo habilidades. A partir do capítulo 50, Tácito inicia a narrativa dos confrontos contra os germânicos, campanha ocorrida a partir do ano 14 d.C. e encabeçada por Germânico e seu exército. Nesse momento, há uma descrição mais focada nas ações do general, sobretudo no que concerne à sua atuação como tal, organizando as legiões e os combates, exortando-as à luta. Devillers (2012) aponta algumas características do bom general que podem ser verificadas nas batalhas iniciais:

Trata-se assim do *consilium*: na escolha de seu itinerário (I, 50, 2), no fato de que sua estratégia poupa que os seus sejam feridos (I, 51, 1), no seu conhecimento das manobras do adversário e nas disposições que escolhe por causa disso (I, 51, 2). Destacam-se paralelamente sua capacidade de surpreender o inimigo (*celeritas*; cf. I, 50, 3), sua *fortuna*, na medida em que uma noite estrelada lhe favorece a marcha (I, 50,4), sua *auctoritas*, pois que sua intervenção galvaniza suas tropas (I, 51, 3-4).³⁷

Tanto o general se desenvolve que o primeiro assalto tem resultados positivos e conseqüências em Roma, a saber, desperta ainda mais a insegurança de Tibério:

Nuntiata ea Tiberium laetitia curaue adfecere: gaudebat oppressam seditionem, sed quod largiendis pecuniis et missione festinata fauorem militum quaesiuisset, bellica quoque Germanici gloria angebatur. ² *Rettulit*

³⁴ COGITORE, 2014, p. 153: “La modération est une qualité qui fait rester chacun à place qui lui revient, entre inférieurs et supérieurs [...]”.

³⁵ TAC., *Ann.*, 1.45-49.

³⁶ DEVILLERS, 1993, p. 230; SHOTTER, 1967, p. 199.

³⁷ DEVILLERS, 2012, p. 146: “Il en va ainsi du *consilium*: dans le choix de son itinéraire (I, 50, 2), dans le fait que sa stratégie épargne les blessures aux siens (I, 51, 1), dans sa connaissance des manœuvres de l’adversaire et dans les dispositions qu’il prend en conséquence (I, 51, 2). On relève parallèlement sa capacité à surprendre l’ennemi (*celeritas*; cf. I, 50, 3), sa *fortuna*, dans la mesure où une nuit étoilée favorise sa marche (I, 50, 4), son *auctoritas*, puisque son intervention galvanise ses troupes (I, 51, 3-4)”. Ver também Devillers (1993, p. 232).

tamen ad senatum de rebus gestis multaque de uirtute eius memorauit, magis in speciem uerbis adornata quam ut penitus sentire crederetur.

Essas coisas anunciadas a Tibério causaram-lhe alegria e preocupação: contentava-se pela sedição suprimida, mas se atormentava porque [Germânico] conquistara a simpatia dos soldados com a concessão abundante de dinheiro e antecipação da dispensa do serviço militar, e também porque a glória militar de Germânico aumentava. Contudo, reportou ao senado os feitos dele e rememorou longamente sua *uirtus* com palavras por demais rebuscadas para que se acreditasse que o sentia em seu âmago.³⁸

O passo traz características que Tácito confere, pelo discurso indireto atribuído a Tibério, ao general Germânico. Sabe-se que o general adquire *gloria* militar e, mais uma vez, o historiador menciona *fauor* – a simpatia que ele consegue junto aos soldados. Por fim, ao homenageá-lo, Tibério rememora a *uirtus* do general. O elogio de Germânico aparece em contraponto com o sentimento que suas qualidades causam em Tibério: tendo recebido a notícia com alegria e preocupação (lembremos de Domiciano com *fronte laetus, pectore anxius!*),³⁹ não conseguia disfarçar a insegurança nem por meio das palavras ornadas de seu discurso. Mas há que se notar que Tácito não deixa passar em branco o fato de que Germânico usa da artimanha do dinheiro para conseguir mais rapidamente o apoio dos soldados, comprometendo o próprio príncipe. O retrato do general, então, vai tomando forma contendo diversas qualidades – a *uirtus*, inclusive –, mas também doses pontuais de possíveis críticas quanto a suas ações. Essa campanha continua a ser descrita ao longo dos demais capítulos, nos quais se destaca a rivalidade com Armínio, líder dos germânicos. Nesse contexto, Germânico é descrito por Tácito como um comandante clemente ao responder a suas demandas (*clemens responsus*).⁴⁰ Essa qualidade imperial aparecerá, de fato, sob outras nuances em outros episódios em que Germânico está em negociação com estrangeiros aliados, e contribui sobremaneira para a expressão de sua *uirtus*.

No segundo livro dos *Anais*, Tácito o descreve de maneira a qualificar um pouco mais a personagem. Com isso, observamos uma progressiva evolução das habilidades de Germânico, especialmente como general.⁴¹ Do capítulo 5 ao 12, então, o historiador relata as incursões comandadas pelo general a fim de garantir uma boa batalha. Ele relata as

³⁸ TAC., *Ann.*, 1.52.1-2.

³⁹ Além de ecoar a reação de Domiciano, o texto latino parece aludir à construção salustiana, que destacamos em *Cat.*, 46.1-2: “Isso feito, tudo é rapidamente relatado ao cônsul por meio de mensageiros. Porém, grande aflição e alegria o tomaram a um tempo” (*Quibus rebus confectis, omnia propere per nuntios consuli declarantur. At illum ingens cura atque laetitia simul occupaueret*). Tradução de Adriano Scatolin.

⁴⁰ TAC., *Ann.*, 1.58.5.

⁴¹ MALISSARD, 1990, p. 334; PELLING, 1993, p. 281. Devillers (2012), para um apanhado geral dessa evolução das competências militares de Germânico.

campanhas do ano 16 d.C., quando Germânico finalmente submete os germânicos e demonstra ser um comandante de primeira categoria: desde a preparação até a organização de cada passo para as batalhas, Tácito mostra o envolvimento de Germânico César.⁴² Nessas ações, demonstra diferentes qualidades da *uirtus imperatoria*, as quais Devillers sintetiza:

O prestígio (*auctoritas*) de que ele desfruta não somente junto a suas tropas (II, 13, 1), mas também junto ao adversário (II, 25, 3), e notadamente o *aduentus*, efeito produzido pelo anúncio de sua chegada (II, 7, 2; também 25, 2); a capacidade de se manter informado sobre os planos do inimigo (II, 12, 1; 20, 1); a *patientia* (II, 13, 1); a *fortitudo* em sua maneira de organizar o ataque (II, 20, 3) ou – o *tópos* – de tirar seu capacete para ser reconhecido durante o combate (II, 21, 2); a *scientia militaris* quando ele antecipa os inconvenientes do arsenal das armas dos germânicos (II, 14, 2-3) e na maneira como ele dispõe as tropas para a batalha (II, 16, 3; 20, 4).⁴³

No capítulo 13, há uma descrição indireta de Germânico, que Tácito elabora a partir da visão dos soldados sobre seu chefe. Num giro noturno pelos acampamentos,⁴⁴ o general ouve o que falam a seu respeito:

Nocte coepta, egressus augurali per occulta et uigilibus ignara, comite uno, contactus umeros ferina pelle, adit castrorum uias, adsistit tabernaculis fruiturque fama sui, cum hic nobilitatem ducis, decorem alius, plurimi patientiam, comitatem, per seria, per iocos eundem animum laudibus ferrent [...].

Ao cair da noite, saiu do augural por um lugar secreto e desconhecido dos vigias, acompanhado por um único guarda. Cobriu as costas com pele de animal e foi pelas vias dos acampamentos. Parou junto a uma tenda e desfrutou de seu renome, como falassem com elogios um da nobreza do chefe, outros, da dignidade; muitos, de sua paciência, de seu companheirismo, de seu mesmo espírito em situações sérias ou mesmo jocosas.⁴⁵

A descrição por terceiros revela a *fama* das características do general: *nobilitas*, *decor*, *patientia*, *comitas* são traços destacados que de certa maneira revelam em conjunto a *auctoritas* que ele representava junto a suas tropas. Vale destacar a presença de *comitas* e *decor*, que marcam o modo de Germânico se relacionar com seus subordinados e que são constantes em sua descrição. Tais características agregam novas roupagens à *uirtus* do militar. Depois de ter ouvido essas palavras e percebido o ânimo de seus homens para

⁴² *Contra* GOODYEAR, 1981, p. 198-9.

⁴³ DEVILLERS, 2012, p. 150: “Le prestige (*auctoritas*) dont il jouit non seulement auprès de ses troupes (II, 13, 1), mais aussi de l’adversaire (II, 25, 3), et notamment l’*aduentus*, effet produit par l’annonce de son arrivée (II, 7, 2; aussi 25, 2); la capacité à se tenir informé des plans de l’ennemi (II, 12, 1 ; 20, 1); la *patientia* (II, 13, 1); la *fortitudo*, dans sa manière de mener l’assaut (II, 20, 3) ou – *topos* – d’ôter son casque pour être reconnu durant le combat (II, 21, 2); la *scientia militaris*, lorsqu’il met en avant les inconvénients de l’armement des Germains (II, 14, 2-3) et dans la manière dont il dispose les troupes pour la bataille (II, 16, 3 ; 20, 4)”.

⁴⁴ Um *tópos*, segundo Devillers (2012, p. 148).

⁴⁵ TAC., *Ann.*, 2.13.1.

a batalha, nessa mesma noite Germânico é tocado por um sinal: segundo Tácito, “estimulado pelo presságio, de auspícios favoráveis, chama uma assembleia e expõe o que providenciara com sabedoria e era adequado para o ataque iminente” (*Auctus omine, addicentibus auspiciis, uocat contionem et quae sapientia prouisa aptaque inminente pugnae disserit*).⁴⁶ Germânico, então, dispõe de uma sabedoria essencial do comandante, e aqui ela lhe permitiu agir conforme outra qualidade do *imperator*, a *prouidentia*. No momento do último conflito, Germânico se destaca também pelo *consilium*; o historiador narra que “nada passava despercebido a César: conhecia os planos, os locais, as disposições abertas ou secretas e a astúcia dos inimigos convertia em sua própria ruína” (*Nihil ex his Caesari incognitum: concilia, locos, prompta, occulta nouerat astusque hostium in perniciem ipsis uertebat*).⁴⁷

Germânico obteve dos germânicos, depois de dois anos, o reconhecimento de Tibério como imperador. No local, o comandante erige um monumento com inscrições em homenagem aos vencedores:

debellatis inter Rhenum Albimque nationibus, exercitum Tiberii Caesaris ea monimenta Marti et Ioui et Augusto sacrauissse. De se nihil addidit, metu inuidiae an ratus conscientiam facti satis esse.

Derrotadas as nações entre o Reno e o Elba, o exército de Tibério César consagrou esse monumento a Marte, Júpiter e Augusto. De si mesmo, nada acrescentou, por medo da inveja ou por ter acreditado que a consciência dos feitos era suficiente.⁴⁸

Os inscritos de Germânico atribuem a glória militar a quem ela de fato pertencia no Principado, a Tibério. Revelando modéstia perante a glória, ainda que Tácito não a indique, não acrescenta seu nome. Isso nos lembra da conduta de Agrícola, que, a despeito de tantas vitórias, não exaltava seus próprios feitos, resguardando-se da *inuidia*,⁴⁹ um dos motivos que o historiador apresenta para explicar o resguardo do César. Williams argumenta que a expressão *metu inuidiae* reflete bem a atmosfera do Principado, da qual Germânico era consciente.⁵⁰

A sequência do enredo apresenta a reação do imperador a essa vitória. Enquanto o general segue explorando algumas regiões de navio, Tibério o esperava. De acordo com Tácito, ele já tinha lhe enviado frequentes missivas solicitando seu retorno. Tácito narra que o imperador julgava que os feitos de Germânico eram suficientes e que mesmo ele,

⁴⁶ TAC., *Ann.*, 2.14.1.

⁴⁷ TAC., *Ann.*, 2.20.1.

⁴⁸ TAC., *Ann.*, 2.22.1.

⁴⁹ TAC., *Agr.*, 8.3.

⁵⁰ WILLIAMS, 2009, p. 124.

quando enviado a essa região por Augusto, usou “mais de planejamento do que de força” (*plura consilio quam vi perfecisse*),⁵¹ parecendo insinuar que tal senso estratégico faltava ao general. Tácito relata então que, “como Germânico solicitava um ano para finalizar o que tinha começado, pressionou sua modéstia, oferecendo outro consulado, de cujos deveres ele se encarregaria pessoalmente” (*Precante Germanico annum efficiendis coeptis, acrius modestiam eius adgreditur alterum consulatum oferendo, cuius munia praesens obiret*).⁵² Esse episódio sugere tanto a virtude do general, descrita por Tácito, quanto ressalta a inveja de Tibério, como veremos. Segundo Tácito, à investida do príncipe, Germânico – guardando a medida – obedece, “embora tenha compreendido que isso fora inventado por inveja para lhe arrancar uma honraria já concebida” (*Haud cunctatus est ultra Germanicus, quamquam fingi ea seque per invidiam parto iam decori abstrahi intellegeret*).⁵³ O historiador coloca nas palavras do príncipe que o general deveria deixar a oportunidade de glória para seu irmão, Druso (*relinqueret materiam Drusi fratris gloriae*).⁵⁴

Essa escusa reforça, parece-nos, a suspeita de Germânico, pois que a glória por ele adquirida configura uma ameaça a Tibério, tendo em vista que é ele o sucessor na dinastia. Com efeito, se atentarmos para o verbo *abstraho*, podemos verificar no início da narrativa do segundo livro algo que nos chama a atenção.⁵⁵ No capítulo 5, Tácito se refere ao ano 16 d.C., quando ainda se tentava resolver a situação no Oriente, e relata que o *princeps* não demonstrava tanta preocupação com seu sobrinho, uma vez que via nisso uma oportunidade de se livrar do general, pois isso era um motivo para “que com tal pretexto arrancasse Germânico das legiões a ele acostumadas e o expusesse ao dolo e à desventura, colocando-o à frente das novas províncias” (*ea specie Germanicum suetis legionibus abstraheret nouisque prouinciis impositum dolo simul et casibus obiectaret*).⁵⁶ Tem-se a impressão de que Tibério, nessa narrativa, já trama arrancar Germânico do lugar em que ele tem reconhecimento e favor; além disso, interrompendo sua atividade, ele lhe arranca também a glória militar. Vale notar a *modestia* nomeada como qualidade do general. Tibério a provoca e Germânico não deixa de demonstrá-la ao aceitar o consulado; sem ceder a uma possível ambição excessiva pela glória militar, reconhece seu lugar e é

⁵¹ TAC., *Ann.*, 2.26.3.

⁵² TAC., *Ann.*, 2.26.4.

⁵³ TAC., *Ann.*, 2.26.5.

⁵⁴ TAC., *Ann.*, 2.26.4.

⁵⁵ DEVILLERS, 2012, p. 150.

⁵⁶ TAC., *Ann.*, 2.5.1.

comedido. Esse episódio apresenta uma tópica militar que veremos em outros retratos:⁵⁷ a *gloria militaris* só ao príncipe pertence e a postura de Tibério deixa isso claro ao general. A volta de Germânico a Roma, de fato, será pretexto para que ele lhe coloque nessa situação de perigo, conforme comentaremos.

Germânico reaparece no capítulo 41, referente ao ano 17 d.C., quando triunfa sobre diferentes povos germânicos, segundo Tácito. Nessa ocasião, Tibério concede alguns sestércios ao povo, em nome de Germânico e, no senado, pronuncia algumas palavras sobre o general: “...não poderia ter sido o revoltado Oriente apaziguado não fosse a sabedoria de Germânico” (*nec posse motum Orientem nisi Germanici sapientia componi*).⁵⁸ Aqui a caracterização é indireta e pronunciada hipocritamente pelo príncipe. Entretanto, configura de todo modo uma qualidade do comandante ou do homem de governo, que tampouco Tibério demonstra, e que Germânico exibira efetivamente em outros momentos das batalhas, como Tácito aponta. A ironia de Tácito ao atribuir tais palavras ao imperador se confirma quando o historiador explica que ele, depois dos elogios ao sobrinho, concede-lhe um consulado no Oriente e quando pensamos no *dolus* premeditado. Isso, de fato, já nos fora anunciado mais cedo, mas aqui Tácito contextualiza detalhes organizados por Tibério: Pisão é designado pelo *princeps* para trabalhar junto a Germânico no Egito, quase que consciente dos problemas que haveria nessa relação.

Isso se depreende da imagem que Tácito oferece dessa personagem, claramente oposta à de Germânico: “de caráter violento e desconhecedor do respeito” (*ingenio uiolentum et obsequii ignarum*).⁵⁹ Certamente, junto a Pisão haveria mais obstáculos à demonstração de virtudes por parte de Germânico. E enquanto este havia recebido *maius imperium* de Tibério, aquele desconhecia o *obsequium*. Trata-se de uma oposição relativa à observância do respeito nas relações de subordinação. Germânico, todavia, apesar de seu poder reconhecido por outrem, não tentou em nenhum momento ultrapassar o *princeps*.

Nos capítulos seguintes, Tácito relata as ações de Germânico enquanto cônsul. No ano 18 d.C., o comandante assume pela segunda vez o consulado, de acordo com o historiador, exercendo seus ofícios em Nicópolis. A partir de então, a narrativa o coloca em foco, descrevendo especialmente uma viagem sua a lugares históricos, como Atenas e Ácio. Nesses locais, visita monumentos de seus antepassados e Tácito relembra mais

⁵⁷ ASH, 2006, p. 363.

⁵⁸ TAC., *Ann.*, 2.43.1.

⁵⁹ TAC., *Ann.*, 2.43.2.

uma vez a sua linhagem, aproximando-o, ademais, de um passado republicano. Não reproduziremos todo o episódio, devido a sua extensão, mas destacaremos alguns aspectos que compõem o retrato de Germânico, traços mais psicológicos, como nota Devillers.⁶⁰ O historiador relata que, ao visitar a Trácia e Bizâncio, Germânico demonstrava “desejo de conhecer antigos locais, celebrados pela fama” (*cupidine ueteres locos et fama celebratos noscendi*). Além disso, foi ao lugar em que se situava a antiga Troia, “onde nossas origens eram dignas de serem veneradas” (*nostris origine ueneranda*). É em Cólofon que o comandante decide consultar um oráculo, evento que Tácito narra com detalhes, provocando um suspense na narrativa, e desvelando a profecia enunciada: uma morte prematura o aguardava.⁶¹ O clímax se estabelece com a citação de Pisão logo no início do próximo capítulo, isto é, 55. Com efeito, a participação imediata deste se dá por meio de diversas acusações pelas costas de Germânico, que,

haud nescium quibus insectationibus petitus foret; sed tanta mansuetudine agebat ut, cum orta tempestas raperet in abrupta possetque interitus inimici ad casum referri, miserit triremes, quarum subsidio discrimini eximeretur.

Não ignorando que fora alvo de ataques, mesmo assim agia com tamanha indulgência que, quando o surgir de uma tempestade arrastou o inimigo contra as rochas, podendo sem medo culpar a sorte pela morte dele, enviou triremes com cuja ajuda pudesse escapar ao perigo.⁶²

A boa ação de Germânico é parte da estratégia de contraste entre personagens que Tácito tanto utiliza, uma vez que, depois desse evento, o historiador dedica um capítulo inteiro para descrever o caráter negativo de Pisão, suas ações desvirtuadas no acampamento e o fato de que esse se adiantara a Germânico, abandonando-o a fim de comprar as tropas e seu favor por meio de benefícios.⁶³ Com essa rixa instaurada, Tácito segue o relato acrescentando sempre mais elementos que aumentam a tensão entre Pisão e César, como uma discussão entre eles em que Tácito reitera o caráter desse último: “era, como relatei, o mais clemente” (*et erat, ut retulli, clementior*).⁶⁴ Ambos estavam, nesse momento, no império armênio, onde Germânico buscava renovar e fortificar as alianças entre os armênios e os romanos. Aqui, além disso, reitera-se a sua *comitas* ao lidar com os aliados. Então, o historiador expõe a negociação entre ele e Artabano, rei dos partas:

⁶⁰ DEVILLERS, 1993, p. 236. Para uma análise sobre Germânico e referência aos monumentos, vide o artigo de Woodman (2015). Em *Ann.*, 2.59, Germânico é comparado a outra personagem antiga exemplar: Públio Cipião. WOODMAN, 2015, p. 265 e PIGOÑ, 2008, p. 293.

⁶¹ TAC., *Ann.*, 2.54.

⁶² TAC., *Ann.*, 2.55.3.

⁶³ TAC., *Ann.*, 2.56. Esse tipo de competição também se observa nos pares de retratos de Cecina e Valente. Vide capítulo 4, a seguir.

⁶⁴ TAC., *Ann.*, 2.57.2.

“a essas coisas, sobre a aliança entre romanos e partas, Germânico respondeu com nobreza, sobre a chegada do rei e seu culto, com decoro e modéstia” (*Ad ea Germanicus de societate Romanorum Parthorumque magnifice, de aduentu regis et cultu sui cum decore ac modestia respondit*).⁶⁵ Notamos a conduta de respeito que Germânico demonstra nessa situação, não tendo em nenhum momento desrespeitado esse povo, e agindo com modéstia, como relata Tácito. O conjunto de suas conquistas nesse caso fora, para Pisão, ofensas (*contumeliae*). Depois disso, a narrativa ainda tem Germânico em foco, em sua viagem pelo Egito.

Antes de prosseguirmos, cabe fazermos um resumo da caracterização que observamos até o momento. O retrato de Germânico se compõe a partir de dois cenários, sua atuação em campanha e de gestão nas províncias, as quais estão sob um pano de fundo maior: sua origem e pertença dinástica. No que tange ao primeiro universo, vimos que Germânico em sua juventude se mostra um comandante desajeitado, mas ao longo das campanhas adquire experiência militar, demonstrando características do bom general,⁶⁶ como *auctoritas*, *consilium*, *patientia* e *providentia* e tendo, ademais, *gloria bellica*. Além disso, ele dispõe de uma *sapientia* capaz de levá-lo ao sucesso. Em relação ao consulado, parece-nos que Tácito o descreve de maneira bastante elogiosa, caracterizando Germânico como um comandante exemplar mesmo fora do campo de batalha: tem *decor*, *modestia* e um espírito *clemens* ao fazer diplomacia. Esse vocabulário traduz uma expressão de *uirtus*, como temos visto. Entretanto, notamos que Tácito confere outros atributos importantes ao retrato do comandante, que, a nosso ver, dizem respeito a esse plano maior da sua hereditariedade dinástica. Então, termos como *fauor* e *comitas*, junto com as demais qualidades, apenas reforçam sua imagem virtuosa e digna de um príncipe. Sobre a *comitas*, vale acrescentar a ponderação de Balmaceda: “não é que a *comitas* agora tenha se tornado um pré-requisito ou condição para *uirtus*, mas isso certamente adicionou ao homem militar algo mais do que apenas um atributo útil na política e uma ferramenta valorosa para cortejar popularidade”.⁶⁷ Mas retomaremos essas ideias mais adiante; por ora, ainda falta observar o ápice da caracterização do general, que, com o advento de sua morte, resulta num elaborado obituário taciteano.

⁶⁵ TAC., *Ann.*, 2.58.2.

⁶⁶ DEVILLERS, 2012, p. 146 e 2005, p. 366; MALLISARD, 1990, p. 336.

⁶⁷ BALMACEDA, 2017, p. 221: “It is not that *comitas* now became a prerequisite or condition for *uirtus*, but it certainly added to the military man something more than just a useful attribute in politics and valuable tool for courting popularity”.

Retomamos nossa análise a partir do capítulo 69, no qual Tácito registra o retorno de Germânico do Egito e o fato de que ele encontra a província organizada de modo diferente do que havia feito. Ora, vê-se mais um exemplo da falta de obediência, ou respeito hierárquico, da parte de Pisão, conforme Tácito expusera no início da descrição dessa personagem. Por causa disso, o historiador relata que Germânico “lançava graves ofensas contra Pisão” (*graves in Pisonem contumeliae [...] temptabantur*),⁶⁸ o que leva Pisão a decidir deixar a Síria. O texto latino introduz a oração seguinte por *mox*, o que indica a rapidez que com Germânico ficou doente depois dessa ocasião, levantando suspeitas, parece-nos, quanto à relação de Gneu Pisão com esse fato. Na verdade, ele fora o suspeito, diz Tácito, de envenenar o cônsul, causando sua morte.⁶⁹ Dentro da estrutura narrativa, percebe-se que Tácito há muito construía um plano em que essa hipótese parecesse plausível. Ademais, o discurso direto de Germânico na sequência gera compadecimento por sua desgraça, pois Tácito o constrói como uma vítima real, que acredita em seu envenenamento.⁷⁰ Para o leitor do *Agrícola*, esse tipo de suspeita de envenenamento pelo príncipe é conhecido: a morte desses dois generais é semelhante.⁷¹

A sequência de suas palavras é exposta num discurso indireto, no qual se dirige, primeiro, à sua esposa Agripina e depois a todos os presentes. Tácito relata:

Indoluerunt exterarum nationum regesque: tanta illi comitas in socios, mansuetudo in hostes! Visuque et auditu iuxta uenerabilis, cum magnitudinem et grauitatem summae fortunae retineret, inuidiam et adrogantiam effugerat.

As nações e os reis estrangeiros entraram em luto: tamanha era sua cordialidade com os aliados, a brandura com os inimigos! Vê-lo e ouvi-lo inspirava igual respeito, e mantendo a grandeza e a dignidade da mais alta posição, escapara da inveja e da arrogância.⁷²

A visão de pessoas anônimas reitera características já mencionadas ao longo da narrativa. Desde o primeiro livro, Tácito observa a *comitas* de Germânico e em alguns momentos abordou sua *mansuetudo*. Sua expressão é notável, bem como o modo como se porta mesmo ocupando uma elevada posição: *magnitudo* e *grauitas* prevalecem em sua

⁶⁸ TAC., *Ann.*, 2.69.1.

⁶⁹ Suetônio afirma que a *causa mortis* de Germânico fora uma doença prolongada, sem descartar a possibilidade de envenenamento (*Cal.*, 1.3), atribuindo-o a Pisão e Tibério. SUET., *Cal.*, 2.1: “Morreu, contudo, como se pensava, por artimanha de Tibério, e graças aos serviços e obra de Gneu Pisão” (*Obiit autem, ut opinio fuit, fraude Tiberi, ministerio et opera Cn. Pisonis*).

⁷⁰ DEVILLERS, 2012, p. 154.

⁷¹ Cogitore (2014, p. 160-61) tem uma conclusão interessante a respeito dos efeitos narrativos da suspeita de envenenamento em ambos os retratos. No caso de Germânico, essa desconfiança e seu discurso aumentam a tensão narrativa e o sentimento de disputa entre ele e Tibério. Quanto a *Agrícola*, por outro lado, apenas reforça as qualidades de constância e de modéstia do general, segundo a autora.

⁷² TAC., *Ann.*, 2.72.2.

conduta, quando vícios como *avaritia* e *ambitio* poderiam ser tentadores. De fato, Tácito finaliza: ele não tinha nem inveja, nem arrogância e vale observar, aqui, duas características atribuídas a Tibério. Vemos, nesse sentido, mais uma estratégia de oposição de retratos, que só amplifica a exemplaridade de Germânico, enquanto salienta os vícios do príncipe. Essa última caracterização indireta precede o obituário extremamente encomiástico que Tácito apresenta:

Funus sine imaginibus et pompa per laudes ac memoriam uirtutum eius celebre fuit. Et erant qui formam, aetatem, genus mortis, ob propinquitatem etiam locorum in quibus interiit, magni Alexandri fatis adaequarent. ² *Nam utrumque corpore decoro, genere insigni, haud multum triginta annos egressum, suorum insidiis externas inter gentis occidisse; sed hunc mitem erga amicos, modicum uoluptatum, uno matrimonio, certis liberis egisse, neque minus proeliatorem, etiam si temeritas afuerit praepeditusque sit percussas tot uictoriis Germanias seruitio premere.* ³ *Quod si solus arbiter rerum, si iure et nomine regio fuisset, tanto promptius adsecuturum **gloriam militiae** quantum **clementia, temperantia, ceteris bonis artibus** praestitisset.*

Recebeu um funeral sem pompa e imagens e célebre pelos louvores e a memória das suas virtudes. Havia quem comparasse sua beleza, sua idade, o modo como morreu (até mesmo por causa da proximidade dos locais em que faleceram) e o seu destino ao de Alexandre, o grande. Porque ambos bem-apegoados, de família ilustre, não tinham quase ultrapassado os trinta anos, e tinham falecido devido às artimanhas dos seus em meio a povos estrangeiros. Porém, ele fora afável com os amigos, moderado nos desejos, casou-se apenas uma vez, teve filhos legítimos. Ele não foi menos belicoso [que Alexandre], ainda que tenha sido menos temeroso, e com tantas vitórias, fora impedido de reduzir a Germânia já enfraquecida à servidão. Pois se sozinho fosse árbitro da situação, se tivesse sido nomeado e consagrado rei, tão mais prontamente teria alcançado a glória militar, quanto se sobressaiu em clemência, temperança e outras qualidades.⁷³

No excerto narram-se as cerimônias realizadas em sua homenagem, ainda em Antioquia, antes que Agripina transportasse as cinzas do marido para Roma.⁷⁴ Esse obituário, em termos formais, segue muito mais detidamente preceitos retóricos adequados ao encômio que outros que vimos, agrupando o conjunto de quatro qualidades, por exemplo, traço que veremos em outros retratos taciteanos,⁷⁵ além dos tópicos comuns como *forma*, *aetas*, *genus mortis*, *locus* que vimos em Quintiliano.⁷⁶ Com isso, possui um tom bastante laudatório. Tácito continua a descrever a partir da ótica do povo, por

⁷³ TAC., *Ann.*, 2.73.1-3.

⁷⁴ TAC., *Ann.*, 2.75.

⁷⁵ A *laudatio funebris* de Germânico não nos deixa esquecer, em certa medida, do obituário destinado a Galba (*Hist.*, 1.49), seja pela disposição das virtudes, seja pelas considerações finais, construídas também por uma formulação hipotética, que apreciam a possibilidade – não realizada – de um bom líder. Analisaremos essa personagem mais adiante, o que nos permitirá aprofundar os pontos aqui mencionados. Vide capítulo 4.

⁷⁶ Malissard (1990, p. 329) elenca esses itens do elogio.

innuendo (erant qui),⁷⁷ a comparação com Alexandre, o grande: o físico, sua idade e o modo como faleceu.⁷⁸ Segundo Tácito, dizia-se que ambos eram belos, nobres e vítimas da inveja alheia. Germânico é descrito de modo a ser comparado com o rei, visto que não só se equiparou em glória com o chefe grego, mas o superou em *clementia, temperantia* e nas *bonae artes*, locução que pode ser traduzida por “virtudes”. Malissard pontua, tratando dessa passagem, que as primeiras qualidades de Germânico, a saber, *mitem erga amicos, modicum uoluptatum e uno matrimonio, e certis liberis*, são exemplos das virtudes fundamentais que aparecem a seguir, correspondendo, respectivamente, a *clementia, temperantia e bonis artibus*. Desse modo, Tácito ainda oferece mais exemplos das virtudes de Germânico.

Ao usar essa comparação que em certa medida sugere a superioridade de Germânico sobre Alexandre, o historiador consegue amplificar a imagem do general e suas qualidades, sobretudo porque ele apresenta virtudes que faltaram ao rei macedônico. Os leitores que conheciam a vida de Alexandre, veriam numa expressão como *mitem erga amicos* um contraste com o que se conhecia sobre suas atitudes. Sabe-se que, a despeito de suas conquistas militares, Alexandre teria sido bastante violento no âmbito individual, como Tito Lívio registra (9.18.5: *Quid si uini amor in dies fieret acrior*), chegando a assassinar, num acesso de ira, o amigo Clito, que lhe salvara a vida, evento narrado por Plutarco na biografia do rei.⁷⁹

Malissard, nesse sentido, observa dois pontos interessantes: o uso de *sed*, partícula opositiva, na comparação deixa claro que há ressalvas no cotejo entre essas figuras. Com

⁷⁷ Alguns autores veem nesse afastamento de Tácito quanto a essas afirmações um indício de que Germânico não tinha uma conduta tão exemplar assim e observam que é um dos retratos em que o historiador faz maior uso de rumores (Shotter, 1968, p. 214; cf. Williams, 2009, p. 128). Devillers (2012), por sua vez, propõe que a isenção de responsabilidade pelos dizeres e a forte presença do dizer sem autoria, especialmente em momentos específicos, refletem o Principado em si e o fazer historiográfico nesse contexto (2012, p. 155 e ss.). Segundo o estudioso (2012, p. 155), o retrato de Germânico “teria sido particularmente concebido de maneira a ilustrar a dificuldade de se escrever história sob os imperadores” (“aurait été partiellement conçue de manière à illustrer la difficulté d’écrire l’histoire sous les empereurs”) e os rumores “alimentam a confusão e as estratégias políticas” (“nourrissent la confusion et les stratégies politiques”), essas relacionadas a uma crise do saber sob o Império. DEVILLERS, 2012, p. 157-8.

⁷⁸ A alusão ao rei macedônico no comportamento de Germânico ocorre em outros momentos do texto, o que se costuma denominar de *imitatio Alexandri* (Braccesi, 1987.). Como exemplos, podem-se citar o ato de tirar o elmo durante a batalha, um *tópos* (*Ann.*, 2.21.2) e a navegação turbulenta pelo rio Ems (*Ann.*, 2.24). BRACCESI, 1987, 54 e ss.; DEVILLERS, 1993, p. 232 e 2012, p. 150. Sobre o tema, vide Braccesi (1987); Malissard (1990) e Marrone (1987).

⁷⁹ Isso Plutarco relata na biografia de Alexandre. PLUT., *Alex.* 51. 9-11: “Alexandre agarrou na espada de um dos guarda-costas, e quando Clito afastava o cortinado diante da porta e avançava para ele, trespassou-o. Ainda mal Clito caía com um gemido e um grito de dor, e já a fúria do rei desaparecia. Quando voltou a si e viu os amigos de pé, em silêncio, tirou a espada do cadáver e tê-la-ia espetado na própria garganta, se os guarda-costas, para o impedir, lhe não tivessem agarrado as mãos e levado à força para o quarto”. Tradução de Maria de Fátima Silva (*apud* Liparotti, 2014, p. 180).

efeito, notamos que a adversativa introduz justamente as qualidades individuais de Germânico – positivas, cujo contraste pode se tornar mais acentuado se o leitor tem em mente outros dados da tradição literária sobre Alexandre, o grande. O segundo ponto é que o general romano só não foi agraciado com virtudes que distinguiram Alexandre: “assim, a Germânico só faltou a sorte, a *Fortuna* ou a *Felicitas*, sobre a qual os adversários ‘intelectuais’ de Alexandre justamente dizem ter tido em sua vida um papel maior que sua *uirtus*”.⁸⁰ O general poderia ter sido um chefe de estado tão – ou mais, dada sua *uirtus* – importante que Alexandre, não tivesse a vida interrompida.

Considerando o retrato do general, a inveja de Tibério não seria sem razão: de fato, as qualidades de Germânico deveriam parecer-lhe uma afronta. Ora, a projeção de que, se o general tivesse chegado a ser um rei, superaria mesmo Alexandre em glória militar, já que tinha todas as virtudes próprias daquele que governa, mais que o próprio Alexandre, sugere que Germânico detinha todos os atributos para ser um príncipe, inclusive a pertença à dinastia.⁸¹ Segundo Malissard, “se tivesse obtido o poder, Germânico poderia ter superado a glória do mais célebre, do mais jovem e do mais belo dos príncipes; só com ele, que herdava uma tradição e, além disso, detinha a virtude, a tentativa era possível: mas jamais poderia acontecer”.⁸² A essa impossibilidade do acontecimento pensamos então na virtualidade da *uirtus* de Germânico, que normalmente é relacionada à memória na narrativa, um dado que encontramos na análise de Balmaceda. As menções ao vocábulo *uirtus* especificamente, no que se refere a Germânico, ocorrem sempre relacionadas à ideia de memória. Como na fala de Tibério ao senado – *multaque de uirtute eius memorauit* (1.52); ou no obituário – *per laudes ac memoriam uirtutum eius celebre fuit* (2.73); ou, no terceiro livro, quando da indagação do povo sobre as homenagens a ele – *meditata ad memoriam uirtutis carmina?* (3.5). Em sua análise, a *uirtus* do general seria um traço mais a ser evocado do que algo de que alguém poderia dispor no momento presente.⁸³ De fato, se outro é dotado de *uirtus*, a autoridade do príncipe é desacreditada. Apesar disso, o historiador faz a personagem dispor desse valor

⁸⁰ MALISSARD, 1990, p. 330: “[...] à Germanicus il n’a ainsi manqué que la chance, la *Fortuna* ou la *Felicitas*, dont les adversaires ‘intellectuels’ d’Alexandre disent justement qu’elle a joué dans sa vie un rôle plus grand que la *uirtus*”.

⁸¹ WILLIAMS, 2009, p. 119.

⁸² MALISSARD, 1990, p. 335: “S’il avait eu le pouvoir, Germanicus aurait pu dépasser la gloire du plus célèbre, du plus jeune et du plus beau des princes; avec lui seul, qui héritait d’une tradition et détenait en outre la vertu, la tentative était possible: elle ne pourrait donc plus jamais réussir”.

⁸³ BALMACEA, 2017, p. 217.

romano, descrevendo-o por meio de um conjunto vocabular que remete a ele, demonstrando sua manifestação naquele período.

Para encerrar nossa análise do retrato de Germânico e dos termos que o constroem, julgamos interessante lançar luz sobre um último excerto. Pois bem, ao relatar a repercussão da enfermidade do general em Roma, Tácito utiliza mais uma vez a voz de terceiros, o discurso indireto, reproduzindo os boatos de que idosos diziam coisas verdadeiras a respeito de Druso. Afastando-se novamente, confere espaço ao discurso da *libertas*:

displicere regnantibus ciuilia filiorum ingenia, neque ob aliud interceptos quam quia populum Romanum aequo iure complecti, reddita libertate, agitauerint.

Desagradava aos que reinam que seus filhos fossem íntegros cidadãos, e não por outro motivo foram mortos do que por conceberem ao povo Romano uma lei justa, restituindo a liberdade.⁸⁴

É necessário recordarmos a passagem do primeiro livro, capítulo 33, em que tal imagem é inserida pelo historiador, de modo impessoal, ao comparar Germânico com o pai, que *si rerum potitus foret, libertatem redditurus*.⁸⁵ Nos dois episódios, nota-se um intertexto estabelecido pela presença de diversos elementos semelhantes: desde o tema (espelhamento de Germânico em Druso; o *populus Romanus* espera por *libertas*), até a escolha lexical (*reddita libertate* e *libertatem redditurus*, *ciuilia ingenia* e *ciuile ingenium*). Isso reforça a memória de Germânico quanto a seu pai e os valores políticos republicanos que ambos representariam,⁸⁶ os quais aparecem tanto no início quanto no fechamento da caracterização da personagem, como numa composição em anel. A preocupação do povo quanto a Germânico revela a consciência de que parecia não haver espaço para a liberdade, nem para aqueles que pretendiam fazê-la existir novamente no Império. Com efeito, a liberdade sob o principado de Tibério era mero simulacro (*silente Tiberio, qui ea simulacra libertatis senatui praebebat*).⁸⁷ Cogitore pontua, nesse sentido, que a oposição entre reinantes e Druso e Germânico sublinha as atitudes dos imperadores frente a essa representação da liberdade no Principado.⁸⁸

Para concluir, vejamos o quadro com o vocabulário presente no retrato de Germânico:

⁸⁴ TAC., *Ann.*, 2.82.2.

⁸⁵ Cf. p. 141.

⁸⁶ Sobre isso, Strunk (2017, p. 53 e ss.).

⁸⁷ TAC., *Ann.*, 1.77.3.

⁸⁸ COGITORE, 2011, p. 205. Sobre *ciuilis ingenium* e *libertas* em Germânico e Druso (*idem*, p. 203 e ss.). Vide também Strunk (2017, p. 54).

<i>clementia</i>	<i>magnitudo</i>	* não exibia:
<i>comitas</i>	<i>mansuetudo</i>	<i>adrogantia</i>
<i>decor</i>	<i>modestia</i>	<i>inuidia</i>
<i>fauor</i>	<i>nobilitas</i>	
<i>fides</i>	<i>patientia</i>	* outros termos interessantes:
<i>fortuna</i>	<i>sapientia</i>	
<i>gloria milita</i>	<i>temperantia</i>	<i>obsequium</i>
<i>grauitas</i>	<i>uirtus</i>	<i>contumelia</i>
<i>libertas</i>		

Pudemos observar, ao longo da leitura da narrativa sobre Germânico, uma presença lexical bastante ligada à caracterização dos *exempla uirtutis* em Tácito. A personagem dispõe de virtudes de estratégia militar e de governo dignas de um líder. Ele dispõe, como Tácito rememorou algumas vezes, de *uirtus*, que se traduz em outras virtudes individuais éticas e resultantes de uma bravura marcial. Foi reconhecido por sua *gloria*, que maior seria se não tivesse sua vida prematuramente interrompida. O retrato de Germânico, então, se apresenta como um forte contraste à figura do imperador Tibério. Esse contraste é feito em episódios específicos, mas se constrói também ao longo da narrativa por sabermos que Germânico dispunha de qualidades ausentes em Tibério, e, ao contrário, não exibia outras como *inuidia* e *adrogantia*, típicas do imperador.

A ausência de *inuidia* no caráter do general destaca esse traço de seu oposto: ora, a figura que Germânico representa é, portanto, motivo de inveja e terror (*formido*) para o príncipe, tal como Agrícola, com sua *uirtus imperatoria* no auge de sua glória, representou para Domiciano. Mas há que se notar que a oposição entre Germânico e Tibério é ainda maior, na medida em que aquele é um *capax imperii* não só por suas virtudes, mas por ser o sucessor oficial do império. E, com efeito, Tácito não perdeu oportunidades de insistir sobre esse aspecto, lembrando sua ancestralidade e aproximando seus valores do passado. Ademais, seu admirável *fauor* e sua *comitas* são características notáveis que apenas engrandecem a imagem de Germânico como um príncipe nato. Diferentemente de Tibério, como notamos, ele dispunha de todas os pilares que sustentam um líder: apoio militar, popular e o direito hereditário.

Mas algo que temos notado nos retratos são as consequências de uma tal conduta exemplar sob o Principado. E elas dependem, sem dúvida, do *status* ou posição que ocupam as personagens, mas também de determinada postura *vis-à-vis* ao príncipe, descrita por um vocabulário que Tácito parece associar à manifestação da *uirtus* e incorporar ao vocabulário político imperial. Apesar de tudo o que Germânico representa, ele próprio sempre buscou assegurar o poder do príncipe, atentando para a necessidade

de *obsequium* e respeitando ele mesmo essa hierarquia, de modo a não causar ofensas ao imperador. Contudo, o termo *contumelia* (como vimos em Peto, num outro contexto) não deixa de aparecer na narrativa, nas passagens relativas a Pisão. Há que se notar que no relacionamento entre ambos existe justamente a problemática do *obsequium x imperium*, que Pisão, por sua vez, não soube respeitar. Inclusive, toda ação de Germânico torna-se uma ofensa que, na narrativa taciteana, culmina em sua morte (por suposto envenenamento). Então, talvez não seja despropositado aventar a ideia de que na narrativa sobre Germânico a *contumelia* também é um termo essencial, na medida em que não lhe permite a sobrevivência com sua *uirtus*, sob um mau príncipe que, no caso, é representado por Pisão.

O *exemplum* que Germânico representa não é, no entanto, desprovido de problemas. Como apontamos, há diversos aspectos em sua conduta que se afastam algumas vezes de qualidades como a clemência, pois que acaba por ser excessivamente violento e por tomar decisões militares que podem ser questionadas. Nesse sentido, há que se considerar as leituras de Pelling (1993) e de Williams (2009), que veem de modo interessante as inconsistências do retrato do general. Germânico pode ser uma representação do próprio sistema político em si, o Principado, suas potencialidades e instabilidades; daí uma caracterização contemplada por traços positivos e negativos.⁸⁹ Pelling tende a ver no retrato do comandante uma nostalgia taciteana do passado republicano,⁹⁰ traço que já comentamos. Seu retrato, assim, se desloca entre ideias passadas, mas revela ideologias e contradições presentes.⁹¹ Para Williams, essas contradições se materializam, inclusive, na composição da personagem e suas ações. Segundo a pesquisadora, “o retrato completo de Germânico apresentado por Tácito reflete o potencial possível para boas e más ações nessa nova forma de governo ainda em desenvolvimento em Roma”.⁹²

Essas são apenas algumas apreciações gerais do retrato de Germânico, um *exemplum* sobretudo militar na época de Tibério. Por isso, vale também notar, suas qualidades diferem bastante daquelas das personagens do capítulo anterior, mas se aproximam em grande medida das de Agrícola. Nesse sentido, ou seja, tendo em vista a

⁸⁹ Pelling (1993); Williams (2009). Acrescentamos a leitura de Devillers (2012), que se insere na esteira desses trabalhos e ainda amplia a análise da representação do retrato de Germânico para uma analogia com a escrita historiográfica sob o Principado, assim como a construção da personagem, marcada por incertezas e dificuldades.

⁹⁰ PELLING, 1993, p. 304.

⁹¹ BALMACEDA, 2017, p. 214; WILLIAMS, 2009, p. 129.

⁹² WILLIAMS, 2009, p. 129: “The complete picture of Germanicus presented by Tacitus reflects the potential for the good and bad actions possible within this still-developing new form of government in Rome”.

questão da *gloria militar* e a *uirtus*, vejamos na sequência o retrato de outro general renomado, que atuou sob o principado de Nero.

Domício Corbulão: *uirtutes criminatae*

An excidit trucidatus Corbulo? – “Acaso fuge-te à memória Corbulão massacrado?” – indaga Muciano de modo enfático, em seu longo discurso nas *Histórias*.¹ Essas poucas palavras parecem revelar algo sobre o general: uma figura cuja importância e memória perduraram, tornando-se inspiração e exemplo.² Nota-se que *trucidatus* ecoa o modo como o historiador expressa posteriormente, nos *Anais*, a situação dos *insignes uiri* sob Nero: *Trucidatis tot insignibus uiris ad postremum Nero uirtutem ipsam excindere concupiuit*.³ Além disso, não só a sonoridade de *excindo* e *excido*, mas também a similaridade semântica dos verbos aproxima, a nosso ver, as duas passagens, tendo como efeito também a conexão entre o general e essas personagens *insignes*. Ainda nas *Histórias*, Tácito relembra que Ário Varo, em conluio com Nero, “incriminou as virtudes de Corbulão” (*Corbulonis uirtutes criminatus*).⁴

Essas duas reminiscências da memória de Domício Corbulão nas *Histórias* trazem dois aspectos cruciais quanto à caracterização dos homens de *uirtus*: sua criminalização e a violência que se impõe à morte deles, especialmente no período neroniano.⁵ Além disso, a partir das *Histórias* sabe-se que o general é um *exemplum uirtutis*. Domício Corbulão teria se suicidado a mando do imperador Nero, por volta do fim de 66 ou início de 67 d.C., após ter sido exilado, segundo relata o historiador Dião Cássio.⁶ Segundo Syme, o general teria se tornado *capax imperii*,⁷ uma grande ameaça a qualquer *princeps*.

¹ TAC., *Hist.*, 2.76.3.

² HELLEGOUARC'H, 1990, p. 220. Ash (2006) elenca alguns fatores, literários e históricos, que contribuíram para a formação de um imaginário (predominantemente positivo) a respeito de Corbulão na história romana: a narrativa sentimental de sua morte por parte de Dião Cássio, o casamento de sua filha, Domícia Longina, como o primeiro imperador da dinastia flaviana, Domiciano, e, enfim, a escrita de suas memórias, que serviram como fonte tanto para Tácito, quanto para Plínio, o Velho. Para a carreira de Corbulão e seu possível envolvimento com a conspiração de Pisão, vide Syme (1970) e os trabalhos de Vervaeke (1999; 2002).

³ TAC., *Ann.*, 16.20.1: “Trucidados tantos homens ilustres, por fim Nero quis aniquilar a própria virtude”. Vide capítulo 2 desta seção, p. 106.

⁴ TAC., *Hist.*, 3.6.1. Ário fora colega de Corbulão em expedições passadas. Sobre Corbulão ser incriminado por participar da conspiração de Vindice, veja-se Vervaeke (2002).

⁵ Conferir também Syme (1958, p. 579-80) e a relação entre *nobiles*, *homines noui* e Nero. Corbulão é ainda mencionado na passagem 3.24, quando Antônio Primo relembra à terceira legião seus sucessos de outrora, sendo um deles sobre os partas.

⁶ DIÃO CÁSSIO, 62.17: “Assim que ele entendeu a ordem, pegou a espada, ferindo a si mesmo fortemente, disse: ‘Merecido!’/Pois então, de fato, pela primeira vez ele entendeu que tinha/agido mal, tanto ao poupar o tocador de cítara [Nero] e ao ir até ele desarmado”. (“As soon as he understood the order, he took a sword, /and striking himself robustly, said, ‘Just deserts!’ /For then indeed, for the first time, he understood that he had/acted badly, both in sparing the cithara player [Nero] and/in coming to him unarmed”). Tradução para o inglês: ASH, 2006, p. 358. Veja-se também Vervaeke (2002, p. 176 e ss.), sobre o suicídio do general.

⁷ SYME, 1970, p. 27; BENARIO, 1972, p. 23.

Vervaeet assinala que “ele foi um *senex triumphalis*, e como comandante de um excelente exército durante mais de dez anos, em circunstâncias difíceis, provou mais do que o suficiente ser um *capax imperii*”.⁸ Os motivos que levaram a esse desfecho, entretanto, não nos chegaram através de Tácito; é possível que os eventos referentes aos últimos anos da vida do general tenham sido narrados na parte perdida dos *Anais*.

Os eventos dos *Anais* protagonizados por Corbulão foram observados sob diferentes perspectivas. Ronald Syme (1958) e Herbert Benario (1972) o consideraram mais um dos heróis taciteanos, enquanto estudos posteriores como o de Kristine Gilmartin (1973) e, mais tarde, de Frederik Vervaeet (1999; 2002), defendem que a figura de Corbulão é pretexto para a ênfase na questão da política externa de Roma no Oriente à época.⁹ Consequentemente, sob essa ótica, o retrato do general não seria construído como contraste a Nero e como vítima do ciúme do príncipe devido a suas virtudes, mas como contraponto a políticas de outro *princeps*: Trajano.¹⁰ Estudos mais recentes têm revisitado a narrativa sobre Corbulão; são exemplos os de Ash (2006), que apresenta uma visão ponderada de sua imagem, reflexo das tensões que se colocam entre República e Império; o de Strunk (2017), que o considera um dos generais mais celebrados em Tácito e um grande exemplo de *libertas* militar;¹¹ e o de Balmaceda (2017), que investiga, como pretendemos em nossa análise, as qualidades de Corbulão e sua *uirtus*.

O retrato de Corbulão se constrói a partir de seu protagonismo em dois enredos nos *Anais*, de Tácito. Começamos pelo livro 11, no qual ele, como legado da legião, é o responsável pela pacificação da Germânia inferior, sob o principado de Cláudio. Já nesse episódio, podemos estabelecer pontos de contato entre esse general e Germânico, a começar pelo fato de que ambos atuaram entre os germânicos, a fim de assegurar o poder romano. Ademais, o procedimento retórico de Tácito para apresentar os feitos de Corbulão é muito semelhante ao presente na descrição de Agrícola e Germânico. Ele enumera as diversas ações do general, mostrando seu trabalho com as tropas:

At Corbulo, prouinciam ingressus, magna cum cura et mox gloria, cui principium illa militia fuit, triremis alueo Rheni, ceteras nauium, ut quaeque

⁸ VERVAET, 2002, p. 182: “He was a *senex triumphalis*, and as commander of an excellent army during more than ten years in difficult circumstances had provided ample proof of his being *capax imperii*”.

⁹ Esses autores justificam esse argumento pela ausência de uma caracterização mais elaborada por parte de Tácito, como a ausência de discursos atribuídos à personagem. GILMARTIN, 1973, p. 622; VERVAET, 1999, p. 297. Cf. BENARIO, 1972, p. 23; SYME, 1958, p. 492 e 579.

¹⁰ Vervaeet (1999; 2002); Gilmartin (1973, p. 583 *et passim*). Também Syme (1958, p. 594).

¹¹ STRUNK, 2017, p. 68, especialmente nota 88. O autor pontua que a imagem desse comandante tanto ilustra virtudes como pode também servir para ilustrar um contexto político, como sugere Vervaeet (1999).

habiles, per aestuaria et fossas adegit; luntribusque hostium depressis et exturbato Gannasco, ubi praesentia satis composita sunt, legiones, operum et laboris ignauas, populationibus laetantes, ueterem ad morem reduxit, ne quis agmine decederet nec pugnam nisi iussus iniret. ³ *Stationes, uigiliae, diurna nocturnaue munia in armis agitabantur; feruntque militem, quia uallum non accinctus, atque alium, quia pugione tantum accinctus, foderet, morte punitos. Quae, nimia et incertum an falso iacta, originem tamen e seueritate ducis traxere: intentumque et magnis delictis inexorabilem scias, cui tantum asperitatis etiam aduersus leuia credebatur.*

Corbulão, depois de entrar na província, com enorme cuidado, logo conquistou a glória – que começou para ele a partir dessa campanha. Fez as trirremes descerem pelo leito do Reno e os demais barcos, pelos estuários e canais aos quais eram adequados. Depois de afundar as canoas inimigas e expulsar Ganasco, quando a situação estava suficientemente restabelecida, reconduziu à disciplina antiga as legiões que, ociosas quanto ao trabalho e à fadiga, divertiam-se com pilhagens: que ninguém saísse da marcha ou fosse à luta sem que ele ordenasse. Guardas, vigílias, tarefas diurnas e noturnas eram realizadas com armas. Dizem que um soldado, porque cavava uma trincheira desarmado, e também um outro, porque armado apenas com um punhal, foram punidos com a morte. Essas histórias exageradas, se incertas ou falsas, se originaram, contudo, da severidade do comandante. Acreditava-se que tenha sido rigoroso e inexorável em relação a grandes delitos, quem era duro demais até quanto aos leves.¹²

A sequência de ações delinea o modo como Corbulão trabalha; primeiro, Tácito sublinha que o general adentra o território com *magna cura*, distribuindo suas tropas pelo rio de modo eficaz, logo garantindo sua glória.¹³ Então, o historiador segue a descrição expondo as qualidades que garante ao chefe a glória militar e que fazem dele um exemplo de comandante. Destacamos, então, o emprego de *ignauia* e de *seueritas* no texto latino.

A presença e a atitude de Domício Corbulão contrastam com a indolência (*ignauia*) dos soldados germânicos, um traço que coloca em relevo sua atividade, a qual lhe permitiu derrotar o inimigo e disciplinar as legiões. É importante observar ainda o fato de que ele reconduziu tropas entregues ao vício da indolência à “antiga disciplina”, algo que Tácito menciona frequentemente no contexto militar. Vimos há pouco que Germânico, ao dialogar com as tropas em motim, invoca a *uetera disciplina*. Esse aspecto é um dos que liga tais generais a uma tradição republicana.¹⁴ A *ignaua* dos soldados e sua situação, destacadas pelo quiasmo no texto latino, são revertidas pela disciplina e severidade do chefe, qualidade essa que Tácito ilustra por meio de uma anedota, não necessariamente verdadeira, como ele mesmo acrescenta. Mas o recurso da anedota apenas gera uma suspeita, por enquanto, a respeito da qualidade do general. Ash aponta, nesse sentido, que

¹² TAC., *Ann.*, 11.18.2-3.

¹³ A incursão de Corbulão no rio Reno ecoa em grande medida as passagens *Ann.*, 2.8 e *Agr.*, 18, referentes a expedições aquáticas de Germânico e Agrícola, respectivamente. Vide ASH (2006, p. 360).

¹⁴ BALMACEDA, 2017, p. 218; MALLOCH, 2013, p. 271.

há na narrativa um jogo de imagem e realidade que prepara o leitor a avaliar como o mito em torno de sua rigidez se desenvolve.¹⁵

A imagem proposta por Tácito de imensa severidade possivelmente quanto a pequenas coisas se concretiza de certa forma no início do capítulo seguinte, no qual vemos efeitos da *seueritas* do chefe: “Ademais, o terror dessa [severidade] abalou soldados e inimigos de modo contrário: nós, romanos, aumentamos nosso valor; os bárbaros tiveram o orgulho ferido” (*Ceterum is terror milites hostesque in diuersum adfecit: nos uirtutem auximus, barbari ferociam infregere*).¹⁶ Então, apesar de parecer uma severidade abusiva e exacerbada, a qualidade do chefe desperta a *uirtus* dos soldados, um sentimento imprescindível no âmbito marcial. É interessante o uso inclusivo da primeira pessoa plural por Tácito: tende-se a uma identificação com o sentimento de *uirtus* pelos soldados que se estende a todos os romanos.¹⁷ Em seguida, Tácito enumera as ações de Corbulão que lhe garantissem a submissão dos Chaucos e o sucesso da empreitada. Uma delas é o envio de emissários a Ganasco, cujo objetivo era tramar sua morte (“ao mesmo tempo, atacaram Ganasco usando de artimanha; *simul Gannascum dolo adgrederentur*).¹⁸ O uso de *dolus* por Tácito nessa passagem levou a algumas revisões sobre a conduta do general, tendo em vista que o termo latino é amiúde usado com conotação negativa na literatura imperial.

Segundo Ash, o emprego do vocábulo *dolus*, embora o termo não seja necessariamente pejorativo, sobretudo no contexto das relações com povos estrangeiros, pode ser um elemento que contribua para uma visão negativa do general, ou menos idealizada, posto que a questão da trapaça e do uso de artimanhas não militares durante suas campanhas está presente na narrativa de episódios posteriores, como em sua atuação na Armênia.¹⁹ Entretanto, o historiador explica que o rei germânico cometera perjúrio (*uiolator fidei*), de modo a justificar o ato de Corbulão; sua ação foi recebida com opiniões divergentes em Roma:

Sed caede eius motae Chaucorum mentes, et Corbulo semina rebellionis praebebat, ut laeta apud plerosque, ita apud quosdam sinistra fama: cur hostem conciret? aduersa in rem publicam casura; sin prospere egisset, formidosum paci uirum insignem et ignauo principi praegrauem. Igitur

¹⁵ ASH, 2006, p. 363.

¹⁶ TAC., *Ann.*, 11.19.1. Ver também Balmaceda (2017, p. 218).

¹⁷ MALLOCH, 2013, p. 278; STRUNK, 2017, p. 69.

¹⁸ TAC., *Ann.*, 11.19.2.

¹⁹ ASH, 2006, p. 369. Ash traz também a referência de Estácio (*Siluae*) que igualmente coloca a trapaça como um “recurso militar” de Corbulão (*idem*, p. 361). Malloch (2013, p. 263), por outro lado, considera que o assassinato é coerente dentro da aproximação diplomática que Corbulão representa.

Claudius adeo nouam in Germanias uim prohibuit ut referri praesidia cis Rhenum iuberet.

Porém, sua morte [de Ganasco] abalou a mente dos Chaucos, e Corbulão plantava sementes de revolta, o que entre muitos era recebido com alegria, mas entre outros, visto de modo negativo: “Por que provocava o inimigo? Problemas recairiam sobre a república. Se tivesse sucesso, esse homem insigne seria ameaça à paz e um grande fardo para um príncipe acovardado. Então, Cláudio proibiu um novo ataque à Germânia, de maneira que ordenou que os acampamentos fossem transferidos para o outro lado do Reno.”²⁰

Tácito insere perguntas retóricas que revelam muito sobre ser um comandante durante o Principado. Corbulão parecia estar preparado para qualquer enfrentamento proveniente de sua provocação, que parecia, porém, estar além de sua autoridade: um início de guerra devia ser ordenado pelo imperador. Por que Corbulão o fazia? Por que perseguir uma glória que pudesse ser nociva à *res publica*? Por outro lado, Tácito insere a tensão tão corrente que temos visto, característica das relações de poder imperiais: se ele fosse bem-sucedido, seria um problema para o príncipe. Se ações de Corbulão aumentam a *uirtus* de seu povo, também colocam em evidência a *ignauia* de Cláudio, covardia não poucas vezes lhe atribuída por Tácito.²¹ Essa tensão se fortalece ainda mais pelo quiasmo que opõe *uir insignis* e *ignauus princeps*, pois, ao nomear Corbulão assim, Tácito demonstra como, em certa medida, ele se sobressaía ao poder do imperador, que devia ser o mais insigne e importante.

A nomeação já anuncia, diríamos, o final trágico da personagem sob o principado de Nero, entre homens grandiosos, que mencionamos no início deste capítulo. Esse breve excerto nos apresenta ainda outro vocábulo importante, que produz um eco dos demais gerais que analisamos, tanto pelo termo em si, quanto pelo contexto em que é utilizado. O adjetivo *formidosus* é usado do mesmo modo no *Agrícola*, quando da ameaça representada pelo general a Domiciano, o que demonstra que o general realmente se tornou um inconveniente para o príncipe.²² Como é de praxe, antes que Corbulão obtivesse maior glória militar, Cláudio, intimidado, exige que o comandante, com tropas já instaladas para o ataque, bata em retirada – um comportamento típico do imperador

²⁰ TAC., *Ann.*, 11.19.3.

²¹ TAC., *Ann.*, 13.6.3. Tácito compara pela opinião pública seu principado com o de Nero: “Contrariamente, outros disseram que tinha acontecido algo melhor do que se Cláudio, debilitado pela velhice e indolência, fosse convocado à labuta de uma campanha, tendo de obedecer a ordens *servis*” (*Contra alii melius euenisse disserunt quam si, inualidus senecta et ignauia, Claudius militiae ad labores uocaretur, seruilibus iussis obtemperaturus*).

²² TAC., *Agr.*, 39. BENARIO, 1972, p. 23. Malloch (2013, p. 287) e Strunk (2017, p. 54 e ss.), especialmente sobre *formido*. No retrato de Germânico, indicamos como o general é associado ao pavor do príncipe quanto ao império; ali Tácito emprega o substantivo *formido*. Veja-se p. 156 deste capítulo.

que se vê prestes a testemunhar o sucesso de ilustres generais, como ocorrera com Agrícola e Germânico.

O comportamento de Cláudio César nos leva a retomar a proposição taciteana quanto à *uirtus imperatoria: ducis boni imperatoriam uirtutem esse*.²³ Ao chamar o general de volta, o imperador reafirma seu poder. Vale a pena lembrar, portanto, que, durante o principado de Tibério, Germânico é convidado a retornar a Roma logo antes de obter mais glória;²⁴ o mesmo faz Domiciano, quando Agrícola está em vias de finalizar seus planos na Britânia, o que aumentaria sua glória.²⁵ Nesse contexto, podemos dizer que a caracterização de Corbulão, *a priori*, também o situa nesse lugar de emulação do príncipe devido a suas qualidades militares, que o tornam uma ameaça ao príncipe e o colocam em risco. Seria possível considerar que isso se revela pela resposta do general a esse chamado; ele, a despeito do medo do imperador (*metus ex imperatore*), aponta Tácito, não diz nada além de “quão felizes eram outrora os chefes romanos!” (*quam “Beatos quondam duces Romanos!”*).²⁶ Essa expressão, para Ash, “obviamente evoca o *topos* imperial do imperador ciumento que restringe generais talentosos e de modo nostálgico evoca os mais nobres dias da República”.²⁷ Além disso, sua fala opera como outro recurso de aproximação do general a um *éthos* republicano. Não obstante, ao obedecer ao príncipe, Corbulão demonstra consciência dos perigos dos tempos em que vive. Assim, pela similaridade dos eventos e pela linguagem (uso de *formidus/formido*), Tácito une a imagem de três de seus generais que, atuando em diferentes épocas, simbolizaram um mesmo tipo de ameaça ao príncipe, devido às suas virtudes militares.

Resumindo o seu retrato no décimo primeiro livro, temos um comandante descrito pela *seueritas* e por atributos que revelam sua *scientia militaris* e que, já tendo obtido sua *gloria*, representa uma ameaça ao príncipe, porque um *uir insignis*. Nesse sentido, a narrativa sobre a Germânia inferior tem um caráter programático no que concerne à carreira de Corbulão sob Nero, que observaremos agora no livro 13.

No ano de 58 d.C., Corbulão foi designado procônsul da Ásia. Nos eventos que se sucedem, a caracterização do comandante continua a ser elaborada a partir desses eixos do livro 11: reitera-se sua *seueritas* frente à *ignauia*, esse vício tão característico do

²³ TAC., *Agr.*, 39.2. Vide primeiro capítulo desta seção, p. 78.

²⁴ TAC., *Ann.*, 2.26.

²⁵ TAC., *Agr.*, 40.

²⁶ TAC., *Ann.*, 11.20.1.

²⁷ ASH, 2006, p. 363: “pointedly evokes the imperial *topos* of jealous emperor restraining talented generals and nostalgically recalls the more dashing days of the republic”. Vide também Balmaceda (2017, p. 216); Malloch (2013, p. 263) e Vervaeke (2002, p. 172).

Principado. A primeira menção da personagem ocorre no capítulo 08 do livro 13, que focaliza uma época em que a juventude de Nero causava inquietação quanto à sua habilidade de imperar e em que problemas no império armênio aconteciam. Mas às ações estratégicas do jovem príncipe o senado reagia com a adulação de praxe, que Tácito sempre nota nos relatos senatoriais. Depois de os senadores votarem honrarias tais como o uso das vestes triunfais, o historiador completa que “estavam felizes para além da costumeira adulação, porque [Nero] colocara Domício Corbulão no comando da manutenção da Armênia e parecia ter aberto espaço às virtudes” (*praeter suetam adulationem laeti quod Domitium Corbulonem retinendae Armeniae praeposuerat uidebaturque locus uirtutibus patefactus*).²⁸ O historiador associa o comandante a *uirtutes*, sugerindo que em sua atuação na Armênia ele daria prova de qualidades dignas de homens de *uirtus*. Entretanto, isso se apresenta, por enquanto, apenas como possibilidade, como se depreende do verbo *uidebatur* no excerto, repetindo aqui um jogo de aparência e realidade quanto às características do general, já presente no livro 11. Gilmartin nota que a imagem de Corbulão como um representante de virtudes e sua popularidade ainda se configuram como uma aparência.²⁹ Ademais, o trecho aponta para uma possibilidade de expressão de *uirtus*, pelo menos por parte deste chefe:³⁰ as tropas seriam divididas entre Corbulão e Umídio Quadrado, governador da Síria, personagem que serve de ponto contraste na narrativa, um recurso literário que Tácito abundantemente utiliza na composição dos retratos. A primeira oposição, com efeito, se observa na recepção dos chefes pelos soldados; segundo Tácito, ambos tinham a mesma autoridade,

sed studia eorum in Corbulonem proptiora erant. ³ Qui, ut <instaret> fama, quae in nouis coeptis ualidissima est, itinere propere confecto, apud Aegeas, ciuitatem Ciliciae, obuium Quadratum habuit, illuc progressum, ne, si ad accipiendas copias Syriam intrauisset Corbulo, omnium ora in se uerteret, corpore ingens, uerbis magnificis et, super experientiam sapientiamque, etiam specie inanium ualidus.

Mas a preferência deles [reis aliados] por Corbulão era muito evidente. Ele, a fim de estar no encalço da fama – importantíssima em novas empreitadas –, completou seu trajeto às pressas, chegando a Egeu, cidade da Sicília. No caminho, encontrou Quadrado, que se adiantara temendo que se Corbulão entrasse na Síria para acolher suas tropas, atrairia a si todos os olhares: tinha um corpo imponente, uma magnífica oratória, e para além de sua experiência e sabedoria, forte por causa de traços insignificantes.³¹

²⁸ TAC., *Ann.*, 13.8.1.

²⁹ GILMARTIN, 1973, p. 586.

³⁰ BALMACEDA, 2017, p. 219.

³¹ TAC., *Ann.*, 13.8.2-3.

A figura de Umídio Quadrado é diminuída logo de início pela imagem grandiosa de seu companheiro; Corbulão era atraente por causa de inúmeros motivos, desde qualidades físicas e intelectuais até mesmo às coisas mais banais. Tácito o representa como uma figura robusta e que, além disso, dispunha de experiência e sabedoria, duas qualidades caras ao bom general e que ligam o comandante à imagem de Agrícola e Germânico, que também foram caracterizados por sua *sapientia*. Esses atributos intimidariam não só os inimigos, mas também o próprio Umídio, que se sente ameaçado, temendo perder suas tropas. Tácito deixa claro no início desse capítulo que Corbulão está no encaixe da fama – pois que era consciente de sua importância desde o início das investidas militares,³² o que demonstra sua destreza militar e contribui para a tensão entre os dois chefes. Com efeito, uma querela entre eles se instaura durante uma negociação com os partas e Tácito acentua novamente o prestígio de que Corbulão dispõe, nesse caso devido à sua *gloria (recentem gloria)*.³³ Acresce-se então à caracterização do comandante o fato de que ele tinha *studia militum*, fator importante para a *auctoritas*.

Tendo feito esse breve contraste, Tácito retoma o enredo da campanha apenas no capítulo 34, ano 55 d.C. Então relata que nesse ano a disputa entre partas e romanos se complica e que Corbulão “considerava digno da grandeza do povo romano recuperar o que fora outrora conquistado por Luculo e Pompeu” (*et Corbulo dignum magnitudine populi Romani rebatur parta olim a Lucullo Pompeioque recipere*).³⁴ Essa associação com os generais tem como gérmen a imagem anterior de Corbulão e ocorre ainda em momento futuro de sua caracterização. Ash argumenta que o “Corbulão de Tácito enxerga a si mesmo (correta ou equivocadamente) numa relação equivalente a seus predecessores republicanos [...]”,³⁵ o que vimos em seu discurso, em sua *seueritas*. A alusão a Luculo,

³² Essa questão do sucesso militar desde o primeiro momento da campanha se apresenta na narrativa sobre outros generais, como Agrícola e Aulo Cecina (sobre o qual ainda trataremos). No entanto, é interessante notar que Tácito emprega para esses últimos uma estrutura construída com *gnarus... cetera fore* mais a ideia de glória para relatar a previsão de seus generais no que diz respeito à ação e ao objetivo a ser alcançado. Em relação a Cecina temos: *gnarus, ut initia belli prouenissent, famam in cetera fore (Hist., 2.20.2: “sabendo que, se o início da guerra corresse bem, teria renome nas demais coisas”)* e em Agrícola: *non ignarus instandum famae ac, prout prima cessissent, terrorem ceteris fore (Agr., 18.4: “sem ignorar a necessidade de perseguir o sucesso, pois, se uma primeira expedição prosperasse, haveria terror nas demais”)*. Ash (2006, p. 364 e nota 27) também aponta tal semelhança.

³³ TAC., *Ann.*, 13.9. GILMARTIN, 1973, p. 589. A autora considera a passagem um exemplo da não relevância da figura da personagem em si para o relato sobre a Armênia. Segundo ela, Tácito fornece uma amostra das ações diplomáticas no exterior, que não podem se submeter a querelas, tendo em vista a confiança de Roma em seu general escolhido.

³⁴ TAC., *Ann.*, 13.34.2. O general Luculo foi o primeiro romano a entrar na Armênia, em 69 a.C., transferindo em seguida o comando da campanha para Pompeu, em 66 a.C., que subordinou o reino ao Império romano, mas mantendo um rei parta.

³⁵ ASH, 2006, p. 366: “Tacitus’s Corbulo sees himself (rightly or wrongly) in an agonistic relationship with his republican predecessors [...]”.

por parte do historiador, de fato, não é despropositada aqui, se temos em mente que o capítulo seguinte ecoa o Luculo de Plutarco, conforme afirma Ash.³⁶

Tácito conta que Corbulão recebeu algumas legiões sírias ociosas, indolentes por causa de um longo tempo de paz (*pace longa segnes*) e descreve detalhadamente seu treinamento, especialmente durante o inverno, quando raramente havia campanhas. “Mas Corbulão tinha mais vigor contra a indolência dos soldados do que contra a deslealdade do inimigo” (*Sed Corbuloni plus molis aduersus ignauiam militum quam contra perfidiam hostium erat*).³⁷ E, então, novamente a *seueritas* do general é apresentada como remédio. No livro 11, Tácito já havia se utilizado de anedotas extremas para ilustrar essa qualidade; agora, elabora uma imagem perfeita de inflexibilidade:

Adnotatusque miles, qui fascem lignorum gestabat, ita praeriguisse manus ut, oneri adhaerentes, truncis brachii deciderent. ⁴ Ipse, cultu leui, capite intecto, in agmine, in laboribus frequens adesse, laudem strenuis, solacium inualidis, exemplum omnibus ostendere. Dehinc, quia duritia caeli militiaeque multi abnuebant deserebantque, remedium seueritate quaesitum est. Nec enim, ut in aliis exercitibus, primum alterumque delictum uenia prosequebatur, sed qui signa reliquerat, statim capite poenas luebat. Idque usu salubre et misericordia melius apparuit: quippe pauciores illa castra deseruere quam ea in quibus ignoscebatur.

Notou-se um soldado que transportava um feixe de varas, cujas mãos tinham congelado de tal jeito, que chegaram a cair de seus braços grudados no tronco. Ele próprio [Corbulão], com vestimenta leve, fronte descoberta, marchando, lutava sempre contra a fadiga, mostrava louvor aos diligentes, consolo aos inválidos e exemplo a todos. Por causa da dureza do clima e da campanha, muitos se recusavam e desertavam, então a severidade foi um remédio necessário. Assim, nem o primeiro, nem o segundo delito era perdoado como nos outros exércitos; aquele que abandonasse seus estandartes, Corbulão imediatamente punia com pena capital. Esse costume pareceu mais salutar que a complacência: pois houve menos desertores nesse acampamento do que naqueles em que havia perdão.³⁸

Tácito relata em detalhes a anedota em que um soldado tem seus braços amputados pelo frio, pretexto para caracterizar o general: Corbulão mostrava-se como um *exemplum* para enfrentar as adversidades do clima – ele mesmo encara o inverno com cabeça descoberta, roupas leves. Tácito avalia nesta passagem que a *seueritas* de Corbulão era necessária para conter o número de deserções: ainda que punir os soldados com pena capital ao sinal do primeiro delito tenha parecido ser uma medida extrema (a *seueritas* antes foi considerada *terror*; *Ann.*, 11.19.1), isso trouxe resultados positivos

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ *TAC., Ann.*, 13.35.1. No livro 15, novamente, mostra-se a capacidade de Corbulão para tornar tropas vulneráveis exércitos preparados (*TAC., Ann.*, 15.26.1).

³⁸ *TAC., Ann.*, 13.35.3-4.

para as legiões e, conseqüentemente, para as campanhas posteriores. Mais uma vez, a ideia em torno da personagem se constrói a partir do jogo entre aparência e realidade.

Num primeiro momento, o exemplo que Corbulão dá, suportando ele mesmo o inverno, torna-se realidade quando se veem os resultados de sua *seueritas*: dentre os seus, houve muito menos desertores do que nos exércitos onde havia perdão.³⁹ É interessante observar que tal qualidade parece operar aqui do ponto de vista do pragmatismo, na medida em que Tácito não a louva, mas reconhece a sua necessidade. Ademais, também não elabora qualquer ressalva quanto a seu caráter quase extremo, algo que veremos no retrato de Galba, nem a modaliza, como o faz quando fala sobre a severidade de Agrícola: ele acrescenta o verbo *commodare* (*seueritatem commodare*; *Agr.*, 19.3), demonstrando o equilíbrio ou como o sogro sabia amenizar a rigidez – algo primordial na política imperial, a partir dos relatos taciteanos.⁴⁰ Isso significa, parece-nos, que qualidades que remontam ao período republicano agora precisam ser readequadas sob o valor da moderação. Entretanto, isso não ocorre aqui porque Corbulão representa essa conduta antiga, quando a *seueritas* militar era louvável, dando provas de que esse tipo de general virtuoso podia também agir sob o Principado.

Os capítulos seguintes narram as negociações entre os líderes de cada parte; depois de esgotar as possibilidades de um acordo com Tirídates, Corbulão toma e destrói a cidade de Artaxata. Tácito aponta qualidades do estereótipo de general em Corbulão, como a providência (*prouido duci*), sua capacidade em exaltar seus soldados (*hortatur milites*), mostrando-lhes a possibilidade de *gloria* diante da covardia do inimigo,⁴¹ entre outras que reforçam sua *scientia militaris*,⁴² que lhe permitem então a vitória, consagrando Nero com o poderoso título de *imperator*. Em Roma, o *princeps* recebe o triunfo.⁴³ As demais ações do comandante, para garantir a submissão completa dos partas, foram baseadas na imposição do medo, e algumas leituras do episódio veem em Tácito uma crítica ao

³⁹ GILMARTIN, 1973, p. 593.

⁴⁰ A *seueritas* é duramente criticada no retrato de Galba, visto que Tácito a considerava inadequada para aqueles tempos (*Hist.*, 1.5.2 e 18.3). Trataremos disso no capítulo seguinte. No capítulo 36, Corbulão age mais uma vez de modo severo quanto à disciplina das tropas (cf. *Ann.* 13.36). Ver também Ash (2006, p. 362).

⁴¹ TAC., *Ann.*, 13.39.2. A descrição do comandante nesta passagem nos faz lembrar de Agrícola (*Agr.*, 34-5) encorajando seus soldados a enfrentar Cálgaco e seus homens. Gilmartin (1973, p. 596-7) ressalta que o general não recebe tanta distinção em sua atuação militar como outros generais, tais quais Suetônio Paulino ou Germânico, ainda que o texto taciteano se mostre semelhante em alguns momentos.

⁴² Veja-se o artigo de Meulder (1995, p. 76-80) para uma compilação das qualidades militares de Corbulão, baseadas no *Man.*, de Cícero, que também consideramos em nossa abordagem.

⁴³ TAC., *Ann.*, 13.41.

comandante.⁴⁴ Entrando em Tigranocerta, pensava que “ou intensificaria o medo dos inimigos com sua destruição, ou, se os poupasse, obteria a fama da clemência” (*excisis metum hostium intenderet, uel, si pepercisset, clementiae famam adipisceretur*).⁴⁵ Percebe-se que o comandante deliberadamente cria uma situação para adquirir o renome da *clementia*, uma virtude imperial, mas que era um atributo também dos comandantes do passado (César, por exemplo). Nesse caso, a virtude de Corbulão é dada como uma aparência, uma vez que ele deseja fazer-se crer clemente, mas não se sabe se o de fato é (Artaxata, por exemplo, fora totalmente arrasada e saqueada). Com efeito, Tácito descreve que o chefe romano procedera de diversas maneiras: perdoava os que se rendiam (*miser cordia*), tinha rapidez (*celeritas*) em relação aos fugitivos,⁴⁶ e apenas sua *patientia* era capaz de amenizar as dificuldades enfrentadas pelas tropas, das quais ele mesmo partilhava (*sola ducis patientia mitigabantur*).⁴⁷ Não obstante sua estratégia inicial, a caracterização de Corbulão segue apresentando *uirtutes* necessárias ao *summus imperator*.

Depois de reconquistar a Armênia, Corbulão é posto no governo da Síria, devido à morte de Umídio Quadrado. Entre os anos 63 e 64 d.C., Corbulão volta a negociar na Armênia, devido ao descontentamento gerado pela ocupação do trono por um rei estrangeiro. Com a vitória do general, Nero nomeara o rei Tigrane. Tácito atribui a Vologeso, rei parta, um discurso em defesa do nome de seu irmão Tirídates para o trono, no qual menciona valores romanos que serão importantes para a sequência narrativa: como a força (*uis*), a *gloria* e a *modestia*. Consideramos esses pontos interessantes, porque a partir deles se guia a conduta de Corbulão nessa querela. Ele age moderadamente, postergando ao máximo envolver-se em batalhas armadas, mas mostrando suas habilidades táticas. Ele é, portanto, diplomático. A principal preocupação do chefe é, descreve Tácito, preservar a sua glória. Desse modo, Corbulão retira suas tropas da Síria, pois, apesar de seus sucessos anteriores, “calculou que deveria usar da fortuna com moderação” (*moderandum fortunae ratus*).⁴⁸ Ao invés das armas, Corbulão insiste pela trégua, porque “não colocaria em risco sua merecida glória de tantos anos (*Corbulo merita tot per annos gloriae non ultra periculum faceret*), revelando, de certa

⁴⁴ ASH, 2006, p. 369; GILMARTIN, 1973, p. 600. Esse episódio é comentado geralmente pelos estudiosos que veem Corbulão com certa ressalva.

⁴⁵ TAC., *Ann.*, 14.23.1.

⁴⁶ TAC., *Ann.*, 14.23.3.

⁴⁷ TAC., *Ann.*, 14.24.1.

⁴⁸ TAC., *Ann.*, 15.5.1: “Corbulão, entretanto, decidiu que deveria moderar sua sorte, a despeito de seus sucessos anteriores [...]”.

forma, prudência.⁴⁹ Ou seja, a conduta moderada e diplomática do general nessa política externa está em função de sua glória e sucesso militar.⁵⁰ Para dar mais destaque a isso, Tácito lança mão da técnica do contraste, inserindo no enredo uma nova figura que contribuirá para a caracterização do retrato de Corbulão.

Com efeito, à estratégia de negociação moderada do general houve reações diversas, segundo narra Tácito, referindo uma série de perguntas retóricas que questionam as decisões do general. O historiador retoma em primeira pessoa (*ut rettuli*) a solicitação que Corbulão enviara anteriormente a Nero de um outro general, como se quisesse responder suas questões. Então, introduz a personagem Cesênio Peto em contraste com a figura de Corbulão e como um concorrente: “Mas Corbulão não admitia um rival, e Peto – que tinha glória suficiente para o segundo lugar – desqualificava seus feitos” (*Sed neque Corbulo aemuli patiens et Paetus, cui satis ad gloriam erat si proximus haberetur, despiciebat gesta...*).⁵¹ Essa aparição de Cesênio como resposta aos questionamentos apresentados por Tácito quanto às estratégias de Corbulão representa, como bem observa Vervaet, a contrapartida expansionista de uma Roma incomodada com a moderação de Corbulão.⁵² Se o general não tinha rivais,⁵³ Cesênio aparece na narrativa de modo a rivalizar com ele, estabelecendo um clima de disputa:

Ceterum Paetus, spretis ominibus, necdum satis firmatis hibernaculis, nullo rei frumentariae prouisu, rapit exercitum trans montem Taurum recipendis, ut ferebat, Tigranocertis uastandisque regionibus quas Corbulo integras omisisset. ² Et capta quaedam castella, glorieque et praedae nonnihil partum, si aut gloriam cum modo aut praedam cum cura habuisset. Longinquis itineribus percursando quae obtineri nequibant, corrupto qui captus erat commeatu, et instante iam hieme, reduxit exercitum composuitque ad Caesarem litteras, quasi confecto bello, uerbis magnificis, rerum uacuas.

Ademais, Peto, desprezando os augúrios e nem tendo ainda fortificado o bastante os acampamentos de inverno, nem provido algum suprimento, arrastou o exército através do monte Touro, a fim de entrar, como dizia, em Tigranocerta e devastar as regiões que Corbulão deixara intocadas. Com efeito, capturadas as fortificações, teria conseguido certa glória e alguma pilhagem se da glória com moderação ou da pilhagem com cuidado tivesse tratado: depois

⁴⁹ TAC., *Ann.*, 15.6.2.

⁵⁰ Segundo Delpuech (1974 *apud* Vervaet, 1999, p. 292), Tácito insere essas considerações de modo a mostrar concordância com tal postura do general.

⁵¹ TAC., *Ann.*, 15.6.4.

⁵² VERVAET, 1999, p. 292. Gilmartin (1973, p. 612) sustenta posição semelhante: Peto representaria o desejo de Nero em transformar a Armênia em província, enquanto Corbulão preza pela manutenção da coexistência de ambos os impérios.

⁵³ Tácito constrói a imagem de Corbulão como um general tão imponente, que mesmo bons generais como Suetônio Paulino, que fora governador da Britânia e cujos talentos militares são frequentemente lembrados por Tácito, invejava seus feitos (*Corbulonis concertator; Ann.*, 14.29.2). Veja-se, sobre Suetônio Paulino, TAC., *Ann.*, 14.29.2: “Suetônio Paulino submetia os britanos, pela perícia da campanha e rumor do Povo” (*Paulinus Suetonius obtinebat Britannos, scientia militiae et rumore Populi*) e *Agr.*, 5.1: “Suetônio Paulino, chefe moderado e diligente” (*Suetonio Paulino, diligenti ac moderato duci*).

de percorrer, por caminhos longínquos, lugares que não podiam ser conquistados, de ter estragado a provisão que tomara e com o inverno já chegando, fez regressar o exército e escreveu uma carta a César como se tivesse findado a guerra, usando uma oratória magnífica e vazia de conteúdo.⁵⁴

A imagem que Tácito compõe do general vai totalmente na contramão daquela do bom comandante.⁵⁵ O trecho expõe um comportamento afobado, desorganizado e que, ao encontro do fracasso, reage maquiando a realidade com palavras grandiloquentes – Corbulão, por sua vez, destaca-se efetivamente por sua grandiloquência. O primeiro ponto notável e que anuncia a má empreitada é a negação dos auspícios, um guia importante para as decisões marciais. Germânico, por exemplo, obteve uma vitória depois de receber um bom presságio. Depois, Cesênio escolhe invadir lugares que Corbulão havia poupado como que para provar sua superioridade e encobre sua falha por meio de cartas enganosas. Vemos nisso a oposição entre realidade e aparência novamente. Peto usa de suas palavras magníficas para dissimular seus insucessos e o texto latino demonstra o ponto de contato entre os generais, mas sinaliza também o contraste: ambos são qualificados por *uerba magnifica* (cf. *Ann*, 13.8.2), porém, apenas Cesênio Peto é acusado de palavras vazias. Isso indiretamente credita a Corbulão valor pelas suas realizações militares concretas em detrimento daquelas inventadas pelo outro.⁵⁶ Outros aspectos contrastivos podem ser notados: enquanto Tácito duas vezes observou a intrepidez de Corbulão no inverno, Peto se apressa por causa do clima; enquanto a *gloria* de Cesênio Peto fica no plano do irreal, por causa da falta de medida e de cuidado, Corbulão a garantira em sua primeira campanha na Germânia, por agir com *magna cura* (*Ann.*, 11.8).

Todo o capítulo seguinte (*Ann*. 15.9) é destinado a narrar como Corbulão habilmente ocupou as margens do Eufrates, protegendo a Síria. No fim, ao mesmo tempo, indica como Peto não dispunha de *providentia*, o que o coloca em risco (*Paetus, imminantium nescius*). Peto continua a ser vítima de uma série de malogros e mais uma vez Tácito coloca em termos da condição irreal o sucesso deste general, que poderia ter acontecido “se Peto tivesse firmeza ou em seus próprios planos ou nos dos outros” (*si Paeto aut in suis aut in alienis consiliis constantia fuisset*).⁵⁷ Porém, faltam-lhe qualidades militares essenciais: *constantia* e *consilium*, que não são atribuídas diretamente a Corbulão, mas podem ser inferidas dos resultados de suas campanhas e

⁵⁴ TAC., *Ann.*, 15.8.1-2.

⁵⁵ Vide a análise de Meulder (1993) sobre Cesênio Peto e a imagem do guerreiro ímpio.

⁵⁶ GILMARTIN, 1973, p. 611.

⁵⁷ TAC., *Ann.*, 15.10.1.

desse contraste.⁵⁸ Pela oposição entre comportamento e resultados, Tácito destaca a imagem de Corbulão como comandante, embora seu elogio ao general não apareça de forma ostensiva ou tão direta, como ocorre com Agrícola ou mesmo Germânico.

A ausência de *scientia militaris* por parte de Cesênio Peto leva à perda de centuriões e soldados e à súplica pelo auxílio de Corbulão: esse evento, ao mesmo tempo que demonstra sua grandeza, desvela a ambição do general pela *gloria* acima de qualquer coisa. Tácito relata sua demora em socorrer as demais tropas, porque “tanto mais aumentasse o perigo, também o louvor pelo socorro seria elevado” (*quo, gliscentibus periculis, etiam subsidii laus augetur*).⁵⁹ A crítica de Tácito nessa passagem é pontual.⁶⁰ a seguir, ele descreve Corbulão como um verdadeiro *dux*: “ao mesmo tempo vai até as suas legiões, exorta-as, relembra-as do passado e mostra a nova glória” (*Simul suas legiones adire, hortari; priorum admonere, nouam gloriam ostendere*), ecoando o discurso de Agrícola a seus soldados antes do enfrentamento liderado por Cálgaco.⁶¹

Em contrapartida, a descrição que Tácito elabora das tropas de Peto é a tal ponto impactante que ela adquire uma força imagética traduzida na consternação dos soldados ao encontrá-las: “cessara a disputa pelo valor e a ambição por glória” (*Decesserat certamen uirtutis et ambitio gloriae*).⁶² Tais desastres não foram suficientes para interromper o afã de Peto, que queria ainda, junto a Corbulão, invadir a Armênia, pois que Vologeso estava ausente. “Corbulão não tinha essas ordens do imperador” (*Non ea imperatoris habere mandata Corbulo*),⁶³ relata Tácito, e seu retorno à Síria demonstra modéstia na medida em que não persiste na busca da glória por essa batalha. Dessa maneira, percebe-se que a imagem de Corbulão, sobretudo em contraste com Cesênio, configura-se como a de um excelente general, embora seja passível de algumas críticas devido à sua relação com a glória. Contudo, entendemos que essas não comprometem seriamente seu retrato, porque esse desejo era inerente à carreira militar, embora demandasse moderação no período imperial. Corbulão, mesmo emulando comandantes do passado, parece perceber isso.

⁵⁸ Lembremo-nos de que foi a firmeza de Agrícola que permitiu a seus soldados realizar com sucesso uma dura travessia na Britânia (*ratio et constantia ducis transuexit*). Ver TAC., *Agr.* 18.5.

⁵⁹ TAC., *Ann.*, 15.10.4. O desentendimento entre os dois generais será abordado novamente em 15.17.

⁶⁰ ASH, 2006, p. 372; 2018, p.20; VERVAET, 1999 p. 92; GILMARTIN, 1973, p. 613.

⁶¹ TAC., *Ann.*, 15.12.3. Cf. TAC., *Agr.*, 34.

⁶² TAC., *Ann.*, 15.16.4. GILMARTIN, 1973, p. 618. Ash (2018, p. 110) pontua que a rivalidade marcial entre divisões do exército é um traço comum na historiografia.

⁶³ TAC., *Ann.*, 15.17.2.

O último contraste que Tácito elabora entre esses *duces* faz aumentar ainda mais o prestígio e o valor de Corbulão em seu retrato: durante a primavera daquele mesmo ano, 60 d.C., retomando-se a disputa entre partas e romanos, Tácito narra que

et Corbulo, militum atque hostium tot per annos gnarus, gerendae rei praeficitur, ne cuius alterius inscitia rursus peccaretur, quia Paeti piguerat. ³[...] Scribitur tetrarchis ac regibus praefectisque et procuratoribus et qui praetorum finitimas prouincias regebant iussis Corbulonis obsequi, in tantum ferme modum aucta potestate quem populus Romanus Cn. Pompeio bellum piraticum gesturo dederat.

Corbulão, conhecendo os soldados e também os inimigos depois de tantos anos, foi colocado como comandante da guerra, para que não se cometesse mais uma vez um erro por causa da incapacidade de nenhum outro, já que Peto fora uma vergonha. [...] Escreveu-se aos tetrarcas e aos reis, aos prefeitos e procuradores e àqueles pretores que regiam as províncias limítrofes para obedecerem às ordens de Corbulão, que teve seu poder aumentado de forma quase tão igual a quando o povo romano permitiu a Gneu Pompeu o comando da guerra contra os piratas.⁶⁴

De acordo com Tácito, Cesênio Peto representara uma vergonha. Descrevendo-se a perícia de Corbulão, por outro lado, justifica-se a sua nomeação como líder e o aumento de seu poder, que é comparado ao de Pompeu. Recordemos que Tácito tinha narrado que o próprio comandante se identificava com Pompeu e Luculo. A reiteração dessas imagens opera, é verdade, como propaganda da grandeza romana, mas no que concerne a Corbulão, especificamente, são elementos que ampliam sua caracterização, pois que sua conduta pode ser de fato associada à desses antigos chefes militares, diferentemente de quando Cesênio Peto os invoca, por exemplo.⁶⁵ Em relação a Pompeu, o *summus imperator* ciceroniano, Corbulão emula efetivamente as qualidades marciais do general ideal. Com efeito, tendo transferido as legiões para Síria e Armênia, convoca uma assembleia, na qual “começou a falar [...] com considerável autoridade, que fazia as vezes da eloquência num homem militar” (*orditurque [...], multa auctoritate, quae uiro militari pro facundia erat*).⁶⁶ Faltam-lhe, pelo menos no que nos chega da obra taciteana, aquelas outras virtudes que Cícero diz acompanhar a *uirtus bellandi*. Quanto a Lúcio Luculo, a

⁶⁴ TAC., *Ann.*, 15.25.2-3.

⁶⁵ Cesênio invoca o nome de Pompeu e de Luculo para intimidar o rei parta, Vologeso, durante uma negociação (*Ann.*, 15.14.2). A retórica do general é incongruente com a sua conduta e a alusão, irônica, funciona como propaganda romana. Veja-se Ash (2006, p. 373) e Gilmartin (1973, p. 590 e p. 616).

⁶⁶ TAC., *Ann.*, 15.26.3. Meulder aponta que há generais que não se expressam de maneira adequada, mas Corbulão camufla a sua falta de eloquência (*facundia*) por meio de sua seriedade e autoridade (1995, p. 79). Embora aqui o historiador o descreva desse modo, antes notara que tinha *magnifica uerba* (*Ann.*, 13.8). Essa mesma associação encontra-se no retrato de Antônio Primo. TAC., *Hist.*, 3.10.3: “pois a eloquência estava junto às virtudes e à autoridade para acalmar o vulgo” (*namque et facundia aderat mulcendique uolgum artes et auctoritas*). Veja-se capítulo 4.

sequência narrativa demonstra a propriedade da aproximação entre ambos. Nesse sentido, vale notar que Tácito insere tais associações em momentos decisivos da narrativa.⁶⁷

Para consolidar a imagem de Corbulão amparada nesses comandantes, Tácito faz a personagem percorrer o mesmo caminho que L. Luculo, quando combatia contra Mitrídates, sugerindo o sucesso que poderia advir de sua empreitada.⁶⁸ Acrescenta que “o nome de Corbulão não era considerado pelos bárbaros nem ofensivo, nem com ódio hostil e, por isso, acreditavam que suas intenções eram confiáveis” (*Non infensum nec cum hostili odio Corbulonis nomen etiam barbaris habebatur, eoque consilium eius fidum credebant*).⁶⁹ Esse apreço favorece sua negociação com Vologeso e Tirídates, que propõem um encontro no mesmo local em que as tropas romanas, comandadas por Cesênio Peto, foram arrasadas. Tácito diz que o general romano não perdeu a oportunidade de aumentar com isso sua glória: “Corbulão não se esquivou, como se a disparidade aumentasse a glória da fortuna” (*Corbuloni non uitatus, ut dissimilitudo fortunae gloriam auget*)⁷⁰. Depois de obter o reconhecimento de Tirídates por Nero, “Corbulão acrescentou à glória cordialidade e um banquete” (*Addidit gloriae Corbulonis comitatem epulasque*), durante o qual respondia às questões do rei “com admiração pelos costumes antigos” (*admiratione prisca moris adfecit*).⁷¹

O fim dessa campanha corresponde à última presença do retrato de Corbulão no que nos chegou dos *Anais*. Mas sabe-se, pelo relato de Dião Cássio, que ele fora convocado por Nero a Roma no ano seguinte, em 67 d.C.⁷² Os eventos posteriores a seu sucesso e sua morte, por exemplo, não nos chegaram pela perspectiva de Tácito, muito possivelmente por fazer parte dos escritos que não foram transmitidos.⁷³ Das *Histórias*, como vimos, tem-se a sua memória como um *exemplum uirtutis* a outros grandiosos chefes romanos. Antes de concluirmos, observemos o vocabulário que se verifica em sua caracterização:

⁶⁷ GILMARTIN, 1973, p. 621 e ASH, 2006, p. 373.

⁶⁸ ASH, 2006, p. 372-3.

⁶⁹ TAC., *Ann.*, 15.28.1.

⁷⁰ TAC., *Ann.*, 15.28.2.

⁷¹ TAC., *Ann.*, 15.30.1.

⁷² DIÃO CÁSSIO, 62-63. Vide Ash (2006) e Strunk (2017).

⁷³ Alguns estudos conjecturam acerca do envolvimento de Corbulão na oposição senatorial a Nero e sua participação na conspiração viniciano. Veja-se Strunk (2017) e Vervaet (2002), por exemplo.

	<i>auctoritas</i>	<i>gloria</i>	*outros termos importantes:
	<i>celeritas</i>	<i>misericordia</i>	
(aparência)	<i>clementia</i>	<i>modus (moderandus)</i>	<i>formidolosus</i>
	<i>comitas</i>	<i>patientia</i>	<i>prae grauis</i>
	<i>consilium</i>	<i>prouidentia</i>	<i>exemplum</i>
(por contraste a Peto)	<i>constantia</i>	<i>sapientia</i>	
	<i>experientia</i>	<i>seueritas</i>	
		<i>uirtus</i>	

A figura de um ótimo chefe militar é notável no retrato de Domício Corbulão: verificamos ao longo de sua caracterização não apenas descrições que atestam essa afirmação, mas também diversas virtudes como a *auctoritas*, a *celeritas*, o *consilium*, a *prouidentia* e a *patientia*, que são comuns aos generais que temos observado, ou mesmo o reconhecimento da *clementia* e a prova de *misericordia* quando preciso. Merece destaque especial a *seueritas* de Corbulão, ausente no retrato de Germânico, e balanceada no de Agrícola, que é equiparável à dos grandes comandantes do passado republicano, dada a sua rigidez e eficácia contra a *ignauia*. Com efeito, vimos que, ao longo de todo o seu retrato, ele fora associado a personalidades como Pompeu e Luculo, que também fizeram história na Armênia e foram reconhecidos por sua *gloria*. Corbulão, por sua vez, também adquirira alguma *gloria*, não a maior de que era capaz. E uma constante da narrativa taciteana se repete também aqui: sendo bem-sucedido na Germânia, tornava-se uma ameaça, um peso; sob Nero, teve suas virtudes incriminadas e foi compelido ao suicídio. Nesse sentido, é interessante notar que a comparação entre os generais do passado e do presente, além de enobrecer o retrato de um *uir insignis*, como Tácito o chama, que se mostra como um *exemplum* marcial a seus subordinados, tem um efeito ilustrativo da *uirtus* no Principado: “Tácito justapõe ideologias diferentes: as carreiras de Luculo e Corbulão mostram que o reconhecimento pelo sucesso militar é ameaçador em qualquer era, mas somente sob o Principado tal excesso de fama se torna fatal”.⁷⁴

Também é digno de nota o gosto de Tácito pelo contraste entre personagens, que nesse retrato alicerça em grande medida a construção do general, seja pela oposição ao *princeps*, às tropas, e a outros chefes, como Umídio Quadrado e Cesênio Peto. Nota-se, de fato, também no retrato de Corbulão, alguns momentos de ambição pela glória, que o leva a agir de modo censurável. Apesar dessa frequente aproximação entre o chefe e seus pares antigos, é preciso notar a diferença crucial entre eles, que opera como uma enorme

⁷⁴ ASH, 2006, p. 374: “Tacitus is juxtaposing different ideologies: the careers of Lucullus and Corbulo show that the rewards for military success are treacherous in any era, but only under the principate does such a surfeit of fame become potentially fatal”. Também Balmaceda (2017, p. 218).

ressalva à conduta de Corbulão. De acordo com Ash, “onde Luculo é estrito, Corbulão é implacavelmente cruel, e onde Luculo sacrifica sua própria glória pessoal para salvar vidas romanas, Corbulão coloca sua própria reputação acima de qualquer coisa”.⁷⁵

Ducis boni imperatoriam uirtutem esse

Os retratos de Germânico César e de Domício Corbulão apresentam vários pontos de contato. Evidentemente, porque foram ambos comandantes militares sob o Principado, mas também porque alguns pontos de sua conduta e história se assemelham. Ambos exerceram suas carreiras nos limites romanos da Germânia, ambos garantiram a seu respectivo *princeps* o título de *imperator*. Seu prestígio e reputação custaram-lhes a vida e isso demonstra que “a *uirtus* do bom comandante era do imperador”. O retrato dos dois comandantes ilustra as consequências que a *uirtus* ocasiona num período em que só o príncipe, o *imperator*, podia dispor da *gloria militaris*, tendo sua inveja despertada quando o outro rivalizasse com ele. Com efeito, todos esses elementos também estabelecem relações com o retrato de Agrícola em suas funções militares, o que reafirma a lógica imperial quanto aos homens que, pela *uirtus*, obtiveram reputação e glória militar.

A despeito dos pontos negativos que se encontram em Germânico e Corbulão, acreditamos que seus respectivos retratos ilustram homens de *uirtus*, embora essa seja reescrita de diferentes maneiras. O conjunto vocabular que vimos na composição dessas duas personagens aponta majoritariamente para *uirtutes imperatoriae* semelhantes, mas veem-se algumas diferenças que agregam nuances às suas condutas. Em Germânico, a presença de *fauor*, *comitas* e *ciuile ingenium* reveste sua *uirtus* de características republicanas que deveriam ser essenciais ao *princeps*, mas que se perderam. Embora nele sejam ainda exemplo, contribuem para o perigo. Ali, vimos também a importância que Tácito confere ao *obsequium*, mas em menor medida do que vimos nos contextos senatoriais. Ou seja, embora Germânico seja pintado como os antigos republicanos e traga consigo virtudes que remetem a essa época, há o reconhecimento do momento presente pela ideia do *obsequium*, da *modestia*.

Em Corbulão, suas virtudes revelam um *éthos* em grande medida colado a modelos passados. Tácito não usa o termo *uirtus* no singular para se referir a ele, mas o

⁷⁵ ASH, 2006, p. 373-4: “Where Lucullus is strict, Corbulo is relentlessly cruel, and where Lucullus sacrifices his own personal glory to save Roman lives, Corbulo puts his own reputation above everything else”.

vocabulário de seu retrato é uma forma de reescritura desse mesmo conceito ou, pelo menos, da *uirtus-uirilis*, para usar os termos de Balmaceda, tendo em vista os demais caracteres que temos observado. Com efeito, sua imagem é fortemente ligada ao passado, quando comparado aos comandantes Luculo e Pompeu. Germânico, por sua vez, é equiparado a Alexandre, reforçando não só o valor do passado, mas sua pertença à dinastia. Essas imagens, pensamos, reforça que a *uirtus* que Tácito representa por meio das personagens faz referência a um passado que só pode ser lembrado e não praticado no presente. Podemos chamar a atenção para o fato de que a *uirtus* de Germânico muitas vezes foi associada à memória e a de Corbulão, por outro lado, enunciada primeiramente a partir de qualidades aparentes, mas também sempre relativas a um tempo que se foi. Nesse sentido, uma tal *uirtus* associada ao passado, ainda que manifestada por eles em sua época, encontra cada vez menos a possibilidade de acontecer na realidade presente do Principado. É aí que virtudes utilizadas apenas no retrato de Agrícola entram em ação: *abstinentia*, *moderatio*, *constantia* (nomeada apenas em relação a ele), por exemplo. As qualidades da restrição fazem parte da expressão e reescritura da *uirtus* que se permite representar à medida que se avança o Principado, e possibilitam acomodar a *uirtus* de um general republicano ao regime imperial.

CAPÍTULO 4 | *VIRTUS* EM TEMPOS DE GUERRA

As *Histórias* apresentam uma série de personagens cujos retratos ilustram a percepção taciteana quanto ao estado do Império romano após a morte de Nero. A caracterização nesta obra acaba por trazer características e condutas muito particulares sobretudo por causa do contexto narrativo: a guerra civil de 69. Dos cinco livros que nos chegaram, os três primeiros se referem aos eventos deste ano, que compreendem desde a assunção de Galba como imperador ao início do principado flaviano.¹ Por isso, destaca-se na obra a figura dos generais e seus exércitos, cujo papel na busca pelo poder imperial é decisivo.² Temporalmente iniciando-se com o consulado de Servílio Galba e Tito Vínio, o cenário narrativo das *Histórias* se fragmenta pelos espaços do Império que Tácito descreve nos capítulos introdutórios do primeiro livro, apresentando os respectivos comandantes de cada província.³ Sabe-se que Vitélio encabeçava a Germânia inferior;⁴ Licínio Muciano comandava quatro legiões na Síria.⁵ Na Judeia, encontrava-se Flávio Vespasiano, que administrava três legiões.⁶ Essas figuras estavam diretamente envolvidas na disputa pelo principado após a morte de Galba, engendrada por Oto. Junto a essas personagens, sobressaem-se ao longo da narrativa os chefes militares: Cecina Alieno, Fábio Valente e Antônio Primo, sendo os dois primeiros legados das legiões germânicas e, portanto, subordinados a Vitélio e o último, legado das tropas flavianas. É o retrato dessas personagens que analisaremos neste capítulo, levando em consideração o vocabulário empregado pelo historiador e o que ele nos diz sobre a manifestação da *uirtus* nesse cenário.

Antes de entrarmos na análise propriamente dita, é importante notar que a organização deste capítulo se distingue de alguma forma dos anteriores. Essa breve introdução demonstra a quantidade de personagens que foram peças fundamentais durante a guerra civil e, de fato, os livros que nos chegaram focam, sobretudo, no contexto

¹ Sobre a organização da obra, Ash (2009, p. 88); Syme (1958, p. 145 e ss.), e os comentários de Ash (2007); Damon (2003); Chilver, (1979). Veja-se sobre o período da guerra civil do ano de 69 d.C., Cosme (2012), e sobre as digressões quanto às formas de governo nessa obra, vide Silva (2015).

² Ash (1999) desenvolve uma minuciosa análise sobre a imagem e o papel dos exércitos nas *Histórias*.

³ TAC., *Hist.*, 1.8-11.

⁴ Hordeônio Flaco era encarregado da Germânia superior, um homem *sine constantia, sine auctoritate*. TAC., *Hist.*, 1.9.1.

⁵ Além disso, Tácito relata que Tibério Alexandre comandava tropas na África e Clódio Macro, no Egito. TAC., *Hist.*, 1.11.1-2.

⁶ TAC., *Hist.*, 1.10.3.

marcial. À exceção dos livros 4 e 5, há poucos momentos em que o foco narrativo está no que acontece em Roma, sobretudo, no senado. No intervalo de um ano, a narrativa se desloca por diversos espaços do Império para mostrar a disputa pelo poder, que muda de mãos a cada período de uns poucos meses. Isso significa que os imperadores nesse espaço de tempo são também retratados enquanto governadores e chefes militares. Eles, ainda que reconhecidos como *princeps* pelo senado, atuaram nos campos de batalha, diferentemente dos príncipes da dinastia Júlio-claudiana, cuja glória militar advinha do sucesso dos cônsules e procônsules. Com efeito, Tácito considera que, na realidade do ano de 69 d.C., príncipes poderiam ser feitos em qualquer lugar que não em Roma. Considerando essa especificidade, analisaremos os retratos dos *imperatores* Galba, Oto, Vitélio e Vespasiano, a fim de observar a caracterização daqueles que buscaram reinar sobre o império.

Tendo em vista as questões acima, organizaremos o capítulo em três seções, a saber: a. retratos de Galba, Oto e Vitélio; b. retratos dos legados de legião Fábio Valente e Cecina Alieno; e c. retratos do legado Antônio Primo e dos governadores Muciano e Vespasiano. Essa configuração parece dar conta de introduzir e refletir sobre a imagem de Galba, Oto e Vitélio, que disputaram o poder no intervalo de um mês, saindo vencedor Vitélio. Com esses retratos, podemos observar a caracterização daqueles que asseguraram sua vitória, isto é, Fábio Valente e Cecina Alieno. Por fim, analisaremos o retrato do exército flaviano, composto por Antônio Primo, Muciano e Vespasiano, do qual será o império, dando início, assim, a uma nova dinastia.

Galba, Oto e Vitélio: *uirtutes sub falsa nomina*

Dissemos, há pouco, que as *Histórias* se iniciam com o consulado de Servílio Galba, reconhecido *princeps* romano no mês de janeiro. Galba foi o primeiro “príncipe feito pelas legiões” (*principem a legionibus factum*),⁷ fenômeno que será característico nas *Histórias*. De fato, ao longo desse primeiro mês de 69 d.C., outros dois governadores entrarão na disputa pelo título de *príncipe*, a saber, Oto e Vitélio. Observemos, então, o retrato daqueles que se consideraram dignos da sucessão a Nero e entre suas legiões disputaram o poder.

⁷ TAC., *Hist.*, 1.5.1.

A formulação taciteana *omnium consensus capax imperii nisi imperasset* é bastante conhecida.⁸ Ela faz parte das considerações do historiador a respeito de Galba, que assume o império por poucos dias, após a queda de Nero, para a qual ele mesmo contribuiu. A sentença acima apresenta uma ideia de ressalva (*nisi*) que resultou em diversas análises sobre sua caracterização enquanto imperador e enquanto cidadão privado.⁹ Com a morte de Nero, Tácito relata que o clima da guarda pretoriana em Roma era de alguma resistência quanto ao novo imperador, assim proclamado por suas legiões. Segundo Tácito, esperava-se por um donativo que nunca chegava, inquietavam-se os soldados.¹⁰ É sob esse argumento que Tácito introduz a primeira imagem do *princeps*:

[...]nec deerant sermones *senium* atque *auaritiam* Galbae increpantium. Laudata olim et militari fama celebrata *seueritas* eius angebat aspernantes *ueterem disciplinam* atque ita quattuordecim annis a Nerone adsuefactos ut haud minus uitia principum amarent quam olim uirtutes uerebantur.

Não faltavam palavras de injúrias à velhice e também à avareza de Galba. Outrora celebrada nos louvores do renome militar, sua severidade oprimia os que renegavam a antiga disciplina, pois, durante quatorze anos sob Nero, acostumaram-se a adorar os vícios dos príncipes, assim como outrora respeitavam as virtudes.¹¹

Esse primeiro excerto introduz uma imagem de Galba bastante ligada a uma tradição militar de valores antigos e isso se destaca pelo comentário de Tácito acerca de sua velhice. De fato, Galba à época tinha já 65 anos, o que significa que tenha tido uma formação provavelmente ligada ao período republicano. Ele estima e dispõe de valores que vimos no retrato de Corbulão, como a *seueritas* e a *uetus disciplina*. Entretanto, se, por um lado, anos antes esse general conseguira usar de severidade para disciplinar seus homens, por outro, Galba, usando da mesma qualidade, oprime aqueles que agora recusam essa mesma disciplina.

Ora, no intervalo de alguns anos os vícios dos príncipes foram os *exempla* que tiveram mais efeitos e, nesse sentido, há um deslocamento de certos valores romanos,

⁸ TAC., *Hist.*, 1.49.4: “consenso de todos que teria estado à altura do império, se não tivesse imperado”. Para a expressão *capax imperii*, vide p. 85, nota 3.

⁹ Para análises do retrato de Galba, veja-se: Ash (1999), que observa, sobretudo, os pontos negativos do retrato, em que Tácito demonstra a crueldade do príncipe, e o relato de sua morte a partir da intertextualidade com a morte de Pompeu e a de Príamo, na *Eneida* de Virgílio. Também Benario (1972), que trata da alcunha de *capax imperii*; Keitel (1991); Nawotka (1993) e Pigoñ (1990), que fazem leituras da possível relação do obituário de Galba com as virtudes cardinais; a análise recente de Balmaceda (2017), que observa a *uirtus* em seu retrato, e a de Geiser (2007), que elabora uma síncrise de seu retrato com o de Domício Corbulão. Cf. MURISON, C. L. **Galba Otho and Vitellius: Careers and Controversies**. Hildesheim: G. Olms Verlag, 1993 e SHOCHAT, Y. Tacitus Attitude to Galba. *Athenaeum*, n. 59, p. 199-204, 1981.

¹⁰ TAC., *Hist.*, 1.5.1.

¹¹ TAC., *Hist.*, 1.5.2.

como os guardados por Galba.¹² Os vícios agora tomam mais do que nunca o lugar das virtudes e Tácito nota esse fato em diferentes momentos. Mesmo sua *avaritia*, censurada pelos soldados, também está associada a um tipo de postura deslocada de seu tempo: Galba se recusava a pagar o *donatium* sob a desculpa de não comprar seus soldados. Entretanto, a *liberalitas* já havia se tornado algo comum ao longo do Principado, quase um pressuposto.¹³ A questão da velhice do imperador é, além de símbolo de costumes em desuso, fator contribuinte para o descrédito perante o povo, o que se vê pela reiterada menção a esse tema pelo historiador. Tácito o descreve como um *inualidus senex* (*Hist.*, 1.6.1) e, em seguida, comenta que o comparavam a Nero: “Até da própria idade de Galba escarneciam, que era repugnante aos acostumados à juventude de Nero” (*Ipsa aetas Galbae inrisui ac fastidio erat adsuetis iuuentae Neronis*).¹⁴

A questão da velhice é um fato para o próprio Galba, que já tinha em mente adotar Pisão como seu sucessor, como relata o historiador, consciente de que a idade lhe pesava (*dein fessa iam aetate Galba*)¹⁵. Para Galba, na verdade, sua velhice era seu único defeito e “sua asserção ingênua de que as pessoas somente o criticavam porque ele era um homem velho exemplifica sua falha como imperador em responder adequadamente à opinião pública”.¹⁶ Essa falta de percepção talvez seja um dos maiores problemas do imperador.

O tema da adoção acrescenta outros planos narrativos e elementos que contribuem para o retrato de Galba. Citamos a introdução de Oto no relato, que Tácito em primeira pessoa comenta: “creio que [Galba] tenha assumido o cuidado com a república, e em vão o tirado de Nero se ela acabasse nas mãos de Oto” (*Credo et rei publicae curam subisse, frustra a Nerone translatae, si apud Othonem relinqueretur*).¹⁷ Tendo passado para o partido de Galba à época da guerra, Oto nutria, diz o historiador, a esperança pela adoção, entretanto, sua semelhança com Nero o teria tirado do espectro de opções, segundo Balmaceda.¹⁸ Outro ponto importante na narrativa é que, ao mesmo tempo, as tropas germânicas – comandadas por Vitélio – rebelavam-se.

O retrato de Galba se constrói também a partir dos elementos narrativos presentes nessa adoção, que compreendem breve descrição da personagem escolhida para a

¹² ASH, 1999, p. 77; BALMACEDA, 2017, p. 186.

¹³ BALMACEDA, 2017, p. 187; NAWOTKA, 1993, p. 260.

¹⁴ TAC., *Hist.*, 1.7.3.

¹⁵ TAC., *Hist.*, 1.12.2.

¹⁶ ASH, 1999, p. 79: “Galba’s naïve assertion that people only criticise him because he is an old man exemplifies his failure to respond adequately to public opinion”.

¹⁷ TAC., *Hist.*, 1.13.2.

¹⁸ BALMACEDA, 2017, p. 186.

sucessão. Liciano Pisão, diz Tácito, era um *nobilis* e tinha “feição e trejeito aos modos antigos, severo quanto à apreciação do justo, pior era considerado por aqueles que o julgavam demasiado austero” (*uoltu habituque moris antiqui et aestimatione recta seuerus, deterius interpretantibus tristior habebatur*).¹⁹ Percebe-se na caracterização daquele que sucederia Galba qualidades vistas no próprio *princeps*, isto é, a severidade e a aproximação a costumes antigos que já tinham sido apresentados na narrativa a partir de uma ótica de recusa.

Tácito ilustra o evento da adoção conferindo a Galba um longo discurso à guarda pretoriana que toca em temas importantes para o contexto político à época: ele inicia evocando a *nobilitas* do adotando, sua *indoles* e o *amor patriae*, e discorre acerca da história das adoções de seus predecessores. Em seguida, justifica a escolha por Pisão:

Fortunam adhuc tantum aduersam tulisti; secundae res acrioribus stimulis animos explorant, quia miseriae tolerantur, felicitate corrumpimur. ⁴ *Fidem, libertatem, amicitiam, praecipua humani animi bona, tu quidem eadem constantia retinebis, sed alii per obsequium imminuent; inrumpent adulatio, blanditiae et, pessimum ueri adfectus uenenum, sua cuique utilitas.*

Até aqui suportaste somente sortes adversas: o sucesso testa os ânimos com ferrões mais afiados, porque toleramos a miséria, mas pelo sucesso somos corrompidos. Lealdade, liberdade, amizade, bens principais da alma humana, tu com a tua constância alguns desses manterás, mas outros com a sujeição se enfraquecem: irromperão adulação, lisonjas e o pior veneno para o coração verdadeiro, o benefício pessoal.²⁰

As palavras de Galba demonstram as qualidades que ele julga importantes àquele que seja o imperador. Não são todas elas características de que ele mesmo dispõe; entretanto, o reconhecimento delas nos parece dizer algo importante a respeito de sua visão sobre o império.²¹ É interessante notar que Galba considera que a *felicitas*, ou seja, o sucesso nas empreitadas, corrompe os homens. Entretanto, com *constantia* seria possível preservar valores inerentes às pessoas, tais como a *fides*, a *libertas* e a *amicitia*. Vimos a *constantia* em retratos como o de Agrícola e o de Trásea Peto, que, de fato, age como diferencial no trato da *libertas*, por exemplo. Contudo, Galba parece consciente (aqui, pelo menos) do funcionamento da política: o *obsequium*, muitas vezes enfraquece

¹⁹ TAC., *Hist.*, 1.14.2. Nota-se que *tristior* é uma característica atribuída a Trásea Peto e aos estoicos.

²⁰ TAC., *Hist.*, 1.15.3-4.

²¹ Nawotka (1993, p. 263) considera a *constantia*, de que Galba não dispõe, uma das características do *capax imperii*. No contexto, essa qualidade é atribuída a Pisão. Ao contrário, Galba é descrito por *mobilis ingenii e foeda inconstantia* (1.19).

a disposição dessas qualidades e nos leva à adulação.²² O discurso de Galba, nesse sentido, menciona um vocabulário que veremos adquirir significância crucial nos anos seguintes do Principado, como demonstra o retrato de Agrícola. Não obstante, o final de seu discurso ainda enuncia a importância de sua escolha, que visou a um sucessor que soubesse agir num senado em que há *libertas* e *seruitium*: o equilíbrio, aqui, garantiria um poder moderado do príncipe.

Apesar de colocar questões inerentes ao funcionamento do Principado, de mobilizar a questão das virtudes que passam a perder espaço por causa da adulação, e mesmo de demonstrar certa liberdade ao adotar alguém que parecesse a melhor opção para o império, fora da casa imperial,²³ o fato de Galba adotar um sucessor revela uma incompreensão a respeito da conjuntura em que vive. Ora, se ele próprio fora reconhecido *princeps* por suas tropas, recorrer à adoção fora um ato equivocado, pouco conveniente ao momento.²⁴ Pisão, por sua vez, responde, segundo Tácito, *moderatus* e “sem mudar nada na feição e no trajeito como se pudesse imperar mais do que quisesse” (*nihil in uoltu habituque mutatum, quasi imperare posset magis quam uellet*).²⁵

Todavia, a adoção não foi suficiente para mudar a aprovação de Galba entre os soldados, porque insistiu em negar o *donatium* pelo qual eles esperavam. Diante desse fato, Tácito reitera as primeiras características da personagem antes apresentadas e acrescenta uma apreciação quanto a elas: “Consta que se teria podido conciliar os ânimos com qualquer mínima liberalidade do velho avaro; prejudicou o antigo rigor e a excessiva severidade, que já não consideramos da mesma forma” (*Constat potuisse conciliari animos quantulacumque parci senis liberalitate; nocuit antiquus rigor et nimia seueritas, cui iam pares non sumus*).²⁶ Com efeito, a *seueritas* de Galba é avaliada por Tácito como uma característica antiga que parece não caber mais nos tempos atuais. Nota-se, aliás, a intensificação da crítica pelo adjetivo *nimia*, que indica seu excesso. Ademais, o termo *rigor* agrega à imagem inflexível do príncipe e, acompanhada de *antiquus*, demonstra ainda mais o descolamento da realidade.

²² Elisabeth Keitel (1991; 2006) demonstra como essas qualidades são mobilizadas por Tácito ao longo da obra, argumentando que o discurso de Galba anuncia tópicos a serem trabalhados na representação de outras personagens nas *Histórias*.

²³ BALMACEDA, 2017, p. 186.

²⁴ KEITEL, 1991, p. 2776; SYME, 1958, p. 204. Veja-se também a discussão de Marques (2007) sobre as renovações da identidade romana e da validade da releitura de determinados valores.

²⁵ TAC., *Hist.*, 1.17.1. Essa construção nos lembra Lépido.

²⁶ TAC., *Hist.*, 1.18.3.

É interessante que no retrato de Galba o termo *antiquus* ganha colorações negativas, talvez por causa do ambiente de vícios em que se encontra. Nesse contexto, devido à sua avareza e à falha na liderança, o príncipe vê-se diante de uma sedição de soldados, que só faz diminuir sua popularidade. Um dos principais motivos do motim que se levantaria contra ele era sua recusa em distribuir o *donatium* aos soldados. Ainda que Galba pensasse estar agindo de acordo com uma antiga moral, que não cede à adulação e mantém as legiões sob a mais rígida disciplina, sua postura é lida como inadequada naquele momento. Nesse sentido, Nawotka explica que a recusa do imperador quanto ao *donatium* é um forte sinal de avareza – um elemento importante, considerando-se que “a avareza, o oposto da liberalidade, era considerada o pior vício de um príncipe”.²⁷

Esses fatores, ou seja, a falta de *liberalitas* e a adoção de Pisão, são fundamentais para a queda de Galba, porque essa última é recebida como uma traição da parte do general Marco Sávio Oto, que auxiliara o então príncipe a assumir o poder motivando-o a orquestrar um golpe para seu fim, movido por sua “ira contra Galba e inveja de Pisão” (*in Galbam ira, in Pisonem inuidia*).²⁸ Nesse ponto, tem-se alguma caracterização de Oto, que confabula seu crime. No entanto, para nos atermos ao retrato de Galba, vejamos apenas um discurso que Tácito atribui a Oto quando este se articula com as tropas contra o príncipe:

Nam quae alii scelera, hic remedia uocat, dum falsis nominibus seueritatem pro saeuitia, parsimoniam pro auaritia, supplicia et contumelias uestras disciplinam appellat.

Com efeito, o que outros consideram crimes, ele chama de remédios, e então com palavras enganosas fala em severidade em vez de crueldade, parcimônia em vez de avareza, e as punições e ofensas a vocês chama de disciplina.²⁹

Essas palavras contribuem para a caracterização de Galba. Oto advoga uma perversão das palavras por parte do atual imperador. Ora, qualidades tais como a *seueritas*, a *parsimonia* e o gosto pela *disciplina* – traços reincidentes no retrato – seriam na realidade falsos nomes para *saeuitia*, *auaritia* e *contumelia*.³⁰ O general insinua um

²⁷ NAWOTKA, 1993, p. 260-1: “Avarice, the opposite of liberality, was perceived as the worst vice of a princeps”.

²⁸ TAC., *Hist.*, 1.21.1. Vide Perkins (1993, p. 850-1), sobre como Tácito trabalha essas motivações na construção da imagem de Oto. Além disso, Ash (1999, p. 77-8), sobre a caracterização negativa de Galba entre as tropas por meio desse discurso.

²⁹ TAC., *Hist.*, 1.37.4.

³⁰ Vide TAC. *Hist.*, 1.71.1: *falsae uirtutes*, quanto a Oto. A expressão *falsa nomina* nos recorda a acusação de Cálago, no *Agrícola*, que propõe a mesma relação de alterar a realidade pela linguagem. Cf. *Agr.*, 30.4: “Roubar, trucidar, e apoderar-se chamam, de maneira mentirosa, exercer o poder; e onde criam um deserto, dizem criar a paz” (*aufferre trucidare rapere falsis nominibus imperium, atque ubi solitudinem faciunt, pacem appellant*).

movimento pelo qual vícios são denominados virtudes e a linguagem opera alterando a realidade. De fato, as palavras de Oto têm como efeito justamente mostrar como as qualidades de Galba tinham outra percepção no presente. A disciplina só poderia ser vista como ofensa por soldados que preferiam a indolência; a parcimônia certamente seria avareza num contexto em que soldados se vendem, o que revela a inabilidade do príncipe em não perceber a nova realidade. A severidade, por sua vez, é vista como crueldade. De algum modo, tais personagens apresentavam qualidades *démodées*; a perversão da linguagem acusada por Oto não vem de Galba em si, mas sim dos tempos que já não comportam seu modo de ser.³¹

Fato é que as palavras de Oto (falaremos delas mais adiante) convenceram os soldados e Galba foi brutalmente morto. Com isso, chegamos ao obituário que Tácito elabora e que resume de certa maneira o retrato do imperador:

*Hunc exitum habuit Seruius Galba, tribus et septuaginta annis quinque principes prospera fortuna emensus et alieno imperio felicior quam suo. Vetus in familia nobilitas, magnae opes; ipsi medium ingenium, **magis extra uitia quam cum uirtutibus**.³ *Famae nec incuriosus nec uenditator; pecuniae alienae non appetens, suae **parcus**, publicae **auarus**; amicorum libertorumque, ubi in bonos incidisset, sine reprehensione patiens, si mali forent, usque ad culpam ignarus. **Sed claritas natalium et metus temporum obtentui, ut quod segnitia erat sapientia uocaretur**.⁴ *Dum uigebat aetas, **militari laude** apud Germanas floruit. Pro consule Africam **moderate**, iam senior citeriorem Hispaniam pari **iustitia** continuit, maior priuato uisus dum priuatus fuit et omnium consensu **capax imperii** nisi imperasset.***

Este foi o fim de Sérvio Galba: setenta e três anos, atravessou cinco principados com futuro próspero, sendo mais feliz sob o império de outrem do que sob o seu próprio. A nobreza era tradicional da família, de grandes riquezas. Ele, de talento mediano, viveu mais apartado dos vícios que junto às virtudes. Quanto à fama, nem negligente, nem pretensioso. Não cobiçava a fortuna alheia, era econômico com a sua, sovina com a pública. Com amigos e libertos, quando bons encontrava, era paciente e sem repreensão; se fossem maus, ignorava cegamente. Mas o renome do seu nascimento e o medo dos tempos fizeram que sua covardia fosse chamada sabedoria. No vigor da idade, destacou-se pela glória militar na Germânia. Na África, procônsul moderado; já idoso, com semelhante justiça continuou na Hispânia citerior. Acima de um cidadão privado enquanto cidadão privado era, e no consenso de todos estaria à altura do império, se não tivesse imperado.³²

A passagem apresenta uma série de elementos vocabulares interessantes. Nela, observa-se que Tácito elabora um retrato que se alterna entre vícios e virtudes, indicando a coexistência delas no caráter de Galba, como apontam Nawotka (1993) e Pigoñ (1990; 2011). Antes disso, Tácito havia apresentado as suas características enquanto príncipe e

³¹ KEITEL, 1991, p. 2779. Segundo Keitel, Oto é muito mais um homem de seu tempo que Galba e ele próprio cometerá os crimes de que acusa Galba. Também sobre Oto ser um homem de seu tempo Devillers (2012, p. 172); Syme (1958, p. 205).

³² TAC., *Hist.*, 1.49.2-4.

neste excerto coloca o foco em sua carreira anterior a esse evento. Oriundo da *nobilitas*, Galba não parece ter-se destacado por grandes feitos como sua família. Tácito aponta a mediocridade de Galba³³ e elenca uma série de oposições (como *incuriosus* e *uenditator*; *parcus* e *auarus*) sobre sua conduta que demonstra uma pessoa mediana, que não se destacou, nem pelo bem, nem pelo mal. Embora néscio, também acabou por demonstrar certa “sabedoria”, uma vantagem que tempos ruins lhe deram para disfarçar sua apatia. A despeito da crítica aqui presente, Tácito parece retomar sutilmente um tópico que se revela em alguns momentos de sua reflexão, como é o caso do afastamento de Agrícola da vida pública em períodos do principado neroniano.³⁴ O medo dos tempos leva à *segnitia*, um defeito que, em contextos temerosos, era visto como sabedoria.

Depois de uma descrição hesitante, Tácito insere uma sequência de qualidades de Galba, em tom elogioso, e isso se deve em muito ao modelo encomiástico que se verifica no obituário. A presença das qualidades de *sapientia*, *laus militaris*, *moderatio* e *iustitia*, nesse conjunto de quatro,³⁵ evoca não só o louvor dos grandes homens, como preceituado por Quintiliano (*Inst.*, 3.7.15), mas o próprio *clipeus uirtutis*, a despeito das diferentes qualidades que nele se encontram.³⁶ Pigoñ (2011) tende a associar as virtudes de Galba às virtudes cardinais gregas, argumentando que essa seria a estratégia de Tácito para ilustrar que ele era um *capax imperii*, ou seja, atribuindo-lhe virtudes imperiais.³⁷ Nawotka, por sua vez, entende que há apenas um modelo formal das virtudes, para reforçar a imagem de Galba, que não corresponde à primeira parte de seu retrato. A nosso ver, as virtudes presentes no retrato não são exatamente as mesmas cardinais gregas, mas certamente nos fazem pensar nelas, ou mesmo no decalque ciceroniano ao explicar *uirtus*.

Tácito usa uma disposição das virtudes de inspiração retórica para salientar as qualidades louváveis de Galba, que estavam à altura do império e que se faziam presentes num momento *anterior* ao seu reconhecimento como *princeps*. Com efeito, Galba apresentava todas as características esperadas de um príncipe *antes* de sê-lo.³⁸ Nota-se que, no que concerne à sua atuação militar, anterior à ascensão ao poder, Galba foi reconhecido por demonstrar qualidades no trato com suas províncias e teve louvor militar na Germânia, que entendemos aqui como glória.

³³ NAWOTKA, 1993, p. 258.

³⁴ TAC., *Agr.*, 6.3.

³⁵ Nawotka (1993); Pigoñ (1990; 2011).

³⁶ Cf. parte 1, capítulo 1, p. 24.

³⁷ PIGOÑ, 2011, p. 632; PIGOÑ, 1990, p. 372.

³⁸ NAWOTKA, 1993, p. 264; PIGOÑ, 1990, p. 372.

Embora Galba de fato não seja descrito enquanto *princeps* pelas mesmas características que ali se apresentam, ele tivera uma conduta exemplar como cidadão privado (*privatus maior usus*), dispondo inclusive da glória militar que foi motivo de afronta a diversos príncipes, como temos visto pelo retrato de outras figuras do Principado. Além disso, não nos parece que o retrato de Galba seja de todo negativo: há virtudes, valores antigos que ele resguarda. Não há, todavia, a percepção de seu contexto e de seu entorno, onde suas qualidades deveriam ser ajustadas, ou se transformariam em vícios – tal como acusa o discurso de Oto. Essa falta de percepção do presente se verifica também na escolha de Gneu Pisão como sucessor: este representa do mesmo modo valores do passado e Galba reconhece em seu discurso virtudes dignas de um príncipe, de um bom líder e, inclusive, a fragilidade que essas têm frente ao *obsequium* e à *adulatio*. Contudo, o ato em si da adoção revela também o não entendimento da época presente. O imperador, de fato, deixa de estar à altura do império quando o assume, ainda que antes demonstrasse virtudes que fazem dele um homem de *uirtus* à moda antiga; quando passa a ser a figura central do poder, não consegue adequá-las a fim de ser um bom príncipe. O retrato de Galba quase que sugere a impossibilidade de dispor de *uirtus* e ser um *princeps*, mas, para além disso, mostra a necessidade de novas qualidades para a presença de *uirtus* sob o Principado tal como a *moderatio* e a *constantia*, presentes na descrição de Pisão.

As mortes de Galba e de Pisão abrem espaço para a narrativa sobre a disputa pelo império que se dará entre Vitélio e Oto, duas figuras em contraste com Galba e seu filho adotivo. O retrato de Galba havia apresentado um homem “neutro”, cujo maior problema, na verdade, era a *inadequação* das virtudes aos tempos. Em contrapartida, veremos uma dupla de personalidades que se opõem ao falecido imperador em escalas diferentes do mesmo espectro de vícios. Assim Tácito prossegue após o obituário de Galba:

Tum duos omnium mortalium impudicitia, ignavia, luxuria deterrimos, uelut ad perdendum imperium fataliter electos, non senatus modo et eques, quis aliqua pars et cura rei publicae, sed uolgens quoque palam maerere.

Então, os dois piores homens dentre todos os mortais em indecência, indolência e extravagância foram fatalmente escolhidos como que para arruinar o império. Por isso, abertamente se afligiam não só o senado e os cavaleiros, que de algum modo tinham responsabilidade pela república, mas também o povo.³⁹

³⁹ TAC., *Hist.*, 1.50.1.

Talvez o maior empecilho de Galba, em relação ao povo, fosse a sua velhice; mas no caso de Oto e Vitélio, a preocupação vinha da imagem feroz que se tinha deles.⁴⁰ Oto, na caracterização taciteana, desde a infância apresenta traços duvidosos: “De fato, Oto levava a infância com negligência e a juventude mais imoderadamente ainda, era caro a Nero pela emulação ao luxo” (*Namque Otho pueritiam incuriose, adulescentiam petulanter egerat, gratus Neroni aemulatione luxus*).⁴¹ A escolha lexical da descrição de sua infância e juventude (*incuriose* e *petulanter*) também sugere um comportamento negativo precedente, e a associação a Nero é um paralelo que acresce à antipatia de seu caráter.⁴² Ademais, Tácito registra que “Oto não tinha uma índole tão delicada como o corpo” (*Non erat Othonis mollis et corpori similis animus*),⁴³ e com isso emenda que o comandante planejava seu golpe contra Galba (*sceleris cogitatio*).⁴⁴ A disposição do comandante para obter o império demonstra um ânimo bastante vigoroso nesse sentido.

Assim, Oto se esforçava para obter uma boa relação com os soldados (*studia militum... adfectauerat*) e Tácito o descreve em ação por termos que fazem pensar em um bom general, especialmente pelo emprego do assíndeto (*in itinere, in agmine, in stationibus*) e pela série de infinitivos que se seguem, como nota Perkins.⁴⁵ Oto consegue, de fato, ser saudado como imperador por alguns soldados e se opõe oficialmente a Galba. Contra essa ameaça, discursa Pisão aos soldados pretorianos, de onde se tiram mais traços do caráter de Oto:⁴⁶

Nihil adrogabo mihi nobilitatis aut modestiae: neque enim relatu uirtutum in comparatione Othonis opus est. Vitia, quibus solis gloriatur, euertere imperium, etiam cum amicum imperatoris ageret.

Não farei nenhum apelo à minha nobreza ou modéstia, pois não é preciso nenhuma exposição de virtude em comparação a Oto. Seus vícios, do quais

⁴⁰ Para o retrato de Oto, veja-se Ash (1999); Balmaceda (2017), brevemente sobre *uirtus*; e Perkins (1993). Também MURISON, C. L. **Galba Otho and Vitellius: Careers and Controversies**. Hildesheim: G. Olms Verlag, 1993 e SHOCHAT, Y., Tacitus' Attitude on Otho. **Latomus**, n. 40, p. 365-77, 1981.

⁴¹ TAC., *Hist.*, 1.13.3.

⁴² Tácito repete o nome de Nero três vezes em *Hist.*, 1.13, e duas vezes o conecta diretamente a Oto (*gratus Neroni aemulatione luxus; in eum aula Neronis ut similem*). Ver também Ash (1999, p. 86); Perkins (1993, p. 850). Sobre Oto e Vitélio como novos Nero, cf. CARRÉE, R. Otho et Vitellius, deux nouveaux Nérons? In: CROISILLE, J.-M.; MARTIN, R.; PERRIN, Y. (eds.). **Neronia V. Néron: histoire et legend**, p. 152–81, 1999.

⁴³ TAC., *Hist.*, 1.22.1. Tal imagem de Oto é bastante uniforme na literatura. Cf. SUET., *Otho*, 12. Veja-se Perkins (1993, p. 851).

⁴⁴ TAC., *Hist.*, 1.23.1. V. também *futuro scelerii*, em *Hist.*, 1.25.

⁴⁵ TAC., *Hist.*, 1.23.1. PERKINS, 1993, p. 852.

⁴⁶ Keitel (1991; 2006) sobre como os discursos de Galba, Pisão e Oto e os tópicos ali presentes servem para construir o caráter e o contraste entre as três personagens.

somente se vangloria, derrubaram o império enquanto agia como amigo do imperador.⁴⁷

Relembrando sua *nobilitas* e *modestia*, Pisão apenas acusa Oto de vícios dos quais ele se vangloriaria. A estratégia aqui é semelhante à que vimos mais cedo na acusação a Galba; de fato, Pisão também argumenta por uma perversão de valores da parte de Oto: “engana-se quem a luxúria ilude sob a aparência de liberalidade” (*Falluntur quibus luxuria specie liberalitatis imponit*).⁴⁸ Numa aparência de *liberalitas* (que faltava a Galba), Oto apresentaria efetivamente o vício da luxúria, que não poucas vezes lhe será imputado por Tácito. Após a morte de Galba, Oto torna-se imperador e terá o título disputado por Vitélio. Enquanto o exército desse último se organizava, Tácito narra que

Otho interim contra spem omnium non deliciis neque desidia torpescere: dilatae uoluptates, dissimulata luxuria et cuncta ad decorem imperii composita, eoque plus formidinis adferebant falsae uirtutes et uitia reditura.

Enquanto isso, Oto – quebrando a expectativa de todos – não se entorpecia no prazer nem na inércia: adiados os prazeres e dissimulada a luxúria, arranjou tudo conforme a honra do império de modo que tanto mais terror causavam essas falsas virtudes e os vícios que ressurgiriam.⁴⁹

Chamamos a atenção para os termos *dilatatus*, *dissimulatus* e *compositus*, que qualificam as virtudes de Oto como simulacros e para a força de *falsae uirtutes* e *uitia reditura*, que veiculam a ideia de que vícios que efetivamente existiam antes estariam em vias de reaparecer e confirmar a falsidade de suas virtudes. Perkins observa, além disso, que Tácito usa da expressão *contra spem omnium* para levantar a desconfiança do leitor quanto à imagem que Oto pretende passar.⁵⁰ Se antes Oto acusara Galba de usar *falsa nomina*, o historiador aplica o mesmo adjetivo às suas virtudes: ou seja, o que se sabe que é real é a sua famigerada luxúria e seu gosto pelos prazeres, uma conduta que causava temor. As virtudes de Oto eram de tal maneira falsas, que ele mesmo se dá conta que não poderia lançar mão de verdadeiras qualidades para manter seu *principatum scelere*, segundo Tácito, reconhecendo que num momento crítico não mobilizaria seus soldados “com súbita modéstia e antiga austeridade” (*subita modestia et prisca grauitate*).⁵¹ Essas posturas já não servem nem a ele, nem àquele contexto.

⁴⁷ TAC., *Hist.*, 1.30.1.

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ TAC., *Hist.*, 1.71.1.

⁵⁰ Conferir também a análise que Perkins propõe das aliterações e quiasmos da passagem, que contribuem para o efeito da leitura. PERKINS, 1993, p. 853.

⁵¹ TAC., *Hist.*, 1.83.1.

Assim, para tentar controlar o ânimo dos soldados, o príncipe profere uma *oratio recta*, na qual se notam os seguintes termos: evocação de *uirtus* e *fortitudo* dos soldados, as quais precisam ser moderadas, e a necessidade de que eles compreendam que é preciso respeitar a autoridade do chefe (*ducum auctoritas, sic rigor disciplinae*). Ele acrescenta o que cabe a cada parte do corpo militar: ao chefe, o *consilium*; aos soldados, a *uirtus* (*mihi consilium et uirtutis uestrae regimen relinquit*). A maneira pela qual Oto se expressa é bastante razoável e Tácito chega a apontar que ele apresenta *seueritatis modus*.⁵² Mais uma vez, observa-se uma contraposição a Galba na medida em que Oto busca justamente agir adequando-se à realidade para que conquiste seus soldados de modo efetivo, tentando exibir virtudes de um bom comandante.⁵³

Mas é interessante observar como Oto advoga valores de disciplina e autoridade contra os quais ele mesmo se rebelou. De todo modo, segundo Syme, o discurso de Oto resume qualidades discursivas dignas de um *imperator*: “Oto, dirigindo-se à guarda pretoriana, fala como um comandante militar deveria falar – coagido talvez a se abster e ser indulgente, mas firme em princípios da disciplina militar e grandiloquente sobre Roma, o Império e o Senado”.⁵⁴ Nessa mesma linha, Keitel considera que esse discurso teria realmente a função de matizar a imagem negativa de Oto, retratando-o como um bom comandante, que terá, com efeito, traços positivos no obituário elaborado por Tácito, no segundo livro.⁵⁵ Um comportamento supostamente moderado encontramos no discurso indireto que Tácito lhe atribui, antes de sua partida para a guerra: ainda em Roma, o imperador discursa numa assembleia e Tácito emprega o advérbio *moderate* e o substantivo *moderatio*, no que concerne à ausência de ataque verbal às tropas inimigas e a Vitélio. Entretanto, Tácito coloca essa moderação em dúvida, justificando que talvez o escritor do discurso tenha tido medo de ofender Vitélio.⁵⁶ Não se trata, então, de uma qualidade do príncipe aqui.

Os capítulos seguintes destacam a organização da batalha por tropas otônicas e vitelianas, que será conhecida como Batalha de Bedriaco. Mais uma vez Tácito comenta como tanto Vitélio, quanto Oto eram uma opção ruim para o império. Entretanto, ao comparar a maldade de ambos, acentua a crítica aos vícios de Oto:

⁵² TAC., *Hist.*, 1.83-85.

⁵³ ASH, 1999, p. 86.

⁵⁴ SYME, 1958, p. 156: “Otho, addressing the Guard, speaks as military emperor should speak – constrained perhaps to forbear and be indulgent, but firm on principles of military discipline and magniloquent about Rome, the Empire, and the Senate”.

⁵⁵ KEITEL, 1991, p. 2782.

⁵⁶ TAC., *Hist.*, 1.90.2.

Sane ante utriusque exitum, quo egregiam Otho famam, Vitellius flagitiosissimam meruere, minus Vitellii ignavae uoluptates quam Othonis flagrantissimae libidines timebantur: addiderat huic terrorem atque odium caedes Galbae, contra illi initium belli nemo imputabat. Vitellius uentre et gula sibi inhonestus, Otho luxu, saeuitia, audacia rei publicae exitiosior ducebatur.

Sem dúvida, antes da morte de um e outro, quando Oto mereceu um ilustre renome e Vitélio, o mais extremamente infame, temiam-se menos as indolentes volúpias de Vitélio que os desejos por demais inflamados de Oto. Aumentara por este o terror também a morte de Galba; por outro lado, àquele ninguém inculpava o início da guerra. Vitélio envergonhou a si mesmo pela voracidade e gulodice. Oto, pelo luxo, pela crueldade e pela audácia, era considerado o mais pernicioso para a república.⁵⁷

A despeito da grandiosa reputação em que estará envolta a memória de Oto no futuro, enquanto vivo seus vícios eram temidos, de modo que Vitélio quase que se tornava uma opção menos ruim ao império. Antes, os vícios de Oto apareceram dissimulados, encobertos, agora Tácito os enumera e afirma o quão perniciosos eram: *luxus, saeuitia, audacia*, algumas corrupções individuais que no passado levaram a república à decadência. Além disso, durante a batalha apenas demonstrou sua falta de estratégia e de autoridade, o que leva suas tropas à derrota e ele, ao suicídio. Esse ato lhe rende algum prestígio na narrativa taciteana, mas não seria suficiente para torná-lo um herói.

Oto, decidindo deixar a vida, argumenta aos seus homens que: “penso que lançar a vossa *uirtus* de novo contra um grande perigo é um preço excessivo para a minha vida” (*uirtutem uestram ultra periculis obicere nimis grande uitae meae pretium puto*)⁵⁸ e tem certeza de que se tornará um *exemplum*: sua desistência do poder é um ato de coragem (*fortiter*), porque finda-se assim a guerra. Ele mesmo considera sua decisão um ato de *constantia* a ser lembrado, tranquiliza seus homens falando afavelmente (*comiter*) e com *auctoritas*.⁵⁹ Seu discurso assume tons de moderação, de ponderação quanto ao que seria melhor para seus soldados e para a *res publica*, e deixa de lado os vícios que o motivaram e o acompanharam até esse momento. Assume, ao contrário, qualidades que Tácito tem apresentado como acessórias à *uirtus* imperial.

O obituário de Marco Sávio Oto traz as informações de modo bastante breve, mobilizando dados como sua origem e a sua infância, que já comentamos. O que mais chama a atenção no retrato é a sentença final a seu respeito: “por dois atos – um extremamente infame, outro honroso – mereceu entre os pósteros tanto uma boa, quanto uma má fama” (*Duobus facinoribus, altero flagitiosissimo, altero egregio, tantundem*

⁵⁷ TAC., *Hist.*, 2.31.1.

⁵⁸ TAC., *Hist.*, 2.47.1.

⁵⁹ TAC., *Hist.*, 2.47.2 e 2.48.1. Veja-se também Balmaceda (2017, p. 190).

apud posteros meruit bonae fama quantum malae).⁶⁰ Tácito justapõe o caráter positivo e o negativo da personagem, contudo, o emprego do superlativo sugere ali uma ênfase no infame assassinato que cometera.⁶¹ Apesar de seu suicídio ter sido visto como um ato louvável e de ter-se mostrado um chefe razoável em seus discursos, não foi capaz de imperar dando provas de suas qualidades. Embora reivindique a si o *consilium* do chefe, ignora conselhos e se precipita em decisões que ocasionam sua queda.

Conforme vimos nos excertos anteriores, Vitélio tampouco era uma alternativa melhor para o Principado.⁶² Em 69 d.C., a situação política era representada por um impasse, uma vez que “as personalidades e o caráter dos dois candidatos são os mais torpes possíveis, combinando os vícios mais opostos à responsabilidade que a posição exige”.⁶³ A caracterização de Vitélio revela um general pouquíssimo promissor, embora em seus momentos iniciais ele seja visto de modo positivo por seus soldados.

Anteriormente, Tácito tinha dito que seus vícios eram menos temidos que os de Oto. De fato, a caracterização que se segue demonstra certa incapacidade do general na Germânia, mas que era vista de modo deturpado pelos seus partidários:

*Et ut * Vitellius apud seueros humilis, ita comitatem bonitatemque fauentes uocabant, quod sine modo, sine iudicio donaret sua, largiretur aliena; simul auuiditate imperandi ipsa uitia pro uirtutibus interpretabantur.*

E como * Vitélio era desprezível entre os mais austeros, assim seus apoiadores chamavam cordialidade e benevolência, pois sem mesura e sem julgamento ele dava o que era seu, prodigalizava o que era dos outros. Ao mesmo tempo, por causa da avidez em comandar, os próprios vícios eram entendidos como virtudes.⁶⁴

A confusão entre vícios e virtudes no excerto é resultado do desejo de poder daqueles que o circundam, não necessariamente de Vitélio. Esse desejo ávido ocasiona uma interpretação errônea de vícios como virtudes e vemos aqui ações desmesuradas e

⁶⁰ TAC., *Hist.*, 2.50.1.

⁶¹ Perkins (1993, p. 855) nota também a escolha lexical de *facinus*, que, apesar de ser, na origem, um termo neutro, normalmente em Tácito tem conotação negativa. Observamos ainda que Tácito emprega o mesmo superlativo *flagitiosissimus* para se referir à reputação de Vitélio. Cf. *supra*.

⁶² Para a caracterização de Vitélio, veja-se: Ash (1999). Cf. ENGEL, R. Das Charakterbild des Kaisers Vitellius bei Tacitus und sein historischer Kern. *Athenaeum*, 55, p. 345-58, 1977; KEITEL, E. Feast Your Eyes on This: Vitellius as a Stock Tyrant (Tac. Hist. 3.36–39). In: Marincola (2007); MURISON, C. L. **Galba, Otho and Vitellius: Careers and Controversies**. Hildesheim: G. Olms Verlag, 1993.

⁶³ MARQUES, 2007, p. 186.

⁶⁴ TAC., *Hist.*, 1.52.1. Ash (1999, p. 108) observa a presença da mesma ideia em Salústio sobre Mário, em *Jug.*, 92.2: “Todos seus projetos menos sensatos passavam por bravura” (*Omnia non bene consulta in uirtutem trahebantur*). Tradução de Antônio da Silveira Mendonça, com ligeira modificação. Ver também, Damon (2003, p. 208), que remete a ideia à *Hist.*, 1.5.2 (*uitia principum amarent quam olim uirtutes uerebantur*; cf. p. 181 deste trabalho). Damon (2006, p. 276-79) discute a melhor tradução para *auuiditate imperandi*, tendo em vista a caracterização de Vitélio.

irrefletidas tomadas como qualidades interessantes ao comandante e a quem governa, como a *comitas*. Porém, mais uma vez Tácito demonstra como o contexto caótico daquele momento influencia no fato de que vícios aparentavam ser virtudes. O retrato de Vitélio em grande medida revela um homem inapto e sem energia para a busca do império, e ele chegará ao título de imperador por meio do trabalho de suas tropas e não de seus próprios esforços:

Torpebat Vitellius et fortunam principatus inertis luxu ac prodigiis epulis praesumebat, medio diei temulentus et sagina grauis, cum tamen ardor et uis militum ultro ducis munia implebat, ut si adesset imperator et strenuus uel ignauis spem metumue adderet.

Vitélio desfrutava antecipadamente a condição de príncipe em meio do luxo inerte e pródigos banquetes, bêbado no meio do dia e empapuçado de comida. Entretanto, o ardor e a força dos soldados cumpriam espontaneamente os deveres do chefe, como se estivesse presente um comandante que trouxesse aos bravos ou aos indolentes ou esperança ou medo.⁶⁵

A imagem gluttona de Vitélio, consolidada no imaginário antigo pelas fontes,⁶⁶ é introduzida para ilustrar sua falta de comando e a responsabilidade assumida então pelo exército. O verbo *torpeo* nos faz lembrar do esforço de Oto em dissimular seus vícios não entorpecendo seu império com deleites.⁶⁷ Vitélio, por sua vez, a eles se entrega completamente, o dia todo. Sua imagem é calcada numa ideia de passividade que será a brecha para o retrato que veremos de seus principais homens, que acabavam por assumir seus deveres. Os vícios de Vitélio eram responsáveis, de acordo com Tácito, pelas derrotas de seus exércitos e pela degeneração de valores de seus homens: “se moderasse a extravagância, não temerias a avareza [de Vitélio]; [...] O soldado descambava do trabalho e da *uirtus*, ao se acostumar aos prazeres e a desprezar o chefe” (*si luxuriae temperaret, auaritiam non timeres [...] Degenerabat a labore ac uirtute miles adsuetudine uoluptatum et contemptu ducis*).⁶⁸ O historiador repete essa ideia ao afirmar que “os homens eram corrompidos pelo luxo, contrariamente à antiga disciplina e aos costumes instituídos pelos antigos, entre os quais a *uirtus*, mais que o dinheiro, sustentou a república romana” (*et uires luxu corrumpebantur, contra ueterem disciplinam et instituta maiorum, apud quos uirtute quam pecunia res Romana melius stetit*).⁶⁹

⁶⁵ TAC., *Hist.*, 1.62.2.

⁶⁶ Entre as fontes antigas, veja-se DIÃO CÁSSIO, 65.3 e SUET., *Vit.*, 13.2. Ash (1999, p. 96 e ss.) analisa diferentes fontes que tratam da gula como traço ligado a personalidades tirânicas.

⁶⁷ Damon (2006, p. 255 e ss.) analisa como o verbo *torpeo* estabelece um eixo entre os retratos de Vitélio, Oto e Vespasiano (via Muciano) quanto às funções imperiais. Veja-se também Balmaceda (2017, p. 191).

⁶⁸ TAC., *Hist.*, 2.62.1.

⁶⁹ TAC., *Hist.*, 2.69.2.

Vemos que o vício da luxúria, que permeia toda a caracterização do imperador, é capaz de corromper e degenerar inclusive a *uirtus* dos soldados. Vitélio, nesse sentido, ao invés de ser um *exemplum uirtutis* para seus homens, tal Corbulão, destrói a *uirtus*. Vitélio é reduzido a um corpo tomado pela preguiça e pela gula, a uma “mente instável” (*mobilidade ingenii*),⁷⁰ a um general sem qualquer autoridade (*nihil auctoritatis*).⁷¹ Enquanto seus supostos melhores homens estavam em vias, um de traí-lo, o outro, de perder as tropas, ele próprio

curis luxum obtendebat: non parare arma, non adloqui exercitioque militem firmare, non in ore uolgi agere, sed umbraculis hortorum abditus, ut ignauia animalia, quibus si cibum suggeras, iacent torpentque [...].

encobria suas preocupações com luxo: não preparava as armas, não estimulava o exercício nem fortalecia com exercícios os soldados, não agia na presença do povo, mas sim se escondia nas sombras dos jardins, como animais preguiçosos, os quais, se os alimentares, deitam e ficam entorpecidos.⁷²

Todas as competências militares lhe são subtraídas, enumeradas por Tácito apenas pela negação, algo que salta aos olhos se pensarmos no retrato de outros comandantes militares. Apesar de a inação e o torpor serem característicos da personagem, que por isso não tomava qualquer atitude enquanto imperador e *dux*, isso se deve também a sua ignorância na arte militar.⁷³ Segundo Tácito, Vitélio é também “ignorante sobre formação militar, desprovido de estratégia” (*ignarus militiae, improvidus consilii, [...]*),⁷⁴ entre outras habilidades necessárias a qualquer comandante.

Também em seu obituário, salienta-se a ausência de virtudes. Ainda que tenha exercido diversos cargos públicos, nada obtivera por seu próprio empenho, mas por causa da notoriedade do pai. Sua covardia é novamente apontada: só porque não o conheciam verdadeiramente é que o reconheceram como príncipe. Apesar de sua *simplicitas* e *liberalitas* (essa que faltava a Galba), não havia *modus*, o que transforma qualquer virtude em vício, ideia constante na obra taciteana:

Principatum ei detulere qui ipsum non nouerant; studia exercitus raro cuiquam bonis artibus quaesita perinde adfuere quam huic per ignauiam. ² Inerat tamen simplicitas ac liberalitas, quae, ni adsit modus, in exitium uertuntur.

⁷⁰ TAC., *Hist.*, 2.57.2. Galba também é recriminado por sua *mobilidade ingenii* (*Hist.*, 1.7.2).

⁷¹ TAC., *Hist.*, 2.92.1; Cf. *Hist.*, 3.70.4: *neque iubendi neque uetandi potens*, que reforça a falta de poder e autoridade de Vitélio.

⁷² TAC., *Hist.*, 3.36.1.

⁷³ ASH, 1999, p. 118.

⁷⁴ TAC., *Hist.*, 3.56.2. Veja-se também Meulder (1995, p. 85 e ss.) sobre a inaptidão militar de Vitélio.

Confiaram a ele o principado aqueles que não o conheciam de fato. É raro que o apreço do exército seja obtido pelos que o procuravam com qualidades, assim como a ele, que o fazia pela inação. Ainda que dispusesse da simplicidade e da liberalidade, essas, se não há moderação, se transformam em destruição.⁷⁵

Antes de finalizarmos, vejamos o vocabulário empregado por Tácito na caracterização dessas figuras do ano de 69 d.C., e o que ele nos diz sobre a *uirtus* e suas possíveis escrituras:

Galba	Pisão	Oto	Vitélio
<i>auaritia</i>	<i>antiquus mos</i>	<i>auctoritas</i>	<i>incuriosus</i>
<i>facilitas</i>	<i>constantia</i>	<i>audacia</i>	<i>inuidia</i>
<i>incuriosus</i>	<i>modestia</i>	<i>comiter</i>	<i>ira</i>
<i>iustitia</i>	<i>moderatio</i>	<i>consilium</i>	<i>luxus/luxuria</i>
<i>laus militaris</i>	<i>nobilitas</i>	<i>constantia</i>	<i>petulanter</i>
<i>moderatio</i>	<i>seuerus</i>	<i>desidia</i>	<i>saeuitia</i>
<i>parsimonia</i>	<i>tristior</i>	<i>ignauia</i>	<i>seueritas [modus]</i>
<i>rigor [antiquus]</i>		<i>fortiter</i>	<i>uoluptas</i>
<i>saeuitia</i>	Valores presentes nas		
<i>sapientia</i>	palavras de Galba:	Oto evoca (em discurso)	
<i>seueritas</i>	<i>amicitia</i>	no outro:	
<i>inconstantia</i>	<i>fides</i>	<i>disciplina</i>	
	<i>libertas</i>	<i>fortitudo</i>	
	*outros termos importantes:	<i>uirtus</i>	
	<i>adulatio</i>		
	<i>contumelia</i>		
	<i>disciplina</i>		
	<i>obsequium</i>		

O retrato dessas personagens revela que, na época dessa guerra civil, dispor de virtudes parece um tanto complicado: seja pelos tempos, seja pelas inclinações individuais, ou ainda, pelo fato de que o próprio contexto de uma guerra civil influencia os ânimos dos indivíduos de modo especial. Vemos nos retratos um vocabulário que se associa ao conceito de *uirtus*, como temos visto, entretanto, representando *exempla* em que esse valor se deteriora. A presença das virtudes ao longo do ano de 69 d.C. a partir da caracterização desses três príncipes parece gradualmente decrescente, abrindo um espaço cada vez maior para vícios que são capazes de fazer degenerar a *uirtus*.

Com Galba e Pisão (cuja descrição contribui para entender o contexto e o príncipe), temos a maior presença do vocabulário de virtudes que representam *uirtus* no Principado. Contudo, também é notável no retrato dessas duas figuras a atmosfera do *antiquus mos*: virtudes e posturas que, inspiradas em outros tempos, já não funcionam no presente. Um presente cujas inconsistências políticas o próprio Galba percebe, mas apenas no plano discursivo: entende a importância da *libertas* e de outros valores romanos que acabam sufocados pela adulação, tem propostas contra esse movimento, mas não

⁷⁵ TAC., *Hist.*, 3.86.3-4.

enxerga a dinâmica do seu contexto. O retrato de Galba apresenta, com efeito, as virtudes necessárias para o governo, mas deixa de ser capaz de fazê-lo por não encontrar a medida certa em virtudes como a *seueritas* e *auaritia*. Pisão, por seu turno, parece dispor de qualidades que fazem diferença na manifestação da *uirtus*: nos poucos momentos em que aparece, Tácito nota sua *moderatio* ou *modestia*.

Os retratos apresentam alguns eixos comuns: a. a *uirtus* só é atribuída, no singular, como bravura militar aos soldados desses *duces*; b. em geral, eles apresentam condutas viciosas, erroneamente entendidas como virtuosas, tão corrompidos estão os tempos. Depois de Nero, acostumou-se tanto aos vícios que já não se reconhecem de fato as virtudes. Galba as demonstrou em certa medida, mas essa inversão é apontada por Oto; este, sabendo de seus vícios, em muitos momentos tentou ao menos disfarçá-los, expondo falsas virtudes. Como comandante, na verdade, procurava exaltar a *uirtus* de seus homens e a organização hierárquica das legiões, reconhecendo a importância dessas para obtenção e manutenção do poder. Quanto a Vitélio, nem isso: a tal ponto entregue à luxúria, que seu efeito sobre a *uirtus* era devastador. As únicas virtudes que teve advinham dos olhos embaçados pelo desejo de poder. O retrato de Vitélio é o de um comandante e *princeps* de tal modo passivo, que foram seus legados que se destacaram durante a guerra. Observaremos seus retratos a seguir.

Cecina Alieno e Fábio Valente: *cupiditas* e *ambitio*

Um traço marcante de Vitélio é sua inatividade, sua passividade. Todavia, isso não o impediu de chegar ao poder, porque tinha dois legados que garantiram seu sucesso. O exército de Vitélio era formado por homens “modestos e tranquilos assim como por maus e intrépidos” (*modesti quietique ita mali et strenui*), de acordo com Tácito.¹ São esses últimos, intrépidos, que terão lugar na narrativa: segundo o historiador, os legados de legião Cecina Alieno e Fábio Valente se destacavam por *profusa cupiditas* e *insignis temeritas* (cobiça desenfreada e notável temeridade). Fábio Valente é descrito ainda como uma pessoa de “indolente índole, que desejava mais do que sonhava” (*segne ingenium ut concupisceret magis quam ut speraret*).² Por essa apresentação de Tácito, já se pode suspeitar que as condutas apresentadas serão pouco pautadas pela reserva, pela *moderatio*.

Embora “a ganância seja um traço que liga ambos os comandantes e seus respectivos exércitos”,³ eles aparecem em disputa e seus retratos se constroem por essa interação. Vejamos a primeira descrição de Cecina:

At in superiore Germania Caecina, decorus iuuenta, corpore ingens, animi immodicus, scito sermone, erecto incessu, studia militum inlaxerat.

Na Germânia superior, Cecina, de uma juventude bela, corpo imenso, caráter imódico, seduzia a afeição dos soldados com uma expressão notória e uma marcha ativa.⁴

O excerto nos traz diferentes características já observadas em outras personagens: Tácito menciona seu modo de falar (*sermo*), sua juventude e o *corpus ingens*, traço que o historiador costuma destacar nas figuras militares e que contrasta com a descrição de Oto e seu corpo delicado. Apesar de não serem essenciais, essas características físicas têm apelo, demonstrando a importância da opinião pública naquele contexto. Cecina seduzia os soldados, obtendo sua espontânea afeição – *studia militum*. Essa simpatia dos soldados por Cecina é mencionada mais uma vez por Tácito, no livro 2, que explica a preferência das tropas por ele a Fábio Valente: nota-se o verbo *inclino* e a presença dos mesmos

¹ TAC., *Hist.*, 1.52.3. Damon (2003, p. 208) indica que *quies* pode ser compreendido como um correlato de *modestus* e esta característica será reiterada no comportamento do exército de Cecina (cf. 2.19: *modesti sermones*; 2.20: *modesto agmine*; 2.27: *ad modestiam composuit*). Cf. SAL., *Jug.*, 67.1: *iuxta boni malique, strenui et inbelles inulti obruncari*.

² TAC., *Hist.*, 1.52.4.

³ ASH, 1999, p. 111: “Greed is the trait which links both commanders and their respective armies”.

⁴ TAC., *Hist.*, 1.53.1.

motivos que os seduziam antes, a saber, “a afeição dos soldados, entretanto, tendia a Cecina, além da generosidade de seu caráter, pela qual era considerado ainda mais preparado, também por causa do viço da idade, estatura do corpo e certo favor vazio” (*studia tamen militum in Caecinam inclinabant, super benignitatem animi, qua promptior habebatur, etiam uigore aetatis, proceritate corporis et quodam inani fauore*).⁵ Esses traços aparentemente positivos tornam-se menores devido à epígrafe sob a qual Cecina é apresentado de antemão na narrativa de Tácito. Ademais, não se pode deixar passar o emprego de *immodicus* no excerto anterior. Tácito emprega um termo prefixado por *in-* que parece reforçar o adjetivo referente à caracterização totalmente oposta ao que temos visto em termos de conduta, a moderação.

Nesse sentido, cabe salientar o destaque linguístico que o retrato adquire para destacar um traço negativo; de fato, segundo Cinthia Damon, nas *Histórias*, Tácito emprega muitas vezes termos com o prefixo negativo, ressaltando, assim, desvios de certos modelos.⁶ Apesar de algumas características positivas, por enquanto não temos nenhuma qualidade do legado que nos leve a pensar na representação da *uirtus*.

Enquanto Cecina atravessava o rio Pó, Fábio Valente e suas legiões avançavam pelos Alpes Cotianos.⁷ As primeiras menções a traços de seu caráter também não são nada positivas: sua marcha até os Alpes foi marcada pela corrupção nos lugares em que passou, ocasionada pela sua excessiva ambição (*cupiditas*) e Tácito o chama de *immoderatus*.⁸ O retrato de Fábio Valente como general vai-se construindo pela repetição da *cupiditas* já anunciada e em relação à qual ele não tinha qualquer moderação – o uso do adjetivo com o prefixo negativo coloca esse traço em evidência. De fato, muito da imagem de Valente se constrói a partir de sua falta de controle sobre si e, conseqüentemente, sobre suas tropas, cuja obediência ele ganha não pela autoridade, mas pela corrupção, conforme observa Gwyn Morgan.⁹ Ora, temos então dois chefes cuja imagem até aqui chama atenção pela presença negativa de uma qualidade que temos visto ser primordial no pensamento do historiador: ambos são imoderados, sem medida.

⁵ TAC., *Hist.*, 2.30.2. Veja-se em Corbulão: *inanium ualidus*. Cf. p. 166.

⁶ DAMON, 2003, p. 13.

⁷ Em nossa análise, focaremos apenas na descrição pessoal dos dois comandantes. Entretanto, vale a pena notar que o paralelo entre essas personagens também pode ser verificado na construção narrativa de suas campanhas simultâneas. Morgan (1994) elenca os diferentes recursos taciteanos para mostrar as similaridades e oposições entre os generais e suas estratégias, a saber, o equilíbrio na descrição da campanha de um e outro, marcada pelo emprego de ecos verbais e antíteses (1994, p. 104-8), pelo tom do relato (p. 108 e ss.) e por seu conteúdo. Veja-se também Arthur Pomeroy (2006) sobre o caráter teatral da marcha de Aulo Cecina e Fábio Valente, e Damon (2003, p. 229).

⁸ TAC., *Hist.*, 1.66. Essa avidez violenta do chefe também é descrita em *Hist.*, 3.41.1.

⁹ MORGAN, 1994, p. 107.

Se Fábio alcançou seu destino pelo dinheiro, Cecina o fez derramando sangue e saqueando cidades, segundo Tácito.¹⁰ Ele ataca os helvécios que, não sabendo ainda da morte de Galba, se recusavam a prestar juramento a Vitélio. Cecina, no contexto, age de modo exagerado, punindo, saqueando: o historiador o denomina *belli avidus*.¹¹ Em seguida,¹² Cecina trama suas estratégias, enviando algumas tropas pelo rio Pó, visando a lugares táticos, como Placência e Cremona, onde estabeleceria sua base militar, episódio que faz parte da narrativa do segundo livro das *Histórias*. Ali, centuriões e tribunos louvam a *prouidentia ducis*, uma característica do bom general.

Tendo Cecina ultrapassado os Alpes, Tácito relata que era como se a *saeuitia* e a *licentia* do general, bem demonstradas entre os helvécios, tivessem sido abandonadas. O general chega à Itália vestido com trajes típicos dos bárbaros e é visto como arrogante (*superbia*).¹³ Isso não indica, no entanto, uma mudança de comportamento real do chefe, mas sua ação premeditada visando à glória, uma vez que estava consciente de “que, se o início da guerra tivesse corrido bem, teria renome nas demais coisas” (*ut initia belli prouenissent, famam in cetera fore*),¹⁴ e cerca Placência, causando terror. Entre a descrição das batalhas que se seguem em Bedriaco, Tácito retoma a rivalidade entre os dois chefes. Temendo perder seu renome para Fábio Valente, por causa de sua derrota anterior, Cecina “se precipitava para recuperar a glória com mais avidez do que cautela” (*reciperare gloriam avidius quam consultius properabat*),¹⁵ e devemos atentar para o emprego de *avidius*: uma qualidade que atesta o primeiro adjetivo que Tácito empregara – *immodicus*. Como um militar, o gosto pela guerra e, conseqüentemente, pela glória, é normal e louvável nos homens de *uirtus*, mas a avidez se configura um vício nesse contexto. Essa ânsia pela glória leva Cecina a ações irrefletidas, inadequadas ao homem militar: uma emboscada mal planejada teria sido seu fim e de suas tropas não fosse a

¹⁰ Veja-se Ash (1999, p. 111), para a metáfora da “sede de sangue”, frequentemente usada para caracterizar condutas tirânicas. Para a autora, é interessante o fato de que na obra Cecina é a personagem que Tácito descreve por meio dessa linguagem, e não Vitélio. Também Morgan (1994, p. 110).

¹¹ TAC., *Hist.*, 1.67.2.

¹² Neste ponto, Tácito muda o foco narrativo, deixando de falar da campanha dos dois generais, para realçar a participação e movimentação de Vespasiano e Muciano, no início do segundo livro. Depois disso, retoma o foco na preparação de ambos os grupos para a batalha de Bedriaco.

¹³ Sobre a imagem de Cecina nesse episódio devido à sua vestimenta, veja-se Pomeroy (2006, p. 177-8) e Ash (1999, p. 40). Esta última argumenta que em diversos momentos da obra, as tropas vitelianas assumem o papel dos bárbaros, sendo assim representados. A roupa que Cecina usa para falar com romanos togados ilustraria essa proposição.

¹⁴ TAC., *Hist.*, 2.20.2. Notamos esse tópico da importância da primeira vitória como algo presente no planejamento estratégico dos bons chefes em nosso capítulo 3.

¹⁵ TAC., *Hist.*, 2.24.1.

hesitação de Suetônio Paulino em seu ataque.¹⁶ Apesar desse incidente, no qual a “vitória” do general é fruto do erro de outrem,¹⁷ Cecina parece sair em vantagem em relação a seu companheiro Fábio Valente.

A comparação entre ambos se dá mais uma vez após a morte de Oto e o reconhecimento de Vitélio como príncipe romano. Havendo comemorações em Roma, Fábio Valente decide se manifestar por meio de uma carta: “A carta de Fábio Valente, escrita de maneira não exagerada, foi lida aos cônsules, mas mais bem apreciada foi a modéstia de Cecina, porque não escrevera” (*Recitatae Fabii Valentis epistulae ad consules scriptae haud immoderate; gratior Caecinae modestia fuit, quod non scripsisset*).¹⁸ Considerando sua posição de legado, Cecina portou-se de modo conveniente, visto que não lhe era permitido se dirigir sem intermediários ao senado.¹⁹ À *modestia* de Cecina opõe-se a crítica suavizada pela litotes *haud immoderate*: Tácito prefere não qualificar sua ação como especificamente moderada. Entretanto, nota-se novamente o uso do adjetivo *immoderatus* referindo-se a essa personagem, e, para Cecina, *modestus*, que não corresponde muito a seu retrato. A presença desses termos de um mesmo campo lexical – da moderação, da continência – parece reforçar sua importância em Tácito e faz eco a Agrícola e sua conduta contrária nesse mesmo período.

O reconhecimento pontual da postura acertada de Cecina, que de certa maneira não demonstra interesse em uma espécie de adulação ao novo príncipe, não impede que Tácito continue a apontar os problemas de sua conduta tida por ambiciosa (*Minus auaritiae in Caecina, plus ambitionis*). Também Valente é criticado pela confusão que se instaura na Itália: “infamado por causa do lucro e privilégios” (*Valens ob lucra et quaestus infamis*).²⁰ De fato, o que se vê no retrato de ambos é a presença, cada um a seu modo, de um caráter perturbado pela falta de limite, pelo querer excessivo. Mesmo quando Tácito atribui qualidades a um e outro, não se trata de características que construam a imagem de bons generais, levando em consideração o vocabulário que temos visto. Na verdade, ocorre com frequência a constatação da falta de medida nas ações dessas personagens, o que, no contexto, não poderia ser defeito mais problemático.

¹⁶ TAC., *Hist.*, 2.26.2.

¹⁷ BALMACEDA, 2017, p. 195; MORGAN, 1994, p. 123.

¹⁸ TAC., *Hist.*, 2.55.2.

¹⁹ Segundo Hellegouarc’h (1989, p. 203, nota 08), o contato direto com o senado era permitido somente ao príncipe. Veja-se também Ash (2018, p. 229).

²⁰ TAC., *Hist.*, 2.56.2.

Talvez, a diferença entre eles seja apenas a menor disposição de Cecina à corrupção, como aponta Morgan.²¹

A caracterização dos legados segue em torno de uma qualidade importante: a *fides*. Num momento em que deserções dos exércitos a Vitélio acontecia,²² Cecina aparece disposto a uma traição iminente. A conjectura de uma traição por parte desse general é acentuada pela imagem que o historiador descreve de seu exército:

Longe alia proficiscentis ex urbe Germanici exercitus species: non uigor corporibus, non ardor animis; lentum et rarum agmen, fluxa arma, segnes equi; impatiens solis, pulueris, tempestatum, quantumque hebes ad sustinendum laborem miles, tanto ad discordias promptior. ² *Accedebat huc Caecinae ambitio uetus, torpor recens, nimia fortunae indulgentia soluti in luxum, seu perfidiam meditantem infringere exercitus uirtutem inter artes erat.*

Por outro lado, o exército germânico, avançando para fora da cidade, aparentava não ter nem vigor corporal, nem entusiasmo no ânimo; a marcha lenta e espaçada, armas soltas, cavalos preguiçosos; os soldados não suportavam o sol, a poeira, intempéries, e quanto mais fracos para aguentar o trabalho, tanto mais dispostos a desavenças. Acrescentavam-se a isso, a antiga ambição de Cecina e a recente apatia, devido às excessivas benesses da fortuna desperdiçadas no luxo, ou porque tinha entre seus planos abalar a coragem dos soldados, já cogitando a perfídia.²³

Toda a descrição taciteana insinua uma derrota iminente; o exército germânico é representado pela ausência do que é preciso para se conseguir glória. O próprio texto latino tem um ritmo pesado e lento, que aumenta o efeito da passagem: a descrição se constrói por segmentos frasais decrescentes, que ilustram o decadente vigor do grupo, a falta de entusiasmo e a vagareza da marcha, uma letargia que atinge até os cavalos. De certo modo, os soldados emulam o chefe, que, antes ambicioso (*ambitio*), agora também está tomado por um *torpor*, o que nos remete à indolência exacerbada de seu superior, Vitélio. Como bem pontua Ash, “se o próprio Vitélio sucumbe à tentação, então também seus oficiais e soldados”.²⁴ Tácito acrescenta a imagem de Cecina se consumindo em excessivas (*nimia*) regalias na luxúria (*in luxum*), que certamente parecem herdadas do contato com o príncipe. É interessante notar como, nas *Histórias*, o adjetivo *nimius* aparece diversas vezes, conferindo essa ideia de exagero mesmo em relação a virtudes. *Fortuna* costuma ser algo positivo, mas Tácito a desloca para o campo do vício por meio

²¹ MORGAN, 1994, p. 110.

²² TAC., *Hist.*, 2.93.

²³ TAC., *Hist.*, 2.99.1-2.

²⁴ ASH, 1999, p. 117. “If Vitellius himself succumbs to temptation, so too do his officers and soldiers”. A autora analisa, na verdade, como não só o imperador, mas a cidade de Roma em si também corrompe ou debilita a moral.

do termo *nimia*, assim como ocorrera com a *nimia seueritas* de Galba.²⁵ Nesse sentido, seria interessante ainda perscrutar os efeitos desse adjetivo na narrativa taciteana.

Mas o futuro infeliz das tropas não se daria somente pelo espírito vicioso do chefe. O *innuendo* do historiador aponta para uma segunda sugestão em que destacamos um planejamento de possível perfídia por parte de Cecina, abalando a *uirtus* do exército. E aqui, vemos outra vez o poder do vício contra a *uirtus*, que no contexto das *Histórias* é muitas vezes alvo de verbos como *infringo*, *corrumpo* e *degenero*. A ideia de *perfidia* ou ausência de *fides* aparece referida algumas vezes na sequência (cf. 2.100: *flagitiosa perfidia*; 3.9.2: *si adfuisset fides e pacta perfidiam firmaret*). Embora pudesse ter derrotado as tropas vespasianas se quisesse, Tácito relata que Cecina se aproveitou da situação para firmar o pacto de sua traição. Cecina, em 3.13, exalta a *uirtus* de Vespasiano e anuncia a aliança a ele, ato que não é recebido de bom grado por todos os soldados, levando à prisão do chefe. Até mesmo pelas tropas de Antônio Primo será acusado por sua *superbia* e *saeuitia*, traços já conhecidos de seu caráter:

*Sed ubi Caecina praetexta lictoribusque insignis, dimota turba, consul incessit, exarsere uictores: **superbiam saeuitiamque** – adeo inuisa scelera sunt – etiam **perfidiam** obiectabant.*

Mas quando Cecina, insigne pela pretexto e com litores, apartada a multidão, entrou tal qual um cônsul, enfureceram-se os vencedores: recriminavam-lhe a soberba e a crueldade – a tal ponto são odiosos seus crimes – e até mesmo a sua perfídia.²⁶

Enquanto Cecina fora preso e passara para o partido de Vespasiano, Valente tomava decisões que revelavam sua inaptidão como chefe. Por fim, é capturado e perde suas tropas para as forças vespasianas, episódio narrado em 3.44; mas pelo menos, manteve-se fiel a Vitélio, único ponto positivo abordado em seu obituário: “Valente nascera em Anágna, em uma família da ordem equestre. Insolente quanto aos costumes e de um caráter não dissonante buscava uma fama de civilidade por meio de excessos” (*Natus erat Valens Anagniae equestri familia. **Procax moribus neque absurdus ingenio famam urbanitatis per lasciuam petere***).²⁷ Enquanto a maioria das personagens que vimos foram lembradas por seus costumes, fossem egrégios ou antigos, Fábio Valente se distingue na posteridade por sua insolência e caráter entregue aos excessos. Sua carreira como legado fora marcada por atos nefastos: “Quando legado de legião, tanto

²⁵ Cf. *nimia comitas*, em Germânico. TAC., *Ann.*, 2.55.1.

²⁶ TAC., *Hist.*, 3.31.4.

²⁷ TAC., *Hist.*, 3.62.2.

favoreceu Virgínio, quanto o difamou. Matou Fonteio Capitão porque fora corrompido, ou porque não pudera corrompê-lo. Traidor de Galba, fiel a Vitélio, mas se tornou ilustre pela perfídia de outrem” (*Legatus legionis et fouit Verginium et infamauit; Fonteium Capitonem corruptum, seu quia corrumpere nequiuerat, interfecit; Galbae proditor, Vitellio fidus et aliorum perfidia inlustratus*).²⁸

O retrato final de Fábio Valente nos oferece uma imagem bastante negativa da personagem, destacando-se sua índole imoral. Tácito enumera seus feitos nocivos como legado da legião, os quais são marcados pela gradação em *infamo*, *corrumpo* e *interficio*, ações alinhadas à conduta de um homem militar corrompido. Traíra Galba, e mesmo tendo sido fiel a Vitélio, a mácula da perfídia também ficou associada à sua imagem. Sobre a morte de Cecina, sabe-se, pela biografia de Tito escrita por Suetônio, que foi morto por esse imperador, tendo-se envolvido numa conspiração contra Vespasiano junto a Marcelo Éprio.²⁹

A caracterização de Fábio Valente e Cecina Alieno constitui o retrato de generais que, liderando seus exércitos, já não dispunham de *uirtus*, considerando-se o vocabulário que temos analisado ao longo de nosso trabalho. O conjunto lexical que observamos quanto a essas figuras é, sobretudo, composto por vícios que infamam a imagem do bom general e, em geral, relacionados ao excesso. Nesse sentido, de saída nota-se uma descrição reduzida das ações dos legados em comparação ao retrato de outros generais, muito mais detalhadas quanto a tais elementos que servem a ilustrar *uirtutes imperatoriae*. Vejamos o resumo dos termos presentes na caracterização:

Cecina Alieno

ambitio perfidia
avidus prouidentia
immoderatus saeuitia
licentia superbia
luxus torpor
modestia

Fábio Valente

auaritia
cupiditas
immoderatus
infamis
lasciuia
procax moribus
temeritas

No que concerne a Cecina, há, de fato, uma característica do bom militar que lhe garante sucesso em suas empreitadas, a *prouidentia*. Contudo, essa se mostra inútil na

²⁸ TAC., *Hist.*, 3.62.2.

²⁹ SUET., *Tito*, 6. Vide Damon (2003) e Morgan (1994).

medida em que o chefe não tem *consilium* para a tomada de decisões; age, ao contrário, motivado por sua índole descontrolada (*immodicus*), sua *ambitio*, *cupiditas* e *aviditas* em busca da *gloria* – ela por si só não necessariamente negativa. Fábio Valente foi notadamente descrito por sua *avaritia* durante as campanhas, essa resultante da falta de moderação em relação à *cupiditas*. Em ambos, nota-se repetidas vezes uma conduta descrita pelos termos *modestia*, *modicus* e *moderatus* prefixados negativamente, reforçando a ausência da medida em suas ações. Vale observar que no retrato de Agrícola a *presença* desses termos é constante em todo o retrato, e esse general teve uma postura moderada mesmo no ano da guerra civil. Dessa forma, os retratos de Cecina e Valente, em oposição a Agrícola, apontam para uma supressão gradual da *uirtus*.

A imagem desses homens é um sintoma de seus contextos. A falta de liderança, de disciplina e de valor gera homens como eles. Vitélio, como vimos, *dux* superior desses legados, depois imperador, representou vícios que só fizeram corromper aqueles sob seu comando. Certamente, o retrato de Cecina e de Valente demonstra uma gradação crescente do lugar ocupado pelos vícios daqueles que buscam a glória, entretanto pela ambição, luxúria ou corrupção, e pouco pela *uirtus*. O retrato dessas personagens são *exempla* da ausência de *uirtus* nesse contexto da guerra civil. Antes de concluirmos algo em relação a essa época e ao vocabulário presente na caracterização, observemos o retrato dos generais que lutaram em oposição às legiões vitelianas, sob o comando de Vespasiano.

Antônio Primo, Licínio Muciano e Vespasiano: *uitia uirtutibus mixta*

As figuras em destaque no exército vespasiano são Antônio Primo e Licínio Muciano, esse último governador na Síria e peça essencial na entrada de Vespasiano na disputa pelo poder.¹ Logo no início das *Histórias*, Tácito apresenta sua descrição ao tratar do governo no Oriente naquele ano, então ocupado por Vespasiano e Muciano:

Oriens adhuc immotus. Syriam et quattuor legiones obtinebat Licinius Mucianus, uir secundis aduersisque iuxta famosus. Insignes amicitias iuuenis ambitiose coluerat; mox attritis opibus, lubrico statu, suspecta etiam Claudii iracundia, in secretum Asiae sepositus, tam prope ab exule fuit quam postea a principe. ² ***Luxuria industria, comitate adrogantia, malis bonisque artibus mixtus: nimiae uoluptates, cum uacaret; quotiens expedierat, magnae uirtutes; palam laudares, secreta male audiebant; sed apud subiectos, apud proximos, apud collegas uariis illecebris potens, et cui expeditius fuerit tradere imperium quam obtinere.***

O Oriente, até aqui, sem agitação. Governava a Síria e quatro legiões Licínio Muciano, um homem igualmente famoso por sucessos e contrariedades. Quando jovem, cultivou de modo ambicioso distintas amizades. Logo, com as riquezas arruinadas, sua situação instável, e também suspeitando da raiva de Cláudio, secretamente se retirou para a Ásia, de modo que esteve tão perto do exílio quanto depois de ser um príncipe. Ele, um misto de extravagância e diligência, cordialidade e arrogância, más e boas qualidades: excessivos prazeres, quando desocupado; quantas vezes estivesse em campanha, enormes virtudes. Publicamente louvável; na vida privada, tinha má reputação; mas entre os subordinados, entre os próximos, entre colegas era influente por diversas seduções. E para ele teria sido mais fácil transmitir o império do que retê-lo.²

O excerto oferece um breve retrato da personagem, em que vícios e virtudes se misturam, mas se manifestam em ambientes diferentes. Tácito elabora uma oposição entre vida pública e vida privada, esferas em que Muciano mostrava um caráter duplo. Então, no âmbito público ou em campanha, ele era notável por grandiosas virtudes, era louvável. No privado, suas características são negativas, dedicava-se a excessivos prazeres; destacamos o uso do adjetivo *nimius* para intensificar um vício extrapolado. O texto latino apresenta em quiasmo (*luxuria^a industria^b, comitate^b adrogantia^a*) as virtudes que se misturam aos vícios, sugerindo-nos pares de qualidades contrastantes que se apresentavam em cada esfera, reforçadas pela figura de linguagem. Assim, supomos que

¹ Sobre a caracterização de Antônio Primo: Ash (2009); Balmaceda (2017). Cf. SHOTTER, D. C. A., Tacitus and Antonius Primus. *Liverpool Classical Monthly*, 2:23-7, 1977. TREU, M. M. Antonius Primus in der taciteischen Darstellung. *Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft*, v. 3, p. 241-62, 1948, na perspectiva da *Quellenforschung*. Sobre Licínio Muciano contribuiu especialmente os trabalhos de Kleijn (2009; 2013), que também indica uma bibliografia sobre a imagem de Vespasiano. Ver ainda: Benario (1972, p. 24-5); Chilver (1979, p. 62); Damon (2003, p. 120-23).

² TAC., *Hist.*, 1.10.1-2.

Muciano dispunha de diligência e cordialidade no âmbito público, em que tinha virtudes que vimos em outras personagens, como a *comitas* em Germânico e a *industria* em Agrícola;³ no âmbito privado, externava arrogância e luxúria, vícios também conhecidos de outros retratos. Essa divisão entre público e privado pode ser importante porque pode mostrar vícios que não se sobressaem no serviço à *res publica*. Essa bipolaridade de Muciano se torna mais evidente pela afirmação do historiador de que ele esteve tanto perto do exílio, quanto do poder do império, esse que ele preferiu transmitir a dele se apropriar. Gerda de Kleijn (2009), que investiga profundamente o papel de Muciano como um líder, pois que Vespasiano representa durante um período considerável, denomina-o uma personagem de extremos.⁴

Ainda no mesmo capítulo, Tácito menciona pontualmente que Flávio Vespasiano fora encarregado por Nero da guerra judaica e administrava três legiões.⁵ Entretanto, sua caracterização se inicia de fato no segundo livro, no qual Tácito elabora mais explicitamente a síncrise entre os generais:

Vespasianus acer militiae anteire agmen, locum castris capere, noctu diuque consilio ac, si res posceret, manu hostibus obniti, cibo fortuito, ueste habituque uix a gregario milite discrepans; prorsus, si auaritia abesset, antiquis ducibus par. Mucianum e contrario magnificentia et opes et cuncta priuatum modum supergressa extollebant; aptior sermone, dispositu prouisuque ciuiliu rerum peritus. Egregium principatus temperamentum, si demptis utriusque uitii solae uirtutes miscerentur.

Vespasiano, enérgico nas campanhas, marchava à frente da tropa, escolhia o local do acampamento e deliberava dia e noite, e se a situação pedisse, lutava contra o inimigo com o próprio braço. Comia o que quer que fosse; sua veste e aparência mal se diferiam das de um soldado gregário. Em resumo, se avareza não houvesse, seria igual aos antigos chefes. Contrariamente, magnitude, opulência tudo que ultrapassava o nível de um cidadão destacavam Muciano. Mais apto no discurso, experiente em preparar e prever questões políticas. Um principado de caráter egrégio haveria se, tirando-se os vícios de um e outro, somente as virtudes fossem misturadas.⁶

De saída, Tácito elabora uma síncrise das personagens, cujas características se complementam. Vespasiano domina a *scientia militaris* e dispõe de *consilium*, ou seja, se destaca no campo militar, ao passo que Muciano tem aptidão nos afazeres civis, políticos.⁷ Com efeito, para o historiador, um principado de caráter grandioso seria resultado da mistura das virtudes de um e outro. Teríamos um líder completo em habilidades militares

³ Com efeito, o general percorrera uma carreira grandiosa, tendo servido sob as tropas de Corbulão, na Armênia. Vide Kleijn (2009). Para a carreira militar de Muciano, Chilver (1979, p. 62).

⁴ KLEIJN, 2009, p. 321.

⁵ TAC., *Hist.*, 1.10.3.

⁶ TAC., *Hist.*, 2.5.1.

⁷ Para a carreira militar e política de ambos, antes de 69 d.C., ver Kleijn (2009).

e de governo. Entretanto, Vespasiano peca pela *avaritia*, único defeito, assinala Tácito, que o afasta da imagem dos generais antigos. A enumeração das ações militares de Vespasiano o caracterizam como um ótimo general, seguindo um modelo narrativo que o historiador emprega em diversos outros retratos. Pois o chefe flaviano escolhe ele próprio os locais de acampamento, dispõe de *consilium* diariamente, não se distinguia dos soldados em seu modo de se vestir e de se comportar, fazendo eco à descrição de Corbulão, por exemplo, que quase não se diferia de seus homens. A menção aos antigos generais é um elogio de Tácito; entretanto, também se sabe que uma tal conduta seria dificilmente aceita e efetiva naquele contexto, como demonstraram algumas qualidades de Galba. Contrariamente – assim sublinha Tácito quanto às características do outro general –, Muciano tendia à grandeza e ao exagero para um mero cidadão. Suas habilidades estavam na capacidade discursiva, aspecto que Tácito costuma mencionar no retrato dos generais,⁸ e na competência em lidar com questões civis, como apontamos. Tácito sinaliza, nesse sentido, qualidades que são importantes para a *uirtus* e para o exercício do império, mas que só se concretizam de forma fragmentária em indivíduos diferentes. De fato, todo o cenário narrativo das *Histórias* parece ser compartilhado entre vícios e virtudes. Anos depois com o *Agrícola* é que virtudes aparecerão reunidas num só homem.

A habilidade de Muciano com as palavras,⁹ notada em *aptior sermone* acima, toma corpo na *oratio recta* pela qual ele exorta Vespasiano a guerrear pelo império. Num discurso longo e inflamado, Muciano argumenta em prol do bem da *res publica*, e também pela *gloria* que isso trará. Ele diz: “Eu te chamo, Vespasiano, para o comando, tanto porque será salutar para a república, quanto para ti magnífico, e porque ele está em suas mãos junto com os deuses” (*Ego te, Vespasiane, ad imperium uoco [tam] quam salutare rei publicae, quam tibi magnificum, iuxta deos in tua manu positum est*).¹⁰ Tácito atribui à personagem um discurso que acomoda as características de um e outro.¹¹ Muciano se coloca como um estrategista visionário, apresentando argumentos e objetivos, e destaca a habilidade militar de Vespasiano, bem como sua linha de sucessão.¹² Muciano discursa

⁸ Vemos o *sermo* ou a *facundia* destacados no retrato de *Agrícola*, *Corbulão*, *Cecina* e *Antônio Primo*, por exemplo.

⁹ Também em *Hist.*, 2.80 temos: *satis decorus etiam Graeca facundia*.

¹⁰ TAC., *Hist.*, 2.76.2.

¹¹ KLEIJN, 2009, p. 322.

¹² TAC., *Hist.*, 2.77.1: “Eu me coloco à frente de Vitélio; tu, à minha frente. O nome triunfal da tua casa, dois jovens, um já à altura do império, tornou-se também conhecido nos primeiros anos militares junto aos exércitos germânicos” (*Me Vitellio antepono, te mihi. Tuae domui triumphale nomen, duo iuuenes, capax iam imperii alter et primis militiae annis apud Germanicos quoque exercitus clarus*).

não como um adulator, mas como alguém que se preocupa com a situação que se instala no império. Para tanto, chega a evocar a memória de Corbulão, homem exemplar que sucumbiu devido às maldades de Nero.¹³ Relembrando a inaptidão de Vitélio, um homem sem renome militar (*nulla militari fama*), e como eram eles mesmos melhores que Cecina e Valente,¹⁴ Muciano, apropriando-se então do papel de líder da tomada do poder, como um “fazedor de reis”,¹⁵ elogia as virtudes de Vespasiano:

nec mihi maior in tua uigilantia, parsimonia, sapientia, fiducia est quam in Vitellii torpore, inscitia, saeuitia. Sed meliorem in bello causam quam in pace habemus: nam qui deliberant, descuerunt.

Pois eu tenho maior confiança em tua vigilância, parcimônia, sabedoria do que no torpor, incapacidade e crueldade de Vitélio. Temos motivos melhores para a guerra que para a paz: pois, aqueles que deliberam, já se revoltaram.¹⁶

Muciano defende a retomada da guerra civil porque as virtudes de Vespasiano certamente seriam um bem maior para o império do que ter Vitélio como *princeps*. Os vícios do imperador são motivos suficientes para que abram mão do momento de paz. Ele destaca a *uigilantia*, a *parsimonia* e a *sapientia* de Vespasiano, qualidades que poderiam fazer dele um bom príncipe. A *sapientia* tem sido efetivamente apresentada como uma virtude relacionada à *uirtus* e manifestada por grandes homens na obra taciteana, como Agrícola e Corbulão, a quem o historiador atribui essa virtude diretamente. A *parsimonia*, por sua vez, presente no retrato de Galba, talvez seja entendida por Muciano em lugar da *auaritia*, que Tácito atribuíra a Vespasiano há pouco. Ora, percebe-se então que a linha entre essas duas qualidades, entre vício e virtude, é tênue e precisaria ser equilibrada na conduta do homem de governo.

A organização do livro segundo oferece ao leitor a todo momento a ideia de que Vespasiano e seu braço direito são mais virtuosos que Vitélio – desde o retrato de ambos em síncrise com a imagem do príncipe perfeito, passando pela desorganização dos vitelianos em Cremona e culminando nesse discurso em que se insiste sobre a

¹³ TAC., *Hist.*, 2.76.3. Vide capítulo 3.

¹⁴ Kleijn (2009, p. 311) afirma que Muciano parece considerar-se tão poderoso quanto Vespasiano em termos de liderança e não se coloca por vontade própria como um rival. Com efeito, considerando-se que Muciano era um *nobilis*, poderia se equiparar a Vitélio, também de uma família da *nobilitas*, e considera a sua própria *uirtus* superior. A autora elenca algumas razões pelas quais ele próprio não teria se lançado à busca pelo império. Uma delas seria o inconveniente de não ter descendentes. Muciano destaca a linhagem de Vespasiano, que recebeu ornamentos triunfais e tem filhos em idade de assumir o poder, enquanto ele próprio adotaria ainda um sucessor (*idem*, p. 314-15). Aqui podemos nos lembrar de Galba e da problemática da sucessão não hereditária no Principado. Além disso, ver Hellegouarc’h (1989, p. 219, nota 6), sobre a hereditariedade do Principado.

¹⁵ KLEIJN, 2009, p. 313.

¹⁶ TAC., *Hist.*, 2.77.2.

incapacidade do atual *princeps*. O resultado dessas palavras se vê no capítulo seguinte: uma dupla marcha se apresenta na narrativa. Muciano segue pela Síria e Vespasiano, pela Judeia.¹⁷ Vespasiano, recebido entre vários soldados e saudado imperador, não demonstra qualquer arrogância, nem orgulho, segundo Tácito (*nihil tumidum, adrogans*).¹⁸

Com o início dos cuidados da guerra, Tácito expõe mais uma vez a competência militar de Vespasiano, por meio de uma série de infinitivos: “Vespasiano, ele mesmo, punha-se a adiantar-se, a exortar os bons com louvor, a estimular os indolentes amiúde pelo exemplo ao invés de coagir, disfarçando mais os vícios do que as virtudes dos amigos” (*Ipse Vespasianus adire, hortari, bonos laude, segnes exemplo incitare saepius quam coercere, uitia magis amicorum quam uirtutes dissimulans*).¹⁹ Ao mesmo tempo, em relação à demanda do *donatium*, Muciano o oferecia aos soldados modicamente, diferentemente de Galba. Essa organização descreve as habilidades militares e administrativas de ambos em ação. Com efeito, o próprio Muciano já se considerava *socium imperii* e marchava da Síria a Roma, calmamente.

Até então, as qualidades de Muciano foram destacadas, mas os vícios aos quais o historiador se referira no início de seu relato aparecerão na narrativa estimulados pelo contraste que Tácito fará entre os retratos de Muciano e Antônio Primo. Inaugura-se um novo enredo de competição entre chefes militares que, no entanto, lutam do mesmo lado. A *gloria* militar e a *fama* são motivos que levam o braço direito de Vespasiano a um comportamento sem medida por medo do sucesso de Antônio.²⁰ A representação de Primo é a de um general que também domina a *scientia militaris*, repetidamente destacada pelo *consilium ducis* (também indicado em 3.20; 21 e 25) e por sua *auctoritas*, como veremos. A primeira caracterização do general aparece em 2.86, onde se lê:

Labantibus Vitellii rebus, Vespasianum secutus grande momentum addidit, strenuus manu, sermone promptus, serendae in alios inuidiae artifex, discordiis et seditionibus potens, raptor, largitor, pace pessimus, bello non spernendus.

Ruindo os planos de Vitélio, passou a marchar por Vespasiano, o que acrescentou um grande ânimo: forte na briga, preparado no discurso, esperto

¹⁷ TAC., *Hist.*, 2.78.10.

¹⁸ TAC., *Hist.*, 2.80.1.

¹⁹ TAC., *Hist.*, 2.82.1. Cf. *Agr.*, 20.1: *laudare modestiam, disiectos coercere* e 21.1: *laudando promptos castigando segnes*. Ver também Benario (1972, p. 22).

²⁰ Para Balmaceda (2017, p. 197), Muciano decepçiona quanto ao seu início promissor na narrativa por *inuidia*, que leva ao *metus*, que, por sua vez, leva a excessos.

em criar problemas para os outros, infalível nas discórdias e sedições, ladrão, pródigo, péssimo em tempos de paz, não devendo ser desperdiçado na guerra.²¹

A apresentação de Antônio Primo é deveras impressionante: um homem que aparenta ser tão terrível, quase voraz, como general, mas que motiva soldados por diversas outras razões. Tácito reconhece que, a despeito de suas falhas, ele tem grande valor na guerra: com efeito, será decisivo no fim da guerra civil. Então, antes de oferecer o retrato de um general hábil em suas atividades, no final do segundo livro Tácito resume sua imagem de forma predominantemente negativa, sem apontar qualquer que seja dos atributos relativos à *uirtus* que temos observado.²² Nas *Histórias*, Antônio figura como chefe do exército partidário de Vespasiano, porém sua promoção a legado da legião deu-se com Galba. Tácito narra que, desde então, o general busca as oportunidades que lhe convêm: era um “oportunista imprudente, ansioso pelo poder”, para usar as palavras de Kleijn.²³ Menosprezado por Oto²⁴ e observando o desprestígio de Vitélio, procura servir a Vespasiano.

Apesar da aparente inconstante *fides* do chefe, é ele quem tem as qualidades necessárias para sustentar a campanha flaviana com sucesso,²⁵ tendo sido, assim, um motor para as forças vespasianas, ou, como dissera Tácito: “o mais ardente incitador da guerra” (*acerrimus belli concitator; Hist., 3.2.1*). Essa expressão introduz o relato sobre a impaciência do chefe em aguardar o ataque contra Vitélio, enquanto Vespasiano preza pela calma na organização da empreitada. Tal oposição entre cuidado e precipitação na estratégia é frequente nas *Histórias*, de acordo com Ash, que observa na manifestação de Primo esse eixo discursivo.²⁶ Nesse contexto de hesitação ao ataque às tropas vitelianas, Antônio convence seu grupo, por meio da sua *auctoritas*, a apressar a marcha e abrir fogo.

Essa qualidade do general é repetidamente mencionada na narrativa, demonstrando o extremo poder que ele tinha sobre seus homens. Ao discursar a eles, o

²¹ TAC., *Hist.*, 2.86.2. O fim do excerto imita a caracterização de Mário, por Veleio Patérculo: *quantum bello Optimus, tantum pace pessimus*. ASH, 2009, p. 145; CHILVER, 1979, p. 247. Sobre o estilo do texto latino nesta passagem e sua contribuição ao retrato de Antônio, veja-se Daitz (1960, p. 42).

²² A discrepância entre o caráter da personagem entre os livros 2 e 3 das *Histórias* foi analisada em alguns estudos. Chilver (1979, p. 247) acredita que Tácito tenha usado fontes diferentes para compor o relato; Balmaceda (2017, p. 197) menciona pontualmente tal questão, assinalando que não se sabe o que Antônio fizera em tempos anteriores. Veja-se a análise de Ash (1999, p. 145-165), que propõe uma análise conciliando a imagem do general em ambos os livros.

²³ KLEIJN, 2013, p. 445: “a reckless opportunist who is eager for power”. Ash (2009, p. 145) pontua que Antônio não tinha escrúpulos, porém era positivamente pragmático.

²⁴ TAC., *Hist.*, 1.76.

²⁵ Veja-se ASH, 2009, p. 145.

²⁶ Ash (2009, p. 151 e ss.) também menciona como esses temas aparecem na narrativa sobre Galba, Oto e Vitélio.

próprio Antônio afirma: “serei mentor e executor do plano” (*suasor auctorque consilii ero*),²⁷ e falava, segundo Tácito, com uma linguagem franca, o que atraía os soldados. À revelia das ordens de Vespasiano, que lhe chegavam pelas cartas de Muciano, ele continuava a avançar com seus soldados. À medida que se destaca a *auctoritas* de Antônio, vemos aparecer o sentimento de competição em Muciano. Suas cartas para atrasar a marcha do companheiro encobriam, segundo Tácito, outros motivos: porque era “ávido por glória e também queria para si toda a honra da guerra” (*gloriae avidus atque omne belli decus sibi retinens*).²⁸ A ambição de Muciano começa a aparecer e vemos aqui o mesmo tipo de descrição que se encontrou em Cecina: a avidez com que se quer chegar ao momento de glória demonstra fraquezas do general e o impede de trabalhar em conjunto.

Conhecendo as intenções de Muciano, a narrativa de Tácito segue ilustrando a *auctoritas* de Antônio: numa breve sedição, “a escuta dos soldados abria-se somente para Antônio; pois também nele havia qualidades tais quais eloquência, habilidades para agradar o vulgo e autoridade” (*Vni Antonio apertae militum aures; namque et facundia aderat mulcendique uolgum artes et auctoritas*).²⁹ De fato, o general dispunha da afeição dos soldados (*studia militum; Hist.*, 3.11.4), algo tão importante para a caracterização militar e que o coloca em vantagem com relação a Muciano, como general, tal como Cecina em relação a Valente.

A autoridade de Antônio sobre os seus é tamanha, reforçada na particularização *uni Antonio* (cf. 3.11: *uni Antonio uis ac potestas*), que ele a sustenta mesmo quando é afrontada.³⁰ Essa qualidade do general é importante porque, como Ash aponta, Tácito acaba por demonstrar que diferentes *duces* sucumbiram por sua inabilidade em controlar as tropas, por sua falha em *auctoritas*. Antônio, por sua vez, a despeito de seus traços negativos, é representado como um chefe capaz de exercer de modo eficaz sua função. Além da autoridade, também a *constantia ducis* lhe é assinalada e lhe garante uma vitória

²⁷ TAC., *Hist.*, 3.2.4. O passo completo apresenta primeiramente um discurso indireto, que, repentinamente, alterna para uma *oratio recta* de Antônio. Essa mudança tem sido vista tanto como um sinal do caráter audacioso do general, quanto como de seu carisma. Sobre essas apreciações, Ash (1999, p. 157).

²⁸ TAC., *Hist.*, 3.8.3.

²⁹ TAC., *Hist.*, 3.10.3.

³⁰ Vale apontar que há uma situação em que sua autoridade é desrespeitada, porque os soldados percebem que foram ludibriados. Ash (1999) desenvolve esse tópico observando a postura dos exércitos. Notamos que na ocasião a atitude de Antônio evoca o quase suicídio de Germânico: estando os soldados agitados, “Antônio ofereceu o peito com a espada em punho, sustentando que morreria ou pelas mãos dos soldados ou pelas suas” (*Opposuit sinum Antonius stricto ferro, aut militum se manibus aut suis moriturum obtestans*). TAC., *Hist.*, 3.10.4. Cf. *Anais*, 1.35.4 e p. 143 do capítulo sobre Germânico.

sanguinária nas proximidades de Cremona.³¹ Tácito elabora mais uma caracterização do comandante, que demonstra sua imagem de bom general e autoridade ao impedir as tropas de realizar uma pilhagem no meio da noite:

Tum Antonius inserens se manipulis, ubi aspectu et auctoritate silentium fecerat, non se decus neque pretium eripere tam bene meritis adfirmabat, sed diuisa inter exercitum ducesque munia: militibus cupidinem pugnandi conuenire, duces prouidendo, consultando, cunctatione saepius quam temeritate prodesse. ² Vt pro uirili portione armis ac manu uictoriam iuuerit, ratione et consilio, propriis ducis artibus, profuturum.

Então, Antônio, colocando-se entre os manípulos, onde provocara o silêncio com sua feição e autoridade, dizia que não tiraria a honra e a recompensa de quem tivera méritos, mas os deveres eram divididos entre o exército e os chefes: aos soldados convém o desejo de lutar, aos chefes, a previsão, o planejamento, revelar mais frequentemente hesitação que temeridade. Assim como o quinhão de cada um no exército serve à vitória dos soldados, ele seria útil pela razão e planejamento, qualidades próprias do general.³²

A passagem apresenta diversos elementos interessantes para a caracterização dos generais. Destacamos a reincidência de *auctoritas*,³³ essa que junto à feição de Antônio era capaz de silenciar a audiência de seu discurso. Misturando-se entre os seus, ele relembra as tarefas de cada membro do exército (como o fizera Oto em 1.84.2) e, como chefe, reitera que a ele pertence a *prouidentia* e a contribuição com a vitória por meio de *ratio* e *consilium*, atributos próprios de um general. Observamos, dessa maneira, que Antônio dispõe de características daquele general idealizado em Cícero, como a providência, a deliberação, a autoridade e a prosperidade, como veremos adiante. Dizemos então que ele tem *uirtutes imperatoriae*, porém não demonstra nenhuma das virtudes individuais relativas à *uirtus*.

A capacidade do chefe leva à vitória em Cremona, quando se captura Cecina, e impede que ali uma carnificina se faça maior. Segundo Tácito, o chefe flaviano se pronunciou numa assembleia: “aos vencedores com palavras magníficas, mais clemente aos vencidos, e nem uma coisa nem outra sobre Cremona” (*magnifice uictores, uictos clementer, de Cremona in neutrum*).³⁴ A postura de Antônio pode ser avaliada pelo seu silêncio quanto a destruição da cidade, o resto é resultado de sua forte eloquência: a

³¹ TAC., *Hist.*, 3.17.1: “Naquela desordem, Antônio não deixou passar nenhuma tarefa do chefe constante ou do soldado corajoso” (*Nullum in illa trepidatione Antonius constantis ducis aut fortis militis officium omisit*). No mesmo capítulo, Tácito ainda descreve mais ações militares.

³² TAC., *Hist.*, 3.20.1-2.

³³ Também em *Hist.*, 3.80.2, Tácito destaca essa autoridade de Antônio Primo sobre os soldados, mesmo os indisciplinados: “foram aceitos com igual ânimo aqueles que vieram a Antônio, não porque o soldado era mais comedido, mas porque o chefe tinha mais autoridade” (*Aequioribus animis accepti sunt qui ad Antonium uenerant, non quia modestior miles, sed ducis plus auctoritatis*).

³⁴ TAC., *Hist.*, 3.32.1.

clêmência parece ser apenas discursiva. Com efeito, tal episódio elevou a grandeza militar do general, já que “a fortuna e a fama expuseram Antônio aos olhos de todos” (*Antonium fortuna famaue omnium oculis exposuerat*),³⁵ ainda que a cidade tenha sido posteriormente posta em chamas. Um mal-entendido, cuja responsabilidade se atribuiu ao general, segundo Tácito. Apesar da vergonha inicial, depois desse episódio, Tácito coloca o foco na mudança de caráter do general, usando *innuendo* para suas explicações: “Antônio Primo não agia de jeito nenhum com igual integridade depois de Cremona, ou porque julgou ter feito o suficiente e as demais situações seriam fáceis, ou porque a prosperidade num tal caráter revelou a avareza, a soberba e outros males ocultos” (*Primus Antonius nequaquam pari innocentia post Cremonam agebat, satis factum bello ratus et cetera ex facili, seu felicitas in tali ingenio auaritiam superbiam ceteraque occulta mala patefecit*).³⁶ Da *auctoritas* tem-se um movimento para a revelação de vícios comuns aos generais na guerra civil: a avareza e a soberba, por exemplo, foram imputadas pelo próprio exército antonino a Cecina. Vê-se, portanto, que mesmo afortunado, sua *felicitas* desvela características também manifestadas nos comportamentos de Cecina e Valente durante a guerra.³⁷ O excerto nos lembra o discurso de Galba sobre a *felicitas* e seu poder de corrupção; e Antônio parece exemplificar a ideia daquele príncipe. De fato, esse general passou a se comportar de forma desmedida (*nimius*; cf. *infra*), atribuindo um caráter vicioso à *felicitas* adquirida.

Contrariamente, podemos pensar em Agrícola, que manteve uma conduta moderada mesmo quando obtinha vitórias. Tácito, com efeito, descreve as ações do general que vão na contramão da autoridade que mostrara até aqui, ações deliberadas que estimulam a licença entres os soldados. Ademais, o historiador relembra nesse capítulo a existência de Muciano: “[Antônio] tampouco preocupou-se com a vinda de Muciano, o que era mais mortal do que ignorar Vespasiano” (*nihil aduentantem Mucianum ueritus, quod exitiosius erat quam Vespasianum spreuisse*).³⁸ A menção serve como retomada da rivalidade entre ambos, acentuada pela hesitação dos chefes colegas de Antônio quanto a seus planos: “de fato, Antônio já tinha exagerado, ordens mais precisas eram esperadas de Muciano” (*quippe nimius iam Antonius, et ceteriora ex Muciano sperabantur*).³⁹ Diante dos excessos de Antônio, talvez se esperassem ordens mais moderadas de

³⁵ TAC., *Hist.*, 3.32.3.

³⁶ TAC., *Hist.*, 3.49.1.

³⁷ MEULDER, 1995, p. 81.

³⁸ TAC., *Hist.*, 3.49.2.

³⁹ TAC., *Hist.*, 3.52.1.

Muciano, que, relata Tácito, escrevia cartas diversas a Antônio e a Árrio (*media scriptitabat*),⁴⁰ com o intuito de que atrasassem a marcha. Entretanto, ele escrevia não visando ao bem da campanha, mas a seu benefício pessoal; o general estava “ansioso pela vitória e pensando que não teria parte na glória da guerra se não estivesse presente na tomada da cidade” (*uictoria anxius et, ni praesens urbe potiretur, expertem se belli gloriaeque ratus*).⁴¹

Tácito deixa evidente a rixa entre dois comandantes oriunda de comportamentos excessivos. Então, a caracterização de Muciano revela a busca descontrolada pela glória advinda da vitória, como os termos *avidus* e *anxius* sugerem. Esse sentimento frente ao sucesso e ao medo de perdê-lo guia as ações da personagem. Como percebesse a intenção de Muciano, Antônio Primo se adianta a reivindicar seus feitos como general a Vespasiano, escrevendo-lhe:

Aegre id pati Antonius et culpam in Mucianum conferre, cuius criminationibus euilissent pericula sua; nec sermonibus temperabat, immodicus lingua et obsequii insolens. Litteras ad Vespasianum composuit iactantius quam ad principem nec sine occulta in Mucianum insectatione.

Foi a custo que Antônio suportou tudo isso e colocou a culpa em Muciano, cujas incriminações tornavam vis seus apuros. Não media as palavras, imódico na língua; na obediência, insolente. Enviou cartas a Vespasiano exaltando-se demais para quem se dirige a um príncipe, não sem fazer ataques velados a Muciano.⁴²

As palavras de Antônio dizem muito sobre a construção de seu caráter. A essa mensagem ele acrescenta todos os sucessos que obteve para os flavianos devido à sua *constantia*. Entretanto, a despeito de seus êxitos como general, nesse excerto, Tácito o caracteriza como alguém que age de modo excessivo: não media as palavras para o príncipe, desrespeitando a hierarquia. Notemos, então, a locução *obsequii insolens*, que demonstra justamente a falta de medida daquele que não reconhece o seu lugar e que descaracteriza comportamentos próximos à *uirtus* no Principado.⁴³ Antônio se revela *immodicus* em suas palavras (Valente escrevera de modo *haud immoderatus*), o que reforça sua desmesura. Além disso, contribui para a leitura da crítica de Tácito o quiasmo em *immodicus^a lingua^b et obsequii^b insolens^a*, que tanto pela figura de linguagem, quanto pelo tema, parece aludir à passagem de Salústio, a respeito de Catilina: *satis^a*

⁴⁰ V. também sobre Muciano, TAC., *Hist.*, 3.78.3: *ambiguus epistulis*.

⁴¹ TAC., *Hist.*, 3.52.2.

⁴² TAC., *Hist.*, 3.53.1.

⁴³ Mais adiante Tácito diz que *Antonius praepostero obsequio* (*Hist.*, 3.78.3).

eloquentiae^b, sapientiae^b parum^a,⁴⁴ associando a figura de Antônio à personagem salustiana. Antônio, enfim, não deixara de salientar a diferença entre ele e o rival: “nem com mensageiros, nem com cartas, mas com força e exércitos servia seu imperador” (*Non se nuntiis neque epistulis, sed manu et armis imperatori suo militare*),⁴⁵ evidenciando a imagem que se tem de um e outro na narrativa, a do general ideal e a do homem administrativo, da diplomacia e, com isso, intensificando a rixa entre si, segundo Tácito.

O tema da rivalidade é o eixo do livro quarto, quando com a morte de Vitélio, Vespasiano é finalmente reconhecido imperador de Roma. Sabe-se que o representante oficial do *princeps* será Muciano, que “entrou na urbe e ao mesmo tempo atraiu tudo para si. Com o poder partilhado entre Antônio Primo e Árrio Varo, mal dissimulou seu rancor por eles, mesmo que disfarçasse o rosto” (*Mucianus Urbem ingressus cuncta simul in se traxit. Fracta Primi Antonii Varique Arrii potentia, male dissimulata in eos iracundia, quamuis uoltu tegetur*).⁴⁶

De fato, os generais haviam sido investidos de poderes por Domiciano, que, já então César, ocupava a cidade antes da chegada de Muciano.⁴⁷ Apesar do poder de Muciano, ele se deixa invadir por sentimentos como medo (*metus*) e inquietação (*anxius*) porque Primo tinha “renome, afeição dos soldados e até mesmo do povo” (*rerum fama ac militum studiis etiam populus fouebat; cf. fauore militum anxius; 4.80.1*).⁴⁸ Essa inveja leva Licínio Muciano a afastá-los disfarçadamente de Roma, com o intuito de evitar que Primo e Varo buscassem o poder. De certa forma, tal ato também significa que ele “estava mostrando que seu poder e autoridade eram superiores aos de Antônio Primo [...]”.⁴⁹

Não obstante tal apreço por Antônio, o historiador também não deixa de elencar as falhas de caráter que nos fazem lembrar da primeira introdução de Primo: *pessimus pace*. Ainda que reconhecido pela glória da guerra, seu passado criminoso era lembrado por aqueles que o acusavam de ser *infestus* e *tumidus* – pernicioso e presunçoso; de fato, excessivamente (*nimius*) e com arrogância rememorava seus feitos, segundo Tácito.⁵⁰ Certamente, à leitura desse retrato reagimos sem pensar em qualquer ideia de *uirtus*, tendo

⁴⁴ SAL., *Cat.*, 5.4.

⁴⁵ TAC., *Hist.*, 3.53.3.

⁴⁶ TAC., *Hist.*, 4.11.1. Vide ainda Tácito, *Agr.*, 7, 4: *Initia principatus Mucianus regebat...* Sobre o caráter das funções de Muciano nesse período, veja-se a discussão proposta por Kleijn (2013).

⁴⁷ Antônio terá poder consular e a admiração de Domiciano: *summa potentiae in Primo Antonio* (*Hist.*, 4.2.1); *Adduntur Primo Antonio consularia* (*Hist.*, 4.4.2).

⁴⁸ TAC., *Hist.*, 4.39.3.

⁴⁹ KLEIJN, 2013, p. 442: “showing that his power and authority were superior to Antonius Primus [...]”.

⁵⁰ TAC., *Hist.*, 4.80.

em vista o modo como a temos analisado. A figura de Antônio, diferentemente de outras, não representa sozinha uma ameaça ao príncipe, por exemplo. Ash, com efeito, observa que esse retrato final do comandante demonstra que homens como ele só tinham efetivamente valor em tempos de guerra. Com seu caráter teria pouca serventia ao governo de Vespasiano, ao contrário de Muciano. A fim de pensarmos sobre o vocabulário que Tácito apresenta nessa parte da narrativa e a respeito, então, da *uirtus* num período de guerra civil, observemos os termos mais salientes dos retratos:

Licínio Muciano	Vespasiano	Antônio Primo
<i>adrogantia</i>	<i>consilium</i>	<i>adrogantia</i>
<i>facundia</i>	<i>avaritia</i>	<i>intolerans</i>
<i>ambitio</i>	<i>antiquus dux</i>	<i>largitior</i>
<i>industria</i>	<i>sapientia</i>	<i>auctoritas</i>
<i>anxius</i>	<i>parsimonia</i>	<i>obsequii insolens</i>
<i>luxuria</i>	<i>uigilantia</i>	<i>consilium</i>
<i>uidus</i>		<i>prouidentia</i>
<i>uirtutes</i>		<i>constantia</i>
<i>comitas</i>		<i>raptor</i>
<i>uoluptas</i>		<i>eloquentia</i>
<i>decorus</i>		<i>ratio</i>
		<i>felicitas</i>
		<i>strenuus</i>
		<i>immodicus</i>
		<i>superbia</i>
		<i>infestus</i>

A primeira coisa a se observar do vocabulário presente na caracterização dessas figuras históricas é a ausência de qualidades individuais presentes em outros retratos que consideramos *exempla uirtutis*. Se pensarmos no retrato de Muciano, verificamos que, apesar de Tácito ter assinalado a diferença de caráter nos âmbitos privado e público, nesse último tinha grandiosas virtudes, tendo inegável valor como um líder e estrategista político, mas demonstrou mais vícios do que *uirtus* por causa de sua avidez pela *fama* e *gloria*. Considerando suas qualidades, somadas às de Vespasiano, notamos em certa medida uma combinação de virtudes que pareciam caras a Tácito para o homem de comando no Principado, quais sejam: *industria*, *comitas* e *sapientia*, qualidades que vimos em outras personagens, tais como Agrícola e Germânico, no âmbito militar, e Lépido e Trásea, no político.

Quanto a Vespasiano, pouco espaço teve na narrativa, visto que seus homens roubaram o palco na tomada do poder. Contudo, devemos destacar a presença do único vício que Tácito lhe atribui diretamente, a *avaritia*, um traço comum a todos os homens que vimos neste capítulo (exceto Muciano, que, no entanto, era ambicioso). Mas comentaremos isso mais adiante. Antes, falemos do resumo do retrato de Antônio Primo: Tácito o inicia e o finaliza com a imagem de um homem de conduta pouco louvável, porém, no livro terceiro, seu retrato é quase o de um *summus imperator* ciceroniano,

dispondo de diversas das *uirtutes imperatoriae* enunciadas pelo orador e que se estabelecem na tradição literária. Durante sua campanha por Vespasiano na guerra civil, Antônio foi descrito pela *scientia militaris*, *felicitas*, *consilium*, *prouidentia*, *constantia* e várias vezes, pela *auctoritas*, além de ter obtido glória e renome. Entretanto, falta ao general o que Cícero diria ser necessário para além da *uirtus bellandi* por ele suficientemente demonstrada. A falta de *innocentia*, o excesso de *superbia* e *saeuitia*, ser *immoderatus*, *obsequii insolens* fazem do general mais uma personagem que seria um *exemplum uirtutis* se não tivessem se corrompido os valores morais. A pergunta que nos fica é sobre a possibilidade de dispor das qualidades individuais num contexto da guerra civil. Enquanto general, é fato, Antônio Primo foi imensamente responsável pelo serviço sujo, porém necessário ao fim da guerra.

Pax et quies bonis artibus indigent

A citação acima encerra o primeiro capítulo do quarto livro das *Histórias*, quando finda a guerra civil. “Paz e tranquilidade necessitam de virtudes”; a ideia parece resumir um pouco do contexto que vimos no ano de 69 d.C., em que vícios moveram batalhas e guerras e, mesmo após seu fim, continuaram se sobressaindo às virtudes. Mesmo aqueles que dispunham de qualidades, distinguiram-se e agiam em função de vícios que parecem comuns ao longo da história (militar) romana. A *cupiditas* para alcançar *gloria* e *fama* se traduz em vícios recorrentes na caracterização de quase todos os generais aqui observados: *saeuitia*, *superbia* e *ambitio*, três problemas apontados como corruptores da *uirtus* romana desde Salústio.

É fato que os vícios e as virtudes se manifestaram em cada personagem de modos e em proporções diferentes, mas, na visão de Tácito, parece ser um reflexo dos tempos que virtudes se confundissem com vícios, ficando difícil compreender o limite da virtude ao longo de um ano marcado por uma guerra interna. Os retratos de Galba, Vespasiano e mesmo de Oto demonstram a linha tênue entre vícios e virtudes. Citamos como exemplos de nossa reflexão qualidades, tais quais a *seueritas* e a *parsimonia*, ora vistas como virtudes, ora como vício. A depender da medida (ou falta de) de sua presença podiam se transformar em *saeuitia* e *auaritia*. A qualificação *antiquus* também teve sua conotação alterada no ano de 69 d.C.: embora Tácito não poucas vezes demonstre respeito por uma conduta baseada em aspectos antigos, no presente do historiador elas foram pouco

estimadas, porque desatualizadas. Adequavam-se muito pouco a um tempo em que o exemplo maior do príncipe a seu povo fora *uitia*. Isso foi tão eficaz que Vitélio poderia ser visto como o ápice de ausência de *uirtus* que chegara ao poder, visto que Oto ao menos tentava simular alguma virtude.

Com efeito, Vitélio é o imperador cujos hábitos consolidaram, segundo a narrativa taciteana, um ambiente de apatia, extravagância e estagnação, que, emanadas dele, arruinavam o mínimo sinal de *uirtus* que se encontrava à época, a qual Tácito atribui notadamente aos soldados.⁵¹ Seus legados, Cecina e Valente, que ocupam lugar de destaque na narrativa, representam um problema crucial no que concerne a uma concepção e manifestação de *uirtus* sob o Principado: a falta de moderação. Isso se depreende dos demais retratos, mas nesses dois, o historiador registra essa ausência pelo uso de termos como *immodicus* e *immoderatus*, que encontramos também no retrato de Antônio. Essa ideia do equilíbrio e do resguardo, tão cara a Tácito e saliente em outros retratos, aparece nas *Histórias* sobretudo por seus prefixos negativos. A narrativa nos abre a possibilidade de pensar outros termos que se fazem importantes na caracterização taciteana e em sua reescritura da *uirtus* sob o Principado: o adjetivo *nimius* parece ocupar o espaço gerado pela ausência da moderação e, nesse sentido, acentua o problema do excesso seja dos vícios, seja das virtudes.

O objetivo de nossa pesquisa era observar o conjunto vocabular dos retratos em Tácito a fim de verificar a existência de representações de *uirtus* que fossem reescritas por meio de um léxico das virtudes, como vimos em nosso primeiro capítulo. Procuramos observar a possibilidade de uma *uirtus* no Principado que acumulasse em si qualidades marciais e individuais. Embora isso tenha se verificado em algumas análises, nesses retratos de personagens militares nas *Histórias* a presença do vocabulário associado à *uirtus*, formando uma representação de *exemplum uirtutis*, foi particularmente rara. Isso se deve em grande medida, a nosso ver, ao contexto ímpar das guerras civis, nas quais temos representações de uma *uirtus bellandi* em abundância e falhas dos caracteres individuais que afloram mais que as virtudes.

⁵¹ Majoritariamente, *uirtus* foi empregada no singular para se referir aos soldados. Exceção em 3.13, em que Cecina saúda a *uirtus* de Vespasiano. Cf. TAC., *Hist.*, 1.83 e 84 (*uirtutem cohortarer; uirtutis uestrae*); 2.19 (*cum uirtutis haud paeniteret*); 2.41 (*Italicæ legionis uirtute*); 2.47 (*uirtutem uestram*); 2.57 (*uirtutem militum laudibus*); 2.99 (*infringere exercitus uirtutem*), por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossa tese, examinamos os retratos de algumas personagens históricas em busca de conhecer como a *uirtus* se apresenta na obra de Tácito. Não tomamos o caminho aparentemente mais lógico: buscar essa palavra nas descrições taciteanas, mas sim observar a construção particular de cada retrato e o vocabulário cuidadosamente escolhido pelo historiador para representar cada personagem e as reescrituras possíveis de *uirtus* sob o Principado. A pluralidade vocabular dos retratos nos impôs algumas dificuldades: afinal, os termos presentes nos retratos nem sempre se aproximavam de uma ideia de *uirtus* tal como vimos em alguns autores anteriores a Tácito, que nos auxiliaram em nossa compreensão do termo. Por isso, fez-se necessário avaliar atentamente as particularidades das diferentes conjunturas que se apresentam ao longo do período narrado pelo historiador. Os tempos mudam, as representações também, e encontramos em suas caracterizações a *uirtus* vista tanto a partir de uma aproximação com um vocabulário republicano, que remete ao passado, quanto através de novos ângulos. E esses ângulos em Tácito são novos aspectos que permitem que a *uirtus* se represente sob o Principado ao mesmo tempo em que valores antigos atravessam momentos históricos em Roma, marcando sua continuidade.

Partimos em nossa pesquisa de um grupo lexical inspirado sobretudo em Cícero e Salústio, que encontramos de fato em Tácito, mas não só: nossos horizontes se abriram para novos termos que o historiador usa de modo a representar a *uirtus* sob a ótica do Principado. Sem *moderatio*, conclusão a que muitos pesquisadores já haviam chegado, nem se vive nesse regime, quanto mais se dá prova de seu valor. Mas não só a *moderatio* e suas variações permitem olhar a especificidade da *uirtus* nesse período; outros termos em Tácito trazem uma coloração interessante a essa noção e sua manifestação, como o *obsequium* virtuoso e a *constantia*, sem as quais não há *uirtus*, ou a *contumacia* e o *nimium* com os quais se perde a medida e, então, afasta-se da *uirtus*, e o *fauor* e a *comitas*, que certamente conferem um tom próprio à *uirtus* daquele que impera ou deveria imperar. Levar em esses termos em conta é uma contribuição às pesquisas sobre esse conceito que têm sido feitas nos últimos anos.

Então, pudemos observar que a *uirtus* em Tácito é representada e reescrita pelas qualidades de *clementia*, *fortitudo*, *iustitia*, *moderatio*, *prudencia*, *sapientia*, *temperantia*, entre outras, bem como de qualidades da *uirtus bellandi*. Enfim, verificamos que essas

virtudes dependem também dos termos que apontamos acima, espectros importantes no que se refere à manifestação da *uirtus*, conforme fomos construindo ao longo das apreciações finais de cada capítulo.

De maneira geral, pudemos identificar que Tácito utiliza um conjunto vocabular que perpassa os retratos analisados e que remete, em alguns deles, a *exempla uirtutis*, outros a *exempla* de sua ausência. Num regime político pouco receptivo a virtudes de modo geral, a manifestação de tal valor romano pode se dar de várias maneiras, e os retratos taciteanos parecem refletir isso. O léxico das virtudes se apresenta em sentidos diversos em diferentes personagens e contextos, o que permite observar as interações entre elas e seu meio. Dessa forma, podemos pensar numa *uirtus* cuja definição e composição é contextual do ponto de vista desse historiador.

Nas interações senatoriais, pudemos perceber a intimidade que a *uirtus* tem com a noção de *libertas*. Personagens como M. Lépido, Trásea Peto e Helvídio Prisco são *exempla* de uma *uirtus* tal que se apresenta em confronto com o *princeps* reivindicando o direito à voz, à liberdade de expressão. Agrícola, por sua vez, é o retrato exemplar da restrição política, no qual termos como *otium* e *quies* podem assumir tom positivo. Ao tratar dessas figuras e apresentar suas virtudes, Tácito parece refletir acerca da ideia de *obsequium*, um eixo em função do qual a *uirtus* pode se apresentar nesse regime. Dentre essas personagens, então, vimos qualidades como a *sapientia* e a *constantia*, que lhes permitiram seguir firmes sem ceder à *adulatio*, que chega a ser uma obediência servil e voltada ao interesse pessoal, e a *moderatio*, necessária para achar o justo lugar entre uma obediência exacerbada, que logo se converte em adulação, e obstinação inabalável. Esse lugar, certamente, poderia ser abrigo do perigo frente ao príncipe, mas não havia garantias. Por si só, a exibição de *uirtus* coloca o indivíduo em risco.

No campo militar, os retratos dos comandantes têm sua configuração exemplar, em grande medida, no *summus imperator* ciceroniano. Germânico, Corbulão e Agrícola são dotados de diversas virtudes militares e individuais, que lhes permitem alcançar a glória própria do *princeps*. Com isso, todas essas personagens são ligadas pelo fato de que se tornaram *formidolosi* para seus respectivos príncipes por cumprirem suas funções, adquirindo *gloria* militar por meio da disposição de *uirtus*. Também demonstram moderação em lidar com suas conquistas, conscientes da *inuidia* dos príncipes. As diversas formas de contraste e oposições que se constroem a partir do diálogo entre obras também vão demonstrando a *uirtus* dessas personagens. São exemplos os retratos dos comandantes de conduta de inspiração republicana em contraste com os comandantes

indolentes, vencidos pela ambição e luxo; ou aqueles que se manifestavam livremente no senado, em contraste com um senado adulatório.

Pudemos notar, ademais, que os termos pelos quais Tácito reescreve e ressignifica a *uirtus* revelam também um deslocamento, chamemos assim, desse valor na linha do tempo. Tomando os retratos analisados segundo a linha de tempo histórica em que se situam, e não na cronologia em que Tácito os escrevera, temos um movimento no que concerne ao conjunto lexical escolhido pelo historiador que se relaciona com a própria mudança do contexto de produção da *uirtus*, que a torna fragmentária, *i.e.*, é cada vez mais difícil encontrar o acúmulo de suas qualidades num mesmo homem, como já se verifica nos retratos salustianos de Catão e de César. No entanto, seria ainda necessário corroborar tal informação investigando se a virtude já se materializou de modo ideal e não fragmentado.

Assim, nos *Anais*, temos personagens cujo retrato evoca em seu léxico condutas e virtudes republicanas, principalmente em relação àqueles que se distinguiram pela carreira militar, como demonstram os retratos de Germânico e Corbulão, a despeito de suas especificidades. Marcos Lépidio, no campo senatorial, age como um senador republicano e demonstra a importância da *moderatio* nesse contexto. Essas três personagens representam então um primeiro movimento: a moderação senatorial e a conduta militar à *antiquis moribus*, que providas de *sapientia* constituem condutas que dão prova de uma *uirtus* que herda e transmite valores do passado republicano e que encontram algum lugar no Principado, especialmente se considerarmos o reinado de Tibério.

Vemos outro movimento nas *Histórias*, que apresentam um espaço narrativo inconcebível à exibição da *uirtus* e de qualidades que remetam ao passado. O ápice desse movimento se dá com Nero, símbolo da destruição da *uirtus* (na narrativa taciteana): tudo o que era ou manifestava *uirtus* foi eliminado e o fim de Trásea Peto e Corbulão reflete isso. A morte do imperador deixa um ambiente afeito a vícios, no qual virtudes remanescentes são ou mal interpretadas, ou sufocadas por comportamentos dominados pela ambição, pela ganância, pelo excesso. Perdeu-se o parâmetro da moderação e do respeito ou obediência que ainda se via nos *Anais*. Nesse sentido, a *uirtus* de inspiração republicana adquire status de memória, de algo possível no passado, dando lugar a uma *uirtus* fragmentária, cujas frações se encontram nas ações dos atores sociais do fim do período Júlio-claudiano ao início do flaviano, mas em quantidade desproporcionalmente inferior aos vícios ali dispostos. Vemos no retrato de Galba, por exemplo, a presença de

um passado deslocado, e em Oto e Vitélio a reiteração dos novos tempos em que o nome das virtudes se corrompe inclusive pela linguagem. Helvídio Prisco é o único que apresenta um comportamento que leva em conta qualidades como a *constantia* e a moderação, inspirado justamente na memória exemplar de seu sogro.

As noções de *moderatio* e de *obsequium*, com efeito, aparecem nessa obra pelos seus antônimos, ou por uma ideia de recusa. Os legados das tropas vitelianas e flavianas demonstraram uma conduta guiada pela imoderação e pelo descarte à subordinação que se sobrepôs às suas virtudes marciais, corrompendo, portanto a sua *uirtus*. Outras qualidades que vimos ao longo dos retratos adquirem novos sentidos no ano de 69 d.C., como a *seueritas*.

Embora a guerra civil seja um ambiente propício à corrupção da moral, seu fim não foi suficiente para a paz, segundo nosso historiador. Em seu relato, os tempos seguiram perversos e infestos às virtudes, mas Tácito insiste na possibilidade de existência da *uirtus* mesmo sobre maus imperadores. O retrato de Agrícola encerra, então, todas as qualidades necessárias para a representação da *uirtus* ideal sob o Principado, ao mesmo tempo em que permite a sobrevivência, e esse parece-nos ser o terceiro movimento da *uirtus*: da memória de uma *uirtus* de roupagens antigas, passa-se por sua corrupção e abandono da moderação mínima, para alcançar sua plena manifestação a partir da observância da medida.

A personagem de Agrícola acumula as virtudes presentes em todas as outras figuras de *uirtus* da obra, inclusive exibindo qualidades que dialogam com a República, mas as atualiza ou as reveste por meio de qualidades únicas de seu caráter como *moderatio*, *abstinentia* e um *obsequium* corajoso. Em seu retrato, vemos a menção a vícios como a *auaritia* ou a *ambitio*, tão típica de algumas personagens, aos quais o general resistiu bravamente, a despeito da *gloria* e *fama* que conquistou, pois que sua conduta é fundada na moderação. Vemos que nele, a *facilitas* é digna de ser louvada, mas num comportamento desmedido como o de Antônio Primo, desperta e revela mais vícios. Assim, qualquer virtude que não encontre medida pode tornar-se um vício.

Nesse sentido, a nosso ver, a *uirtus* não se dá somente pela escolha de um caminho do meio, mas pela ação que se orienta pela medida justa das coisas, sobretudo num mundo tão marcado por extremos. Não significa estar completamente isento de vício, portanto. Horácio, muito antes de Tácito contar a história do Império, escrevera em suas *Epístolas*: *uirtus est medium uitiorum et utrimque reductum*. “A virtude está no meio dos vícios,

afastada a igual distância de um e outro”.¹ Esse verso em forma de máxima parece condensar o ideal da *uirtus* sob o Principado, como a entendemos na visão de Tácito.

A obra do historiador transmite *exempla* que nos chegaram e que se mostram atuais se pensarmos em nosso próprio contexto. No Brasil, hoje, percebemos um deslocamento de virtudes políticas, que descambam cada vez mais de seu equilíbrio. As qualidades dos homens de governo passam a se reinterpretadas e despidas de seu inerente caráter ideológico para servir a um governo pouco receptivo à oposição. De modo semelhante ao que vimos em nossos retratos, aqueles que representam um contraponto e agem conforme ao que costumávamos prezar como balizas de um governo democrático, representando o que seria a “*uirtus*” de hoje, seja no campo político, ou militar, têm hoje suas vidas sob ameaça, ou até mesmo liquidadas ao denunciar os ultrajes de nossa *res publica*. Ademais, os valores têm estado sob uma disputa narrativa em que se observa, *mutatis mutandis*, certa utilização de *falsa nomina* para marcarar realidades comprovadas por dados.

Ter lido e se debruçado sobre a obra de Tácito durante esses tristes tempos que vivemos foi algo precioso para refletir, com o auxílio do passado, sobre o presente. A leitura do historiador, nesse sentido, a despeito de sua distância, deixou-nos mais sensível a esses projetos políticos que deturpam a democracia e ferem a *libertas* individual dos cidadãos, que é, intrinsecamente, um ato político e coletivo. Vemos, assim, como a leitura dos antigos é imprescindível de ser um monumento a ser revisitado.

¹ HOR., *Ep.*, 1.18.9. Tradução de Alexandre Prudente Piccolo.

BIBLIOGRAFIA

1. Obras de referência

ERNOUT, A.; MEILLET, A. **Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots**. Paris: Klincksieck, 1951.

GAFFIOT, F. **Dictionnaire Illustré Latin-français**. Paris: Hachette, 1934.

HARVEY, P. **Dicionário Oxford de Cultura Latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HOWATSON, M. C. **The Oxford Classical Dictionary**. London: Oxford U. P., 1949/1996.

_____. **The Oxford Companion to Classical Literature**. New York: Oxford U.P., 1997.

LEWIS & SHORT. **The Oxford Latin Dictionary**. London: Oxford U. P., 1968.

SARAIVA, F. R. S. **Novíssimo Dicionário latino-português**. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

VOCABULÁRIO Ortográfico da Língua Portuguesa. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, Imprensa Nacional, 2009. Disponível em <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/vocabulario-ortografico>.

UREÑA PRIETO, M. H. T. C.; UREÑA PRIETO, J. M. T. C.; NASCIMENTO PENA, A. **Índice de nomes próprios gregos e latinos**. Lisboa: FCG-JINTC, 1995.

2. Autores antigos

A REPÚBLICA de Platão. Coautoria de J. Guinsburg. São Paulo, SP: Perspectiva, 2006.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2007.

CICERO. **Pro Lege Manilia. Pro Caecina. Pro Cluentio. Pro Rabirio. Perduellionis**. V. IX. Trad. di H.G. Hodge. Coll. Loeb. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1927.

CICÉRON. **Brutus**. Texte établi et traduit par Jules Martha. Paris: Les Belles Lettres, 1973.

_____. **De Officiis**. Texte établi et traduit par M. Testard. Paris: Les Belles Lettres, 1970.

_____. **De L'orateur**. Livre Deuxième. Texte établi et traduit par Edmons Courbard. Paris: Les Belles Lettres, 1927.

_____. **De L'invention**. Texte établi et traduit par G. Achard. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

_____. **De Oratore**. Texte établi et traduit par E. Courbaud. Paris: Les Belles Lettres, 1922.

_____. **L'orateur**. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Les Belles Lettres, 1964.

_____. **La République**. Texte établit et traduit par Esther Breguet. Paris: Les Belles Lettres, 1980.

_____. **Tusculanes**. Liber I et II. Texte établi par Georges Fohlen et traduit par Jules Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1970.

LUCIANO. **Como se deve escrever a história**. Tradução, ensaio e notas de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2010.

LUCILIUS. **Satires**. Tome I (Livres I- VIII). Texte établi, traduit et annoté par F. Charpin. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

_____. **Satires**. Remains of Old Latin, Volume III: Lucilius. The Twelve Tables. Translated by E. H. Warmington. Loeb Classical Library. London: Harvard University, 1938.

NEPOS, C. **Oeuvres**. Texte établi et traduit par Anne-Marie Guillemin. Paris: Belles Lettres, 1970.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas**. Introdução e notas de Paulo Matos Peixoto e tradução de Gilson César Cardoso. São Paulo: Editora Paumape, 1991.

POLIBIO. **The histories**. With an English Translation by W. R. Paton. Loeb Classical Library. Cambridge, Mass.; London: Harvard University, 1979.

QUINTILIEN. **Institution Oratoire**. Livres II et III e IV et V. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Les Belles Lettres, [1976] 2003.

_____. **Institution Oratoire**. Livres XI Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Les Belles Lettres, 1979.

SALLUSTE. **La conjuration de Catilina**. Édition, introduction et commentaire de Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

_____. **Catilina. Jugurtha. Fragments des Histoires**. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1964.

SALÚSTIO. **A conjuração de Catilina**. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **A guerra de Jugurta**. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **A conjuração de Catilina**. Tradução e organização de Adriano Scatolin. São Paulo: Hedra, 2015. Edição para Kindle.

SENÈQUE. **Lettres à Lucilius**. Coautoria de François Préchac; Tradução de Henri Noblot. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

_____. **La vie heureuse; La providence**. Introdução de P. Dauzat e tradução de A Bourgery, René Waltz. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

SUÉTONE. **Vies des douze césars**. Flamerie de Lachapelle, G., & Ailloud, H. Paris: Les Belles Lettres, 2016.

SUETÔNIO; AUGUSTO. **A vida e os feitos do Divino Augusto**. Tradução de Matheus Trevizam, Paulo Sérgio de Vasconcellos e Antônio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SUETÔNIO. **O divino Júlio**. Tradução e notas Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

TACITE. **Annales**. Livres I-III. Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier, notes de Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

_____. **Annales**. Livres IV-VI. Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier, notes de H. le Bonniec. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

_____. **Annales**. Livres XIII-XVI. Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier, notes de Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

_____. **Annales**. Livres XI-XII. Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

TACITE. **Histoires**. Livre I. Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier et Henri Le Bonniec, notes de Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

_____. **Histoires**. Livres II-III. Texte établi et traduit par Henri Le Bonniec, notes de Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

_____. **Histoires**. Livres IV-V. Texte établi et traduit par Henri Le Bonniec, notes de Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

TACITE. **Vie d'Agricola**. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1942.

_____. **Vie d'Agricola/La Germanie.** Texte établi et traduit par Anne-Marie Ozanam. Collection Classiques de Poche. Paris: Les Belles Lettres, 2010.

TACITE. **Œuvres Complètes.** Textes traduits, présentés et annotés par Pierre Grimal. Paris: Gallimard, 1990.

TÁCITO. **O diálogo dos oradores.** Tradução e notas de Antônio Martinez de Rezende e Júlia Batista Castilho de Avellar. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

TACITUS. **Agricola.** Translated by M. Hutton, revised by R. M. Ogilvie. Cambridge, Massachusetts: Harvard U. P., 2000.

VIRGÍLIO. **Eneida brasileira: tradução poética da epopeia de Públio Virgílio Maro.** Organização de Paulo Sérgio de Vasconcellos et al.; tradução de Odorico Mendes. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

3. Comentários

ASH, R. (ed.). **Tacitus, Histories, Book 2.** Cambridge Greek and Latin Classics. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

_____. (ed.). **Tacitus, Annals, Book 15.** Cambridge Greek and Latin Classics. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

CHILVER, G. E. F. **A Historical Commentary on Tacitus' Histories I and II.** Oxford: Clarendon Press, 1979.

CHILVER, G. E. F.; TOWNEND, G. B. **A Historical Commentary on Tacitus' Histories IV and V.** Oxford: Clarendon Press, 1985.

DAMON, C. (ed.). **Tacitus, Histories, Book 1.** Cambridge Greek and Latin Classics. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FORNI, I. **De Vita Iulii Agricolae: librum edidit, commentariolo instruxit et illustravit.** Roma: Aedibus Athenaei, 1962.

GOODYEAR, F. R. D. **The Annals of Tacitus, Book 1-6.** Volume I: *Annals* 1. 1-54. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.

_____. **The Annals of Tacitus, Book 1-6.** Volume II: *Annals* 1. 1-55-81 and *Annals* 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

MARTIN, R. H.; WOODMAN, A. J. **The Annals of Tacitus, Book 3.** Cambridge Greek and Latin Classics. Edited with a commentary. Cambridge: Cambridge U. P., 1996.

MALLOCH, S. J. V. **The Annals of Tacitus, Book 11.** Cambridge Greek and Latin Classics. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

MAYER, R. **Dialogus de oratoribus**. Cambridge Greek and Latin Classics. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SOVERINI, P. **Agricola: Introduzione, testo critico, traduzione e commento**. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2004.

WOODMAN, A. J. **Tacitus Annals, Book 4**. Cambridge Greek and Latin Classics. Cambridge: Cambridge U.P., 2018.

_____. **The Annals of Tacitus, Books 5 and 6**. Cambridge Greek and Latin Classics. New York: Cambridge University Press, 2017.

WOODMAN, A. J.; KRAUS, C. S. **Agricola**. Cambridge Greek and Latin Classics. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

4. Bibliografia moderna

ABBOTT, F. F. **A history and description of Roman political institution**. Boston: The Athenaeum Press, 1901.

ADAMS, J. N. The Vocabulary of the Speeches in Tacitus' Historical Works. **Bulletin of the Institute of Classical Studies**, 20, p. 120-144, 1973.

AGUIAR, M. A. **ETIAM SPECIE INANIMUM VALIDUS (Anais, XIII, 8, 3): o papel de Agrícola e Corbulão na narrativa de Tácito**. 2013. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2013.

ANDRÉ, J-M. **L'otium dans la vie morale et intellectuelle romaine: des origines à l'époque augustéenne**. Paris: Presses Universitaires de France, 1966.

ALBRECHT, M. von. **A history of Roman literature: from Livius Andronicus to Boethius: with special regard to its influence on world literature**. Volume I. New York: E. J. Brill, 1997.

_____. **A history of roman literature**. Volume II. New York: E.J. Brill, 1997.

AMBROSIO, R. **De rationibus exordiendis: Os Princípios da História em Roma**. São Paulo: Humanitas, 2005.

ANAYA, A. S. G. **Virtus omnia domuerat. The Role of Virtus in the Construction of the Roman Ideals**. Wissenschaftliche Hausarbeit Zur Erlangung des akademischen Grades Eines Master of Arts Der Universität Hamburg, Hamburg, 2016.

ANTIQUEIRA, M. O escudo da virtude e a ideologia do principado augustano. **Fênix: revista de História e de Estudos Culturais**, v. 8, n.1, p. 2-12, 2008.

_____. *Moderatio tuendae libertatis: moderação, exempla e poder na história de Tito Lívio (livro III)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ARENA, V. *Libertas and Virtus of the Citizen in Cicero's De Re Publica*. *Scripta Classica Israelica*, 26, p. 39-66, 2007.

ASH, R. *Ordering Anarchy: Armies and Leaders in Tacitus' Histories*. London: Duckworth, 1999.

_____. Following In The Footsteps Of Lucullus? Tacitus's Characterisation of Corbulo. *Arethusa*, v. 39, n. 2, p. 355–375, 2006.

ASH, R.; MOSSMAN, J.; TITCHENER, F. B. (ed.). *Fame and Infamy: Essays on Characterization in Greek and Roman Biography and Historiography*. Oxford: Oxford U. P. Scholarship Online, 2015.

AUBRION, E. L'eloquentia de Tacite et sa fides d'historien. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II.33.4, p. 2597-2688, 1991.

AZEVEDO, S. F. L. *História, Retórica e Mulheres no Império Romano. Um estudo sobre as personagens femininas e a construção da imagem de Nero na narrativa de Tácito*. Coleção Impérios Romanos. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

BALMACEDA, C. *Virtus Romana en el siglo I a.C.* *Gérion*, 25, 1, p. 285-305, 2007.

_____. *Virtus Romana: Politics and Morality in the Roman Historians*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2017.

BARCHIESI, A. Exemplarity: between Practice and Text. In: MAES, Y.; PAPY, J.; VERBALL, W. (ed.). *Latinitas Perennis*. Volume II: Appropriation and Latin Literature. Leiden: Brill, 2009.

_____. Otto punti su una mappa dei naufragi. *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici*, n. 39, p. 209-26, 1997.

BATSTONE, W. The Antithesis of Virtue: Sallust's "Synkrisis" and the Crisis of the Late Republic. *Classical Antiquity*, v. 7, n. 1, p. 1-29, 1988.

BRACCESI, L. Germanico e l'imitatio Alexandri in Occidente. In: BONAMENTE, G.; SEGOLONI, M.P. (dir.). Germanico la persona, la personalità, il personaggio nel bimillenario della nascita. *Atti del convegno Macerata-Perugia*, 9-11 maggio 1986, Rome, p. 53-65, 1987.

BELCHIOR, Y. K. *Nero: bom ou mal imperador? Retórica, política e sociedade em Tácito (54 a 69 d.C.)*. Curitiba: Prismas, 2016.

_____. A história como um romance? Uma discussão da contribuição teórica da vertente “pós-modernista” para os estudos sobre a historiografia taciteana. **Revista Ágora**, Vitória, n.14, 2011, p. 1-25.

BENARIO, H. *Imperium and capaces imperii* in Tacitus. **American Journal of Philology**, v. 43, n. 1, p. 14-26, 1972.

_____. Tacitus and the Principate. **Classical Journal**, v. 60, p. 97-106, 1964.

_____. Tacitus' View of the Empire and the Pax Romana. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II.33.5, p. 3332-3353, 1991.

BENFERHAT, Y. **Du bon usage de la douceur en politique dans l'œuvre de Tacite**. Paris, Les belles Lettres. Collection Études Anciens, 2011.

_____. Une simple affaire de mots ? La clémence et la douceur chez Tacite. **Revue internationale des Droits de l'Antiquité**, v. 54, p. 185-196, 2007.

BERNARDO, I. P. **O De Republica, de Cícero: natureza, política e história**. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2012.

BEWS, J. Language and Style in Tacitus' Agricola. **Greece & Rome**, v. 34, n. 2, p. 201-211, 1987.

BIRLEY, A. R. **Tacitus: Agricola and Germany**. Oxford: Oxford U. P., 1999.

_____. The Agricola. In: WOODMAN, A. J. (ed.). **Cambridge Companion to Tacitus**. Cambridge: Oxford U.P, p. 47-58, 2009.

_____. Petillius Cerialis and the Conquest of Brigantia. **Britannia**, v. 4, p. 179-19, 1973.

CAMPOS, R. C. A eloquência moralizadora de Tácito: a liberdade possível no "Diálogo dos oradores". In: Encontro Estadual de História. ANPUH-RS 2018, 2018, Porto Alegre. Democracia, liberdade e utopias. **Anais [do] 14 Encontro Estadual de História da ANPUH-RS**, Porto Alegre, p. 1-12, p. 2018.

_____. **Entre Roma e Capri: o afastamento de Tibério César como ponto de inflexão política durante seu Principado (14-37 d.C.)**. 2013. Tese (Doutorado em História). Universidade São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. A Caracterização de Tibério César Augusto como personagem política nos Anais de Tácito. **Mare Nostrum**, São Paulo, 1(1), p. 11-25, 2010.

CHAPLIN, J. **Livy's Exemplary History**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

CHARLESWORTH, M. P. The virtues of a Roman Emperor: the Role of Imperial propaganda and Creation of Belief. **Proceedings of the British Academy**, n. 23, p. 105-135, 1937.

_____. *Pietas and Victoria: The Emperor and the Citizen*. **The Journal of Roman Studies**, v. 33, parts 1 and 2, p. 1-10, 1943.

CHIAPPETTA, A. Não diferem o historiador e o poeta: O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho. **Língua e Literatura** (USP), São Paulo, v. 22, p. 16-34, 1996.

CITRONI, M. (org.). **Memoria e identità: la cultura romana costruisce la sua immagine**. Firenze: Università degli Studi di Firenze, 2003.

CLASSEN, C. J. Tacitus – Historian between Republic and Principate. **Mnemosyne**, v. 16, fasc. 1-2, p. 93-116, 1988.

COGITORE, I. **Le doux nom de liberté: histoire d'une idée politique dans la Rome antique**. Coll. Scripta Antiqua 31. Pessac: Ausonius, 2011.

_____. De l'*Agricola* aux *Annales*: une préfiguration de Germanicus dans le portrait d'*Agricola*? In: DEVILLERS, O. (ed.). **Les opera minora et le développement de l'historiographie tacitéene**. Ausonius, Scripta Antiqua 68. Bordeaux: Editions Ausonius, 2014.

CONTE, G. B. **Literature latine: a history**. Translated by Joseph B. Solodow. London: J. Hopkins U. P., 1994.

COSME, P. **L'année des quatre empereurs**. Paris: Fayard, 2012.

CRAWFORD, O. C. *Laudatio Funebris*. **The Classical Journal**, v. 37, n. 1, p. 17-27, 1941.

DAITZ S. G. Tacitus' Technique of Character Portrayal. **American Journal of Philology**, 81, p. 30-52, 1960.

DAMON, C. *Potior utroque Vespasianus*: Vespasian and His Predecessors in Tacitus's Histories. **Arethusa**, n. 39, p. 245–279, 2006.

DARCOS, X. **Tacite, ses vérités sont les nôtres**. Paris: Plon, 2007.

DEVILLERS, O. Le rôle des passages relatifs à Germanicus dans les *Annales* de Tacite. **Ancient Society**, v. 24, p. 225-241, 1993.

_____. Fonction narrative et idéologique des personnages secondaires dans les *Annales* de Tacite. **Interférences** [En ligne], 5, 2009.

_____. Le rôle des passages relatifs à Thræsa Paetus dans les *Annales* de Tacite. In: CROISILLE, J.-M.; PERRIN, Y. (ed.). **Neronia VI: Rome à l'époque néronienne. Institutions et vie politique, économie et société, vie intellectuelle, artistique et spirituelle**, Coll. Latomus 268, Bruxelles, p. 296-311, 2002.

_____. Tacitus, Germanicus et le Principat. **Vita Latina**, n. 185, 141-163, 2012.

_____. Démonstration et stéréotype du général dans l'*Agricola* de Tacite. In: ARMISEN-MARCHETTI, M. (éd.). **Demonstrare. Voir et faire voir: formes de la démonstration à Rome**, p. 365-375, 2005.

_____. La composante biographique dans l'historiographie romaine avant Tacite. In: LACHENAUD, G.; LONGRET, D. **Grecs et Romains aux prises avec l'histoire: représentations, récits et idéologie**. Rennes: PUR, p. 609-619, 2003.

_____. Le projet de Tacite en écrivant l'*Agricola*. In: LEDENTU, M. (ed.). **Parole, media, pouvoir dans l'occident romain**. Lyon/Paris: Diffusion de Boccard, p. 211-230, 2007.

DIREZ, J. *Capax imperii*, un fil rouge de Tacite à Syme. In: GIUA, M. (éd.). **Ripensando Tacito (e Ronald Syme). Memorie e atti di convegno**, 41. Pisa, p. 53-70, 2007.

DOREY, T. A. (Org.). **Latin Biography**. London: Routledge & Kegan Paul, 1967.

DUCHENE, P. **Écrire sur les premiers empereurs: l'élaboration du récit chez Tacite et Suétone**. 2014. Thèse (Doctorat Littérature latine). Université Paris Ouest Nanterre, Nanterre, 2014.

DUCOS, M. La liberté chez Tacite: droits de l'individu ou conduite individuelle? **Bulletin de l'Association Guillaume Budé**, p. 194-217, 1977.

DUCROUX, S. Histoire d'un portrait, portraits d'historiens: Tacite lecteur de Salluste. **Mélanges de l'Ecole française de Rome. Antiquité**, v. 90, n. 1, p. 293-315, 1978.

DYSON, S. L. The Portrait of Seneca in Tacitus. **Arethusa**, n. 3, p. 71-84, 1970.

EARL, D. **The Moral and Political Tradition of Rome: aspects of Greek and Roman life**. Michigan: Thames & Hudson, 1967.

_____. Prologue-form in Ancient Historiography. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, I.2, p. 842-856, 1972.

EDWARD, C. **Death in ancient Rome**. New Haven: Yale U. P., 2007.

FAVERSANI, F. Entre a República e o Império: apontamentos sobre a amplitude desta fronteira. **Mare Nostrum**, vol. 4, p. 100-111, 2013.

FAVERSANI, F.; JOLY, F. D. Tácito, sua Vida de Agrícola, e a competição aristocrática no alto Império romano. **Mnemosine revista**, v. 4, n. 1, p. 133-147, 2013.

_____. Sobrevivendo ao Principado: um estudo sobre a “Vida de Agrícola”, de Tácito. In: SILVA, G. V.; LEITE, L. R. (orgs.). **As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens**. Vitória: EDUFES, 2013.

FEARS, J. R. The Cult of Virtues and Roman Imperial Ideology. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II.17.2, p. 827-948, 1981.

FLAMERIE DE LACHAPELLE, G. **Clementia: recherches sur la notion de clémence à Rome, du début du I^{er} siècle a. C. à la mort d'Auguste**. Coll. Scripta Antiqua 33. Bordeaux: Ausonius, 2011.

FOWLER, D. On the Shoulders of Giants: Intertextuality and Classical Studies. **Roman Constructions: Readings in Postmodern Latin**, p. 115–137, 2000.

FUNARI, P. P. A. **Historiografia: Salústio, Tito Lívio e Tácito**. Coautoria de Renata Senna Garraffoni. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

FUNARI, P. P. A.; SILVA, M. A. O. **Políticas e identidades no mundo antigo**. São Paulo: Anna Blume/Fapesp, 2009.

GAILLARD, J.; MARTIN, R. L'historiographie. In: _____. **Les genres littéraires à Rome**. Paris: Scodex, 1981.

GEISER, M. **Personendarstellung bei Tacitus am Beispiel von Cn. Domitius Corbulo und Ser. Sulpicius Galba**. Die Antike und ihr Weiterleben. Romscheid: Gardez!-Verlag, 2007.

GENTILI, B.; CERRI, G. **History and biography in ancient thought**. Amsterdam: J.C. Gieben, 1988.

GILL, C. The Question of Character - Development: Plutarch and Tacitus. **Classical Quarterly**, n. 33, p. 469–487, 1983.

GINSBURG, J. Speech and Allusion in Tacitus, Annals 3.49-51 and 14.48-49. **American Journal of Philology**, v. 107, n. 4, p. 525-541, 1986.

GOELZER, H. Notice. In: TACITE. **Vie D'Agricole**. Texte traduit par Gaston Rabaud. Paris: Les Belles Lettres, 1922.

GOODYEAR, F. R. **Tacitus**. Oxford: Clarendon Press, 1970.

_____. Tacitus. In: KENNEY, E. J., CLAUSEN, W. V. **The Cambridge History of Classical Literature**. Cambridge: Cambridge U.P., p. 165-168, 1982.

GOWING A. **Empire and Memory. The Representation of the Roman Republic in Imperial Culture.** Cambridge: Cambridge U. P., 2005.

HAYNES, H. **The history of make-believe: Tacitus on imperial Rome.** Berkeley: University California Press, 2003.

_____. Survival and Memory in the *Agricola*. **Arethusa**, 39, p. 149-170, 2006.

HARTOG, F. **A história de Homero a Santo Agostinho.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

HELDMANN, K. ***Sine ira et studio: das Subjektivitätsprinzip der römischen.*** München: Verlag C.H Beck, 2011.

_____. *Libertas Thraseae servitium aliorum rupit.* Überlegungen zur Geschichtsauffassung im Späterwerk des Tacitus. **Gymnasium**, 98.3, p. 207-231, 1991.

HELLEGOUARC'H, J. **Le Vocabulaire latin des relations et des partis politiques sous la République.** Paris: Les Belles Lettres, 1963.

HENRY, D; WALKER, B. Tacitus and Seneca. **Greece & Rome**, n. 10, p. 98–110, 1963.

HORSFALL, N. Varro e Cornelius Nepos. In: KENNEY, E. J. **The Cambridge History of Classical Literature.** Part. 2, The Late Republic. Cambridge U.P., 1982.

HURLEY, D. **Suetonius: the Caesars.** USA: Hackett Publishing Company, 2011.

_____. Gaius Caligula in the Germanicus tradition. **The American Journal of Philology**, v. 110, n. 2, p. 316-338, 1989.

JOLY, F. D. **Tácito e a metáfora da escravidão.** São Paulo: EDUSP, 2004.

_____. (Org.). **História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga.** São Paulo: Alameda, 2007.

_____. A ideia de história em Tácito. In: SILVA, J. G.; SILVA, M. A. O. **A ideia de História na Antiguidade Clássica.** São Paulo: Alameda, 2017.

KAPUST, D. **Republicanism, Rhetoric and Roman Political Thought: Sallust, Livy, and Tacitus.** New York: Cambridge U.P., 2011.

_____. Between Contumacy and Obsequiousness. Tacitus on Moral Freedom and the Historian's Task. **European Journal of Political Theory**, 8.3, 293-311, 2009.

KEITEL, E. Principate and civil war in the Annals of Tacitus. **American Journal of Philology**, v. 105, p. 314-326, 1984.

_____. The Structure and Function of Speeches in Tacitus' Histories. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II.33.4, p. 2772-2794, 1991.

KER, J. **The Deaths of Seneca**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

KLEIJN, G. DE. C. Licinius Mucianus, Leader in Time of Crisis. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 58, n. 3, p. 311-324, 2009.

KONSTAN, D. Clemency as a Virtue. **Classical Philology**, v. 100, n. 4, p. 337-346, 2005.

KRAUS, C. S. Historiography and biography. In: **A Companion to Latin Literature**. Edited by Stephen Harrison. Oxford: Blackwell, 2006.

_____. From Exempla to Exemplar? In: EDMONDSON, J. *et al.* (eds.). **Flavius Josephus and Flavian Rome**. Oxford: Oxford U. P., 2005.

LANGLANDS, R. **Exemplary ethics in ancient Rome**. Cambridge: Cambridge U. P., 2018.

LAUSBERG, M. Caesar und Cato im Agricola des Tacitus. **Gymnasium**, 87, p. 411-430, 1980.

LEVENE, D. Sallust's "Catiline" and Cato the Censor. **The Classical Quarterly**, v. 50, n. 1, p. 170-191, 2000.

LE GOFF, J. **Histoire et memoire**. Paris: Gallimard, 1988.

LIEBESCHUETZ, W. The Theme of Liberty in the Agricola of Tacitus. **Classical Quarterly**, v. 16, n. 1, p. 126-139, 1966.

LIMA, D. C. **Gênero biográfico e historiográfico na Roma antiga: os testemunhos das fontes e a obra de Suetônio e Tácito**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

_____. **De Vita Iulii Agricolae: la moderatio comme fondement du modèle de conduite impériale**. 2013. Mémoire (M2 Lettres Classiques). Université Paris IV – Sorbonne, UFR Latin, Paris, 2013.

LIMA, S. C. **Oradores e filósofos no De finibus de Cícero**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

LIPAROTTI, R. Dioniso e ira unidos num crime. A subversão da *arete* de Alexandre Magno. In: OLIVEIRA, F.; SILVA, M.; BARBOSA, T. (coord.). **Violência e transgressão: uma trajetória da Humanidade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2MtKcpC>. Acesso em 17.08.18

LOPES, A. L. Moralidade e justiça na historiografia antiga: o ‘manual’ historiográfico de Luciano de Samósata. *Revista História*, São Paulo, v. 24, p. 185-205, 2005.

LOWRIE, M. Making an Exemplum of Yourself: Cicero and Augustus. In: HEYWORTH, S.J.; FOWLER, P.G.; HARRISON, S.J. (eds.). **Classical Constructions. Papers in Memory of Don Fowler**. Oxford: Cambridge U. P., p. 91–112, 2007.

LUCE, T. J. Tacitus on History’s Highest Function: *praecipuum munus annalium* (Ann. 3. 65). **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II.33.4, p. 2904-2927, 1991.

LUCE, T. J.; WOODMAN, A. J. (eds.). **Tacitus and the Tacitean Tradition**. Princeton: Princeton University Press, 1993.

MALISSARD, A. Germanicus, Alexandre et le début des Annales de Tacite. À propos de Tacite, Annales, 2, 73. In: CROISILLE, J.-M. Croisille (ed.). **Neronia IV: Alejandro Magno, modelo de los emperadores romanos**, Coll. *Latomus*, 209, Bruxelles, p. 328-338, 1990.

MANCA, M; VIO, F. R. **Introduzione alla storiografia romana**. Roma: Carocci Editore, 2010.

MARINCOLA, J. **Authority and Tradition in Ancient Historiography**. Cambridge: Cambridge U. P., 1997.

_____. (Org.). **A companion to Greek and Roman Historiography**. Malden: Blackwell Publishing, 2007.

MARQUES, J. B. **Tradição e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito**. Tese (Doutorado em História). 2007. Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. Estruturas narrativas nas Histórias de Tácito. **Phoînix**, v. 15, n. 1, p. 76–90, 2009.

_____. Estruturas narrativas nos Anais de Tácito. **História da historiografia**, n. 05, p. 44-57, 2010.

MARRONE, G. Germanico e l’imitatio Alexandri in Oriente. In: BONAMENTE, G.; SEGOLONI, M.P. (dir.). Germanico la persona, la personalità, il personaggio nel bimillenario della nascita. **Atti del convegno Macerata-Perugia**, Rome, p. 67-77, 1987.

MARTINS, P. **Pictura loquens, poesis tacens**. Limites da representação. 2013. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

MCDONNEL, M. **Roman Manliness: Virtues and the Roman Republic**. Cambridge, University Press, 2006.

MELLOR, R. **Roman Historians**. London: Routledge, 1999.

MEULDER, M. L. Bons et mauvais généraux chez Tacite. **Revue belge de philologie et d'histoire**, v. 73, n. 1, p. 75–89, 1995.

_____. Caesennius Paetus, un avatar du guerrier impie chez Tacite (*Ann. XV, 7-8*)? **Latomus**, v. 52.1, 1993.

MIEROW, C. Tacitus the Biographer. **Classical Philology**, v. 34, n. 1, p. 36-44, 1939.

MOMIGLIANO, A. **The development of greek biography**. London: Harvard U. P., 1993.

_____. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Bauru: EDUSC, 2004.

MORFORD, M. How Tacitus defined liberty. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II.33.5, p. 3420-3445, 1991.

MORGAN, M. G. Rogues March: Caecina and Valens in Tacitus, "Histories" 1.61–70. **Museum Helveticum**, v. 51, n. 2, p. 103-125, 1994.

NAWOTKA, K. Imperial Virtues of Galba in the Histories of Tacitus. **Philologus**, v. 137, n. 2, p. 258–264, 1993.

NOREÑA, C. F. The Communication of the Emperor's Virtues. **The Journal of Roman Studies**, v. 91, p. 146–168, 2001.

OAKLEY, S. *Res olim dissociabiles*: emperors, senators and liberty. In: WOODMAN, A. J. (org.). **The Cambridge Companion to Tacitus**, p. 184-194, 2009.

O'GORMAN, E. **Irony and Misreading in the Annals of Tacitus**. Cambridge: Cambridge U.P., 2000.

_____. A barbarian is being spoken. In: DEVILLERS, O. (ed.). **Les opera minora et le développement de l'historiographie tacitéene**. Ausonius, Scripta Antiqua 68. Bordeaux: Editions Ausonius, 2014.

PAGÁN, V. E. Distant Voices of Freedom in the Annales of Tacitus. **Studies in Latin Literature and Roman History**, n. 10, 358–369, 2000.

_____. **A Companion to Tacitus**. Malden: Blackwell Publishing, 2012.

PELLING, C. Tacitus and Germanicus. In: LUCE, T. J.; WOODMAN, A. J. (eds.). **Tacitus and the Tacitean Tradition**. Princeton: Princeton University Press, p. 59-85, 1993.

PERCIVAL, J. Tacitus and the principate. **Greece & Rome**, v. 27, n. 2, p. 119-132, 1980.

PERKINS, V. A. Tacitus on Otho. *Latomus*, n. 52, p. 848–855, 1993.

PEREIRA, M. H. da R. **Estudos de história da cultura clássica**. Volume II: cultura romana. 2 ed. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

PICCOLO, A. P. **O arco e a lira: modulações da épica homérica nas Odes de Horácio**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

PIGOÑ, J. The Emperor Galba and the Four Virtues. A note on Tac. Hist. 1,49,3-4. *Rheinisches Museum*, v. 133, p. 370–374, 1990.

_____. Thrasea Paetus: libertas senatoria, and Tacitus' narrative methods. In: BRODKA, D.; JANIK, J.; SPRAWSKI, S. (Ed.). **Freedom and its limits in the ancient world**. Kraków: Jgiellonian University Press, p. 143–153, 2003.

_____. The Passive Voice of the Hero: Some Peculiarities of Tacitus' Portrayal of Germanicus in Annals 1.31-49. In: _____. **The Children of Herodotus: Greek and Roman Historiography and Related Genres**, New Castle, p. 287-303, 2008.

_____. Tacitus on Galba and Sejanus : Two Textual Notes (“ Hist ”. I , 49 , 2 ; “ Ann ”. IV , 12 , 2). *Latomus*, v. 60, n. 3, p. 631–636, 2011.

_____. The Portrayal of Seneca in the Octavia and in Tacitus' Annals. *Symbolae Philologorum Posnaniensium Graecae et Latinae*, v. 3, n. 27, p. 169-187, 2017.

PIMENTEL, M. C. *Virtus ipsa*: o retrato literário nos *Annales* de Tácito. In: FIALHO, M.; PÉREZ JIMÉNEZ, A.; FERREIRA, J. R. (org.). **O retrato-literário e a biografia como estratégia de teorização política**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2004.

_____. *Epicharis quaedam*. In: _____.; ALBERTO, P. F. **Vir bonus peritissimus aequae**. **Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo**. Lisboa: Grifos, 2013.

PITCHER, L. V. Characterization in Ancient Historiography. In: MARINCOLA, J. (Org.). **A companion to greek and roman historiography**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

POMEROY, A. Tacitus and Roman Historiography. In: PAGÁN, V. E (ed.). **A Companion to Tacitus**. Malden: Blackwell Publishing, p. 141-161, 2012.

_____. Theatricality in Tacitus' Histories. *Arethusa*, n. 39, p. 171–191, 2006.

RAMBAUD, M. Recherches sur le portrait dans l'historiographie romaine. *Les études classiques*, v. 38, n. 4, p. 417-447, 1970.

SAILOR, D. **Writing and Empire in Tacitus**. New York: Cambridge U. P., 2008.

_____. Becoming Tacitus: Significance and Inconsequentiality in the Prologue of Agricola. **Classical Antiquity**, v. 23, p. 139-177, 2004.

_____. The Agricola. In: PAGÁN, V. E (ed.). **A Companion to Tacitus**. Malden: Blackwell Publishing, p. 23-44, 2012.

SAINT-DENIS, E. Notice. In: TACITE. **Vie d'Agricola**. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris, Les Belles Lettres, 1948.

SALLES, C. **Oeuvres complètes / Tacite**. Préface et nouvelles traductions de Catherine Salles. Paris: R. Laffont, 2014.

SARSILA, J. **Being a Man: The Roman Virtus as a Contribution to Moral Philosophy**. Evanston: P. Lang, 2006.

SAXONHOUSE, A. W. Tacitus' Dialogue on Oratory: Political Activity under a Tyrant. **Political Theory**, v. 3, n. 01, p. 53-68, 1975.

SCATOLIN, A. Posfácio. In: SALÚSTIO. **A conjuração de Catilina**. Tradução e organização de Adriano Scatolin. São Paulo: Hedra, 2015. Edição para Kindle.

SEBASTIANI, B. B. O conceito ciceroniano de *historia* a partir das definições historiográficas gregas. **Phaos** (Campinas), v. 6, p. 85-99, 2006.

_____. Tito Lívio e Cipião Africano: Historiografia e retrato exemplares. In: CORASSIN, M. L. (Org.). **Cinco estudos sobre Tito Lívio**. São Paulo: LCTE, p. 89-134, 2014.

_____. **Políbio: história pragmática, livros I a V**. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2016.

SHOTTER, D. C. Tacitus, Tiberius and Germanicus. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 17, n. 2, p. 194–214, 1968.

_____. Tacitus' view of the emperors and the Principate. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II.33.5, p. 3263-3331, 1991.

_____. The Trial of Clutorius Priscus. **Greece & Rome**, v. 16, n. 1, p. 14-18, 1969.

SILVA, F. S. **HISTORIARVM LIBRI. Estudo e tradução**. 2015. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SINCLAIR, P. **Tacitus the Sententious Historian: A Sociology of Rhetoric in Annales 1–6**. University Park: Pennsylvania State University Press, 1995.

SKLENÁŘ, R. La République des Signes: Caesar, Cato, and the Language of Sallustian Morality. **Transactions of the American Philological Association**, v. 128, p. 205-220, 1998.

STÄDELE, A. Tacitus über Agricola und Domitian (Agr. 39-43). **Gymnasium**, 95, 222-235, 1988.

STADTER, P. History and Biography. In: MARINCOLA, J. (Org.). **A companion to greek and roman historiography**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

STRUNK, T. E. Saving the Life of a Foolish Poet: Tacitus on Marcus Lepidus, Thræsea Paetus, and Political Action under the Principate. **Syllecta Classica**, v. 21, p. 119–139, 2010.

_____. Offending the Powerful: Tacitus' *Dialogus de Oratoribus* and Safe Criticism. **Mnemosyne**, v. 63, p. 241-67, 2010a.

_____. Collaborators Amongst the Opposition? Deconstructing the Imperial *Cursus Honorum*. **Arethusa**, n. 48.1, p. 47-58, 2015.

_____. **History after Liberty: Tacitus on Tyrants, Sycophants, and Republicans**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2017.

SYME, R. **The Roman Revolution**. Oxford: Oxford University Press, 1939.

_____. Marcus Lepidus, *capax imperii*. **The Journal of Roman Studies**, v. 45, n. 1–2, p. 22–33, 1955.

_____. **Tacitus**. Volumes I e II. New York: Oxford U. P., 1958.

_____. Domitius Corbulo. **The Journal of Roman Studies**, v. 60, p. 27-39, 1970.

_____. **Ten Studies in Tacitus**. Oxford: Clarendon Press, 1970b.

TANNER, R. G. Tacitus and the Principate. **Greece & Rome**, v. 16, n. 1, p. 95-99, 1969.

TANNER, J. Portraits, Power, and Patronage in the Late Roman Republic. **Journal of Roman Studies**, v. 90, p. 18–50, 2000.

TURPIN, W. Tacitus, Stoic *exempla*, and the *praecipuum munus annalium*. **Classical Antiquity**, v. 27.2, p. 359-404, 2008.

UTARD, R. Portraits en parole indirecte dans le livre I des Histoires de Tacite. **Vita Latina**, n. 167, p. 54–65, 2002.

VAN DEN BERG, C. **The world of Tacitus' *Dialogus de Oratoribus*: Aesthetics and Empire in Ancient Rome**. Cambridge: Cambridge U. P., 2014.

VASCONCELLOS, P. S. de. **Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio**. São Paulo: Humanitas, 2001.

VASSILIADES, G. Le Catilina de Salluste: une histoire du progrès et de la décadence de Rome. *Vita Latina*, n. 199, p. 108-131, 2019.

VERVAET, F. J. Domitius Corbulo and the senatorial opposition to the Reign of Nero. *Ancient Society*, v. 32, p. 135–93, 2002.

_____. Domitius Corbulo and the rise of the flavian dynasty. *Historia - Zeitschrift fur Alte Geschichte*, v. 52.4, p. 436-464, 2003.

VIEIRA, W. M. *Imago Claudii: as representações de Sêneca, Tácito e Suetônio sobre o imperador Cláudio e seu principado*. 2012. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2012.

VON UNGERN-STERNBERG, J. The Crisis of the Republic. In : FLOWER, H. I. (ed.). **The Cambridge Companion to the Roman Republic**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

WALLACE-HADRILL, A. The Emperor and his Virtues. *Historia: Zeitschrift fur Alte Geschichte*, v. 30, p. 298-323, 1991.

WARDLE, D. Vespasian, Helvidius Priscus and the Restoration of the Capitol. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, v. 45, n. 2, p. 208-222, 1996.

WHITMARSH, T. “This in-between book”: language, politics and genre in the *Agricola*”. In: McGING, B.; MOSSMAN, J. (Orgs.). **The limits of ancient biography**. U.K.: The classical press of Wales, 2006.

WIEDEMANN, T. E. J. Tiberius to Nero. In: BOWMAN, A. K., CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. (eds.). **The Cambridge Ancient History**. Cambridge: Cambridge University Press. The Cambridge Ancient History. p. 198–255, 1996.

WILKES, J. Julio-Claudian Historians. *The Classical World*, v. 65, n. 6, p. 177-203, 1971.

WILLIAMS, K. F. Tacitus’ Germanicus and the Principate. *Latomus*, v. 68, n. 1, p. 117–130, 2009.

_____. Tacitus’ senatorial embassies of 69 CE. In: PAGÁN, V. E. (ed.). **A companion to Tacitus**. Malden: Blackwell Publishing, p. 212-236, 2012.

WIRSZUBSKI, C. **Libertas as a Political Idea at Rome**. Cambridge: Cambridge U. P., 1950.

WOODMAN, A. J. **Rhetoric in classical historiography**. Oregon: Aeropagitica Press, 1988.

_____. **Tacitus Reviewed**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

_____. *Praecipuum munus annalium*: The Construction, Convention and Context of Tacitus, Annals 3.65.1. **Museum Helveticum**, n. 52, p. 111–126, 1995.

_____. (ed.). **Cambridge Companion to Tacitus**. Cambridge: Cambridge U. P., 2009.

_____. Tacitus and Germanicus: Monuments and Models. In: ASH, R.; MOSSMAN, J.; TITCHENER, F. B. (eds.). **Fame and Infamy: Essays on Characterization in Greek and Roman Biography and Historiography**. Oxford: Oxford U. P. Scholarship Online, 2015.

ZÚÑIGA, J. T. Apuntes para un estudio de la imagen del princeps en las Historias de Tácito. **Nova Tellus**, v. 11, p. 119-144, 1993.